Edição Comemorativa Nova Fronteira 40 Anos Livros



CHARLES BAUDELAIRE

AS FLORES DO MAL

Apresentação MARCELO JACQUES



CHARLES BAUDELAIRE

AS FLORES DO MAL

Apresentação de Marcelo Jacques

Tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original: *Les Fleurs du mal*

Tradução © by Ivan Junqueira

Direitos de edição da tradução adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDIÇÃO ESPECIAL

EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Bambina, 25 – Botafogo – 22251-050
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 2131-1111 – Fax: (21) 2537-2659
http://www.novafronteira.com.br
e-mail: sac@novafronteira.com.br

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

B339f Baudelaire, Charles, 1821-1867
As flores do mal : edição bilíngüe / Charles Baudelaire ; tradução, introdução e notas de Ivan Junqueira. – 1.ed. especial. – Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006

Tradução de: Les fleurs du mal
Texto em português e francês
ISBN 978-85-209-2641-3

1. Poesia francesa. I. Junqueira, Ivan. II. Título. III. Série.

CDD 841
CDU 821.133.1-1

Sumário

Capa
Créditos
Apresentação
Dedicatória
Calendário baudelairiano[1]
Obras de Charles Baudelaire[2]
A arte de Baudelaire
AS FLORES DO MAL
Ao leitor
Spleen e ideal
I. Bênção
II. O albatroz
III. Elevação
IV. Correspondências
V. Amo a recordação daqueles tempos nus
VI. Os faróis
VII. A musa doente
VIII. A musa venal
IX. O mau monge
X. O inimigo
XI. O azar
XII. A vida anterior
XIII. Ciganos em viagem
XIV. O homem e o mar
XV. Dom Juan nos infernos
XVI. Castigo do orgulho
XVII. A beleza
XVIII. O ideal
XIX. A giganta

XX. A máscara
XXI. Hino à beleza
XXII. Perfume exótico
XXIII. A cabeleira
XXIV. “Eu te amo como se ama a abóbada noturna,”
XXV. “Porias o universo inteiro em teu bordel”
XXVI. Sed non satiata
XXVII. “Envolta em ondulante traje nacarado,”
XXVIII. A serpente que dança
XXIX. Uma carniça
XXX. De profundis clamavi
XXXI. O vampiro
XXXII. “Certa noite bem junto a uma horrenda judia,”
XXXIII. Remorso póstumo
XXXIV. O gato
XXXV. Duellum
XXXVI. A varanda
XXXVII. O possesso
XXXVIII. Um fantasma
    I. As trevas
    II. O perfume
    III. A moldura
    IV. O retrato
XXXIX. “Estes versos te dou para que, se algum dia,”
XL. Semper eadem
XLI. Toda ela
XLII. “Que dirás esta noite, ó alma abandonada,”
XLIII. O archote vivo
XLIV. Reversibilidade
XLV. Confissão
XLVI. A aurora espiritual
XLVII. Harmonia da tarde
XLVIII. O frasco
XLIX. O veneno
L. Céu nublado
LI. O gato

LII. A bela nau
LIII. O convite à viagem
LIV. O irreparável
LV. Conversa
LVI. Canto de outono
LVII. A uma madona
LVIII. Canção da sesta
LIX. Sisina
LX. Louvores à minha Francisca
LXI. A uma dama crioula
LXII. Moesta et errabunda
LXIII. A alma do outro mundo
LXIV. Soneto de outono
LXV. Tristezas da lua
LXVI. Os gatos
LXVII. Os mochos
LXVIII. O cachimbo
LXIX. A música
LXX. Sepultura
LXXI. Uma gravura fantástica
LXXII. O morto alegre
LXXIII. O tonel do ódio
LXXIV. O sino rachado
LXXV. Spleen
LXXVI. Spleen
LXXVIII. Spleen
LXXVIII. Spleen
LXXIX. Obsessão
LXXX. O gosto do nada
LXXXI. Alquimia da dor
LXXXII. Horror simpático
LXXXIII. O heautontimoroumenos
LXXXIV. O irremediável
LXXXV. O relógio
Quadros parisienses
LXXXVI. Paisagem

LXXXVII. O sol
LXXXVIII. A uma mendiga ruiva
LXXXIX. O cisne
XC. Os sete velhos
XCI. As velhinhas
XCII. Os cegos
XCIII. A uma passante
XCIV. O esqueleto lavrador
XCV. O crepúsculo vespertino
XCVI. O jogo
XCVII. Dança macabra
XCVIII. O amor à mentira
XCIX. “Nunca mais esqueci, da cidade vizinha,”
C. “À ama bondosa de quem tinhas tanto ciúme,”
CI. Brumas e chuvas
CII. Sonho parisiense
CIII. O crepúsculo matinal
O vinho
CIV. A alma do vinho
CV. O vinho dos trapeiros
CVI. O vinho do assassino
CVII. O vinho do solitário
CVIII. O vinho dos amantes
Flores do mal
CIX. A destruição
CX. Mártir
CXI. Mulheres malditas
CXII. As duas boas irmãs
CXIII. A fonte de sangue
CXIV. Alegoria
CXV. A Beatriz
CXVI. Uma viagem a Citera
CXVII. O amor e o crânio
Revolta
CXVIII. A negação de São Pedro
CXIX. Abel e Caim

CXX. As litanias de Satã
A morte
CXXI. A morte dos amantes
CXXII. A morte dos pobres
CXXIII. A morte dos artistas
CXXIV. O fim da jornada
CXXV. O sonho de um curioso
CXXVI. A viagem
Suplemento às Flores do mal
Novas flores do mal (1866)
I. Epígrafe para um livro condenado
II. O exame da meia-noite
III. Madrigal triste
IV. O admoestador
V. O rebelde
VI. Bem longe daqui
VII. Recolhimento
VIII. O abismo
IX. As queixas de um Ícaro
X. A tampa
Poemas acrescentados em 1868
XI. O cachimbo da paz, imitado de Longfellow
XII. A prece de um pagão
XIII. A lua ofendida
XIV. A Theódore de Banville (1842)
MARGINÁLIA
I. O crepúsculo romântico
Poemas condenados
II. Lesbos
III. Mulheres malditas (Delfina e Hipólita)
IV. O Letes
V. A que está sempre alegre
VI. As jóias
VII. As metamorfoses do vampiro
Galanteios
VIII. O repuxo

IX. Os olhos de Berta
X. Hino
XI. As promessas de um rosto
XII. O monstro ou O padrinho de uma ninfa macabra
Epígrafes
XIII. Versos para o retrato de Honoré Daumier
XIV. Lola de Valência
Sobre O Tasso na prisão de Eugène Delacroix
Peças várias
XVI. A voz
XVII. O imprevisto
XVIII. O resgate
XIX. A uma malabarense
Pilhérias
XX. As estréias de Amina Boschetti
XXI. A Eugène Fromentin, a propósito de um importuno que se dizia seu amigo
XXII. Uma tasca divertida na estrada de Bruxelas a Uccle
Notas
Dedicatória
Epígrafe
Ao leitor
Spleen e ideal
Quadros parisienses
O vinho
Flores do mal
Revolta
A morte
Suplemento às Flores do mal
Marginália
Bibliografia sobre Baudelaire
Traduções de Baudelaire no Brasil1
Créditos

Apresentação
Marcelo Jacques

Na ocasião de meu encontro com a obra de Charles Baudelaire, a poesia me era praticamente estrangeira: à parte uma ou outra leitura isolada, eu jamais mergulhara de fato num universo poético. Eu oscilava até então entre dois modos de usar a leitura (aos quais, digo-o rapidamente, jamais viria a renunciar): um mais fantasioso e distraído, aspirando de certa forma ao esquecimento do mundo tal como eu acreditava conhecê-lo, e outro mais realista e compenetrado, como que esperando também dos livros explicações sobre o mundo, que, com o passar do tempo, como é natural, se mostrava para mim cada vez mais estranho e complicado.

Um dia deparei-me com os *Pequenos poemas em prosa*, de Baudelaire. Ali fui tomado em particular por um conselho, quase uma injunção, presente num dos poemas: "Embriague-se, dizia aquela voz, de vinho, de poesia ou de virtude, à sua escolha." A embriaguez do vinho eu associava ao torpor daquelas leituras de puro deleite, feitas geralmente de um só fôlego, a embriaguez da virtude eu começava a experimentar na excitação do entendimento do mundo e na sede de modificá-lo que produziam as leituras que eu considerava sérias. Mas que embriaguez seria aquela, propiciada pela poesia — e de que a própria obstinação com que aquela frase se repetia em mim já aparecia como sintoma? Foi movido pela necessidade de responder a essa pergunta que cheguei a estas *Flores do mal*. Com elas eu começaria a interrogar-me sobre o que é a literatura, com elas eu me interessaria pela área de Letras, com elas eu faria mestrado e doutorado e me tornaria, enfim, alguns anos mais tarde, professor de Literatura Francesa.

Mas sobretudo — e é isto o que realmente importa dizer aqui — com as *Flores* eu descobriria que um poema não é apenas uma flor nova que permite escapar por um instante a este terrível inimigo do homem que é o tempo; ou um processo alquímico desconhecido que metamorfoseia a lama em ouro; ou o vinho do assassino que dá o sono e liberta do medo e do remorso; ou o perfume de uma cabeleira que insemina e dissemina a experiência vertiginosa — e não

raro violenta, violadora — da beleza... Eu descobriria, enfim, que um poema não é apenas a expressão formal rigorosa de uma experiência subjetiva do mundo, expressão que, conforme o dizer de Jorge Luis Borges, longe de parecer estranha, se torna, desde a leitura do poema, inevitável.

Mais do que tudo isso, eu descobriria também com as *Flores* que o poema é um veneno que inocula em nosso espírito uma inquietação que não se dissipa uma vez passada a experiência da embriaguez; que ele é um falso acorde que, uma vez ouvido, jamais cessa de ressoar à nossa volta, denunciando irônica e inelutavelmente nosso irremediável mal-estar diante da paradoxal condição humana... Que o poema acaba sempre por terminar, como as próprias *Flores do mal*, como um elogio de seu próprio fracasso, diante da letal exuberância da vida.

Meu encontro com Baudelaire me ensinou, portanto, que a poesia — e a arte, de uma maneira geral — nem distrai do mundo nem o explica, mas incita a usar os sentidos para ver, ouvir, tocar não o que está por detrás ou para além do espetáculo do mundo, mas o que nele imediatamente salta aos olhos, aos ouvidos, à pele. E, nesse movimento, reencontrar a ingenuidade que permite a cada um ver-se, ouvir-se, tocar-se.

Com Baudelaire aprendi, finalmente, que a poesia é o começo do pensamento...

A Dante Milano, meu amigo
I.J.

Calendário baudelairiano[1]

1758 *10 de fevereiro*: Nascimento, em Neuville-le-Pont (Marne), de Joseph-François Baudelaire, pai de Charles Baudelaire. Estudou filosofia e teologia na Universidade de Paris, sendo ordenado padre em fins de 1783 ou 1784. Pertencente à comunidade de Santa Bárbara, tornou-se preceptor dos filhos do duque Antoine-César de ChoiseulPraslin. A 19 de novembro de 1793 renunciou às suas funções sacerdotais. Joseph-François Baudelaire viveu nos círculos aristocráticos e 'filosóficos' da época (Cabanais, Condorcet), freqüentando depois uma roda de artistas plásticos (os Naigeon, o barão Jean-Baptiste Regnault, Prud'hon, o escultor Ramey). Ele próprio, aliás, chegou a revelar algum talento como pintor ("Meu pai era um artista detestável", escreveria Baudelaire). Durante o período imperial foi chefe dos escritórios do Senado.

1789 (?) Nascimento de Jacques Aupick em Gravelines.

1793 *27 de dezembro*: Nascimento, em Londres, de Caroline Archenbaut-Defayis (ou Archimbaut-Dufaÿs), mãe de Baudelaire.

1803 François Baudelaire casa-se com Jeanne-Justine Rosalie Janin.

1805 *1º de março:* Nascimento de Claude-Alphonse Baudelaire, meio irmão mais velho do poeta e que se casaria, em 1829, com Anne Félicité Ducessois, cuja beleza impressionou vivamente Baudelaire, como o atesta carta datada de 1846. Claude-Alphonse seguiu a carreira de magistrado.

1819 Viúvo desde 1814, François Baudelaire contrai segundas núpcias com Caroline Archimbaut-Dufaÿs.

1821 *9 de abril*: Nascimento de Charles Baudelaire em Paris, à rua Hautefeuille, esquina com o bulevar Saint-Germain (a casa foi demolida logo após a abertura desse bulevar, tendo sido seu terreno ocupado pela atual livraria Hachette).

7 *de junho*: Batismo de Baudelaire na Igreja de Saint-Sulpice, em Paris.

1827 *10 de fevereiro*: Morte de François Baudelaire, enterrado no cemitério de Montparnasse. Sua viúva irá residir na praça Saint-André-des-Arts, 30, e a seguir na rua do Bac, 17. Durante a primavera, ela ocupará

uma bela casa na rua do Seine em Neuilly, perto do Bois de Boulogne (evocada por Baudelaire no poema XCIX de *As flores do mal*: “Nunca mais esqueci, da cidade vizinha...”).

1828 *8 de novembro*: Madame Baudelaire casa-se em segundas núpcias com Jacques Aupick, então chefe de batalhão, cavaleiro de São Luís e oficial da Legião de Honra.

1831 *7 de dezembro*: O tenente-coronel Aupick é designado chefe do Estado-Maior da 7ª Divisão Militar, com sede em Lyon.

1832 *Janeiro*: Baudelaire acompanha a mãe a Lyon. Ele está matriculado no colégio Delorme, cujos alunos seguem o curso do colégio Real.

Outubro: Baudelaire torna-se interno no colégio Real de Lyon.

1836 Chamado ao Estado-Maior de Paris, Aupick interna o enteado no colégio Louis-le-Grand.

1837 Baudelaire obtém o segundo lugar no exame geral de fim de ano, além de conquistar o segundo prêmio num concurso de versos latinos sobre o tema ‘Philopoemen aux jeux néméens’.

1838 Viagem aos Pireneus e a diversas localidades da França (Tarbes, Auch, Agen, Bordéus, Royan, Rochefort, La Rochelle, Nantes). Baudelaire a ela se refere nas estrofes já características de ‘Incompatibilidade’ (*Obras póstumas*). Por essa época, suas maiores admirações literárias são Victor Hugo (poemas e dramas) e Sainte-Beuve (*Volupté*). Desprezo por Eugène Sue. Primeiros contactos (nus) com Eugène Delacroix.

Théophile Gautier publica *La comédie de la mort.*

Edgar Poe lança *The narrative of Arthur Gordon Pym.*

1839 *18 de abril*: Expulsão do colégio Louis-le-Grand por uma ninharia (negou-se a mostrar um bilhete que lhe passara um colega).

12 de agosto: Baudelaire diploma-se bacharel. Nesse mesmo dia, Aupick é promovido a general-de-brigada.

2 de novembro: Primeira inscrição na Escola de Direito, que jamais freqüentará. Baudelaire contrai a primeira de suas incontáveis afecções venéreas.

Publicação de *Pauvres fleurs!*, de Marceline Valmore, e de *Madame Putiphar*, de Pétrus Borel (com um prefácio em versos pré-baudelairianos).

1840 *18 de janeiro*: Aupick é designado comandante da 2ª Brigada de

Infantaria da Guarnição de Paris.

25 de fevereiro: Baudelaire assiste à encenação de *Marion Délorme*, drama de Victor Hugo, a quem escreve uma carta de entusiástica admiração: “Amo o senhor como amo seus livros.” Por essa época conhece Ourliac, Gérard de Nerval e Latouche.

Uma carta à mãe, que se pode vincular a esse período e que está datada de Creil, leva a supor que o jovem foi posto em regime de penitência em casa de amigos do general. Na pensão Lévêque et Bailly, 11, na praça da Estrapade, onde sua família se hospedara, conhece Gustave Le Vavasseur, poeta normando, e Ernest Prarond, poeta picardo.

Ligação amorosa com a judiazinha Sarah, dita Louchette, que lhe inspirou um poema truculento e, em certas passagens, poderosamente original (“Não tenho por amante senão...”), bem como o poema XXV de *As flores do mal* (“Porias o universo inteiro...”).

Publicação das *Poésies nouvelles,* de Alfred de Musset (com *Rolla*), das *Poésies complètes,* de Sainte-Beuve, de *Les rayons et les ombres,* de Victor Hugo, e dos *Tales of the grotesque and arabesque,* de Edgar Poe.

1841 *1º de fevereiro: Le corsaire-satan* publica uma canção dirigida contra Casimir Delavigne e Jacques Ancelot (*Un soutien du valet de trèfle*), que se deve à colaboração anônima de Baudelaire e Le Vavasseur.

1º de março: Aupick é nomeado comandante da Escola de Aplicação do Estado-Maior.

Fim de maio: Após decisão tomada em conselho de família, Aupick, preocupado com o espírito de independência do jovem, embarca-o em Bordéus no *Paquebot-des-Mers-du-Sud,* que zarpa para Calcutá a 9 de junho.

1-19 de setembro: Estada do poeta nas ilhas Maurício, onde é acolhido na casa do sr. e sra. Adolphe Autard de Bragard, cuja criada, uma encantadora malabarense, lhe inspiraria, muitos anos mais tarde, o soneto ‘Bem longe daqui’ (VI, ‘Novas flores do mal’, *As flores do mal*), sob o nome de Dorotéia.

14 de outubro: Carta do capitão Saliz, comandante do navio, ao general Aupick sobre a conduta desconcertante de seu jovem passageiro.

20 de outubro: Carta de Baudelaire à sra. Autard de Bragard, datada da ilha de Bourbon (Reunião), para enviar-lhe o soneto ‘A uma dama crioula’ (LXI, *As flores do mal*), também inspirado pela criada que trabalhava em sua casa e que muitas vezes já se confundiu, erroneamente, com Jeanne Duval.

1842 *15 de fevereiro*: Retorno à França, a bordo de *L’Alcide*, que atraca em Bordéus. Provável época da composição de ‘O albatroz’, à exceção de uma estrofe que deve ter sido acrescentada em 1859 a conselho de Charles Asselineau.

9 de abril: Baudelaire atinge a maioridade e, cinco dias depois, solicita a herança que lhe deixara o pai (cem mil francos-ouro). Na primavera desse ano apaixona-se por Jeanne Lemmer, dita Jeanne Prosper, dita afinal Jeanne Duval, mulata bem-apessoada que o poeta conheceu em companhia de Félix Tournachon, dito Nadar, durante uma récita no Théâtre du Panthéon. Essa paixão, que não foi apenas de caráter carnal, durou toda a vida do poeta e a ela se devem alguns dos mais belos versos de amor de *As flores do mal.* Amizade com o pintor Émile Deroy.

Junho: Baudelaire se instala na ilha de São Luís, 10, cais de Béthune, depois na rua Vaneau e, em seguida, no Hotel Pimodan (Lauzun), que pertencia então ao barão Pichon, cais de Anjou, 17, onde encontra Théophile Gautier, Apollonie Sabatier, Fernand Boissard (pintor morto ainda jovem) e talvez Balzac. É aí que se reúnem os integrantes do Clube dos Haxixeiros, que lhe deu a idéia de escrever a primeira parte dos *Paraísos artificiais.* Primeiras dívidas, contraídas com um certo Arondel, negociante de móveis estabelecido na rua Saint-Louis-en-Île em virtude das quais seu orçamento ficará arruinado para o resto da vida.

Estréia rumorosa de Théodore de Banville com *Les cariatides*, que Baudelaire saúda através de entusiástico soneto.

Victor Pavie edita *Gaspard de la nuit*, a única obra-prima (de publicação póstuma) de Aloÿsius Bertrand, com prefácio de Sainte-Beuve.

Publicação de uma antologia das *Poésies* de Marceline Valmore, também prefaciada por Sainte-Beuve.

1843 *Maio*: Publicação da coletânea *Vers*, da qual participam Gustave Le

Vavasseur, Ernest Prarond e A. Argonne, em edição dos irmãos Hermann. Jules Mouquet comprovou a colaboração anônima de Baudelaire na segunda parte do livro. O futuro autor de *As flores do mal* participou também, por essa época, de um projeto de drama em verso (*Manoël*), cujo manuscrito é em grande parte do punho de Prarond e que foi igualmente descoberto, em 1927, por Jules Mouquet.

É provavelmente também em 1843 que Baudelaire faz chegar a Sainte-Beuve, através de uma carta cheia de admiração, uma epístola em versos que começa assim: “Tous imberbes alors, sur les vieux bancs de chêne...” (*Obras póstumas*), e na qual seu verdadeiro estilo já aflora em diversas passagens. Se dermos crédito a Prarond, um grande número das futuras *Flores do mal* já estava então concluído.

La maison du berger, de Alfred de Vigny, é lançada em abril na *Revue des deux mondes* (uma das estrofes irá influenciar ‘Harmonia da tarde’, XLVII, *As flores do mal*). São publicados também *Bouquets et prières,* de Marceline Valmore, e o *Livre d’amour,* de Sainte-Beuve.

24 de novembro: Prarond passa a ocupar-se do ‘drama de Baudelaire’ (*Idéolus*). Um manuscrito de Baudelaire é recusado por *La démocratie pacifique* (periódico que apoiava as teses econômicas e filosóficas de Fourier) sob alegação de imoralidade.

1843-44 Retrato de Baudelaire por Deroy.

1844 *2 de março*: Publicação dos *Mystères galans des théâtres de Paris,* coletânea de cenas e historietas na qual Baudelaire colaborou.

Julho: Assustada com as extravagâncias de seu filho, que, em dois anos, gastou 44.500 francos-ouro, Madame Aupick, a conselho do marido, instaura processo tendo em vista a entrega do caso a um curador, a fim de preservar a herança do poeta.

14 de julho: Condenado a 28 de junho a 72 horas de prisão por haver negligenciado suas obrigações para com a Guarda Nacional, Baudelaire se apresenta à casa de detenção dessa instituição burguesa (palácio dos Haricots) para aí cumprir a pena.

21 de setembro: O tribunal impõe a Baudelaire um curador: Narcisse-Désiré Ancelle, notário em Neuilly, cidade de que seria prefeito entre 1851 e 1868. Desde então, passou a ser ele quem remetia a Baudelaire suas mensalidades, o que não impediria o poeta de recorrer muitas

vezes à mãe para cobrir gastos excepcionais.

Dezembro de 1844 — janeiro de 1846: Publicação em *L'artiste* de cinco sonetos, quatro dos quais assinados sob o pseudônimo de Privat d'Anglemont e o outro anônimo.

1845 *Maio*: Publicação do *Salão de 1845*. Na segunda capa prometem-se ao público, ‘‘para já”, *Da pintura moderna* e, “a aparecer em breve”, *Da caricatura* (ensaio a partir do qual, sem dúvida, foram escritos posteriormente *Da essência do riso* e os dois artigos sobre *Os caricaturistas,* assim como *David, Guérin* e *Girodet*).

25 de maio: *L'artiste* publica ‘A uma dama crioula’.

30 de junho: Baudelaire anuncia a Ancelle sua intenção de se matar. Ele deixa a Jeanne, em testamento, tudo o que possui, após o pagamento de suas dívidas, confiando seus manuscritos a Banville. Novas disputas advirão dessa situação familiar e levarão a uma nova ruptura. Baudelaire reside agora no Hotel de Dunkerque, rua Laffitte, 32.

6 de julho: Carta de Baudelaire a Banville, acompanhando soneto dedicado por aquele a este e que permanecerá inédito até 1868. Publicação das *Poésies complètes,* de Théophile Gautier.

Outubro: *L'agiotage,* sátira de Pierre Dupont, anuncia na capa, ‘‘para ser lançado em breve’’, *As lésbicas,* de Baudelaire-Dufaÿs. É o primeiro título das futuras *Flores do mal.*

24 de novembro: *Le corsaire-satan p*ublica uma fantasia de Baudelaire sobre os costumes literários de seu tempo: ‘Como pagar as dívidas quando se tem gênio’.

Nesse ano, Poe publica *The raven and other poems,* bem como uma coletânea de seus *Tales.* Alphonse Borghers traduz *The gold bug.*

1846 *21 de janeiro*: Publicação de ‘O museu clássico do bazar Bonne-Nouvelle’ em *Le corsaire-satan.*

20-22 de fevereiro: *L'esprit public* publica *O jovem feiticeiro.* O primeiro texto em prosa de Baudelaire.

3 de março: *Le corsaire-satan* publica uma ‘Antologia de máximas consoladoras sobre o amor’, de Baudelaire-Dufaÿs, onde se anuncia ao público, do mesmo autor, *O catecismo da mulher amada.*

15 de abril: ‘Conselhos aos jovens literatos’ em *L 'esprit public.*

23 de maio: Os irmãos Michel Lévy publicam o *Salão de 1846,* que,

juntamente com o *Salão de 1845,* firma o prestígio de Baudelaire como crítico de arte e aprofunda as bases de sua doutrina estética. Exaltação de Delacroix, ainda muito discutido. Na verdade, Baudelaire é o primeiro esteta do século XIX.

11-13 de junho: Escandalosa adaptação dos *Murders in the Rue Morgue*, sob o título de *Um assassinato sem precedentes nos arquivos da Justiça*, inserida em *La quotidienne,* sob as iniciais G. B. (Gustave Brunet, pseudônimo de W. T. Bandy), sem qualquer alusão ao nome de Poe.

16 de junho: Ingresso de Baudelaire-Dufaÿs na Sociedade dos Homens de Letras.

6 de setembro: Publicação de 'Dom Juan nos infernos' (XV, *As flores do mal*) em *L'artiste.*

12 de outubro: Émile Daurand-Forgues publica em *Le commerce* uma tradução dos *Murders in the Rue Morgue* sob o título de *Une sanglante énigme,* omitindo o nome de Poe. Polêmica com *La presse.*

13 de dezembro: *L'artiste* publica 'A uma malabarense' ('Marginália', XX, *As flores do mal*). Baudelaire reside agora na rua da Provence, 24.

1847 *Janeiro*: Publicação de *La Fanfarlo* no *Boletim* da Sociedade dos Homens de Letras.

27 de janeiro: Isabelle Meunier entrega a *La démocratie pacifique* uma tradução de *The black cat.* Segundo Asselineau, biógrafo de Baudelaire, é esse o texto que revela Poe a seu futuro tradutor.

22 de abril: Aupick é promovido a general-de-divisão.

18 de agosto: Marie Daubrun (nascida a 30 de setembro de 1827 e cujo verdadeiro nome era Marie Brunau) estréia no Théâtre de Port-Saint-Martin, desempenhando o papel principal em *La belle aux cheveux d'or.* Segundo Albert Feuillerat, o início da ligação amorosa de Baudelaire com Marie poderia datar dessa época.

14 de novembro: Champfleury publica 'Os gatos' (LXVI, *As flores do mal*) num suplemento de *Le corsaire-satan.*

28 de novembro: Aupick é nomeado comandante da Escola Politécnica.

Dezembro: Courbet termina o retrato de Baudelaire (Museu de Montpellier).

1848 *24 de fevereiro*: Jules Buisson encontra Baudelaire muito excitado, em meio às barricadas da encruzilhada de Buci, fuzil nas mãos, gritando: ‘‘É preciso fuzilar o general Aupick!”

27-28 de fevereiro: Baudelaire, Champfleury e Toubin editam dois números de uma publicação efêmera: *Le salut public*.

10 de abril — 6 de maio: Baudelaire torna-se secretário de redação de *La tribune national*, jornal socialista moderado.

13 de abril: Aupick é nomeado enviado especial e ministro plenipotenciário em Constantinopla.

15 de julho: *La liberté de penser* publica a primeira tradução de Poe por Baudelaire: *Revelação magnética.*

Novembro: ‘O vinho do assassino’ (CVI, *As flores do mal*) é publicado em *L’écho des marchands de vin.*

1849 Baudelaire estreita amizade com Théophile Gautier, a quem já conhecia antes.

La Fanfarlo é reeditada em fascículos nas *Veillées littéraires ilustrées,* de J. Bry (o velho).

12 de maio: Baudelaire escreve para Courbet uma carta ao presidente da comissão encarregada de selecionar as obras de arte para a Grande Loteria.

7 de outubro: Morte de Poe em Baltimore.

3 de dezembro — janeiro de 1850: Estada misteriosa em Dijon, onde Jeanne Duval o encontra a 9 de janeiro. De volta a Paris, Baudelaire conhece Poulet-Malassis, editor em Alençon.

1850 Baudelaire entrega seus poemas ao calígrafo Palis.

Maio: O poeta passa a residir com Jeanne Duval em Neuilly, onde permanecerá até 1851.

Junho: ‘Castigo do orgulho’ (XVI, *As flores do mal*) e ‘A alma do vinho’ (dito também ‘O vinho das pessoas honestas’, CIV, ‘O vinho’, *As flores do mal*) são publicados no *Magasin des familles.*

13 de julho: Baudelaire publica ‘Lesbos’ (‘Marginália’, II, ‘Poemas condenados’, *As flores do mal*) na antologia de Julien Lemer *Les poètes de l’amour.*

18 de agosto: Morte de Balzac.

28 de agosto: Wagner termina em Weimar a composição do *Lohengrin*.

1851 *20 de fevereiro*: Aupick é nomeado embaixador em Londres, mas recusa o posto.

7, 8, 11 e 12 de março: ‘Do vinho e do haxixe’ em *Le messager de l‘assemblée.*

9 de abril: *Le messager de l’assemblée* publica, sob o título de ‘Les limbes’, 11 poemas de Baudelaire: ‘Spleen’ (“Pluviôse contra toda a cidade...”), ‘O mau monge’, ‘O ideal’, ‘O morto alegre’, ‘Os gatos’, ‘A morte dos artistas’, ‘A morte dos amantes’, ‘O tonel do ódio’, ‘De profundis clamavi’, ‘O sino rachado’ e ‘Os mochos’ (respectivamente, LXXV, IX, XVIII, LXXII, LXVI, CXXIII, CXXI, LXXIII, XXX, LXXIV e LXVII, *As flores do mal*).

18 de junho: Aupick é designado embaixador em Madri, onde servirá até abril de 1853.

Julho — abril de 1852: Baudelaire reside durante esse período na rua dos Marais-du-Temple.

Após 15 de setembro: Baudelaire mostra o manuscrito caligrafado de seus poemas a Asselineau, que a eles se refere como “dois volumes encadernados e dourados”.

27 de setembro: ‘A alma do vinho’ aparece em *La république du peuple, almanach démocratique.*

15 de outubro: Baudelaire encomenda a Londres as *Obras* de Edgar Poe.

27 de novembro: ‘Les drames et les romans honnêtes’ na *Semaine théâtral.*

2 de dezembro: Golpe de Estado. Furor de Baudelaire, que, não obstante, se adaptará muito bem ao regime imperial.

Publicação em Boston, em um único volume, das *Confessions of an English Opium-eater* e das *Suspiria de profundis,* de Thomas De Quincey.

1852 *22 de janeiro*: ‘A escola pagã’ na *Semaine théâtral.*

Março: Jeanne Duval torna-se um obstáculo à felicidade de Baudelaire, que decide separar-se dela e não mais revê-la.

Março-abril: Longo e minucioso estudo sobre ‘Edgar Poe, sua vida e suas obras’ na *Revue de Paris.*

17 de abril: Tradução de *Berenice* em *L’illustration.*

Julho: Publicação de *Émaux et camées,* de Théophile Gautier.

Outubro: Tradução de *The pit and the pendulum* e publicação de ‘A negação de São Pedro’ (CXVIII, ‘Revolta’, *As flores do mal*) e ‘O homem e o mar’ (XIV, *As flores do mal*) na *Revue de Paris. Le magasin des familles* publica a tradução da *Philosophy of forniture*, também de Poe.

Baudelaire reside agora à rua Pigalle, 60, onde permanecerá até maio de 1854. O poeta contava publicar suas traduções de Poe pelo editor Victor Lecou, mas o projeto será afinal abandonado.

9 de dezembro: Baudelaire envia anonimamente a Madame Sabatier o primeiro dos poemas escritos para ela: ‘À que está sempre alegre’ (‘Marginália’, V, ‘Poemas condenados’, *As flores do mal*). Tais envios continuarão, de forma irregular, até fevereiro de 1854. Baudelaire já fora então aceito entre os freqüentadores do círculo dessa animadora algo mundana das letras francesas, nascida a 7 de abril de 1822.

Publicação dos *Poèmes antiques*, de Leconte de Lisle.

1853 *4 de fevereiro*: Tradução de *The tell-tale heart* no *Paris-journal.*

1º de março: Tradução de *The raven* em *L’artiste.*

8 de março: Aupick é eleito senador e fixa domicílio na rua do Cherche-Midi, 91. A família passará os verões numa casinha adquirida por ele em Honfleur e chamada por Baudelaire de a ‘maison-joujou’.

Maio: Estada em Versalhes com Philoxène Boyer. Endividados, os dois amigos buscam refúgio numa casa fechada, de onde Baudelaire envia anonimamente a Madame Sabatier o poema ‘Reversibilidade’ (XLVI, *As flores do mal*, fazendo o mesmo com ‘Confissão’ e ‘A aurora espiritual’ (respectivamente, XLV e XLVI, *As flores do mal*).

13-15 de novembro: Tradução de *The black cat* e *Morella* no *Paris-journal.*

1854 *8 de janeiro*: Publicação de ‘Os gatos’ e de ‘O gato’ (XXXIV, *As flores do mal*) no *Journal d’Alençon.*

Fevereiro: Baudelaire, que devia dinheiro à sua locatária da rua Pigalle, se refugia no Hotel de York, à rua Sainte Anne, 61. Ele voltará depois àquele primeiro domicílio, onde permanecerá até maio.

Maio: O poeta se instala no Hotel do Marrocos, à rua do Seine, 57.

Julho: Amor por Marie Daubrun.

25 de julho — 20 de abril de 1855: Tradução das *Histórias*

extraordinárias e *Novas histórias extraordinárias* (Baudelaire reúne nessas coletâneas os contos dos *Tales of the grotesque and arabesque* e dos *Tales* [1845]) em *Les pays*, em folhetim.
15 de novembro: 'O vinho dos trapeiros' (CV, 'O vinho', *As flores do mal*) é publicado na *Jean Raisin, revue joyeuse et vinicole.*
Dezembro: Baudelaire comunica à sua mãe que, já farto da vida turbulenta que o obriga a perambular de hotel em hotel, passará a viver "em concubinato", seja com Jeanne Duval, seja com "outra qualquer", talvez Marie Daubrun.

1855 *26 de janeiro*: Gérard de Nerval é encontrado enforcado numa árvore da rua da Vieille-Lanterne.
5 de abril: Baudelaire diz ter sido obrigado "a mudar de casa seis vezes" em um único mês.
26 de maio: 'Método de crítica' (*Exposição universal de 1855,* I) em *Le pays.*
1º de junho: A *Revue des deux mondes* publica, sob o título até então inédito de *As flores do mal*, 18 poemas de Baudelaire: 'Ao leitor', 'Reversibilidade', 'O tonel do ódio', 'Confissão', 'A aurora espiritual', 'A destruição' (CIX, *As flores do mal*), 'Uma viagem a Citera' (CXVI, *idem*), 'O irreparável' (LIV, *idem*), 'O convite à viagem' (LIII, *idem*), 'Moesta et errabunda' (LXII, *idem*), 'O sino rachado', 'O inimigo' (X, *idem*), 'A vida anterior' (XII, *idem*), 'De profundis clamavi', 'Remorso póstumo' (XXXIII, *idem*), 'O azar' (XI, *idem*), 'O vampiro' (XXXI, *idem*) e 'O amor e o crânio' (CXVIII, *idem*).
3 *de junho*: 'Delacroix' (*Exposição universal de 1855,* III) em *Le pays.*
13 de junho: Baudelaire passa a residir no Hotel da Normandia, à rua Neuve-des-Bons-Enfants, 13. De julho a dezembro, irá morar na rua do Seine, 27.
8 de julho: 'Da essência do riso e geralmente do cômico nas artes plásticas' em *Le portefeuille.*
12 de agosto: 'M. Ingres' (*Exposição universal de 1855,* II) em *Le Portefeuille*. (Esse artigo foi recusado por *Le pays*.)
14 de agosto: Baudelaire faz uma sondagem junto a George Sand para recomendar-lhe Marie Daubrun.

Dezembro: Baudelaire reside agora à rua d'Angoulême-du-Temple. Ele pede dinheiro a Ancelle para mobiliar o apartamento, ainda em companhia de Jeanne Duval.

1855-62 (?) Redação de *Lampejos.*

1856 *25 de fevereiro*: Publicação em *Le pays* de uma parte do prefácio às *Histórias extraordinárias*: *Edgar Poe, sua vida e suas obras.*

12 de março: Lançamento de *Histórias extraordinárias* pelo editor Michel Lévy , com o restante do prefácio e uma tradução de *The gold bug.*

10 de abril: Publicação de *Les contemplations*, de Hugo.

11 de setembro: Baudelaire escreve à sua mãe para dizer que a ligação com Jeanne Duval, ‘‘uma ligação de 14 anos”, está de novo rompida.

30 de dezembro: Contrato entre Baudelaire e a editora Poulet-Malassis e De Broise, à qual o poeta vende os direitos de *As flores do mal* e o *Bric-à-brac estético* (o título foi logo depois alterado para *Curiosidades estéticas*).

1856-57 Baudelaire toma algumas notas relativas ao texto de *Les liaisons dangereuses*, de Chordelos de Laclos, pelo qual voltará a se interessar em 1864.

1857 *29 de janeiro e 7 de fevereiro*: Processo contra Flaubert (*Madame Bovary*) na 6ª Vara Correcional.

4 de fevereiro: Baudelaire envia ao correspondente parisiense de Poulet-Malassis o manuscrito de *As flores do mal.*

8 de março: Lançamento de *Novas histórias extraordinárias* em edição de Michel Lévy.

20 de abril: A *Revue française* publica nove ‘Flores do mal’.

27 de abril: Morte do general Aupick em Paris. Sua mulher se retirará algumas semanas depois para Honfleur.

2 de maio: Morte de Musset.

10 de maio: Três ‘Flores do mal’ em *L'artiste.*

16 de junho: Baudelaire recebe do ministro da Instrução Pública um pagamento a título eventual de duzentos francos por sua tradução de *Histórias extraordinárias.*

25 de junho: Lançamento de *As flores do mal.* A coletânea inclui 52 poemas inéditos.

5 de julho: Em artigo para o *Figaro,* tão estúpido quão mal-

intencionado, G. Bourdin chama a atenção para a imoralidade da obra.

7 de julho: A direção da Segurança Pública, órgão do Ministério do Interior, alerta os tribunais sobre o delito de ultraje à moral pública cometido pelo autor de *As flores do mal.* Dez dias depois, o tribunal dá a conhecer sua resolução: é instaurada ação judicial contra Baudelaire e seus editores, e ordenada a apreensão dos exemplares. No dia 11 desse mesmo mês, o poeta escreve a Poulet-Malassis rogando-lhe esconder "toda a edição".

14 de julho: Artigo elogioso de Edouard Thierry em *Le moniteur.*

18 de agosto: Baudelaire escreve a Madame Sabatier, revela-lhe seu anonimato (como se ela própria já não o houvesse descoberto...), indica-lhe que poemas foram a ela dedicados em *As flores do mal* e solicita-lhe que recorra aos juízes de sua amizade.

20 de agosto: Após ouvir a acusação de Ernest Pinard (o mesmo que conduziu o libelo acusatório contra *Madame Bovary*) e a defesa de Chaix d'Est-Ange, a 6ª Vara Correcional condena Baudelaire à multa de trezentos francos, seus editores à multa de cem francos cada um e ordena o expurgo de seis poemas ('Lesbos', 'Mulheres malditas' [Delfina e Hipólita], 'O Letes', 'À que está sempre alegre', 'As jóias' e 'As metamorfoses do vampiro', os chamados 'Poemas condenados', incluídos na *Marginália* [1866] e depois definitivamente incorporados ao texto de *As flores do mal*, como se vê já a partir da primeira edição póstuma, de 1868).

24 de agosto: *Le présent* publica, sob o título de *Poemas noturnos*, seis pequenos poemas em prosa (XXII, XXIII, XXIV, XVI, XVII e XVIII).

30 de agosto: Madame Sabatier entrega-se a Baudelaire, que lhe escreve no dia seguinte para dizer-lhe que faltou "a convicção". A esse episódio segue-se a amizade, e Baudelaire continua a freqüentar a casa da rua Frochot, à qual eram convidados para jantar Flaubert, Gautier, Reyer, Meissonier etc. Ainda a 30 de agosto, Hugo escreve a Baudelaire: "Vossas *Flores do mal* cintilam e ofuscam como estrelas" e felicita-o por haver sido condenado pela justiça de Napoleão III (1852-1870). Embora poeta menor do que Baudelaire, Hugo continuava a ser ouvido e acatado como verdadeiro oráculo da

literatura francesa da época, adquirindo suas opiniões o caráter de uma sentença. Era a consagração definitiva.

1 de outubro: ‘Alguns caricaturistas franceses’ em *Le présent.*

15 de outubro: ‘Alguns caricaturistas estrangeiros’ em *Le présent.*

6 de novembro: Baudelaire suplica à imperatriz que lhe diminua o valor da multa. A 20 de janeiro seguinte, será esta de fato reduzida a cinqüenta francos pelo secretário do Tesouro.

31 de dezembro: Mergulhado em sérias dificuldades financeiras, apesar dos rendimentos auferidos graças aos acertos firmados com Poulet-Malassis, Baudelaire se dirige mais uma vez ao ministro da Instrução Pública para solicitar pagamento por seus trabalhos. Doente e desanimado, o poeta planeja viver durante algum tempo com sua mãe em Honfleur.

1858 *18 de janeiro*: Baudelaire recebe um pagamento de cem francos por sua tradução de *Novas histórias extraordinárias.*

27 de fevereiro: Baudelaire se enfurece com Ancelle, responsabilizando-o por uma transação financeira desastrosa. O poeta chega a pensar em esbofeteá-lo diante da mulher e dos filhos.

20 de março — 5 de abril: Baudelaire se instala em Corbeil para supervisionar, na gráfica de Crété, a impressão de *Aventuras de Arthur Gordon Pym* (*The narrative of Arthur Gordon Pym*) em volume.

19 de setembro: ‘Duellum’ (XXV, *As flores do mal*) em *L’artiste.*

30 de setembro: ‘Do ideal artificial — o haxixe’ na *Revue contemporaine.*

20 de outubro: Viagem-relâmpago do poeta a Honfleur via Le Havre.

Início de novembro: Baudelaire deixa o Hotel Voltaire para morar com Jeanne Duval na rua Beautreillis, 22. Seu rompimento com ela jamais foi definitivo.

1859 Nesse ano, Baudelaire se propõe recolher seus artigos de crítica literária e seus prefácios sobre Poe num volume de *Estudos literários,* aos quais aduziria as *Últimas anotações sobre Poe* (não escritas). Entre 1854-57, ele pretendeu também traduzir os poemas de Poe para reuni-los num pequeno volume. Ainda em 1859, além de outros projetos que não levou adiante, Baudelaire faz as primeiras anotações relativas ao texto de *Meu coração desnudado*, no qual trabalhará até 1866.

20 de janeiro: ‘O gosto do nada’ (LXXX, *As flores do mal*) e ‘O possesso’ (XXXVII, *idem*) na *Revue française.*
22 de janeiro: Baudelaire recebe outro pagamento de trezentos francos pela tradução de *Novas histórias extraordinárias.*
27 de janeiro: Baudelaire se instala na casa de sua mãe, em Honfleur, passando aí uma temporada proveitosa.
10 de março: Tradução de *Eleonora* na *Revue française.*
13 de março: Estudo sobre ‘‘Théophile Gautier’’ em *L’artiste.*
15 de março: ‘Dança macabra’ (XCVII, *As flores do mal*) na *Revue contemporaine.*
20 de março: Tradução de *A tale of Jerusalem* na *Revue française.*
5 de abril: Vítima de um ataque de paralisia, Jeanne Duval é internada na Clínica Dubois, onde ficará até 19 de maio.
10 de abril: ‘Sisina’, ‘A viagem’ e ‘O albatroz’ (respectivamente, LIX, CXXVI e II, *As flores do mal*) na *Revue française.*
20 de abril: Tradução de *The raven* e de *Philosophy of composition*, sob o título de *A gênese de um poema*, na *Revue française.*
20 de maio: ‘A cabeleira’ (XXIII, *As flores do mal*) na *Revue Française.*
Maio-junho: Baudelaire retorna a Honfleur.
10 e 20 de junho, 1 e 20 de julho: ‘Salão de 1859’ na *Revue française.*
Agosto: Baudelaire se hospeda no Hotel de Dieppe, à rua de Amsterdam, onde permanecerá até sua partida para a Bélgica, à exceção de breves períodos em Neuilly, em dezembro de l860 e janeiro de 1861.
15 de setembro: ‘Fantasmas parisienses’: I. ‘Os sete velhos’ e II. ‘As velhinhas’ (XC e XCI, *As flores do mal*) na *Revue contemporaine.*
26 de novembro: Poulet-Malassis e De Broise publicam *Théophile Gautier,* plaquete de Baudelaire precedida de uma carta-prefácio de Hugo, na qual este afirma que *As flores do mal* criam um ‘‘novo frêmito’’.
30 de novembro: ‘Soneto de outono’, ‘Canto de outono’ e ‘A máscara’ (respectivamente, LXIV, LVI e XX, *As flores do mal*) na *Revue contemporaine.*
8 de dezembro: Morte de Thomas De Quincey em Edimburgo.
15 de dezembro: Baudelaire envia a Poulet-Malassis o projeto de

Estudos literários.

17-31 de dezembro: Pequena temporada de Baudelaire em Honfleur.

1860 *1 de janeiro*: Baudelaire vende a Poulet-Malassis e De Broise os direitos da segunda edição de *As flores do mal, Os paraísos artificiais, Curiosidades estéticas* e um volume de *Estudos literários.*

13 de janeiro: Primeira crise cerebral.

15 e 31 de janeiro: 'Encantamento e torturas de um comedor de ópio' na *Revue contemporaine.*

22 de janeiro: 'O esqueleto lavrador' e 'A uma madona' (LVII, *As flores do mal*) e 'O cisne'.(LXXXIX, *idem*) em *La causerie.*

7 de fevereiro: Novo pagamento de trezentos francos é concedido a Baudelaire por seus artigos e ensaios sobre arte.

17 de fevereiro: Tradução de *The angel of odd — an extravagance* em *La presse.* Nesse mesmo dia, Baudelaire escreve a Wagner para expressar-lhe sua admiração.

31 de março: Outro pagamento de trezentos francos pelo *Método de crítica.*

15 de maio: 'Sonho parisiense', 'O amor à mentira', 'O sonho de um curioso', 'Semper eadem' e 'Obsessão' (respectivamente, CII, XCVIII, CXXV, XL e LXXIX, *As flores do mal*) na *Revue contemporaine.*

Fim de maio: Lançamento de *Os paraísos artificiais.*

15 de outubro: 'Horror simpático', 'Os cegos', 'Alquimia da dor', 'A uma passante', 'Um fantasma' (quatro sonetos), 'Canção da sesta', 'Hino à beleza' e 'O relógio' (respectivamente, LXXXII, XCII, LXXXI, XCIII, XXXVIII, LVIII, XXI e LXXXV, *As flores do mal*) em *L'artiste.*

27 de outubro: 'O esqueleto lavrador' no *Almanach parisien* de 1861.

Outubro-novembro: Baudelaire propõe a Arsène Houssaye *Estudos críticos* sobre Hugo, Wagner, Barbey d'Aurevilly e Paul Molènes.

15 de novembro: O ministro da Instrução Pública concede a Baudelaire uma indenização literária de duzentos francos para *As flores do mal.* Estranha política.

15 de dezembro: Baudelaire se instala em Neuilly, à rua Louis-Philippe, 4, onde Jeanne Duval, hemiplégica, já o esperava. Mas ele prevê que apenas "estacionará" nesse domicílio.

1861 *Início de janeiro*: Baudelaire relata à mãe sua imensa cólera contra um irmão (?) de Jeanne Duval que passa a viver às expensas desta. O poeta volta ao Hotel de Dieppe.
15 de janeiro: ‘Os sete velhos’ em *L’artiste.*
1º de fevereiro: ‘Dança macabra’ em *L’artiste.*
Primeira semana de fevereiro: A editora Poulet-Malassis e De Broise lança a segunda edição de *As flores do mal,* incluindo 35 poemas novos, dos quais apenas um ainda inédito.
28 de fevereiro: ‘A voz’ e ‘O cachimbo da paz’ (respectivamente, ‘Marginália’, XVII, ‘Peças várias’, *As flores do mal* e ‘Novas flores do mal’, XI, ‘Poemas acrescentados em 1868’, *idem*) na *Revue contemporaine*.
Março: Baudelaire se diz à beira do suicídio. O que ainda o impede de consumá-lo é o orgulho de não deixar seus negócios em desordem e o desejo de publicar suas obras de crítica.
1º de abril: ‘Richard Wagner’ na *Revue européenne.* Baudelaire diz à mãe que não vê Jeanne Duval há três meses: ela deixou o asilo e, durante sua ausência, o irmão vendeu parte dos móveis.
3 de abril: O Ministério Público paga trezentos francos a Baudelaire por seus trabalhos.
Maio: A sífilis, contraída por Baudelaire ainda na juventude e que já dera claros sinais de evolução tardia em 1849, revela novos sintomas. Provavelmente, o sistema nervoso do poeta já começara a ser destruído pelo *Treponema pallidum.* É a *tabes dorsalis,* ou sífilis terciária, cuja última etapa consistirá na paralisia geral progressiva, com desintegração integral e irreversível da córtex cerebral. Baudelaire se diz outra vez no limiar do suicídio.
6 de maio: O poeta endereça a Madame Aupick a mais bela, dolorosa e terna de suas cartas.
15 de maio: ‘Madrigal triste’ (‘Novas flores do mal’, III, *As flores do mal*) na *Revue fantaisiste*.
24 de maio: Para compensar sua dívida junto aos editores, Baudelaire cede a Poulet-Malassis e De Broise os direitos exclusivos de edição de seus trabalhos literários publicados e por publicar (*As flores do mal, Os paraísos artificiais, Histórias extraordinárias, Novas histórias extraordinárias* e *Aventuras de Arthur Gordon Pym*). Com isso, esses

editores adquirem o direito de substituir Baudelaire para recolher o dinheiro proveniente de suas obras.

15 de junho — 15 de agosto: A *Revue fantaisiste* publica nove dos dez estudos que constituem *Reflexões sobre alguns de meus contemporâneos.*

Julho: Baudelaire manifesta o desejo de se candidatar à Academia Francesa.

15 de setembro: ‘A prece de um pagão’, ‘O rebelde’, ‘O admoestador’ e ‘Epígrafe para um livro condenado’ (respectivamente, ‘Novas flores do mal’, XII, ‘Poemas acrescentados em 1868’, *As flores do mal*; e V, IV e I, *idem*) na *Revue européenne.* Artigo sobre as ‘Pinturas murais de Delacroix em Saint-Sulpice’ na *Revue fantaisiste.*

1º de novembro: A *Revue fantaisiste* publica nove poemas em prosa (XXII, XXIII, XXIV, XII, XIII, XVI, XVII, XVIII e XIV) e a *Revue européenne*, ‘Recolhimento’ (‘Novas flores do mal’, VII, *As flores do mal*).

11 de dezembro: Baudelaire lança sua candidatura à Academia Francesa, na vaga deixada por Lacordaire, através de uma carta a Villemain, secretário perpétuo. Pequeno escândalo na Academia. Por essa época, o poeta entra em contacto com Alfred de Vigny.

1862 *12 de janeiro*: *Le boulevard* publica ‘A prece de um pagão’, ‘O rebelde’, ‘Recolhimento’, ‘A tampa’ (‘Novas flores do mal’, X, *As flores do mal*), ‘O admoestador’, ‘Epígrafe para um livro condenado’ e ‘O crepúsculo romântico’ (‘Marginália’, I, *As flores do mal*).

20 de janeiro: Em *Le constitutionnel*, Sainte-Beuve entrevista seus leitores sobre ‘Próximas eleições para a Academia’, artigo em que menciona a “loucura Baudelaire”.

Fim de janeiro: Na *Revue anecdotique* Baudelaire analisa, com grandes elogios, o artigo de Sainte-Beuve (‘Uma reforma na Academia’).

23 de janeiro: O poeta percebe uma “singular advertência” e sente passar por ele “o vento da asa da imbecilidade”. Além disso, nesse mesmo mês de janeiro, ele descobre um “fato monstruoso” que o deixa ainda mais doente (talvez a constatação de que o pretenso irmão de Jeanne Duval nada mais fosse do que um de seus antigos amantes).

10 de fevereiro: A conselho de Sainte-Beuve, Baudelaire retira sua candidatura.
1º de março: ‘A voz’, ‘O abismo’ (‘Novas flores do mal’, VIII, *As flores do mal*) e ‘A lua ofendida’ (‘Novas flores do mal’, XIII, ‘Poemas acrescentados em 1868’, *As flores do mal*) em *L’artiste.*
2 de abril: ‘A água-forte está na moda’ na *Revue anecdotique.* Baudelaire recebe do Ministério Público um pagamento de trezentos francos.
14 de abril: Morte de Claude-Alphonse Baudelaire em Fontainebleau. Baudelaire havia rompido com o meio-irmão há vários anos. Pelo menos num ponto, entretanto, eles permaneceriam unidos: Claude-Alphonse é também levado pela sífilis.
20 de abril: Baudelaire escreve sobre *Les misérables* em *Le boulevard.*
26 e 27 de agosto: *La presse* publica os 14 primeiros *Pequenos poemas em prosa.*
6 de setembro: Swinburne escreve em *The spectator* um artigo cheio de admiração sobre *As flores do mal.*
14 de setembro: ‘Pintores e aquafortistas’ em *Le boulevard.*
24 de setembro: *La presse* publica *Pequenos poemas em prosa* de XV a XX.
12 de novembro: Poulet-Malassis, cujos negócios se tornaram inextricáveis, é detido na oficina gráfica do editor Poupart, um de seus credores, e recolhido à prisão de Clichy.
Dezembro: Poulet-Malassis é confinado à prisão de Madelonnetes.
28 de dezembro: ‘As queixas de um Ícaro’ (‘Novas flores do mal’, IX, *As flores do mal*) em *Le boulevard.*

1863 *13 de janeiro*: Baudelaire cede a Hetzel, por 1.200 francos, os direitos exclusivos de publicação de os *Pequenos poemas em prosa* e de *As flores do mal*, que já estavam vendidos a Poulet-Malassis. Hetzel se obriga também, por esse contrato, a publicar nas mesmas condições o primeiro volume das novelas que Baudelaire se dispõe a escrever e os outros volumes que, provisória ou definitivamente, ele intitula de *Meu coração desnudado.*
25 de janeiro: ‘O imprevisto’ (‘Marginália’, XVIII, ‘Peças várias’, *As flores do mal*) em *Le boulevard.*

1º de fevereiro: ‘O exame da meia-noite’ (‘Novas flores do mal’, II, *As flores do mal*) em *Le boulevard.*
22 de abril: Após mais de cinco meses de prisão preventiva, Poulet-Malassis é levado à 8ª Vara Correcional e condenado a um mês de detenção.
10 de junho: *La revue nationale et étrangère* publica dois poemas em prosa (XXI e XXV).
14 de junho: *Le boulevard* publica dois poemas em prosa (XXVII e XXVIII).
7 de agosto: Baudelaire se dirige ao marechal Vaillant, ministro da Casa do Imperador e das Belas-Artes, para solicitar-lhe a concessão de seiscentos ou setecentos francos necessários à visita que ele espera fazer às “ricas galerias particulares” da Bélgica. O projeto belga abrangerá também conferências e venda de obras completas de Baudelaire aos editores Lacroix e Verboeckhoven.
13 de agosto: Morte de Eugène Delacroix.
2 e 14 de setembro e 22 *de novembro*: ‘A obra e a vida de Eugène Delacroix’ em *L’opinion nationale.*
17 de setembro: Morte de Vigny.
Meados de setembro: Poulet-Malassis se exila em Bruxelas, onde empreenderá a publicação de livros raros e libertinos, assim como de panfletos contra o Império.
10 de outubro: Dois poemas em prosa (XXVII e XXXVI) na *Revue nationale et étrangère.* Baudelaire escreve a Swinburne para agradecer-lhe.
6 de novembro: Baudelaire cede por dois mil francos a Michel Lévy os direitos exclusivos de publicação sobre seus cinco volumes de traduções das obras de Poe (ainda estão por aparecer *Eureka* e *Histórias grotescas e sérias*).
26 e 29 de novembro e 3 de dezembro: O *Figaro* publica ‘A pintura da vida moderna’, ensaio de Baudelaire sobre Constantin Guys.
10 de dezembro: A *Revue nationale et étrangère* publica mais três poemas em prosa (XXXII, XXXV e XXXIV).

1864 *7 de fevereiro*: Sob o título de *O spleen de Paris*, o *Figaro* publica quatro poemas em prosa (XXX, XXII, XXIX e XXXIII); uma semana depois, mais dois outros (XXXI e XXXIX).

8 de março: ‘Os olhos de Berta’ (‘Marginália’, IX, ‘Galanteios’, *As flores do mal*), ‘O abismo’, ‘Sobre o *Tasso na prisão* de Eugène Delacroix’ (‘Marginália’, XVI, ‘Epígrafes’, *As flores do mal*) e ‘Bem longe daqui’ (‘Novas flores do mal’, VI, *idem*) na *Revue nouvelle.*
24 de abril: Baudelaire chega a Bruxelas para fazer conferências e negociar a venda de suas obras.
2 de maio: Conferência sobre Delacroix no Círculo Artístico e Literário de Bruxelas.
11 de maio: Conferência sobre Théophile Gautier.
12 e 23 de maio e 3 de junho: Três conferências sobre drogas excitantes. Durante o mês de maio Baudelaire torna-se hóspede, em Namur, do gravador Félicien Rops e sua família.
13 de junho: Baudelaire faz uma nova “exposição” de suas obras nos salões de Prosper Crabbe, agente de câmbio e colecionador. Ainda que convidados como das vezes anteriores, os editores Lacroix e Verboeckhoven não tiveram a delicadeza de comparecer. Essa decepção, somada à que provocou a ridícula quantia enviada ao poeta por suas conferências e ao materialismo que ele via então embrutecer a Bélgica, faz nascer em Baudelaire um ódio inaudito contra esse país. Em 1864-65, ele escreverá, juntamente com os epigramas contra os belgas, um dos mais virulentos panfletos que jamais se viu serem lançados contra todo um povo: *Amoenitates Belgicae* (*Delícias da Bélgica*) e *Pobre Bélgica!* Durante sua temporada em Bruxelas, o *Parnasse satyrique du dix-neuvième siècle* publica em seu tomo II os seis poemas condenados que figuram na *Marginália.*
23 de junho: Após a recusa dos editores belgas, Baudelaire, por meio de Julien Lemer, oferece suas obras completas aos irmãos Garnier, que também as recusam.
2 de julho: *La vie parisienne* publica ‘Os olhos dos pobres’ (*Pequenos poemas em prosa,* XXVI).
13 de agosto: ‘Os projetos’ (*Pequenos poemas em prosa*, XIV) em *La vie parisienne.*
1º de outubro: *La vie parisienne* publica anonimamente ‘Sobre as estréias de Amina Boschetti’, soneto escrito por Baudelaire em Bruxelas (‘Marginália’, XXI, ‘Pilhérias’, *As flores do mal*).
1º de novembro: *L’artiste* publica três poemas em prosa (XXVII,

XXVIII e XXX).

25 de dezembro: Sob o título de *O spleen de Paris*, a nova *Revue de Paris* publica seis poemas em prosa (XXVI, XXIV, XLI, XL, XXIII e XXVIII). Apesar de seu ódio à Bélgica, ainda nesse mês Baudelaire retorna a Namur. Poder-se-ia arriscar que há algo de premonitório nessa visita, como adiante se verá.

1865 *1º de janeiro*: 'Epígrafe para um livro condenado' em *L'autographe.*

7, 14, 21 e 28 de janeiro: *Le monde illustré* publica a tradução de *The system of dr. Tarr and prof. Fether.*

1º de fevereiro: Mallarmé publica em *L'artiste* sua *Symphonie Littéraire*, cuja segunda parte está dedicada à glória de Baudelaire.

15 de fevereiro: Baudelaire é vítima de um "diabólico acidente", indício visível de que a sífilis se instalara definitivamente em seu sistema nervoso. O poeta já vinha há algum tempo sofrendo de nevralgias e distúrbios digestivos.

16 de março: O editor Michel Lévy lança *Histórias grotescas e sérias*, que incluem traduções inéditas de três novelas de Poe: *The domaine of Arnheim*, *Landor's cottage* e *The mistery of Marie Roget.*

8 de abril: Baudelaire dita a Arthur Stevens sua tradução de *Bridge of sighs*, de Thomas Hood. É talvez por essa época que ele retorna a Anvers, sendo provável ainda que tenha ido a Liège e Gand e, de novo, a Bruges.

21 de junho: *L'indépendence belge* publica 'Os bons cães' (*Pequenos poemas em prosa*, L).

4-15 de julho: Poulet-Malassis, em sérios apuros financeiros, ameaça Baudelaire de passar a um terceiro (seu sucessor, que odeia o poeta) a cobrança do que ainda lhe deve o autor. Baudelaire faz uma viagem-relâmpago a Paris e, depois, a Honfleur, a fim de conseguir algum dinheiro com sua mãe. Ele pede um empréstimo também a Manet. É nesse momento que Poulet-Malassis recebe a informação de que o poeta vendera a Hetzel as obras que ele já havia comprado contra uma garantia de cinco mil francos. Hetzel se desobrigará de pagar a Baudelaire o reembolso dos 1.200 francos que combinara adiantar-lhe. Na verdade, o reembolso só foi efetuado após a morte do poeta.

8 de julho: 'O repuxo' ('Marginália', VIII, 'Galanteios', *As flores do mal*) em *La petite revue.*

16 e 30 de novembro e 23 de dezembro: Verlaine escreve em *L'art* artigos entusiásticos sobre Baudelaire, que se mostra antes inquieto e irritado do que agradecido: "Eles me dão um medo de cão. Nada me agrada mais do que estar só." (A Troubat, 5 de março de 1866.)
16 de dezembro: 'O resgaste' ('Marginália', XIX, 'Peças várias', *As flores do mal*) e 'Hino' (*idem,* X, 'Galanteios') em *La petite revue.*

1866

5 de fevereiro: Baudelaire consulta Asselineau sobre seus transtornos de saúde e, no dia seguinte, através de sua mãe, o médico, em Honfleur.
Fim de fevereiro: Poulet-Malassis publica, sob o título de *Marginália* (*Les épaves*), 23 poemas de Baudelaire, que compreendem os poemas condenados e os versos de circunstância. Ainda nesse ano, ele lançará outra edição dessa plaquete.
10-15 de março: Baudelaire publica um artigo sobre *Les travailleurs de la mer,* de Hugo.
15 de março: Baudelaire passa uma nova temporada em Namur, na casa dos Rops. Durante uma visita à Igreja de Saint-Loup, o poeta escorrega e cai sobre as lajes. Os distúrbios cerebrais se declaram de forma irreversível. Removem-no para Bruxelas.
22-23 de março: Agrava-se o estado de Baudelaire. As derradeiras cartas que dele se conservam não são mais de seu punho: ele as ditou. A última carta data de 30 de março, dia em que se instala o *ictus* hemiplégico (paralisia do lado direito). Sua inteligência, entretanto, permanecerá intacta.
31 de março: Em sua quinta edição, *Le parnasse contemporain* publica *Novas flores do mal.*
Início de abril: Baudelaire é transferido do Hôpital du Grand Mirroir para uma casa religiosa, o Institute Saint-Jean et Sainte-Élisabeth.Visita de Ancelle. Pouco após, Madame Aupick virá instalar-se à cabeceira do filho, em companhia de seus amigos. Um mês depois, Baudelaire volta ao hospital, pois as freiras não mais toleravam suas blasfêmias escandalosas.
1º de junho: A *Revue du XIXe siècle,* sob o título de *Pequenos poemas licantrópicos,* publica dois poemas em prosa (XXVIII e XXIX).
12 de junho: *L'événement* publica 'A corda' (*Pequenos poemas em prosa,* XXX).

30 de junho: Em sua décima oitava edição, *Le parnasse contemporain* publica ‘A tampa’.
2 de julho: Em companhia da mãe e de Arthur Stevens, Baudelaire é removido de trem para Paris. Asselineau o espera na estação.
4 de julho: Baudelaire é internado na Casa de Saúde do Dr. Duval, à rua do Dôme, próximo à Étoile. O tratamento hidroterápico proporciona-lhe algumas melhoras. Em seu quarto, ornamentado com uma tela de Manet e uma cópia do retrato da duquesa de Alba, de Goya, ele recebe numerosos amigos.
Outubro: Os amigos de Baudelaire obtêm do ministro da Instrução Pública uma subvenção para as despesas de internação e tratamento do poeta. Uma primeira parcela de quinhentos francos é concedida. Madame Aupick regressa a Honfleur: sua presença exasperava Baudelaire. Ela voltará à cabeceira do filho na primavera de 1867.

1867 *1º de janeiro*: A *Revue du XIXe siècle* publica ‘O fim da jornada’ (‘A morte’, CXXIV, *As flores do mal*).
31 de agosto: Morte de Charles Baudelaire, que expira nos braços de sua mãe. Segundo o anúncio fúnebre, o poeta recebeu os últimos sacramentos.
2 de setembro: Exéquias de Baudelaire. Após o serviço religioso na Igreja de Saint-Honoré d’Eylan, o poeta foi sepultado no cemitério Montparnasse, no jazigo perpétuo da família, perto do general Aupick. Banville e Asselineau pronunciam discursos. A afluência é rarefeita devido ao mau tempo.
7, 14, 21 e 28 de setembro: A *Revue nationale et étrangère* publica quatro poemas em prosa: ‘Qual a verdadeira?’, ‘Os benefícios da lua’, ‘Retratos de amantes’ e ‘Any where out of the world’.
12 de outubro: A mesma revista publica ‘O tiro e o cemitério’ (*Pequenos poemas em prosa*, XLV)
4 de dezembro: Michel Lévy adquire, por 1.750 francos, os direitos de publicação das obras de Baudelaire, que serão editadas em sete tomos entre 1868 e 1870.

1868 *6 de maio*: O Tribunal Correcional de Lille condena Poulet-Malassis à destruição de *Marginália*.
24 de julho: ‘Os olhos de Berta’ (‘Marginália’, IX, ‘Galanteios’, *As flores do mal*) em *Le petit Figaro.*

1869 *Início de janeiro*: O editor Alphonse Lemerre lança *Charles Baudelaire, sa vie et son œuvre*, de Asselineau. Trata-se da pedra angular do edifício que será erguido à glória de Baudelaire. O volume inclui alguns textos inéditos do autor, em particular os que se extraíram aos *Diários íntimos.*

1870 Pela última vez, Nadar avista Jeanne Duval nas ruas de Paris. Ela se arrasta apoiada em muletas.

1871 *16 de agosto*: Morte de Madame Aupick em Honfleur. Ela será enterrada no cemitério Montparnasse, perto de seu filho e de seu segundo marido.

1872 Um grupo de amigos publica, pela editora do sucessor de Malassis, *Charles Baudelaire*: *souvenirs, correspondance, bibliographie.*

1887 A editora Quantin publica, com o primeiro estudo biográfico completo, assinado por Eugène Crépet, *Obras póstumas e correspondências inéditas.* Esse importante volume revela, entre outros textos, os *Diários íntimos,* incluindo *Lampejos* e *Meu coração desnudado.*

1890 *3 de janeiro*: Morte de Apollonie Sabatier em Neuilly-sur-Seine.

1896 *Le tombeau de Charles Baudelaire*, com a colaboração de 39 escritores, entre os quais Mallarmé.

1901 *7 de fevereiro*: Morte de Marie Daubrun em Paris.

1906 Publicação de *Cartas* (1841-1866), aos cuidados de Féli Gautier, pelo Mercure de France, e de *Baudelaire*, de Eugène e Jacques Crépet, por A. Messein.

1908 Publicação, pelo Mercure de France, das segundas *Obras póstumas,* mais completas do que a edição de 1887.

1917 As obras de Baudelaire caem em domínio público.

1918 Publicação de *Cartas inéditas à sua mãe*, por Jacques Crépet.

1922-53 Publicação da edição crítica e comentada de *Obras completas,* iniciada por Jacques Crépet e concluída por Claude Pichois.

1926 Publicação de *Últimas cartas inéditas à sua mãe*, por Jacques Crépet.

1949 *31 de maio*: Reabilitação de Baudelaire pela Corte de Cassação.

1957 Exposição Baudelaire na Biblioteca Nacional, organizada por ocasião do primeiro centenário de *As flores do mal.*

1967 Publicação de *Cartas inéditas aos seus*, por Philippe Auserve.

1968-69 Exposição Baudelaire no Petit Palais.

1973 Publicação de *Correspondência* (2 vols.), pela Bibliothèque de la

Pléiade, por Claude Pichois em colaboração com Jean Ziegler, Nouvelle Revue Française, Gallimard.

Obras de Charles Baudelaire[2]

Poesia

Les fleurs du mal, Poulet-Malassis e De Broise, Paris, 1857. (‘Au lecteur’ e cem poemas distribuídos em cinco seções: ‘Spleen et idéal’, ‘Fleurs du mal’, ‘Révolte’, ‘Le vin’ e ‘La mort’.) 2ª ed., aumentada de 35 poemas novos, Poulet-Malassis e De Broise, Paris, 1861. (‘Au lecteur’ e 126 poemas distribuídos ao longo das mesmas seções, incluindo os quatro sonetos de ‘Un fantôme’ e excluindo os seis poemas condenados pela 6ª Vara Correcional de Paris: ‘Les bijoux’, ‘Le Léthé’, ‘À celle qui est trop gaie’, ‘Lesbos’, ‘Femmes damnées’ e ‘Les métamorphoses du vampire’.) 3ª ed. (edição definitiva [*Oeuvres complètes de Charles Baudelaire*, I], com prefácio de Théophile Gautier), Michel Lévy, Paris, 1868. (‘Preface’ [em lugar de ‘Au lecteur’] e 141 poemas, com as mesmas seções que registra a edição de 1861 e mais 25 poemas novos, 11 dos quais extraídos a *Les épaves*, 13 publicados em periódicos após a segunda edição e um soneto da juventude [‘A Théodore de Banville’, 1842]. O texto do frontispício difere do da capa, que indica o ano de 1868.)

Les épaves, Enseigne du Coq, Amsterdam, 1866. (O volume reúne 23 poemas, 16 dos quais inéditos, distribuídos em cinco seções: ‘Pièces condamnées des *Fleurs du mal*’, ‘Galanteries’, ‘Épigraphes’, ‘Pièces diverses’ e ‘Bouffonneries’. E mais um soneto à guisa de prefácio.)

Nouvelles fleurs du mal, Alphonse Lemerre, Paris, 1866.

Complément aux Fleurs du mal, Michel Lévy, Bruxelas, 1869. (Essa plaquete, publicada inicialmente por Poulet-Malassis, reproduz uma parte de *Les épaves* e dela existem duas edições um pouco diferentes.)

Souvenirs, correspondance, bibliographie [*suivie de pièces inédites*], René Pincebourde, Paris, 1872. (Essa importante coletânea é devida à colaboração

anônima de Charles Cousin, Poulet-Malassis e do visconde de Spoelberch de Lovenjoul, este último para a bibliografia. Contém os seguintes poemas: ‘Incompatibilité’, ‘Vers laissés chez un ami absent’, ‘Sonnet pour s’excuser de ne pas accompagner un ami à Namur’, ‘Venus belge’, ‘Opinion de Mr. Hetzel sur le Faro’ [incompleto] e ‘Les belges et la lune’.)

Amoenitates Belgicae (epigramas), ed. François Montel, Excelsior, Paris, 1925. (São 23 composições, nove das quais já publicadas e 14 encontradas no manuscrito completo.)

Vers retrouvés (*Juvenilia, Sonnets, Manoël*), com introdução e notas de Jules Mouquet, Émile-Paul, Paris, 1929. (Incluem-se aqui os versos que Baudelaire escreveu em sua juventude, alguns dos quais dignos de sua obra madura, como é o caso dos sonetos publicados entre 1844 e 1846, em particular os que levam a assinatura de Privat d’Anglemont, ou dos fragmentos do drama em versos *Manoël,* descoberto por Jules Mouquet em 1927.)

Oeuvres en colaboration, com introdução e notas de Jules Mouquet, Mercure de France, Paris, 1932. (Inclui *Idéolus, Le salon caricatural* e *Causeries de Tintamarre.*)

Poesia em prosa

Petits poèmes em prose (também conhecidos como *Poèmes nocturnes, Poèmes lycanthropes* e, com maior freqüência do que estes, *Le spleen de Paris,* como aparece na 2ª edição), edição definitiva (*Oeuvres complètes de Charles Baudelaire,* IV, com prefácio de Théophile Gautier), Michel Lévy, Paris, 1869. (São cinqüenta poemas em prosa e um soneto [‘Épilogue’], que fecha a coletânea. Em seus *Projets de poèmes en prose*, Baudelaire indicou os títulos de outros 124, que não chegaram a ser escritos e dos quais nos ficaram apenas as anotações para ‘L’élégie des chapeaux’, além da rubrica “poèmes faciles à faire”, aposta a 16 deles. Dessa edição, que é a original, constam ainda *Les paradis artificiels, Du vin et du haschisch, La Fanfarlo* e *Le jeune enchanteur.*)

Prosa

La Fanfarlo, em *Bulletin de la Société des Gens de Lettres*, Paris, 1847. (Edição

definitiva, *Œuvres complètes de Charles Baudelaire,* IV, 1869.)

Du vin et du haschisch [*comparés comme moyens de multiplication et de l'individualité*], em *Le messager de l'assemblée*, Paris, 1851. (Edição definitiva, *Œuvres complètes de Charles Baudelaire*, IV, 1869.)

Les paradis artificiels, opium et haschich, Poulet-Malassis e De Broise, Paris, 1860. (Edição definitiva, *Œuvres complètes de Charles Baudelaire,* IV, 1869. Inclui dois ensaios: 'Le poème du haschisch' e 'Un mangeur d'opium'.)

Curiosités esthétiques, edição definitiva (*Œuvres complètes de Charles Baudelaire*, II, com prefácio de Théophile Gautier), Michel Lévy, Paris, 1869. (Abrange oito seções: 'Salon de 1845', 'Salon de 1846', 'Le musée classique du Bazar Bonne-Nouvelle', 'Exposition universelle — 1855 — Beaux-Arts', 'Salon de 1849', 'De l'essence du rire [et généralement du comique dans les arts plastiques], 'Quelques caricaturistes français' e 'Quelques caricaturistes étrangers'.)

L'art romantique, edição definitiva (*Œuvres complètes de Charles Baudelaire*, III, com prefácio de Théophile Gautier), Michel Lévy, Paris, 1869. (Inclui 16 seções: 'L'œuvre et la vie d'Eugène Delacroix', 'Peintures murals d'Eugène Delacroix à Saint-Sulpice' , 'Le peintre de la vie moderne', 'Peintres et aqua-fortistes', 'Vente de la colléction de M. E. Piot', 'L'art philosophique', 'Morale de joujou', 'Théophile Gautier', 'Pierre Dupont', 'Richard Wagner et Tannhäuser à Paris', 'Philibert Rouvière', 'Conseils aux jeunes littérateurs', 'Les drames et les romans honnêtes', 'L'école païenne', 'Réflexions sur quelques-uns de mes contemporains' [Victor Hugo, Auguste Barbier, Marceline Desbordes-Valmore, Théophile Gautier, Pierre Dupont, Leconte de Lisle, Gustave Le Vavasseur] e 'Critiques littéraires' [*Les misérables*, *Madame Bovary*, *La double vie*, *Les martyrs ridicules* etc.].)

Œuvres posthumes et correspondances inédites, com estudo biográfico de Eugène Crépet, Maison Quantin, Paris, 1887. (Abrange oito seções: 'Théâtre', 'Projets de romans et de nouvelles', 'La Belgique vraie', 'Lettre a Jules Janin', 'Journaux intimes', 'Correspondances' e 'Appendice' [pièces, notes et lettres diverses].)

Sur la Belgique, em *Revue d'aujourd'hui,* Paris, 1890.

Œuvres posthumes, Société du Mercure de France, Paris, 1908. (Esse volume reproduz parte das *Œuvres posthumes* de 1887 e lhe acrescenta importante subsídio político [poemas, projetos de prefácios e peças apócrifas], além de numerosos trechos dispersos em revistas ou inéditos. As seções dedicadas à

prosa estão assim divididas: ‘Journaux intimes’, ‘Théâtre’, ‘Critique littéraire’, ‘Travaux sur Edgar Poe’, ‘Sur les beaux-arts’, ‘Argument du livre sur la Belgique’, ‘Polémiques’, ‘Baudelaire journaliste’ e ‘Projets et notes’.)

Mon cœur mis a nu et Fusées, Journaux intimes, edição conforme o manuscrito, com prefácio de Gustave Kahn, ed. A. Blaizot, Lecampion, Paris, 1909.

Carnet de Charles Baudelaire, com introdução e notas de Féli Gautier, J. Chevrel, Paris, 1911.

Textes inédites [Cahiers Jacques Doucet], comentados por Yves-Gérard Le Dantec, Universidade de Paris, Paris, 1934. (Essa coletânea reúne 12 cartas inéditas, a ‘Advertência do tradutor’ [destinada a uma edição coletiva das obras de Poe], a nomenclatura de outros manuscritos éditos pertencentes à coleção Doucet e a descrição das edições originais.)

Edições das obras completas

Oeuvres complètes de Charles Baudelaire, 7 vols., Michel Lévy, Paris, 1868-1870.

Oeuvres complètes de Charles Baudelaire, 18 vols., edição crítica de Jacques Crépet e Claude Pichois, Louis Conard, Paris, 1926.

Oeuvres complètes de Charles Baudelaire, 6 vols., edição crítica iniciada por Jacques Crépet em 1922 e concluída por Yves-Gérard Le Dantec em 1953, Jacques Lambert, Paris, 1953.

Oeuvres complètes de Baudelaire, texto fixado e anotado por Yves-Gérard Le Dantec, Bibliothèque de la Pléiade, vol.1, Nouvelle Revue Française, Gallimard, Paris, 1954.

Correspondance, 2 vols. (I [1832-1960] e II [1960-1966]), texto fixado, apresentado e anotado por Claude Pichois em colaboração com Jean Ziegler, Bibliothèque de la Pléiade, Nouvelle Revue Française, Gallimard, Paris, 1973.

A arte de Baudelaire

La Poésie, pour peu qu'on veuille descendre en soi-même, interroger son âme, rappeler ses souvenirs d'enthousiasme, n'a pas d'autre but qu'Elle même; elle ne peut en avoir d'autre, et aucun poème ne sera si grand, si noble, si véritablement digne du nom de poème que celui qui aura éte écrit uniquement pour le plaisir d'écrire un poème.
L'art romantique, *VIII, 'Théophile Gautier', III*

Sois toujours poète, même en prose.
Mon cœur mis à nu, *XCI*

1

Qualquer abordagem à poesia de Baudelaire, por mais despretensiosa e insipiente que seja — e este estudo, quando muito, nada mais é do que isso —, não se pode furtar a umas tantas exigências ou mesmo imposições de índole biográfica e literária. Duas delas, em particular, me parecem de suma importância: uma, a de que não se desvincule muito nitidamente o revolucionário legado de *As flores do mal* da convulsa e dolorosa existência que levou seu autor, pois, como salienta Pierre Emmanuel apoiado numa observação de Eliot, Baudelaire é "le plus grand archétipe du poète à l'époque moderne et dans tous les temps"[3], consubstanciando ainda, antes mesmo do que Rimbaud, Rilke ou Yeats, aquele trânsito do lirismo pessoal ao lirismo da persona; outra, a de que Baudelaire, embora já resgatado em definitivo pela posteridade, deve ser visto — e com muita minúcia — à luz não apenas de sua época, a da agonia romântica, mas também das muitas e cruciais influências que lhe inervam a floração poética e o ideário estético.

A problemática espiritual de Baudelaire deita suas mais fundas raízes no substrato de um conflito familiar que remonta à primeira infância do poeta. Contribuem de forma decisiva para isso os dois casamentos — entre ambos não transcorrem sequer dois anos — de sua jovem mãe, que desposou dois homens bem mais velhos do que ela: ao contrair as primeiras núpcias, Caroline Archimbaut-Dufaÿs tinha 26 anos e Joseph-François Baudelaire — o pai de Baudelaire — nada menos que sessenta, enquanto o padrasto do poeta, o general

Jacques Aupick, contava 39 quando, em novembro de 1828, resgatou Caroline de sua curta viúvez. Baudelaire, então com sete anos, jamais absorveu esse golpe, tanto assim que, pouco depois, como nos informa François Porché, escreveria: “Quand on a un fils tel que moi, on ne se remarie pas.”[4] Mais espantoso ainda é o que se lê em carta que o poeta enviou à mãe a 6 de maio de 1861 (37 anos depois!) e na qual escreve:

> *Il y a dans mon enfance une époque d’amour passionné pour toi; écoute et lit sans peur. Je ne t’en ai jamais tant dit. Je me souviens d’une promenade en fiacre, tu sortais d’une maison de santé où tu avais été reléguée, et tu me montras, pour me prouver que tu avais pensé à ton fils, des dessins à la plume que tu avais faits pour moi. Crois tu que j’aie une mémoire terrible? Plus tard, la place Saint-André-des-Arts et Neuilly. Des longues promenades, des tendresses perpetuelles![5]*

Ocioso acrescentar o que quer que seja. O texto fala por si. Estivesse vivo em fins do século XIX, Baudelaire teria sido um dos mais paradigmáticos pacientes de Freud, a própria encarnação do complexo de Édipo. Atestam-no as demais e incontáveis cartas endereçadas a Mme Aupick, a quem Baudelaire permanecerá para sempre ligado e nos braços de quem haverá de expirar a 31 de agosto de 1867.

É também perturbador, já aqui em plano muito mais amplo, o que registra o poeta no fragmento XVIII das *Fusées*: “Le goût précoce des femmes. Je confondais l’odeur de la fourrure avec l’odeur de la femme. Je me souviens... Enfin, j’aimais ma mère pour son élegance. J’étais donc un dandy precoce.” Bastariam esses poucos textos para confirmar à saciedade o conflito em que mergulhara o pequeno Charles, que pouquíssimo privou da intimidade do próprio pai (ao morrer Joseph-Pierre, Baudelaire tinha apenas seis anos), que jamais se entendeu com o irmão mais velho (Alphonse, filho do primeiro casamento de Pierre-François), que se viu destituído do amor materno após a chegada do general Aupick e que por este foi tratado, não propriamente de forma odiosa ou distante, mas sob as severas imposições do único critério de que dispunha o padrasto para a educação de uma criança: o da disciplina militar. A Baudelaire restou apenas Mariette, a criada de Mme Aupick que lhe serviu de ama e que o poeta imortalizaria no poema cujo primeiro verso recorda essa “servante au grand cœur dont vous étiez jalouse”. Depois, os internatos em Lyon

e Paris, os atritos, as incompreensões domésticas, a solidão infinita. Confirma-o o próprio poeta no fragmento XII de *Mon cœur mis à nu*: “Sentiment de *solitude* dès mon enfance. Malgré la famille — et au millieu des camarades, surtout —, sentiment de destinée éternellement solitaire.”

Essa infância não diz tudo, mas diz *quase* tudo Não que se pretenda impor aqui nenhum dogma da teoria analítica — da qual, inclusive, muitíssimo desconfiamos — , mas convém deixar claro, para além das controversas fronteiras da psicanálise — cujos temas, aliás, sob muitos aspectos Baudelaire antecipa —, que a formação de qualquer espírito, sobretudo se dotado de excepcional sensibilidade, recebe suas primeiras e indeléveis impressões justamente nesses decisivos anos de vida. No caso de Baudelaire, as lembranças são particularmente vivas e, mais do que isso, premonitórias. E compete aqui aludir pelo menos a duas delas, pois que se situam enquanto matrizes geradoras do que virá depois, já transfigurado pela cristalização estética, pela maturação do gosto, mas cujas raízes estão aí, nessas visões que nos parecem antes *insights* de toda uma futura conduta artística. Como se verá em seguida, a poesia de Baudelaire revela um extraordinário senso plástico e visual, o que lhe permitiu também tornar-se o maior crítico de arte do seu tempo e a cuja fulgurante intuição muito deve o reconhecimento definitivo de artistas como Delacroix, Manet, Constantin Guys ou Daumier. Essa percepção visual da realidade remonta sem dúvida a uma vivência infantil, à qual Baudelaire se reporta no fragmento LXIX de *Mon cœur mis à nu*: “Glorifier le culte des images (ma grande, mon unique, ma primitive passion).” E é essa mesma vivência, a do menino a contemplar imagens, mapas e estampas à tíbia luz das velas, que o levará, muitos anos depois, a escrever os versos que abrem o poema ‘Le voyage’:

Pour l’enfant, amoureux de cartes et d’estampes,
L’univers est égal à son vaste appétit.
Ah! que le monde est grand à la clarté des lampes!
Aux yeux du souvenir que le monde est petit!

Há ainda uma outra visão que, conquanto fugaz, nos parece talvez mais premonitória, mais afim daquilo que, anos depois, se iria configurar como a própria *gestalt* do poema baudelairiano da maturidade, muito embora a observação não nos remeta diretamente à dinâmica do organismo poético. É quando Baudelaire, no fragmento XVII de *Mon cœur mis à nu*, nos fala da funda

impressão que lhe causou (e lhe causaria pela vida afora) o rigor estrutural de um lustre de teatro: “Ce que j’ai toujours trouvé de plus beau dans uns théâtre, dans mon enfance et encore maintenant, c’est *le lustre*, — un bel objet lumineux, cristallin, compliqué, circulaire et symétrique.” A quem porventura se haja familiarizado com a arte de Baudelaire não escapará decerto a instigante sugestão de uma analogia entre a arquitetura de seus poemas e a desse *lustre*, que aparece sintomaticamente grifado no original acima transcrito. O poema baudelairiano é exatamente isto, este “belo objeto luminoso, cristalino, complicado, circular e simétrico”, o que mais ainda surpreende quando se percebe, a cada verso ou mesmo a cada palavra, essa desconcertante e amiúde inexplicável comunhão entre emoção e rigor formal, esse conflito dilemático entre ascensão e queda, entre carne e espírito, que lhe entranha toda a tessitura. A visão infantil desse lustre é, por assim dizer, a antevisão estética de um conceito de poema que irá encontrar seu coroamento nas exigências impostas pelo *Poetic principle* de Edgar Poe, do qual Baudelaire se diria confesso tributário, embora quanto a isso tenhamos de nossa parte graves e justificadas objeções, como adiante se verá.

Toda essa infância, como agudamente observam diversos autores, corresponderia também ao início da Queda, à definitiva expulsão do Paraíso, aos indícios de um abismo que não mais cessará de aprofundar-se e no qual a alma de Baudelaire jamais encontrará nenhum repouso, pois esse infinito, como salienta Pierre Emmanuel, “n’est pas l’*abyssus infinitudinis* des mystiques”,[6] e sim o *desconhecido* no qual se precipita o poeta

— Insatiablement avide
De l’obscur et de l’incertain,

como se lê em ‘Horreur sympatique’. A perda é irreparável, e haverá de deixar-lhe no espírito marcas de um mal que nunca se apagará, a má consciência de uma “conscience dans le Mal”, a dor que o levará, em ‘Moesta et errabunda’, a deplorar a extinção da ventura paradisíaca: “Comme vous êtes loin, paradis parfumé!”

A adolescência de Baudelaire nada mais é que o prolongamento e a cristalização de toda essa problemática. Aos vinte anos, pouco depois de uma viagem às ilhas Maurício a bordo do *Paquebot-des-Mers-du-Sud*, entre maio de 1841 e fevereiro de 1842, Baudelaire é já artista e homem maduro, embora sua

produção poética permaneça ainda quase desconhecida dos grandes autores da época. A esse respeito observa Jean Massin: “Echalonnée sur plus de vingt ans, sa production littéraire tout entière semble appartenir à un homme qui a toujours le même âge — celui de la vieillesse — ou, si l’on préfère, de la maturité.”[7] É a época do primeiro encontro com a mulata Jeanne Duval, a Vênus negra, figurante malograda de uma medíocre *féerie* levada à cena no Théâtre du Panthéon. A ela Baudelaire se unirá por quase toda a sua vida

Comme le forçat à la chaîne,

numa turbulenta e voluptuosa paixão; para ela serão escritos alguns dos mais belos e comovidos poemas de que já teve notícia a literatura de língua francesa.

Mas a suprema volúpia de Baudelaire também já se anuncia: a do observador que se transveste e se oculta sob as máscaras, a do dândi estóico e aristocrático que recorre à ‘disciplina’, à ‘higiene’ e à ‘toalete’ para corromper sua espontaneidade, para mortificar o corpo numa ascese do artificial. Configura-se assim aquele trânsito do lirismo da pessoa ao lirismo da persona. É cristalino o que registra a propósito o ensaísta Georges Blin: “Prostitution par mimétisme! En un effort unique pour comprendre la signification des visages, Baudelaire passe de la personne au personnage, retrouve les gestes antérieurs et le comportement à venir, il devient ce passant et se ‘désapproprie’ tant qu’il peut.”[8] Baudelaire já está então muito longe do romantismo sob o signo do qual seus “larges yenx aux clartés éternelles” perceberam pela primeira vez a pálida luz de um mundo em agonia.

2

Numa conferência que pronunciou em 1917, por ocasião do cinqüentenário da morte do autor de *As flores do mal*, Paul Valéry faz a seguinte observação a respeito do aparecimento de Baudelaire no mundo das letras: “Au moment qu’il arrive à l’âge d’homme, le romantisme est à son apogée; une éblouissante génération est en possession de l’empire des Lettres: Lamartine, Hugo, Musset, Vigny sont les maîtres de l’instant.” E logo adiante: “Le problème de Baudelaire pouvait donc — devait donc —, se poser ainsi: ‘être un grand poète, mais n’être ni Lamartine, ni Hugo, ni Musset’.”[9] Valéry nos coloca o problema de forma a um tempo singela e percuciente: a Baudelaire, muitas vezes romântico por seus

gostos e romântico em suas origens, não interessava prolongar os abusos e contradições do romantismo, como tampouco reanimar um movimento já em processo de visível e irremediável decomposição.

Dono de uma sensibilidade estética e um senso crítico jamais revelados por nenhum de seus pares, Baudelaire não poderia tolerar os transbordamentos líricos e elegíacos dos agônicos românticos de seu tempo, e deles chegou mesmo a dizer: “Tous les élégiaques sont des canailles.” Sua concepção de romantismo difere em tudo da empostação retórica de um Hugo ou das lamentações clangorosas de um Musset. George Sand lhe repugnava a tal ponto que Baudelaire sobre ela escreveu em *Mon cœur mis à nu*: “Je ne puis penser à cette stupide créature sans un certain frémissement d’horreur.” E a comparava a “une de ces vieilles ingénues qui ne veulent jamais quitter les planches”. Essa nova angulação da vertente romântica já pode ser entrevista no que ele próprio observa numa das passagens do *Salon de 1846*: “Le romantisme n’est précisement ni dans le choix des sujets ni dans la vérité exacte, mais dans la manière de sentir. Ils l’ont cherché *en dehors*, et c’est *en dedans* qu’il était seulement possible de le trouver.” E mais adiante: “Qui dit romantisme dit art moderne — c’est-à-dire intimité, spiritualité, couleur, aspiration vers l’infini, exprimées par tous les moyens que contiennent les arts. Il suit de là qu’il a une contradiction évidente entre le romantisme et les œuvres de ses principaux sectaires.” Esse pequeno trecho vale por todo um ideário, por toda uma declaração de princípios cuja pedra angular reside na sinceridade. É por isso que Stanislas Fumet dele pôde dizer: “Jusqu’à Baudelaire, si j’excepte Edgar Poe et Thomas De Quincey, on n’avait pas été tellement sincère, en poésie, dans le culte des béatitudes artificielles.”[10]

Mas a formação intelectual e literária de Baudelaire está longe de restringir-se ao âmbito do romantismo francês, e dentro deste não se poderiam esquecer também seus vínculos iniciais com a Escola Normanda, onde pontificavam Gustave Le Vavasseur e Ernest Prarond — este o primeiro dos biógrafos do poeta — , bem como suas admirações por Sainte-Beuve, que jamais lhe compreendeu a obra, e pelo próprio Vigny, cuja nobreza de sentimentos e de linguagem Baudelaire muitíssimo prezava. Registre-se ainda o que ele herdou do grande Chateaubriand, do pessimismo filosófico de Joseph de Maistre, sobretudo o de *Soirées de Saint-Pétersbourg*, de Théophile Gautier, em particular o de *La comédie de la mort*, de *Albertus* e de *España*, de Aloÿsius Bertrand, cujo

Gaspard de la nuit como que lhe impregna *Petits poèmes en prose*, do Charles Nodier da *Inès de las sierras*, do Frédéric Soulier de *Mémoires du diable*, do Pétrus Borel de *Madame Putiphar*, ou mesmo suas grandes admirações da maturidade, entre as quais se contam Flaubert, Balzac e Stendhal.

Parece-nos, não obstante, que a formação de Baudelaire deve mais a outras fontes do que propriamente às de sua época. Seu amor à clareza, à lucidez, à correção da linguagem, à concisão do estilo radicam sem dúvida em substrato literário e filosófico algo distinto. E aqui seria o caso de referir, como o faz André Ferran em sua admirável *L'esthétique de Baudelaire*,[11] as leituras que fez o poeta dos latinos da decadência, Marcial, Juvenal, Petrônio, Lucano; dos poetas da primeira Pléiade, entre os quais Ronsard, du Belay e Belleau; das *Satyres* e de *L'art poétique* de Boileau; dos grandes entre os grandes, Racine, Pascal, Bossuet; dos padres da Igreja latina e dos escritores cristãos, em especial Tertuliano e Santo Agostinho, de quem lhe vem todo o platonismo. Há, porém, uma outra e importantíssima vertente que nos remete aos escritores de língua inglesa, como Coleridge, Byron, Keats, Maturin, Walpole, Lewis, Thomas Gray, Anne Radcliffe e De Quincey, bem como aos contos de Hoffmann e a mística de Swedenborg, a cujas obras o romantismo francês — e muito particularmente Baudelaire — deve em grande parte o seu satanismo e a sua fantasmagoria gótica. E há, afinal, o encontro decisivo com Edgar Poe, que exige comentário à parte.

Segundo cremos, exagera-se quanto à influência exercida por Poe sobre Baudelaire. Exagera-se e coloca-se mal a questão. A esse propósito, ficaremos aqui com Ferran, que a define antes nos termos de uma convergência de pontos de vista do que, a rigor, de um tributo que teria pago o autor de *As flores do mal* ao gênio de Baltimore. O principal culpado por essa controvérsia é, aliás, o próprio Baudelaire, não apenas pela circunstância de haver traduzido praticamente toda a prosa de Poe, o que já diz bem de seu irrestrito entusiasmo, mas também — e sobretudo — porque os termos em que ele se refere ao poeta norte-americano nos induzem a supor um tributo maior do que em verdade foi pago. Assim não o vê, contudo, alguém da estatura intelectual de um Valéry, para quem a concepção de poesia de Poe "a été le principal agent de la modification des idées et de l'art de Baudelaire".[12]Ao cotejar-se a obra de ambos, todavia, não nos ocorre propriamente a idéia de uma modificação, e sim de uma comunhão conceitual no que respeita às exigências estético-doutrinárias contidas

em *Poetic principle*. Além disso, muito do que está em Poe já estava no pré-romantismo de Gray e de Young, cujos acentos fúnebres e sombrios não eram estranhos a Baudelaire, que intertextualizou aquele primeiro no poema ‘Le guignon’.

Baudelaire só toma conhecimento da obra de Poe por volta de 1846, numa época em que, segundo o depoimento de Prarond, de Champfleury, de Asselineau e de Banville, sua concepção de poesia já se achava nitidamente delineada. Muitos dos poemas de *As flores do mal* já haviam sido escritos e alguns deles até mesmo publicados em *L’artiste*, valendo a Baudelaire o conceito, já então por todos reconhecido, de poeta original. Como observa Ferran, as “dates sont là pour qu’on puisse affirmer que l’influence de Poe ne s’est pas exercée sur le dessin général de l’œuvre poétique de Baudelaire”.[13] Não há dúvida de que Baudelaire meditou longamente sobre o *Poetic principle*, que ademais traduziu e em parte reproduziu em *Notes sur Edgar Poe*, dele se servindo ainda — sem citar o autor, como se as idéias deste de fato *lhe* pertencessem — no alentado estudo sobre Gautier incluído em *L’art romantique.* Não há dúvida de que esse texto muitíssimo o impressionou, mas não a ponto de lhe modificar uma concepção poética que, se nele não se encontrava em ato, decerto preexistia em potência: a de que a poesia é a meta de toda arte superior e o único meio de se atingir o Belo. Não que se pretenda negar essa influência e, segundo pensamos, quanto mais influências saudáveis receba um poeta, tanto melhor para si e a sua arte, pois, caso contrário, jamais passarão ambos de rebentos subnutridos. Convém, todavia, refletir um pouco sobre o assunto e concluir, como o faz Ferran após instigante e minucioso confronto entre as obras dos dois autores, que, se a estética de Baudelaire “trouve dans les doctrines de Poe un appui, une confirmation et même des impulsions précieuses, il arrive aussi que Baudelaire prête à Poe qualités qui lui sont propres et, tout en s’efforçant de ressembler à son émule, le contraint parfois à adopter son propre masque”.[14]

Baudelaire absorve de Poe algumas noções às quais remontam as próprias matrizes da poesia moderna, como as de sua autonomia em relação à filosofia, à moral, à história ou à política, das possibilidades de análise psicológica que oferece um poema, da economia quanto aos meios de expressão e à própria *durée* do discurso poético (como se sabe, Poe entendia o poema longo nos termos de “uma contradição pura e simples”) ou da música como dado essencial

da linguagem poética (Poe define a poesia como “a rhythmic creation of the Beauty”). Mas as diferenças entre ambos são tantas quanto ao aproveitamento desses valores que caracterizar um tributo seria apenas escamotear o que nos parece óbvio: em lugar de uma passiva assimilação, admita-se antes uma simples comunhão. Até mesmo o fato de Baudelaire haver se apropriado do sentimento e da substância de alguns dos poemas de Poe não sugere uma atitude de submissão, mas antes uma prática intertextual que, se malvista pelos românticos, não o foi pelos antigos (até o século XVI, imitar os clássicos era prova de elegância e de bom gosto) e muito menos pelos modernos, sobretudo a partir de *The waste land*, de Eliot.

Entenda-se, enfim, como oportunamente salienta Ferran, que “l’esthétique de Baudelaire n’est pas, comme celle de Poe, une doctrine de la sérénité”.[15] O êxtase hierático de Poe nada tem a ver com o sensualismo dos impulsos místicos de Baudelaire, que é acima de tudo o poeta do tormento humano. Como já se observou, não há nenhum repouso na angústia do abismo baudelairiano, cujas fontes são Pascal e a própria noção cristã da Queda. E o tão decantado horror do poeta à democracia ou ao julgamento popular, não é em Poe que ele o absorve, mas sim nas teorias reacionárias que Joseph de Maistre expõe em *Soirées de Saint-Pétersbourg*. Pode-se assim entender, ao menos em parte, as razões que levaram Baudelaire a escrever no fragmento LXXXIX de *Mon cœur mis à nu*: “De Maistre et Edgar Poe m’ont appris à raisonner.” E serão Poe e Maistre que o levarão também a um outro pólo da questão estética, pois não se pode entender Baudelaire sem que se considere seu gosto pelo difícil, seu esforço de evasão, sua mística da concentração e da lucidez (como o herói emersoniano, Baudelaire aspira à condição de um ser “*immovably centred*”), seu espiritualismo e seu estoicismo de santo e de esteta, seu ódio a tudo o que fosse natural, sua necessidade da intermediação e do distanciamento criados pelas máscaras, artifício que lhe franqueia, como anteriormente se disse, o trânsito da pessoa à persona. A mais visceral e característica dessas máscaras é a do dândi. Sem ela, Baudelaire não pode ser compreendido.

3

O dandismo baudelairiano está não apenas na raiz de toda a fundamentação

estética do que produziu o autor, mas até mesmo na origem e na justificação de sua conduta humana e social. Recorra-se ao próprio poeta para que se entenda melhor essa instigante e paradoxal postura diante da vida e da arte. O que seria exatamente esse dândi e qual sua mais funda significação? Para Baudelaire — como para Pascal —, a natureza estaria corrompida pela própria natureza, o que se torna particularmente claro quando, no fragmento XXII de *Fusées*, nos diz ele: "L'homme, c'est-à-dire chacun, est si *naturellement* dépravé qu'il souffre moins de l'abaissement universel que de l'établissement d'une hiérarchie raisonnable." Essa visão de uma natureza desde sempre e necessariamente corrupta faz-se ainda mais nítida numa passagem de 'Éloge du maquillage', em *L'art romantique*, na qual Baudelaire sustenta que "la nature n'enseigne rien, ou presque rien, c'est-à-dire qu'elle contraint l'homme à dormir, à boire, à manger, et à se garantir, tant bien que mal, contre les hostilités de l'atmosphère. C'est elle aussi qui pousse l'homme à tuer son semblable, à le manger, à le sequestrer, à le torturer." Pouco adiante diz ele que o "crime, dont l'animal humain a puisé le goût dans le ventre de sa mère, est originalement naturel", concluindo afinal que a virtude, "au contraire, est *artificielle*'' e que o mal ''se fait sans effort, *naturellement*, par fatalité", ao passo que o bem "est toujours le *produit d'un art*". (Este último grifo é nosso.)

Ao reagir dessa forma à ênfase que puseram algumas correntes do século XVIII sobre o papel da natureza enquanto fonte de todo o bem e de todo o belo, Baudelaire deixa muito clara sua posição: tudo o que é natural é abominável, incluíndo-se aí a mulher, que, por ser natural, "c'est-à-dire abominable", é também "toujours vulgaire, c'est-à-dire le contraire du dandy". É esse dândi que lhe justifica, como se lê no fragmento XVII de *Fusées*, o "culte de soi-même dans l'amour, au point de vue de la santé, de l'hygiene, de la toilette, de la noblesse espirituelle et de l'éloquence". Em suma, uma *self-purification and anti-humanity*, como ele próprio grafa e grifa em *Fusées* e que corresponde à fórmula graças à qual o poeta ou fugia da dor intolerável ou a assumia, mas apenas sob o disfarce estético da maquilagem. Entenda-se, pois, que a máscara do dândi, se de um lado é artifício, de outro não deixa de ser algo que se lhe aderiu à pele para sempre e tão profundamente que não mais lhe foi possível arrancá-la. Mais uma vez, as palavras de Ferran são no mínimo oportunas: "Le dandysme n'est point pour lui seulement attitude extérieure. Il est par lui transformé, agrandi, purifié. Il devient un sacerdoce qui distingue l'Homme et le rapproche du Héros et du Saint." E Ferran refere ainda três vertentes a partir das

quais se manifesta esse dandismo: “En moral, il s’apparente au stoïcisme. Socialement, il forme une caste aristocratique que répugne aux vulgarités du comun. Dans la vie esthétique, le dandy est un artiste jaloux de perfection.”[16]

Claro está que, visto desse ângulo, o dandismo baudelairiano nada mais é que uma manifestação do espírito, um processo da vida interior cujas raízes e implicações são bem mais fundas do que se possa imaginar. É possível até, como sugerem Ferran e Ernest Raynaud,[17] que a religião de Baudelaire — esse catolicismo travestido que se insurge contra os instintos originais — seja uma conseqüência lógica e como que uma conclusão de seu dandismo. O artifício do dandismo corrigiria assim a imperfeição natural, e esse é o desiderato único de toda a civilização. Quando Baudelaire nos afirma que tudo o que é natural é abominável, nada existe aí de subversivo, pois tal concepção está contida na idéia do pecado original. E é o próprio poeta que, no fragmento LIX de *Mon cœur mis à nu*, sustenta: “Théorie de la vraie civilization. Elle n’est pas dans le gaz, ni dans le vapeur, ni dans les tables tournantes. Elle est dans la diminution des traces du péché original.”

É também a partir desse procedimento aristocrático que se entende mais claramente o Baudelaire esteta, o escritor artista, o criador sempre insatisfeito com o que escrevia. Esse dândi é o próprio artista superior, o lúcido e refinado demiurgo do caos vocabular, aquele que se consagra à elaboração *artificial*, ou seja, intelectual, de um processo criativo do qual a natureza não participa. Corrupta em si mesma, a natureza é amoral e monstruosa. Compreende-se assim que, ao abordar o problema do dândi em *L’art romantique*, Baudelaire sustente: “Le mot dandy implique une quintessence de caractère et une intelligence subtile de tout le mecanisme moral du monde.” Esse dândi é, em suma, o próprio princípio da criação, centrado em si mesmo e produto “de l’inébranlable résolution de ne pas être ému”, assim como “un feu latent qui se fait deviner, qui pourrait mais qui ne veut pas rayonner”.

4

Tão importante quanto o dandismo, a teoria das correspondências é um dos pilares sobre os quais se apóia a arte de Baudelaire. Seu interesse pelo assunto é precoce e, já ao analisar o problema da cor numa passagem de *Salon de 1846*,

ele transcreve o seguinte trecho de *Kreisleriana*, de Hoffmann: “Ce n’est pas seulement en rêve, et dans le léger délire qui précède le sommeil, c’est encore éveillé, lorsque j’entends de la musique, que je trouve une analogie et une réunion intime entre les couleurs, les sons et les parfums. Il me semble que toutes ces choses ont été engendrées par un même rayon de lumière, et qu’elles doivent se réunir dans un merveilleux concert.” Mais decisivo ainda é quando ele observa, no longo artigo sobre ‘Richard Wagner et *Tannhäuser* à Paris’, incluído em *L’art romantique*, que “c’est que le son *ne pût pas* suggérer la couleur, que les couleurs *ne pussent pas* donner l’idée d’une mélodie, et que le son et la couleur fussent impropres à traduire des idées; les choses s’étant toujours exprimées par une analogie réciproque, depuis le jour où Dieu a proféré le monde comme une complexe et indivisible totalité.” São tais noções que obviamente informam o famoso e nunca assaz louvado soneto das ‘Correspondances’, cujos quartetos Baudelaire transcreve logo em seguida à citação acima:

La nature est un temple où de vivantes piliers
Laissent parfois sortir de confuses paroles;
L’homme y passe à travers des forêts de symboles
Qui l‘observent avec des regards familiers.

Comme de longs échos qui de loin se confondent
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Vaste comme la nuit et comme la clarté,
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.

Embora seja sobretudo através de Poe que Baudelaire cunha a imagem de um mundo enquanto correspondência do céu, a idéia de uma teoria das correspondências é muito anterior à época em que foram escritas *As flores do mal*. Ela já pode ser vista entre os alexandrinos, nos primeiros tempos da era cristã, e durante o século XIII, nos textos do teólogo italiano São Boaventura. Três séculos depois voltamos a encontrá-la nas obras de São João da Cruz, mas será somente no século XVII que a teoria das correspondências encontrará seu primeiro codificador na figura do filósofo sueco Emmanuel Swedenborg, cujos *Arcana cœlestia* (1749-1756) Baudelaire decerto conheceu. Ao longo dos séculos XVIII e XIX a ela também se referem Pascal, Malebranche, Spinoza, Hegel, Schelling, Hoffmann e Novalis. À época de Baudelaire, além de Joseph

de Maistre, que também versou o assunto, pertencem três outros autores cujas obras o poeta não ignorava: François Marie Charles Fourrier, autor de uma *Théorie de l'unité universelle* (1841), o pietista suíço Johann Kaspar Lavater, um dos precursores do romantismo alemão, e o místico polonês Hoëné Wronski. E sabe-se ainda que o poeta muitíssimo freqüentou os textos esotéricos de Eliphas Lévi, cujo *Dogme et rituel de haute magie* está citado em nota a um de seus poemas e segundo quem "o visível é a medida proporcional do invisível". Mais uma vez, como se vê, o que lhe chega de Poe chega apenas *através* de Poe.

O mundo visível seria assim uma correspondência de um mundo invisível e superior, uma imagem imperfeita e caduca desse céu cuja conquista o poeta deveria empreender, a fim de que lhe pudesse ser revelada aquela "tenebrosa e profunda unidade" de que nos fala Lavater e que o próprio Baudelaire evoca no soneto. Tais correspondências lhe chegam também através do cromatismo musical de Wagner, sobretudo o de *Lohengrin* e de *Tannhäuser*, a cujas misteriosas harmonias corresponderiam os mistérios da harmonia verbal. Se pensarmos aqui nas sinfonias de cores a que o poeta se refere quando analisa as telas de Delacroix, chegaremos à conclusão de que, assim como Wagner, Baudelaire esteve muito próximo do conceito de uma arte total em que a palavra, a cor e o som, graças a um difuso sistema de analogias, nos sugerissem esse infinito sonho de espaço e profundidade em que consiste a suprema revelação da beleza. Mas supomos não ser exatamente por aí que se compreenderá a significação mais profunda das correspondências baudelairianas. Voltemos um pouco a Swedenborg.

Logo na primeira estrofe do soneto de 'Correspondances' percebe-se que a relação do simbolismo se estabelece verticalmente da Terra para o Céu, segundo uma direção irreversível, ou seja, uma hierarquia. Conceber a reversibilidade dessa relação entre a figura e o que é figurado equivaleria a remontar ao momento da criação do mundo ou cair no panteísmo, que leva o possível a coincidir com o real. Mas pode-se, como nos sugere Georges Blin, "sous le prétexte qu'une traduction doit être exacte, égaler la figure à ce qu'elle figure et le sensible à son type",[18] o que equivaleria a tomar o mundo ao pé da letra. É precisamente o que faz Swedenborg ao deprimir o símbolo, reduzindo ao mínimo a autonomia da letra e do signo quando afirma: "O fim enverga os trajes que mais lhe convém para poder existir como causa numa esfera inferior e para mostrar-se em seguida como efeito numa esfera ainda mais inferior." E

Swedenborg vai ainda mais longe, pois, ao admitir que a letra seja duplamente ultrapassada pelo espírito, eleva-se ao idealismo, conferindo à matéria um papel de simples intermediária entre a eficácia do espírito e seu mais alto produto inteligível. É isso o que faz também Baudelaire, pois o que importa é que a representação alegórica do mundo lhe ofereça um refúgio contra a realidade da existência separada, que lhe seja capaz de fornecer as armas para o combate que se trava no plano humano ou, se se prefere, no plano poético.

Ao identificar ingenuamente as correspondências simbólicas da primeira estrofe do soneto às sinestesias das demais, o simbolismo francês, que alguns já chegaram ao absurdo de pretender como conseqüência direta e imediata do texto baudelairiano, adulterou por completo o sentido mais profundo que lhes empresta o autor de *As flores do mal.* Quando Baudelaire escreve em *L'art romantique* que "chacun est le diminutif de tout le monde", o que se percebe é uma comunhão com os pontos de vista de Swedenborg, segundo quem tudo "o que foi criado guarda alguma relação de semelhança com o homem". Se, como sustenta Blin, nossa ordem física não faz senão reproduzir a hierarquia do espírito, o microcosmo assume a imagem de Deus, e a realidade nada mais é que um pesadelo logo dissipado. A conclusão do mesmo ensaísta sobre a relação simbólica proposta por Baudelaire no soneto 'Correspondances' nos parece aqui definitiva: "Telle est l'efficacité du symbolisme qu'il nous console de quitter la Terre, en la présentant comme un 'aperçu' du Ciel, mais qu'il nous donne aussi de la puissance pour cette vie, en nous conduisant à la magie, à l'utilisation du surnaturel."[19] Ou, em outras palavras, como nos ensina Eliphas Lévi: "A analogia dá ao mago todas as forças da natureza."

5

As considerações que anteriormente tecemos quanto ao caráter estóico do dandismo e ao substrato místico das correspondências nos conduzem a um dos mais intrincados e controversos aspectos da poética baudelairiana: o de sua complexa religiosidade. Baudelaire foi ou não um cristão? A resposta a essa pergunta se esgalha polemicamente em tantas e tais direções que não se pode aqui evitar uma longa e cautelosa digressão sobre o assunto. Enquanto para alguns o cristianismo de Baudelaire reduz-se apenas a uma falácia, a uma

herética impostura, para outros esse mesmo cristianismo jamais o abandonou, a ponto de um ensaísta como Guillain de Bénouville nos haver deixado um extenso e minucioso estudo sob o título de *Baudelaire le trop chrétien* (1936). Não são poucos os que, apesar de divergências pessoais e conceituais, sustentam semelhante ponto de vista, e entre estes muitíssimo modestamente nos incluímos. Mas a controvérsia é longa e sinuosa, razão pela qual tentaremos aqui aflorar algumas de suas vertentes.

Além do que nos permite concluir a própria leitura dos poemas que integram *As flores do mal* ou dos fragmentos de que se compõem *Fusées* e *Mon cœur mis à nu*, estudos como os de Bénouville, Paul Arnold, Maurice Barrès, Victor Charbonnel, Léon Daudet, Benjamin Fondane, Stanislas Fumet, Charles Du Bos, Friedrich Kemp, Pierre Emmanuel, Pierre Louis, Jean Massin, Jean Pommier, Paul Soulay e Robert Vivier, entre alguns outros, parecem não deixar nenhuma dúvida quanto à vocação cristã de Baudelaire. É bom que se advirta, porém, que há um abismo entre essa vocação e o que se poderia entender como sua atuação cristã. O que mais desconcerta a quem freqüente a poesia de Baudelaire é perceber a fáustica oscilação entre Deus e o Diabo, o que o leva amiúde à prática das mais ingênuas e primitivas formas de maniqueísmo. Por outro lado, as blasfêmias habituais do poeta satanista refletem antes a visão mística de quem se perdeu no abismo do pecado. Baudelaire é assim um poeta do Limbo, ou do Purgatório, poeta espiritualista porque levou às últimas conseqüências o pecado como condição terrestre da alma, padecendo por isso mesmo, como ele próprio confessa em ‘Le voyage’, ante

Le spectacle ennuyeux de l’immortel péché.

Lúcida ao grau extremo, a poesia de Baudelaire opera muita vez um agônico e lancinante movimento no sentido de substituir a religião perdida pelo prazer estético que lhe proporciona a consciência de seu altíssimo valor. O culto da beleza deveria assim atender às suas ávidas exigências religiosas, pois Baudelaire, que vivera todas as dúvidas do século, já não mais poderia crer em dogmas e tradições. O que se vê, todavia —, e isto é o que se verá em todas as suas formas de conduta —, é que as necessidades religiosas suplantam as satisfações estéticas. Entenda-se ainda, como observa Otto Maria Carpeaux em *História da literatura universal*, que “Baudelaire não era uma *anima naturaliter christiana*, mas sim uma *anima naturaliter religiosa*”,[20] capaz, portanto, de

criar uma religião particular que nenhuma relação guardasse com a religião tradicional. E foi isso, *lato sensu*, o que fez o poeta, estabelecendo um estranho gnosticismo neopagão e maniqueísta em que Lúcifer ocupa todos os altares. Os primeiros dísticos de 'Les litanies de Satan' o confirmam à saciedade:

O toi, le plus savant et te plus beau des Anges,
Dieu trahi par le sort et privé de louanges,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

O Prince de l'exil, à qui l'on fait tort,
Et qui, vaincu, toujours te redresses plus fort,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Como ainda assinala Carpeaux, as maiúsculas com que ele grafa esse "Prince des Ténèbres" não são em absoluto gratuitas. Baudelaire acreditava sinceramente no Demônio. Sua volúpia pela deformidade não se relaciona a nenhum propósito de assustar: é ele, na verdade, que está assustado. O pessimismo haurido em Joseph de Maistre e sua pascaliana angústia do abismo o induzem diretamente à fé no poder de Satã, que o poeta fundamenta com o dogma do pecado original. Como já se viu, Baudelaire entende toda a natureza como essencialmente corrupta e, se aceita como dogma a criação do mundo por Deus, é para usá-la como arma contra o que Deus criou. A tal ponto se rebela o poeta contra a obra do Criador que perguntará no fragmento XX de *Mon cœur mis à nu*: "Qu'est-ce que la chûte? Si c'est l'unité devenue dualité, c'est Dieu qui a chûté. En d'autres termes, la création ne serait-elle pas la chûte de Dieu?" Vê-se ainda, a partir daí, o quanto Baudelaire identificava a Queda à dualidade, à multiplicidade caduca e contingente cuja miséria e decadência desfilam ao longo dos 'Tableaux parisiens', dessa fervilhante "cité pleine de rêves", dessa Paris quase dantesca e da qual não se pode dizer que seja infernal, porque é o próprio Inferno.

Segundo uma pertinente observação de Jean Massin, após os estudos de Charles Du Bos ('Méditation sur la vie de Baudelaire', em *Approximations*) e de Stanislas Fumet (*Notre Baudelaire*) — e, com toda a justiça, do seu próprio *Baudelaire entre Dieu et Satan* —, os católicos "savent aujourd'hui qu'il a dans l'œuvre baudelairienne quelque chose qui s'adresse à eux", embora reconheça que fazer de Baudelaire "un parfait catholique, c'est n'est pas seulement trahir

Baudelaire, c'est aussi trahir le catholicisme. Et le plus grand danger serait bien, pour mieux tirer Baudelaire au catholicisme (ce qui déjà ne serait guère loyal), de tirer le catholicisme à Baudelaire."[21] Deixa muito claro o ensaísta quão ridículas e mesmo abstrusas foram algumas tentativas em França que pretendiam canonizar um certo São Charles Baudelaire ou de fazer um Doutor da Igreja. Além de rebelar-se contra os dogmas dessa mesma Igreja, Baudelaire tinha deles uma visão precária, o que se via agravado pelo uso que fazia o poeta de termos inadequados e cujo exato sentido decerto não chegou a compreender. A terminologia pretensamente litúrgica de alguns de seus poemas implica assim uma dupla impertinência: a da linguagem e a das noções expressas por essa linguagem.

Mas não seria justo, por outro lado, como o faz Gustave Lanson, reduzir o cristianismo de Baudelaire à noção de pecado original, embora o poeta muito insistisse na questão. Para Massin, há de fato em Baudelaire uma noção central de pecado original e atual, que é tipicamente cristã, assim como uma idéia muito nítida e vital da redenção. E há, ademais, um otimismo e um entusiasmo diante da vida que jamais desaparecerão de todo. E isso também é cristão, mas de um ''christianisme sujet à déviation certes, autant et plus peut-être qu'un christianisme centré sur les abîmes de l'enfer, mais enfin d'un christianisme indéniable''.[22] Assim como Fumet e Du Bos, Massin não deixa dúvida quanto ao cristianismo que impregna o pensamento de Baudelaire. Mas vê-lo como católico ortodoxo ou homem da Igreja não passa de um absurdo. Baudelaire, como produto genuíno do romantismo, padeceu agudamente de contradições inconciliáveis, de tensões espirituais cujos pólos antitéticos jamais lograram superar-se naquele momento superior que caracteriza a síntese hegeliana. O absoluto e o infinito pelos quais tanto ansiou o poeta ao longo de sua existência lhe estiveram desde sempre interditos por aquela precoce e indelével visão da Queda.

Todo esse conflito já está presente desde a sua infância, como o atesta o fragmento LXXII de *Mon cœur mis à nu*: "Tout enfant, j'ai senti dans mon cœur deux sentiments contradictoires: l'horreur de la vie et l'extase de la vie." Tal dualismo é que lhe explica o ambíguo e dilemático perfil de anjo e demônio, esses pólos em tensão que se atraem, que se buscam como à inútil procura de uma unidade para sempre perdida. Mas o próprio satanismo de que tanto se fala com relação à obra baudelairiana poderia, em certos casos ou se interpretado de

determinados ângulos, como o pretende Eliot, servir-lhe de oblíqua via de acesso ao cristianismo: “When Baudelaire’s Satanism is dissociated from its less creditable paraphernalia, it amounts to a dim intuition of a part, but a very important part, of Christianity. Satanism itself, so far as not merely an affection, was an attempt to get into Christianity by the back door.”[23]

O dilacerante cristianismo baudelairiano é um dos traços mais característicos de *As flores do mal*, mas em nenhum momento talvez ele se torne tão perceptível quanto em ‘Un voyage à Cythère’, no qual a imagem dessa forca “à trois branches” nada mais é que uma réplica da Cruz. E cumpre lembrar aqui que a loucura da Cruz é uma constante não apenas nos poemas de *As flores do mal*, mas também na maioria dos *Petits poèmes en prose* e em *Les paradis artificiels.* Se nos três poemas que compõem ‘Révolte’ tudo se passa como se Baudelaire censurasse a Jesus o fato de não ter ele assumido o papel de Satã, de haver expiado pelo homem, ou mesmo por Deus, em lugar de condenar esse mesmo Deus à expiação, em ‘Un voyage à Cythère’ o habitante da ilha de Vênus que pende da forca é o próprio pecado, ou seja, a imagem do Cristo que, como nos ensina São Paulo, se fez *pecado* para nós. Como muito bem assinala Pierre Emmanuel, o martírio desse “pauvre diable” (no qual o ensaísta vê uma provável alusão intencional a Satã) em tudo se assemelha ao do Cristo em ‘Le reniement de Saint Pierre’. Poder-se-ia mesmo dizer que àquele Jesus pascaliano, que “sera en agonie jusqu’à la fin du monde”, corresponde, em Baudelaire, esta visão de um outro “éternel crucifié” e de uma outra eternidade de dor:

Habitant de Cythère, enfant d’un ciel si beau,
Silencieusement tu souffrais ces insultes
En expiation de tes infâmes cultes
Et des péchés qui t’ont interdit le tombeau.

O medonho espetáculo dessa nova *Paixão* é típico em Baudelaire, já que aí o papel principal não cabe àquele que morreu na Cruz para nos salvar, e sim ao que nela deveria padecer para condenar aquele que não nos salvou. É por isso que pergunta Pierre Emmanuel: “Le vrai ‘Christ’ baudelairien est-il cette ordure vivante, ce *bouc* voué à l’exécration sempiternelle, pendu au ‘gibet symbolique’ de la rédemption par la Croix?”[24] Ou, se trocássemos os atores, a imagem do poeta, que pende dessa mesma força simbólica, “est-ce Satan, sacrificateur et victime de son infatigable messe noire, chantée à pleine voix dans un nombre

appréciable des plus belles pages de l'œuvre, des *Fleurs du mal à Tänhauser*?"[25]

Pode-se assim concluir, como o faz o ensaísta francês, que a ordem da perda é inelutável, tornando-se a exposição escandalosa e necessária, sem nenhum redentor ou verdadeira salvação. E eis-nos mais uma vez diante do conflito daquele dilemático Héautontimorouménos, que proclama:

Je suis la plaie et le couteau!
Je suis le soufflet et la joue!
Je suis les membres et la roue,
Et la victime et le bourreau!

Ou daquela fatalidade a que se refere Baudelaire em 'L'irrémédiable', ou seja, a de assumir silenciosamente seu destino no mal, nessa "conscience dans le Mal" que é sua própria lucidez, única e fáustica purificação de que é capaz o espírito daquele que se perdeu. É este o cenário em que transcorre o último ato do espetáculo levado à cena na ilha de Venus, esse Gólgota às avessas, sem salvação ou redenção:

Dans ton îIe, ô Vênus! je n'ai trouvé debout
Qu'un gibet symbolique où pendait mon image...
— Ah! Seigneur! donnez-moi la force et le courage
De contempler mon cœur et mon corps sans dégoût!

6

Baudelaire teria cerca de vinte anos quando começou a escrever os primeiros poemas de *As flores do mal*, "ce livre, dont le titre: *Fleurs du mal*" — escreve ele à mãe a 9 de julho de 1857 — "dit tout, est revêtu, vous le verrez, d'une beauté sinistre et froide; il y a été fait avec fureur et patience. D'ailleurs, la preuve de sa valeur positive est dans tout le mal qu'on en dit. Le livre met les gens en fureur."[26] Quando da segunda edição, em 1861, volta ele a escrever a Mme Aupick para lhe dizer: "Pour la première fois de ma vie, je suis presque content. Le livre est presque bien, et il restera, ce livre, comme témoignage de mon dégoût et de ma haine de toutes choses."[27] Mas é numa carta a Ancelle, em fevereiro de 1866, pouco antes da crise fatal em Namur e da perda definitiva da

escrita e da palavra, que Baudelaire mais sincera e furiosamente se expressaria sobre a sua obra. Diz ele ao notário de Neuilly: “Faut-il vous dire, à vous qui ne l’avez pas plus deviné que les autres, que dans ce livre atroce j’ai mis tout mon cœur, toute ma tendresse, toute ma religion (travestie), toute ma haine?”[28] E nessa mesma carta, a desolada e lúcida premonição: “*Les fleurs du mal*... On commencera peut-être à les comprendre dans quelques années.”

Bastariam talvez esses textos de sua imensa correspondência — nos quais se supõe haja sido o poeta mais sincero do que em quaisquer outros — para chegar a algumas conclusões definitivas sobre o autor e sua obra. Como aí se pode ver, Baudelaire jamais teve pressa em publicar seus poemas, que foram escritos, reescritos, provavelmente destruídos, fundidos, refundidos, entalhados, polidos e esmerilhados ao longo de 27 anos, durante os quais amadurece sua concepção estética. Baudelaire, como já se disse, é artista ao máximo grau de lucidez e consciência. Dessas cartas infere-se também a melancólica certeza, por parte do poeta, de que sua obra não seria logo reconhecida. E nem poderia sê-lo numa sociedade e numa época que se apegavam apenas aos juízos oficiais e na qual a palavra de Hugo — que, digam o que disserem, reconheceu de pronto o gênio de Baudelaire — tinha força de lei. E vê-se afinal que o poeta não se furta à circunstância de que o insólito perfume dessas ‘‘fleurs maladives’’, como ele próprio admite na dedicatória a Gautier, deixaria “les gens en fureur”, custando-lhe até mesmo a interdição de seis poemas — as chamadas “pièces condamnées” — pelo tribunal Correcional de Paris, sob a ridícula alegação de que feriam a moral e os bons costumes.

Por outro lado, como poderia a França de sua época — ou, mais ainda, o espírito francês da primeira metade do século XIX — tolerar o que deles dizia Baudelaire? Não foi ele afinal que, na carta acima citada, disse a Ancelle: “Vous avez été assez enfant pour oublier que la France a horreur de la poésie, de la vraie poésie”? E pouco adiante: “Excepté Chateaubriand, Balzac, Stendhal, Mérimée, de Vigny, Flaubert, Banville, Gautier, Leconte de Lisle, toute la racaille moderne me fait horreur. Vos académiciens, horreur. Vos libéraux, horreur. Le vice, horreur. Le style coulent, horreur. Le progrès, horreur. Ne me parlez plus jamais des diseurs de riens.” E não foi ele, ainda, que, no fragmento LXIII de *Mon cœur mis à nu*, disse do francês que era ‘‘un animal de basse-cour si bien domestiqué qu’il n’ose franchir aucune palissade”? Ou que “l’ordure ne lui déplait pas, dans son domicile, et en littérature, il est scatophage”? Se já em si

mesmas de problemática aceitação em qualquer parte dessa Europa da primeira metade do século XIX, toda ela contaminada pela agonia do romantismo, como poderiam *As flores do mal* ser bem recebidas pelo austero e discricionário regime de Napoleão III, ao qual até mesmo Hugo preferiu o exílio? É o caso de se pensar que, já escolhido pela posteridade, dela fez Baudelaire sua morada em vida por não suportar a hiprocrisia e o irrespirável prosaísmo do espírito francês.

Ocorre que é precisamente por aí que se inicia o percurso revolucionário de *As flores do mal*. É o que entende pelo menos Valéry quando afirma que Baudelaire ‘‘a réagi très heureusement contre la tendence ao prosaïsme qui s’observe dans la poésie française depuis le milieu du XVIIIe siècle”[29]. Acima de qualquer outro, é Baudelaire que antecipa não apenas os temas, mas também todo o *processo* estético da poesia moderna. Como diz ainda Valéry, as “*Fleurs du mal* ne contiennent ni poèmes historiques ni légendes; rien qui repose sur un récit. On n’y voit point de tirades philosophiques. La politique n’y parait point. Les descriptions y sont rares, et toujours *significatives.* Mais tout y est charme, musique, sensualité puissante et abstraite... Luxe, forme et volupté.”[30] Fiel ao que defende Poe em *Poetic principle*, Baudelaire, à exceção de uma meia dúzia de composições, expurgou também de seu *récueil* o poema longo, esse adiposo poema longo tão ao gosto dos romanticos, tendo sido ainda, como outra vez sublinha Valéry, aquele “à qui nous devons ce retour de notre poésie vers son essence, et aussi l’un des premiers écrivains français qui se soient passionnément intéressés à la musique proprement dite”.[31]

Vejamos agora, ainda que precariamente, em que consistem a arte do verso baudelairiano e a concepção de poema que nos propõe o autor. Para que isso seja ao menos em parte compreendido, levemos em conta o que aqui já se disse relativamente às principais fontes literárias que informam *As flores do mal*. Quem quiser entender esse verso apenas à luz do que ele deve ao *Poetic principle* de Poe, sobre o qual já nos detivemos, não o entenderá. O verso baudelairiano tem suas raízes mais fundas em outro substrato, isto é, nos textos dos escritores latinos, nas propostas estéticas da Pléiade, na *Ars poetica* de Boileau e, acima de tudo, na obra de Racine, em quem subjaz, pelo menos, uma *imagem* de Boileau. Embora de formação romântica e tendo os olhos sempre voltados para a modernidade — da qual, aliás, é um dos precursores —, Baudelaire é escritor de linhagem clássica, ou seja, aquele que, como sublinha Valéry, “*porte un critique en soi-même, et qui l’associe intimement à ses*

travaux”.[32] (Não esqueçamos, além disso, a irrecusável verdade de que “todo classicismo pressupõe um romantismo anterior.”) Sua linguagem sóbria e cristalina, sua sintaxe sem rodeios e seu estilo conciso e elegante são frutos das melhores tradições da língua francesa e, como todo francês culto, paga ele tributo ao racionalismo e à austeridade da *clarté*. As vertentes da arte de Baudelaire estão assim muito mais próximas do século XVII do que se pensa.

Segundo supomos, são tais vertentes em grande parte responsáveis pela obsessiva lucidez do poeta, por sua visceral aversão aos transbordamentos retóricos e ao desleixo estilístico dos românticos. Acrescente-se ainda que Baudelaire policiou até a própria extensão de seu cânon poético: *As flores do mal*, seu único livro de poesia — e não há como não denunciarmos aqui uma outra e dramática redução — soma apenas 166 poemas, aos quais, se quiserem, poderíamos ajuntar o magro legado dos primeiros versos, dos *vers retrouvés* ou das *Amoenitates Belgicae*, que reúnem a poesia epigramática e os versos de circunstância que nos deixou o autor. Tudo isso não é nada, ou quase nada, diante do monumento de *As flores do mal*. Seria válido, portanto, concluir a partir daí que Baudelaire escreveu pouco? Teria escrito *pouco* — como insinua Jean-Paul Sartre[33] em sua súmula idiossincrásica e irritada sobre o poeta — quem escreveu e reescreveu incontáveis vezes esses 166 poemas? Quantas versões de um mesmo poema ou talvez de um único verso terá escrito Baudelaire? Não lhe custaram *As flores do mal* toda a trágica e penosa existência? Que ninguém se iluda: Baudelaire escreveu muitíssimo, talvez tanto quanto qualquer outro cujas exigências de concisão e economia não fossem as suas. A única diferença é que somente publicou o que lhe parecia digno de seu gênio. E mais uma vez acertou.

O verso baudelairiano — esse alexandrino impecável e infinito, cuja ondulante *durée* se prolonga para além dos limites físicos da palavra — envolve um mistério jamais de todo decifrado. Baudelaire surpreende a cada instante, e essa eterna e mágica surpresa deve muito ao sortilégio resultante das tensões que se polarizam em seu verso. E cabe aqui recordar o que sabiamente registra a propósito Valéry: “Il y a dans les meilleurs vers de Baudelaire une combinaison de chair et d’esprit, un mélange de solennité, de chaleur et d’amertume, d’éternité et d’intimité, une alliance rarissime de la volonté avec l’harmonie, qui les distinguent nettemente des vers romantiques comme ils les distinguent nettemente des vers parnassiens.”[34] Como o teria conseguido Baudelaire?

Talvez porque intuísse que o significado das palavras não lhe seria o bastante. Era preciso que as animassem as ‘‘opérations magiques” e a “sorcellerie évocatoire”, como ele próprio nos sugere em suas notas, a fim de que se lhes pudessem explorar os sons, as formas, as cores. Para Baudelaire, como salienta Ernest Raynaud, “le vers est comme une formule d’incantation qui obéit à des lois mistérieuses, mais inflexibles, que le poète doit retrouver d’instinct, par un privilège spécial de sa nature. Rien ne doit être abandonné ao caprice ou au hasard”.[35]

Já deixamos claro anteriormente por que o verso baudelariano não se confunde com o dos românticos. Tentemos agora, ratificando a distinção de Valéry, esclarecer por que o poeta não pode ser incluído entre os parnasianos e em que sentido entendia ele a tão controversa teoria da “arte pela arte”, que adquire em seus poemas uma profundidade e uma práxis inteiramente alheias à rígida ortodoxia operacional de um Gautier ou de um Banville. Quanto à primeira questão, chega a causar estupor o fato de certos críticos — e muitos o fizeram — aproximarem Baudelaire do parnasianismo, que, como acentua Valéry, “ne fut pas excessivement tendre”[36] ao poeta. O soneto baudelairiano, cujas ‘imperfeições’ constituem um capricho característico da poesia do autor, ignora as regras tanto da Pléiade quanto do Parnaso, que só foram estritamente observadas em cinco deles: ‘Parfum exotique’, ‘Sed non satiata’, ‘Le cadre’ (*Un fantôme*, III), ‘Le possédé’ e ‘La lune offensée’. Todo o resto é transgressão, lúcida e consciente rebeldia a uma forma que em tudo lhe parecia reduzir-se apenas a uma forma, um calabouço contra o qual se insurge o poeta a ponto de haver escrito todo um soneto em dísticos rimados, como é o caso de ‘Sur le *Tasse en prison* d’Eugène Delacroix’, ou de inverter a ordem dos quartetos e tercetos, como ocorre em ‘L’avertisseur’. E se Baudelaire recorreu amiúde a essa forma poética, fê-lo em nome antes de um sábio e lucrativo exercício de concisão expressiva do que, a rigor, de uma imposição estilística, talvez porque, como ele próprio o confessa em carta enviada ao crítico lionês Armand Fraisse a 18 de fevereiro de 1860, a forma do soneto “est contraignante, l’idée jaillit plus intense”. E acrescenta: “Tout va bien au Sonnet, la bouffonerie, la galanterie, la passion, la revêrie, la méditation philosophique. Il y a là la beauté du métal et du minéral bien travaillés.” Discípulo de Poe, diz ele adiante: “Quant aux longs poèmes, nous savons ce qu’il en faut penser; c’est la ressource de ceux qui sont incapables d’en faire de courts.” E remata: “Tout ce qui dépasse la longueur de

l’attention que l’être humain peut prêter à la forme poétique n’est pas *un* poème.”[37] E dizer, como já se disse ao enjôo, que Baudelaire escreveu apenas para si! Ou que, cônscio ao delírio da viabilidade de um poema, pudesse contentar-se com o que preconizavam os parnasianos, esses “diseurs de riens” que lhe inspiravam somente horror e desprezo.

Muito semelhantes são as distinções que se podem fazer relativamente aos vínculos entre Baudelaire e o conceito da “arte pela arte”. E aqui também causa espanto que se haja pretendido o poeta como seu defensor. Bastaria este pequeno trecho sobre a Escola Pagã, em *L’art romantique*, para desmenti-lo: “Le goût immodéré de la forme pousse à des désordres monstrueux et inconnus. Absorbées par la passion féroce du beau, du drôle, du joli, du pittoresque, car il y a des degrés, les notions du juste et du vrai disparaissent. La passion frénétique de l’art est une chancre qui dévore le reste.” E logo adiante: “La folie de l’art est égale à l’abus de l’esprit.” Como poderiam as “defeituosas perfeições” da poesia baudelairiana justificar a adesão do autor à arte pela arte? Contrariamente ao que sustentavam Gautier e Banville, Baudelaire jamais cogitou de que a poesia pudesse bastar-se a si mesma e, em lugar de uma estética do Belo, caberia até atribuir-se-lhe a criação de uma estética do Feio, que lhe embasa essa moderníssima liberdade de dizer tudo em poesia. E Baudelaire, mais do que qualquer outro, foi quem conferiu todo o sentido metafísico que faltava à poesia musical e muitas vezes vazia de Poe. Muito mais do que este, foi também Baudelaire que lhe concretizou o sonho de libertar o verso de todos os elementos narrativos e didáticos que até então o poluíam, lançando assim os fundamentos da poesia moderna.

Convém, pois, distinguir aqui entre a aversão baudelairiana pelo interesse exclusivo que o artista confere à sua arte e a firme disposição de permanecer esse artista atento apenas àquilo que a ela intrinsecamente concerne. É essa distinção que leva Jean Massin a ponderar: “Jamais il n’a considéré la poésie comme étrangère et transcendante à la condition humaine; il a revendiqué pour elle l’indépendance d’exercice qui lui est nécessaire, et il l’a revendiquée en termes parfois abusifs.”[38]

Com Baudelaire, a poesia volta a ser, como no tempo dos gregos, uma manifestação divina, um êxtase da alma. Mas essa alma é sobretudo humana, filha da tensão e da contradição. Daí o caráter a um tempo divino e infernal da beleza, como se lê em ‘Hymne à la beauté’:

Viens-tu du ciel profond ou sors-tu de l'abîme,
O Beauté? ton regard, infernal et divin,
Verse confusément le bienfait et le crime,
Et l'on peut pour cela te comparer au vin.

Daí também, todavia, a possibilidade que têm esses mesmos sentimentos humanos de se eternizarem platonicamente através de sua forma e de sua essência divina, de perdurarem para além de toda a caducidade e contingência fenomênicas, de tudo aquilo que jamais se poderá reduzir à orgia dos vermes em meio à putrefação de 'Une charogne':

Alors, ô ma beauté! dites à la vermine,
Qui vous mangera de baisers,
Que j'ai gardé la forme et l'essence divine
De mes amours decomposés!

Como se observou anteriormente, o verso baudelairiano, apesar de tudo o que ele expressa em termos de estrita consumação sintático-verbal, deve muito à música e, mais ainda, à pintura. Não foi à toa que Baudelaire se consagrou como o maior crítico musical e de artes plásticas de seu tempo. Não há dúvida de que essa preocupação musical está intimamente relacionada às exigências do ritmo, que é, sabemos todos, o elemento que nos leva a distinguir, mais de um ponto de vista estrutural do que formal, entre a poesia e a prosa. Há, pois, em Baudelaire, como muito mais tarde se veria em Eliot, um vivo interesse por essa "music of the poetry". Convém salientar, todavia, que, se de um lado a música lhe serve de via de acesso a uma forma de êxtase — como se vê no poema 'La musique', cujo título primitivo não sem razão era 'Beethoven' —, de outro lhe fornece os dados racionais e numéricos da noção de espaço. "La musique donne l'idée de l'espace. Tous les arts plus au moins, puisqu'ils sont *nombre* et que le nombre est une traduction de l'espace", escreve ele no fragmento LXXI de *Mon cœur mis à nu*. Essa visão matemática, por assim dizer pitagórica, do fenômeno musical surge ainda mais clara numa passagem de *Les paradis artificiels*, no qual se lê: "Les notes musicales deviennent des nombres, et si votre esprit est doué de quelque aptitude mathématique, la mélodie, l'harmonie écoutée, tout en gardant son caractère voluptueux et sensuel, se transforme en une vaste opération arithmétique."

Não obstante, como todo poeta de formação romântica, Baudelaire acreditava

que a música poderia libertar o artista da tirania do objeto, estabelecendo assim uma espécie de onírica indiferenciação e conservando intacta ao menos uma parte do indefinido. E embora tenha ele nos afirmado, como já se viu, que a música “ne contient pas par elle-même les idées”, admitiu depois que ela pudesse sugerir pensamentos. De qualquer forma, Baudelaire jamais permitiu que a música lhe adulterasse os elementos de um discurso que, por ser poético, é também estritamente verbal, constituído apenas de palavras, e não de idéias, como ensinaria depois Mallarmé. É possível até que Baudelaire tenha sentido muito de perto a ameaça da música aos fundamentos estéticos de sua poesia, mas afinal a conjurou, ou conservou-a sob cauteloso controle. Quanto a essa ameaça, observa Georges Blin: “L’audace prométhéenne des foudres de Wagner révéla au poète un chemin pour se perdre: il ne se perdit point.”[39] Tal descaminho ficaria por conta de dois de seus herdeiros: Verlaine, cuja poesia se reduz não raro a uma embriaguez musical, e Mallarmé, cuja “musique des silences” não poderia ser tolerada por um idealista que jamais recusou a presença da matéria e que não reconhecia na indeterminação nenhum caráter positivo.

Tanto quanto à música, o verso baudelairiano paga tributo à pintura, o que nos é confirmado ainda por Georges Blin quando escreve que “le Nouveau-Monde baudelairien reste singulièrement pictural, dangereusement coloré”.[40] Não fora ele o primeiro a alardear as qualidades do gênio colorista de Delacroix, cujas telas estão banhadas no difuso e luminoso cromatismo dos mestres venezianos. Mas também aqui permanecem muito nítidas as fronteiras entre o que é intelectual e pictural, pois, como o próprio poeta admite, o som e a cor são “impropres à traduire des idées”. Não obstante, pode-se falar, no caso de Baudelaire, de uma arte visual cujas raízes, como pretende Stanislas Fumet, estariam no culto das imagens, dessas imagens que ele glorifica na infância, qualificando-as como “ma grande, mon unique, ma primitive passion”. Muito depois, em *Salon de 1846*, em sua análise do problema da cor, diz Baudelaire: “Cette grande symphonie du jour, qui est l’éternelle variation de la symphonie d’hier, cette sucession de mélodies, où la variété sort toujours de l’infini, cet hymne compliqué s’appelle la couleur.” Os textos são claros. Ao contrário de Rimbaud, que iria colorir as vogais em célebre soneto, Baudelaire pretendia apenas estabelecer uma forma de percepção que lhe permitisse fundar uma analogia entre as distintas manifestações do gênio artístico, uma sensibilidade espiritual que, através da faculdade suprema da imaginação, intuísse “en dehors

des méthodes philosophiques, les rapports intimes et secrets des choses, les correspondances et les analogies", como ele próprio nos diz em suas *Notes nouvelles sur Edgar Poe*. Observe-se afinal que o conceito baudelairiano de beleza se situa hieraticamente para além dos elementos plásticos ou musicais que lhe inervam muitos versos. É ele que, pela boca da beleza, proclama em 'La beauté':

Je suis belle, ô mortels! comme un rêve de pierre.

E que, alheio à turbulência das cores e dos traços, *odeia* "le mouvement qui déplace les lignes".

A revolução promovida pelo verso baudelairiano não se opera propriamente no nível da língua. A linguagem de Baudelaire obedece a critérios canônicos, à ortodoxia da *clarté*, e nenhuma dificuldade oferece no plano da leitura. Nutrido, e muito bem nutrido, pelos poetas latinos e os grandes autores franceses do século XVII, em particular Racine, é neles que Baudelaire irá buscar a concisão e a elegância de seu estilo, que chega mesmo a exumar as *inversões* fraseológicas contra as quais se insurgiram os românticos. Há versos de Baudelaire que se diriam racinianos, não fora a funda e inconfundível marca de seu gênio, como estes dois, para ficar apenas neles, pertencentes a 'Les chats':

L'Érèbe les eût pris pour ses couriers funèbres
S'ils pouvaient au servage incliner leur fierté.

Observa-se no poeta, todavia, uma preocupação musical que falta ao verso clássico, quase sempre comprometido com a eloqüência e o afã analítico. Ou, em outras palavras, há no verso baudelairiano, como acentua André Gide, "un choix certain de l'expression, dicté non plus seulement par la logique et qui échappe à la logique, tout ce qui permet au poète musicien de fixer pour nous l'émotion essentiellement indéfinissable".[41] É isso também o que nos diz Henri Dérieux quando sustenta que "Baudelaire marque le point poétique où la plastique se conjugue avec la musique pour créer à l'égale distance de la peinture et de la musique un langage nouveau, le langage essentiel de la poésie."[42]

O verso de Baudelaire é sempre lento, grave, solene, um alexandrino que parece não ter fim e que ondula majestoso segundo as leis de um ritmo próprio e inconfundível, não raro semelhante ao das litanias da decadência latina. Fiel à cesura — seja ela masculina ("Je suis comme le r*oi* d'un pays pluvieux") ou

feminina (“Je pense à mon grand cygn*e*, *a*vec ses gestes fous”) —, esse alexandrino se vale ainda de uma copiosa gama de recursos técnicos e estilísticos, como o das rimas internas (“Tu *fait* l’*effet* d’un b*eau* vaiss*eau* qui prend le large”), de um hábil jogo de rimas graves e agudas, típico da ordem clássica francesa (“Quand, les deux yeux fermés, en un soir chaud d’aut*omne*, / Je respire l’odeur de ton sein chaleur*eux*, / Je vois se dérouler des rivages heur*eux* / Qu’éblouissent les feux d’un soleil monot*one*”), das aliterações (“La *r*ue assour*d*issante autou*r* de moi hur*l*ait”) ou das *chevilles* (“Entends, ma chère, *entends* la douce Nuit qui marche”), além das insólitas “perfeições defeituosas” das quais, como muitíssimo bem observa Guilherme de Almeida, foi Baudelaire assíduo e exímio usuário. Tais expedientes, jamais utilizados de forma gratuita pelo poeta, conferem a seu verso uma maleabilidade e fluidez extremas. Acrescente-se ainda que, mesmo quando Baudelaire recorre aos metros curtos, como as redondilhas maior e menor — o que é raríssimo —, pode-se perceber essa *durée* infinita. É o que ocorre, por exemplo, em ‘L’invitation au voyage’:

Mon enfant, ma soeur,
Songe à la douceur
D’aller là-bas vivre ensemble!
Aimer à *loisir,*
Aimer et mourir
Au pays qui te ressemble!

Quanto ao octossílabo, muito freqüente em *As flores do mal*, ninguém ignora que é verso característico da língua francesa e, como no caso do alexandrino, Baudelaire o esgrimiu à perfeição.

Já se disse, e não sem razão, que Baudelaire é o mais *misterioso* de todos os poetas da literatura ocidental. E esse mistério apenas em parte pode ser decifrado. Parece não haver dúvida de que ele se instala a partir de um sistema de tensões, de um jogo de termos opostos sobre o qual aqui já se falou com base numa observação de Valéry e que nos é confirmado por diversos outros exegetas da poesia baudelairiana. Mas como o terá logrado Baudelaire em cada poema, em cada verso? Que sortilégio seria esse que se estabelece entre o *que* e o *como* da expressão poética e nos dá sempre a sensação do inefável, desse surpreendente e harmonioso amálgama entre emoção e rigor formal? Como pôde Baudelaire permanecer emocionado dentro de uma estrutura poética que a cada passo nos sugere a precisão de uma arte de joalheiro, de uma ourivesaria que

pressupõe a frieza extrema, o cálculo, a previsão inexorável, e que se manifesta, não obstante, como a mais pujante e pungente expressão de uma dor e de um júbilo sem limites? Estaríamos diante da consumação verbal do que é indizível? Teria Baudelaire realizado aquela mágica tarefa de levar a palavra às regiões que, como pretendia Rilke, a palavra não alcança? Teria ele, afinal, dado voz ao inexpresso?

Para todas essas perguntas cabe apenas uma única resposta: sim, ele o fez. E esse prodígio tem inúmeras explicações. E não tem nenhuma. Se assim o concluímos, é tão-somente porque não nos cabe — como não cabe a ninguém — sustentar que a gênese e a evolução de determinado processo poético sejam passíveis de demonstração nos mesmos termos em que o são a mecânica celeste ou a física quântica. E ademais desconhecemos se até hoje foi possível a alguém obter um poema *in vitro* ou reproduzi-lo *ad infinitum* em condições de laboratório. Aceite-se, pois, se possível com humildade — que é a suprema instância da sabedoria — , esse intangível enigma que preside a criação poética, como qualquer outra de que seja capaz o espírito humano, e conjure-se de vez essa entorpecente preguiça que levou Voltaire a hostilizar o mistério, como se, por insondável, devesse ser ele proscrito do mundo da razão. Sobre esse prosaico François-Marie Arouet, aliás, diz Baudelaire no fragmento XXX de *Mon cœur mis à nu*: “Voltaire, comme tous les paresseux, haïssait le mystère.” O que era antes um mal do próprio espírito francês. E sobre ambos escreve o poeta no fragmento anterior: “Je m’ennuie en France, surtout parce que tout le monde y ressemble à Voltaire.”

As flores do mal ostentam ainda um outro pólo de hipnótico magnetismo: o de sua riquíssima temática e, dentro dela, a obsidiante reiteração de motivos que se poderiam definir como cíclicos. E não seria justo passar ao largo do assunto. O primeiro grande tema baudelairiano é o da Queda, da nódoa do pecado original, da expulsão do Paraíso, que em tudo se assemelha ao abismo pascaliano e que levou o poeta a uma visão religiosa situada a meio caminho do jansenismo e do martinismo. O reconhecimento desse abismo é muito claro no fragmento LXXXVII de *Mon cœur mis à nu*: “Au moral comme au physique, j’ai toujours eu la sensation du gouffre, non seulement du gouffre du sommeil, mais du gouffre de l’action, du rêve, du souvenir, du désir, du regret, du remords, du beau, du nombre etc.” E mais claro ainda se torna em muitos de seus poemas, como em ‘Le gouffre’, onde nos diz o autor que

Pascal avait son gouffre, avec lui se mouvant.

— Hélas! tout est abîme, — action, désir, rêve,
Parole! et sur mon poil qui tout droit se relève
Maintes fois de la Peur je sens passer le vent.

Ou em ‘Duellum’, onde se lê que
— Ce gouffre, c’est l’enfer, de nos amis peuplé!

Ou, mais ainda, nos dois versos finais de ‘Le voyage’:
Plonger au fond du gouffre, Enfer ou Ciel, qu’importe?
Au fond de l’Inconnu pour trouver du nouveau*!*

Não custa deduzir que esse abismo se encontra intimamente ligado à noção de caos do pensamento grego. Platônico, Baudelaire não chegou a conceber a idéia cristã de eternidade, e seu abismo é um abismo de existência que, como anteriormente foi dito, em nada nos lembra o *abyssus infinitudinis* dos místicos. E vamos encontrá-lo ainda em poemas como ‘Hymne à la beauté’, ‘De profundis clamavi’, ‘Le possédé’, ‘Le tonneau de la haine’, ‘Le goût du néant’, ‘Horreur sympathique’, ‘L’irrémédiable’, ‘L’horloge’, ‘Le jeu’, ‘Les plaintes d’un Icare’, ‘Les femmes damnées’ e ‘Sur le *Tasse en prison* d’Eugène Delacroix’.

Intimamente associado ao tema do abismo está o da ânsia do infinito e do desconhecido, que, como o anterior, ignora a idéia cristã de eternidade. E a busca desse infinito também nos remete à Queda, ao expurgo do Éden terrestre, como se pode ver em ‘Horreur sympathique’:

— Insatiablement avide
De l’obscur et de l’incertain,
Je ne geindrai pas comme Ovide
Chassé du paradis latin.

A verdade, porém, é que Baudelaire não vê esse infinito como algo indeterminado, e sim, como ele próprio escreve a propósito de Delacroix em ‘Le salon de 1845’, incluído nas *Curiosités esthétiques*, enquanto “l’infini dans le fini”. Há por assim dizer uma participação estética que, como observa Georges Blin, “réintroduit la matière comme objet de l’Un, la passivité comme figure de la plénitude, la donnée comme trace de l’individuel dans l’universel, l’afféction comme garantie d’achèvement”.[43] É essa participação que confere uma

dignidade imperativa à originalidade de cada indivíduo, fazendo com que, por um excesso de ambição, a ânsia de infinito se incline à dissolução. Por outro lado, insiste Blin, essa mesma participação realiza "l'infini en le plaçant dans la perfection et non pas au terme d'une conquête indeterminée qui resterait sans prise comme sans objet."[44]

O amor constitui outro importante segmento temático do mosaico baudelairiano. Muito já se insistiu sobre a incapacidade de Baudelaire para o amor, e não deixam de ter razão aqueles que assim o entendem, pois a máscara estóica do dândi jamais permitiu que o poeta o fruísse em plenitude. Em virtude de suas relações ambígüas e mesmo teóricas com a religião, Baudelaire não conheceu o amor da comunhão e da *pietà* cristãs. E certo também que seu amor por Apollonie Sabatier e pela atriz Marie Daubrun nada mais foi do que uma fantasia platônica, embora para ambas haja ele escrito alguns de seus mais comovidos poemas. E é certo, ainda, que sua tempestuosa paixão por Jeanne Duval — que lhe inspirou, igualmente, talvez os mais altos poemas de amor de toda a literatura de língua francesa — não passa do reverso de uma mesma moeda: a Vênus negra simboliza tudo o que Baudelaire desejaria que sua mãe não fosse, mas que acabou por vir a ser a partir do momento em que o *traiu* com o general Aupick. É pertinente o que sustenta a propósito Pierre Emmanuel: "De là vient sans doute son incapacité d'aimer totalement aucune femme: comme son existence, son être est contradictoire, chair et esprit exilés. Il se prostitue à Jeanne Duval comme il voit sa mère prostituée à Aupick."[45] E se perde assim para sempre a identidade simbólica dessa mãe idolátrica, *Virgo Mater.*

Nada disso, entretanto, fará com que Baudelaire deixe de amar sua mãe. "J'étais toujours vivant en toi; tu étais uniquement à moi", escreve ele aos quarenta anos a Mme Aupick, a quem confidencia ainda: "toi le seul être a qui ma vie est suspendue". O amor recalcado de Baudelaire pela mãe leva-o a um permanente e idílico retorno à infância, ao paraíso do qual foi expulso após a chegada do padrasto, impedindo-lhe assim a maturação afetiva. Na ausência de Aupick, o poeta se encontra às escondidas com a mãe, como se o fizesse com uma de suas amantes, a mais problemática e desejada dentre todas as amantes. O amor baudelairiano vê-se assim comprometido com esse cordão umbilical que jamais será rompido, e talvez mais alto do que os poemas dedicados a Jeanne, a Apollonie ou a Marie falem as linhas desta assombrosa carta de amor passional enviada a Mme Aupick a 6 de maio de 1861: "Nous sommes évidemment

destinés à nous aimer, à vivre l'un pour l'autre, à finir notre vie le plus honnêtement et le plus doucement qu'il sera possible. Et cependant, dans les circonstances terribles où je suis placé, je suis convaincu que l'un de nous deux tuera l'autre, et que finalement nous nous tuerons réciproquement."[46] As lutas do Héautontimorouménos, a que se refere Georges Blin em seu arguto ensaio, têm aí sua origem. O amor para Baudelaire será sempre uma imagem do terrível convívio, às vezes na alma de uma mesma pessoa, entre o carrasco e o algoz. E em uma de suas duas últimas cartas à mãe, datada de 8 de agosto de 1864, o poeta a ela se dirige como "l'être unique que j'aime". E não há como esquecermos os dois versos iniciais de 'De profundis clamavi':

J'implore ta pitié, Toi, l'unique que j'aime,
Du fond du gouffre obscur où mon cœur est tombé.

Mas quem seria a *única*? Jeanne Duval ou a mãe? Ou ambas?

Poucos poetas franceses mantiveram tão assíduo e estreito convívio com a morte quanto Baudelaire, e esse é um dos temas capitais de *As flores do mal.* Intimamente associada à problemática do tempo, que lhe é contígua e com a qual amiúde se funde, a morte está presente do primeiro ao último poema da coletânea. Assim é que se lê já em 'Au lecteur':

Serré, fourmillant, comme un million d'helminthes,
Dans nos cerveaux ribote un peuple de Démons,
Et, quand nous respirons, la Mort dans nos poumons
Descend, fleuve invisible, avec de sourdes plaintes.

E aqui, mais uma vez, a Queda desempenha o papel principal. A morte, como a vê Baudelaire, não se resume a um fim: é apenas um acidente da Queda. No que toca ao supranaturalismo da condição *post-mortem*, sabemos todos que Baudelaire tem dois mestres, Edgar Poe e Swedenborg, para os quais a alma, não corroída pela morte, leva uma existência fetal, até que o corpo seja de todo destruído: dele então liberta, a alma volta à sua autonomia. Como recorda Pierre Emmanuel, esse estádio de crisálida nos é descrito ainda em *The colloquy of Monos and Una*, de Poe, de quem, como se disse, Baudelaire se considerava discípulo. Monos relata a Una as etapas de uma espera que, passando por graus de consciência cada vez mais rarefeitos, os levará a uma ressurreição comum, pois estão ambos ligados, como seus próprios nomes indicam, por uma eleição

eterna. E é essa a idéia que Baudelaire consubstancia através da turbulenta e dolorosa reciprocidade que o une a Jeanne Duval, como se pode ver nessa imagem dos “miroirs jumeaux” no segundo quarteto de ‘La mort des amants’:

Nos deux cœurs seront deux vast flambeaux,
Qui réfléchiront leurs doubles lumières
Dans nos deux esprits, ces miroirs jumeaux.

Percebe-se ainda que, condenado terraqueamente a Jeanne como “le forçat à la chaîne”, Baudelaire a ela se unirá na eternidade por um outro vínculo, já de natureza mística e fraterna, pois, como se lê em ‘Semper eadem’, justamente um dos poemas que integram o ciclo amoroso de Jeanne Duval, mais ainda do que a vida,

La Mort nous tient souvent par des liens subtils.

“Dans la mythologie de Baudelaire”, assinala Pierre Emmanuel, “la Mort (avec majuscule) apparait non comme un passage, mais comme un *lieu.*” [47] Esse lugar, como diz o próprio poeta no poema em prosa que leva o título de ‘Anywhere out of the world’, é um “point d’engourdissement” que se faz acompanhar de uma viva consciência da Queda, mergulhando o poeta numa nostalgia infinita. Conclui-se assim que as regiões análogas à morte nada mais são do que sonhos paradisíacos. É isso precisamente o que nos insinua Baudelaire nas duas últimas estrofes de ‘Le voyage’:

Ô Mort, vieux capitaine, il est temps! levons l’ancre.
Ce pays nous ennuie, ô Mort! Appareillons!
Si le ciel et la mer sont noirs comme de l’encre,
Nos cœurs que tu connais sont remplis de rayons!

Verse-nous ton poison pour qu ’il nous réconforte!
Nous voulons, tant ce feu nous brûle le cerveau,
Plonger au fond du gouffre, Enfer ou Ciel, qu’importe?
Au fond de l ’Inconnu pour trouver du nouveau*!*

Em seus últimos anos, porém, Baudelaire como que se recusa a aceitar a idéia da morte, pois que ela, como se lê em carta enviada à Mme Aupick a 1º de janeiro de 1865, “mettrait tous mes projets à néant, et parce que je n’ai éxecuté

encore le tiers de ce que j'ai à faire dans ce monde". Poemas como 'La rançon' e 'L'imprévu' anunciam o julgamento final, uma espécie de fim dos tempos, visão raríssima em Baudelaire. Esses textos, de indiscutível acento cristão — como o é também 'Bénédiction', escrito muitos anos antes —, não são, todavia, a tônica de *As flores do mal*, em que prevalece aquela idéia que nos sugere a existência de uma crisálida após a morte, de uma "vie antérieure" em que a alma poderia até fruir de episódicas transmigrações, como se lê, aliás, em 'La vie antérieure':

J'ai longtemps habité sous les vastes portiques,
Que les soleils marins teignaient de mille feux.

Ou, mas exemplarmente ainda, em poemas que nos evocam uma precária e incerta fronteira entre o mundo dos vivos e o dos mortos, à orla da qual Baudelaire aparece como médium de infinitas vidas anteriores. É o que nos lembra o último terceto de 'Obsession':

Mais les ténèbres sont elles-mêmes des toiles
Où vivent, jaillisant de mon œil par milliers,
Des êtres disparus aux regards familiers.

E é o que se lê, ainda, no segundo dos quatro 'Spleen', quando o poeta nos diz que seu "triste cerveau"

C'est une pyramide, un immense caveau,
Qui contient plus de morts que la fosse commune.
— Je suis un cimetière abhorré de la lune,
Où comme des remords se traînnent de longs vers
Qui s'acharnent toujours sur mes morts les plus chers.

Como já dissemos, a temática do tempo subjaz na da morte e com ela se confunde. É no transcurso do tempo que o eterno se degrada, trazendo consigo uma outra espécie de degradação: a da forma em matéria. O processo é constante na poética baudelairiana, que lhe explora amiúde os aspectos macabros da putrefação. Mas, como observa ainda Pierre Emmanuel, "si la matière est la dégradation de la forme, elle en demeure l'enigme; le cerveau-cimetière de *Spleen* est torjours le *sanctuaire sacré* où, selon Swedenbong, les relations entre l'homme et l'infini se poursuivent".[48] E, sendo assim, o tempo se configura em mais uma das vertentes da dor, que constitui o próprio reflexo da consciência

infeliz, sua inevitável imagem especular:

— Ô douleur! ô douleur! Le Temps mange la vie,
Et l'obscur Ennemi qui nous ronge le cœur
Du sang que nous perdons croît et se fortifie!

O tempo será sempre esse inimigo a quem cumpre enganar, quer o homem se mova, quer permaneça onde está, como se pode ler em 'Le voyage':

Faut-il partir? rester? Si tu peux rester, reste;
Pars, s'il le faut. L'un court, et l'autre se tapit
Pour tromper l'ennemi vigilant et funeste,
Le Temps!

Essa é a *lei* de um jogo que o tempo sempre "ganha sem trapacear". Compete ao homem não esquecê-la:

Souviens-toi *que le Temps est un jouer avide*
Qui gagne sans tricher, à tout coup! c'est la loi.

Sob a inexorável máscara de sua fatalidade cronológica, o tempo nada mais é do que este

Horloge! dieu sinistre, effrayant, impassible,
Dont le doigt nous menace et nous dit: ''Souviens-toi*!*

E que, reduzido à expressão extrema do segundo, três mil e seiscentas vezes por hora

Chuchote: Souviens-toi! — *Rapide, avec sa voix*
D'insecte, Maintenant dit: Je suis Autrefois,
Et j'ai pompé ta vie avec ma trompe immonde!

As imagens macabras da putrefação dão bem a idéia de como a forma se degrada na matéria, como se pode ver em 'Une charogne':

Les formes s'effaçaient et n'étaient plus qu'un rêve,
Une ébauche lente à venir,
Sur la toile oubliée, et que l'artiste achève
Seulement par souvenir.

Essa ação corrosiva do tempo pode ser observada ainda em muitos outros

poemas, como ‘Une gravure fantastique’, ‘Dance macabre’, ‘Le squelette laboureur’, ‘Le mort joyeux’, ‘Une martyr’, ‘Les sept vieillards’, ‘Les petites vieilles’ ou ‘Les métamorphoses du vampire’, nos quais as imagens da putrefação anunciam o espetáculo da forma em agonia, dessa forma que, no entanto, não será devorada pelo verme “qui vous mangera de baisers”, pois que o poeta conservará consigo

La forme et l’essence divine
De mes amours décomposés!

Já se disse que todo o platonismo de Baudelaire está nesses versos. Está neles, mais do que em quaisquer outros, a sua crença de que, como ele próprio afirma no fragmento LXXX de *Mon cœur mis à nu*, “toute forme creée, même par l’homme, est immortelle. Car la forme est indépendente de la matière, et ce ne sont pas les molècules qui constituent la forme.’’

O tempo nos leva assim ao caduco e contingente universo da multiplicidade fenomênica ou, em outras palavras, ao desolado abismo da Queda. E aqui mergulham as raízes de um dos mais característicos temas de *As flores do mal*: o do exílio. Diz Pierre Emmanuel que, em certo sentido, “le monde de l’exil n’est autre que le monde de l’unité dont pourtant il est l’invense”,[49] pois o que nele perdura é a reminiscência, ou seja, um fantasma que emerge da memória interior a que Baudelaire denomina “la faculté de revêrie” e à qual Swedenborg se refere como a “guardiã das lembranças não recolhidas pela memória exterior”. O platonismo baudelairiano nos parece aqui também muito evidente, pois as imagens de antro, de cova ou de sepulcro, de farta incidência em seus poemas, nada mais são do que uma réplica da concepção platônica daquela cripta cósmica que constituiria, ao mesmo tempo, um lugar de gênese e de reclusão. Liberta do tempo e do espaço, a eternidade subsiste apenas, como nos insinua o Mito da caverna, graças à recordação, essa recordação que, embora continuemos crucificados pelos cravos do tempo e do espaço, nos permite tangenciar aquele inefável estado dos anjos swedenbonguianos, que “não têm nenhuma noção nem nenhuma idéia do lugar e do espaço”, conquanto o céu se assemelhe em tudo ao mundo em que vivemos.

Particularmente em dois poemas, ‘L’albatros’ e ‘Le cygne’, o tema do exílio encontra, ao menos para nós, sua mais alta expressão poética na insólita imagem desse pássaro privado do espaço, dessa ave que se arrasta, “ridícula e sublime”,

entre as vicissitudes de um mundo que não é o seu. Poder-se-ia conceber imagem mais tangível e dramática da Queda, da expulsão do Paraíso, do que a desse majestoso e todavia impotente albatroz lançado às tábuas de um convés? Assim como esse albatroz "gauche et veule", antes "si beau", mas que agora é "comique et laid", o poeta "est semblable au prince des nuées":

Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêche de marcher.

Mais pungente ainda nos parece a imagem deste cisne

que s'était évadé de sa cage,
Et, de ses pieds palmés frottant le pavé sec,
Sur le sol raboteux traînait son blanc plumage.

E na Paris que se transforma haverá de persistir essa terrível lembrança na memónia do poeta:

Aussi devant ce Louvre une image m'opprime:
Je pense à mon grand cygne, avec ses gestes fous,
Comme les exilés, ridicule et sublime,
Et rongé d'un désir sans trêve!

Não foi decerto sem razão que Baudelaire grupou os 85 poemas incluídos no segmento inicial de seu livro sob o título antinômico de 'Spleen et idéal'. É sob o signo do antagonismo entre essas duas matrizes polares que se desenvolve o pensamento do autor: de um lado, o *spleen*, esse estado indefinível de uma angústia sem causa e que constitui a expressão suprema do tédio baudelairiano; de outro, a aspiração do poeta pelo absoluto e o infinito, cujo símbolo é o ideal. Quase todos os poemas dessa primeira parte, não obstante sejam muitos e distintos os assuntos por eles versados, tematizam essa dualidade, cujas origens, ainda uma vez, somente se podem atribuir à Queda, àquela expulsão do Paraíso a que tanto e tão enfaticamente já nos referimos. Há poemas que a exploram de forma por assim dizer paradigmática, como seria o caso justamente de 'L'idéal', em cujos quartetos se lê:

Ce ne seront jamais ces beautés de vignettes,
Produits avariés, nés d'un siècle vaurien,
Ces pieds à brodequins, ces doigts à castagnettes,
Qui sauront satisfaire un cœur comme le mien.

Je laisse à Gavarni, poète des chloroses,
Son troupeau gazouillant de beautés d'hôpital,
Car je ne puis trouver parmi ces pâles roses
Une fleur qui ressemble à mon rouge idéal.

Cria-se assim um permanente movimento de ascensão e queda cujas vertentes nos remetem a uma das mais famosas proposições de Baudelaire, a que ele nos faz no fragmento XIX de *Mon cœur mis à nu*: "Il y a dans tout homme, à toute heure, deux postulations simultanées, l'une vens Dieu, l'autre vens Satan." A poesia baudelairiana é, pois, como aliás aqui já se disse, o produto dessas duas solicitações da concupiscência e da graça, da ira infernal e da ternura divina, da carne e do espírito — enfim, do *spleen* e do ideal. Convém advertir, todavia, como o faz Jean Massin, que essa oposição não é "la resultante d'un parallélisme comme chez Verlaine, mais la traduction sincère d'une alternative, d'une oscillation entre les deux pôles du monde moral, l'histoire d'une guerre où se suivent les défaites et les victoires",[50] o dilemático testemunho de uma alma que não teve o heroísmo de renunciar à glorificação de suas falhas, mas que se recusou a modificar ou escamotear sua verdade profunda, em que tudo é leal e escrupulosamente exato e à qual uma obsidiante artesania não faz senão conferir maior frescura e espontaneidade.

O tema do tédio já se insinua no poema-dedicatória, onde, após enumerar os mais abjetos vícios e mazelas da alma humana, nos diz Baudelaire que

Il en est un plus laid, plus méchant, plus immonde!
Quoiqu'il ne pousse ni grands gestes ni grands cris,
Il ferait volontiers de la terre un débris
Et dans un bâillement avalerait le monde;

C'est l'Ennui — l'œil chargé d'un pleur involontaire,
Il rêve d'echafauds en fumant son houka.

O tédio baudelairiano parece advir do fato de que, tendo sido o poeta um homem de formação e de vocação cristãs, não conseguiu ele desviar os olhos da hipnótica vertigem da Queda, do "spectacle ennuyeux de l'immortel péché", como se lê em 'Le voyage'. Embora a idéia cristã de redenção não esteja de todo ausente de seu pensamento, Baudelaire não se *ausenta* o bastante de si próprio

para compreendê-la e, nos poemas que tematizam o *spleen*, chega-se mesmo à conclusão de que o autor dela sequer cogitou. Sua preocupação converge apenas para o pecado e todas as manifestações sobrenaturais lhe parecem irradiar-se antes do inferno do que do céu. “Chrétienne par son sens aigu du péché, la poésie de Baudelaire en de nombreux endroits n’est pas chrétienne cependant par un oubli désastreux de la Rédemption”,[51] nos alerta Massin.

Tudo conduz assim, como já se viu naquele espetáculo travestido da Paixão que é levado à cena na última estrofe de ‘Un voyage à Cythère’, a um mundo que desconhece o perdão, onde não há nem redentor nem salvação, onde a ubiqüidade do mal e a ubiqüidade do bem se superpõem e onde o joio e o trigo estão inextricavelmente associados. Nesses termos, não será difícil concluir que viver é um mal. É o próprio poeta que assim o admite quando nos diz, em ‘Semper eadem’, que

— Quand notre cœur a fait une fois sa vendange,
Vivre est un mal.

Condenado por sua própria má consciência, ou seja, pela “conscience dans le Mal”, Baudelaire como que se precipita prematuramente nesse mundo caduco que envelhece e que o envelhece, sem qualquer possibilidade de salvação ou redenção, nesse “país chuvoso” em que, solitário, ele reina como um soberano “rico, mas incapaz”, como alguém que ainda é “moço e no entanto idoso”:

Je suis comme le roi d’un pays pluvieux,
Riche, mais impuissant, jeune et pourtant trèis-vieux.

Nada o pode alegrar nem redimir, nem mesmo

Le savant qui lui fait de l’or n’a jamais pu
De sont être extirper l’élément corrompu,
Et dans ces bains de sang qui des Romains nous viennent,
Et dont sur leurs vieux jours les puissants se souviennent,
Il n’a su réchauffer ce cadavre hébété
0ù coule au lieu de sang l’eau verte du Léthé.

Extremamente importantes para a compreensão da modernidade de Baudelaire são, afinal, os temas urbanos explorados nos ‘Tableaux parisiens’, nos quais o poeta aparece como o grande precursor da cidade contemporânea, dessa

fervilhante “cité pleine de rêves”, de anúncios luminosos, de automóveis e de toda uma eufórica mas agônica *féerie* eletrônica. O autor se debruça aqui sobre a multidão parisiense, esse caótico e perplexo rebanho humano do qual, como agudamente observa Walter Benjamin, “Baudelaire n’oublie jamais la presence” e que, “pour lui, signifiait une clientèle, presque au sens antique du terme, la masse de son public”.[52] Benjamin vai mais longe ao admitir que, embora essa multidão não lhe tenha servido de modelo a nenhuma das obras, “elle a laissé sa marque secrète sur toute sa création”. É a partir dessas observações, aliás, que Benjamin elabora toda a sua teoria do choque relativamente à poética de Baudelaire, pois os golpes que ele ensaia se destinam a lhe abrir o caminho em meio à multidão, como ocorre em ‘Le soleil’, onde o poeta percorre os subúrbios parisienses como um esgrimista em busca dos versos e rimas “depuis longtemps rêvés”. Acrescenta Benjamin que, “en luttant contre la foule spirituelle des mots, des fragments, des débuts de vers, le poète, à travers les rues désertées, gagne à la ponte de l’épée son butin poétique”.[53]

Ao longo de todos esses ‘Tableaux parisiens’ adivinha-se a presença misteriosa da multidão, daquele “silencieux grouillement” pressentido por Hugo na Paris noturna. Como se convidada a uma dança macabra, a multidão compacta avança com seus esqueletos e espectros que abraçam o transeunte já agora em plena luz do dia:

Fourmillante cité, cité pleine de rêves,
Où le spectre, en plein jour, raccroche le passant!

Como nos diz ainda Benjamin, “ce qui fait l’héroïsme des femmes ratatinées, suivies tout aussitôt par le cycle des petites vieilles, c’est qu’elles se détachent de la grande masse, d’un pas que rien ne peut retenir, avec des pensées qui ne savent plus rient du présent. La foule était le voile mouvant; c’est à travers lui que Baudelaire a vu Paris’’.[54] E essa Paris, como anteriormente se disse, é o próprio inferno, razão pela qual Baudelaire já foi comparado a Dante e a Goethe, embora entre eles sejam muitas e flagrantes as distinções. Para Eliot, por exemplo, “Baudelaire’s inferno is very different in quality and significance from that of Dante. Truer, I think, would be the description of Baudelaire as a later and more limited Goethe’’.[55]

Por outro lado, cumpre entender, como nos sugere Jean Massin que esses ‘Tableaux parisiens’ constituem também o ciclo da compaixão de *As flores do*

mal. Atestam-no, entre outros, poemas como ‘Les sept vieillards’, ‘Les petites vieilles’, ‘Les aveugles’, ‘Crépuscule du soir’, ‘Crépuscule du matin’, ‘Le jeu’, ‘Le squelette laboureur’ e, acima de qualquer outro, este esplêndido e inigualável ‘Le cygne’, no qual Baudelaire sumaria e deplora o trágico destino de todos os miseráveis e anônimos exilados que deambulam sobre a face da Terra:

Ainsi dans la forêt où mon esprit s’exile
Un vieux Souvenir sonne à plein souffle du cor!
Je pense aux matelots oubliés dans un île,
Aux captifs, aux vaincus!... à bien d’autres encor!

Baudelaire inicia *As flores do mal* com um poema-prefácio no qual o leitor é não apenas convidado a contemplar o espetáculo da miséria e do tédio em que desde sempre esteve e para sempre estará em cena o gênero humano, mas também denunciado por sua própria e jamais assumida condição:

Tu le connais, lecteur, ce monstre délicat,
— Hypocrite lecteur, — mon semblable, — mon frère!

Esse leitor é assim introduzido num mundo em que, ao lado dos prodígios da imaginação e das supremas cristalizações da beleza, se verá face a face com todo o horror e a absurda gratuidade da existência. A esse leitor hipócrita, que lhe é todavia fraterno e semelhante, se dirige ainda uma vez Baudelaire num de seus últimos poemas, ‘Épigraphe pour un livre condamné’, que o próprio autor pensou incluir como prefácio à segunda edição de *As flores do mal.* Poeta da dor e do tormento humanos, Baudelaire nada nos pede aí além daquilo de que talvez sejamos, nós também, unicamente merecedores: piedade. Mas se não a concederes, leitor, será porque nem mesmo disso és digno. E só te cabe enfim a maldição.

Lecteur paisible et bucolique,
Sobre et naïf homme de bien,
Jette ce livre saturnien,
Orgiaque et mélancolique.

Si tu n’as fait ta rhétorique
Chez Satan, le rusé doyen,
Jette! tu n’y comprendrais rien,
Ou tu me croirais hystérique.

Mais si, sans se laisser charmer,
Ton œil sait plonger dans les gouffres,
Lis-moi, pour apprendre à m'aimer;

Âme curieuse qui souffres
Et vas cherchant ton paradis,
Plains-moi... Sinon je te maudis!

7

Baudelaire morreu a 31 de agosto de 1867, há pouco mais de 138 anos. Sua permanência nos quadros da poesia moderna, de que ele é — insistimos — o maior de todos os precursores, dá bem a medida da grandeza de sua obra, não apenas de seu legado como poeta, mas também de sua inestimável contribuição como esteta, como crítico literário, musical e de artes plásticas, e até mesmo como pensador. Sua influência, entretanto, vem declinando desde 1920, o que, para nós, só se pode atribuir à crescente miséria espiritual e intelectual em que mergulha a sociedade de nossos dias. Nada de estranho. O próprio Baudelaire o previra no fragmento XXII de *Fusées:* "Le monde va finir. La seule raison pour laquelle il pourrait durer, c'est qu'il existe. Que cette raison est faible, comparée a toutes celles qui annoncent le contraire... Ces temps sont peut-être bien proches; qui sait même s'ils ne sont pas venus?"

A influência de Baudelaire pode ser mais nitidamente rastreada ao longo da segunda metade do século XIX, quando a poesia moderna lança suas raízes definitivas. Na França, os três maiores poetas desse período — Verlaine, Rimbaud e Mallarmé — lhe devem quase tudo. Não surpreende assim que nos diga Valéry: "Ni Verlaine, ni Mallarmé, ni Rimbaud n'eussent été ce qu'ils furent sans la lecture qu'ils firent des *Fleurs du mal* à l'âge décisif." E logo adiante: "Tandis que Verlaine et Rimbaud ont continué Baudelaire dans l'ordre du sentiment et de la sensation, Mallarmé l'a prolongé dans le domaine de la perfection et de la pureté poétique."[56] Os três, aliás, o reconhecem: Verlaine, através de seus artigos e da homenagem que presta a Baudelaire em *Poèmes saturniens* e em *Poètes maudits;* Rimbaud, na carta que escreveu a 15 de maio

de 1871 a Paul Demeny, a quem diz que Baudelaire “est le premier voyant, roi des poètes, *un vrai Dieu*”; e Mallarmé, no soneto ‘Le tombeau de Charles Baudelaire’. Lembrem-se ainda os inúmeros depoimentos de seus contemporâneos, entre os quais Flaubert, Balzac, Barbey d’Aurevilly, Sainte-Beuve, Vigny, Gautier, Veuillot, Banville, Leconte de Lisle, Bourdin e, sobretudo, Victor Hugo, que, em célebre carta datada de 30 de agosto de 1857, lhe escreve: “J’ai reçu, Monsieur, votre lettre et votre beau livre. L’art est comme l’azur, c’est le champ infini: vous venez de le prouver. Vos *Fleurs du mal* éblouissent comme des étoiles. Continuez. Je crie bravo! de toutes mes forces à votre vigoureux esprit.”

Paralelamente, o idealismo realista de Baudelaire dará origem às primeiras manifestações do realismo e do naturalismo, bem como à reação simbolista ao parnasianismo. No manifesto simbolista de 18 de setembro de 1866 , Jean Moréas escreve: “Baudelaire doit être considéré comme le véritable précurseur du mouvement poétique actuel.” Devem-lhe muito, ainda em França, poetas como Tristan Conbière, Jules Lafongue e o parnasiano José María de Heredia, para ficarmos aqui somente com os de maior expressão. E há quem pretenda, como Georges Blin e outros, que Baudelaire antecipou até o surrealismo. Fora da França, dele são herdeiros em linha direta Swinburne, Wilde, D’Annunzio, Dario, Herrera y Reissig, Heym, Stefan George. Quase sempre mal lido, mal compreendido e mal traduzido, Baudelaire chega ao Brasil na última década do século XIX pelas mãos dos simbolistas. Os parnasianos — à exceção de Bilac, que lhe parafraseou ‘La chevelure’ —, pouca atenção prestaram aos poemas de *As flores do mal*, que nenhum interesse despertaram também entre os modernistas. A exceção ficaria aqui por conta de Guilherme de Almeida e dos pós-modernistas Vinícius de Morais e Dante Milano. E na década de 1930 Félix Pacheco promove um verdadeiro *revival* baudelairiano nas páginas do *Jornal do Comércio.*

Não foram muitos, mas também não foram poucos, os detratores de Baudelaire. Entre eles figuram o acadêmico Camille Vergniol e os ensaístas Jules Vallès, Ferdinand Brunetière e Charles Morice, que argúem contra o poeta as mais estapafúrdias objeções, como as daquele primeiro, que lhe deplora a *mince* bagagem literária... E nos causa imenso espanto que um poeta da envergadura de Guilherme Apollinaire haja dito: “L’influence de Baudelaire cesse à présent; ce n’est pas mal.”[57] Quanto a nós, ficaremos aqui com André Gide, que lhes

responde: “Le règne de Baudelaire n’est pas fini; il recommence.”[58] Ou com o próprio poeta, que previu um dia: “Je crois que la postérité me concerne.”

Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1985

As flores do mal[59]

Les fleurs du mal

Au poëte impeccable
au parfait magicien ès lettres françaises
a mon très-cher et très-vénéré
maître et ami
THÉOPHILE GAUTIER
avec les sentiments
de la plus profonde humilité
je dédie
ces fleurs maladives

C.B.

Ao poeta impecável
ao perfeito mágico das letras francesas
a meu caríssimo e veneradíssimo
mestre e amigo
THÉOPHILE GAUTIER
com os sentimentos
da mais profunda humildade
dedico
estas flores doentias

C.B.

Au lecteur

La sottise, l'erreur, le péché, la lésine,
Occupent nos esprits et travaillent nos corps,
Et nous alimentons nos aimables remords,
Comme les mendiants nourrissent leur vermine.

Nos péchés sont têtus, nos repentirs sont lâches;
Nous nous faisons payer grassement nos aveux,
Et nous rentrons gaiement dans le chemin bourbeux,
Croyant par de vils laver toutes nos taches.

Sur l'oreiller du mal c'est Satan Trismégiste
Qui berce longuement notre esprit enchanté,
Et le riche métal de notre volonté
Est tout vaporisé par ce savant chimiste.

C'est le Diable qui tient les fils qui nous remuent!
Aux objets répugnants nous trouvons des appas;
Chaque jour vers l'Enfer nous descendons d'un pas,
Sans horreurs, à travers des ténèbres qui puent.

Ainsi qu'un débauché pauvre qui baise et mange
Le sein martyrisé d'une antique catin,
Nous volons au passage un plaisir clandestin
Que nous pressons bien fort comme une vieille orange.

Serré, fourmillant, comme un million d'helminthes,
Dans nos cerveaux ribote un peuple de Démons,

Et, quand nous respirons, la Mort dans nos poumons
Descend, fleuve invisible, avec de sourdes plaintes.

Si le viol, le poison, le poignard, l'incendie,
N'ont pas encor brodé de leurs plaisants dessins
Le canevas banal de nos piteux destins,
C'est que notre âme, hélas! n'est pas assez hardie.

Mais parmi les chacals, les panthères, les lices,
Les singes, les scorpions, les vautours, les serpents,
Les monstres glapissants, hurlants, grognants, rampants,
Dans la ménagerie infâme de nos vices,

Il en est un plus laid, plus méchant, plus immonde!
Quoiqu'il ne pousse ni grands gestes ni grands cris,
Il ferait volontiers de la terre un débris
Et dans un bâillement avalerait le monde;

C'est l'Ennui! — l'œil chargé d'un pleur involontaire,
Il rêve d'échafauds en fumant son houka.
Tu le connais, lecteur, ce monstre délicat,
— Hypocrite lecteur, — mon semblable, — mon frère!

Ao leitor

A tolice, o pecado, o logro, a mesquinhez
Habitam nosso espiríto e o corpo viciam,
E adoráveis remorsos sempre nos saciam,
Como o mendigo exibe a sua sordidez.

Fiéis ao pecado, a contrição nos amordaça;
Impomos alto preço à infâmia confessada,
E alegres retornamos à lodosa estrada,
Na ilusão de que o pranto as nódoas nos desfaça.

Na almofada do mal é Satã Trismegisto[60]
Quem docemente nosso espírito consola,
E o metal puro da vontade então se evola
Por obra deste sábio que age sem ser visto.

É o Diabo que nos move e até nos manuseia!
Em tudo o que repugna uma jóia encontramos;
Dia após dia, para o Inferno caminhamos,
Sem medo algum, dentro da treva que nauseia.

Assim como um voraz devasso beija e suga
O seio murcho que lhe oferta uma vadia,
Furtamos ao acaso uma carícia esguia
Para espremê-la qual laranja que se enruga.

Espesso, a fervilhar, qual um milhão de helmintos,
Em nosso crânio um povo de demônios cresce,
E, ao respirarmos, aos pulmões a morte desce,
Rio invisível, com lamentos indistintos.

Se o veneno, a paixão, o estupro, a punhalada
Não bordaram ainda com desenhos finos
A trama vã de nossos míseros destinos,

É que nossa alma arriscou pouco ou quase nada.

Em meio às hienas, às serpentes, aos chacais,
Aos símios, escorpiões, abutres e panteras,
Aos monstros ululantes e às viscosas feras,
No lodaçal de nossos vícios imortais,

Um há mais feio, mais iníquo, mais imundo!
Sem grandes gestos ou sequer lançar um grito,
Da Terra, por prazer, faria um só detrito
E num bocejo imenso engoliria o mundo;

É o Tédio! — O olhar esquivo à mínima emoção,
Com patíbulos sonha, ao cachimbo agarrado.
Tu conheces, leitor, o monstro delicado
— Hipócrita leitor, meu igual, meu irmão!

Spleen e ideal

Spleen et idéal

I
Bénédiction

Lorsque, par un décret des puissances suprêmes,
Le Poëte apparaît en ce monde ennuyé,
Sa mère épouvantée et pleine de blasphèmes
Crispe ses poings vers Dieu, qui la prend en pitié:

— “Ah! que n’ai-je mis bas tout un nœud de vipères,
Plutôt que de nourrir cette dérision!
Maudite soit la nuit aux plaisirs éphémères
Où mon ventre a conçu mon expiation!

Puisque tu m’as choisie entre toutes les femmes
Pour être le dégoût de mon triste mari,
Et que je ne puis pas rejeter dans les flammes,
Comme un billet d’amour, ce monstre rabougri,

Je ferai rejaillir ta haine qui m’accable
Sur l’instrument maudit de tes méchancetés,
Et je tordrai si bien cet arbre misérable,
Qu’il ne pourra pousser ses boutons empestés!”

Elle ravale ainsi l’écume de sa haine,
Et, ne comprenant pas les desseins éternels,
Elle-même prépare au fond de la Géhenne
Les bûchers consacrés aux crimes maternels.

Pourtant, sous la tutelle invisible d’un Ange,
L’Enfant déshérité s’enivre de soleil,
Et dans tout ce qu’il boit et dans tout ce qu’il mange
Retrouve l’ambroisie et le nectar vermeil.

Il joue avec le vent, cause avec le nuage,
Et s’enivre, en chantant, du chemin de la croix;

Et l’Esprit qui le suit dans son pèlegrinage
Pleure de le voir gai comme un oiseau des bois.

Tous ceux qu’il veut aimer l’observent avec crainte,
Ou bien, s’enhardissant de sa tranquillité,
Cherchent à qui saura lui tirer une plainte,
Et font sur lui l’essai de leur férocité.

Dans le pain et le vin destinés à sa bouche
Ils mêlent de la cendre avec d’impurs crachats;
Avec hypocrisie ils jettent ce qu’il touche,
Et s’accusent d’avoir mis leurs pieds dans ses pas.

Sa femme va criant sur les places publiques:
“Puisqu’il me trouve assez belle pour m’adorer,
Je ferai le métier des idoles antiques,
Et comme elles je veux me faire redorer;

Et je me soûlerai de nard, d’encens, de myrrhe,
De génuflexions, de viandes et de vins,
Pour savoir si je puis dans un cœur qui m’admire
Usurper en riant les hommages divins!

Et, quand je m’ennuierai de ces farces impies,
Je poserai sur lui ma frêle et forte main;
Et mes ongles, pareils aux ongles des harpies,
Sauront jusqu’à son cœur se frayer un chemin.

Comme un tout jeune oiseau qui tremble et qui palpite,
J’arracherai ce cœur tout rouge de son sein,
Et, pour rassasier ma bête favorite,
Je le lui jetterai par terre avec dédain!”

Vers le Ciel, où son œil voit un trône splendide,
Le Poëte serein lève ses bras pieux,
Et les vastes éclairs de son esprit lucide

Lui dérobent l'aspect des peuples furieux:

— "Soyez béni, mon Dieu, qui donnez la souffrance
Comme un divin remède à nos impuretés
Et comme la meilleure et la plus pure essence
Qui prépare les forts aux saintes voluptés!

Je sais que vous gardez une place au Poëte
Dans les rangs bienheureux des saintes Légions,
Et que vous l'invitez à l'éternelle fête
Des Trônes, des Vertus, des Dominations.

Jes sais que la douleur est la noblesse unique
Où ne mordront jamais la terre et les enfers,
Et qu'il faut pour tresser ma couronne mystique
Imposer tous le temps et tous les univers.

Mais les bijoux perdus de l'antique Palmyre,
Les métaux inconnus, les perles de la mer,
Par votre main montés, ne pourraient pas suffire
A ce beau diadème éblouissant et clair;

Car il ne sera fait que de pure lumière,
Puisée au foyer saint des rayons primitifs,
Et dont les yeux mortels, dans leur splendeur entière,
Ne sont que des miroirs obscurcis et plaintifs!"

I
Bênção

Quando, por uma lei das supremas potências,
O Poeta se apresenta à platéia entediada,
Sua mãe, estarrecida e prenhe de insolências,
Pragueja contra Deus, que dela então se apieda:

“Ah! tivesse eu gerado um ninho de serpentes,
Em vez de amamentar esse aleijão sem graça!
Maldita a noite dos prazeres mais ardentes
Em que meu ventre concebeu minha desgraça!

Pois que entre todas neste mundo fui eleita
Para ser o desgosto de meu triste esposo,
E ao fogo arremessar não posso, qual se deita
Uma carta de amor, esse monstro asqueroso,

Eu farei recair teu ódio que me afronta
Sobre o instrumento vil de tuas maldições,
E este mau ramo hei de torcer de ponta a ponta,
Para que aí não vingue um só de seus botões!”

Ela rumina assim todo o ódio que a envenena,
E, por nada entender dos desígnios eternos,
Ela própria prepara ao fundo da Geena[61]
A pira consagrada aos delitos maternos.

Sob a auréola, porém, de um anjo vigilante,
Inebria-se ao sol o infante deserdado,
E em tudo o que ele come ou bebe a cada instante
Há um gosto de ambrosia e néctar encarnado.

Às nuvens ele fala, aos ventos desafia
E a via-sacra entre canções percorre em festa;

O Espírito que o segue em sua romaria
Chora ao vê-lo feliz como ave da floresta.

Os que ele quer amar o observam com receio,
Ou então, por desprezo à sua estranha paz,
Buscam quem saiba acometê-lo em pleno seio,
E empenham-se em sangrar a fera que ele traz.

Ao pão e ao vinho que lhe servem de repasto
Eis que misturam cinza e pútridos bagaços;
Hipócritas, dizem-lhe o tato ser nefasto,
E se arrependem por lhe haver cruzado os passos.

Sua mulher nas praças perambula aos gritos:
“Pois se tão bela sou que ele deseja amar-me,
Farei tal qual os ídolos dos velhos ritos,
E assim, como eles, quero inteira redourar-me;

E aqui, de joelhos, me embebedarei de incenso,
De nardo e mirra, de iguarias e licores,
Para saber se desse amante tão intenso
Posso usurpar sorrindo os cândidos louvores.

E ao fatigar-me dessas ímpias fantasias,
Sobre ele pousarei a tíbia e férrea mão;
E minhas unhas, como as garras das Harpias
Hão de abrir um caminho até seu coração.

Como ave tenra que estremece e que palpita,
Ao seio hei de arrancar-lhe o rubro coração,
E, dando rédea à minha besta favorita,
Por terra o deitarei sem dó nem compaixão!”

Ao Céu, de onde ele vê de um trono a incandescência,
O Poeta ergue sereno as suas mãos piedosas,
E o fulgurante brilho de sua vidência

Ofusca-lhe o perfil das multidões furiosas:

“Bendito vós, Senhor, que dais o sofrimento,
Esse óleo puro que nos purga as imundícias
Como o melhor, o mais divino sacramento
E que prepara os fortes às santas delícias!

Eu sei que reservais um lugar para o Poeta
Nas radiantes fileiras das santas Legiões,
E que o convidareis à comunhão secreta
Dos Tronos, das Virtudes, das Dominações.

Bem sei que a dor é nossa dádiva suprema,
Aos pés da qual o inferno e a terra estão dispersos,
E que, para talhar-me um místico diadema,
Forçoso é lhes impor os tempos e universos.

Mas nem as jóias que em Palmira[62] reluziam,
As pérolas do mar, o mais raro diamante,
Engastados por vós, ofuscar poderiam
Este belo diadema etéreo e cintilante;

Pois que ela apenas será feita de luz pura,
Arrancada à matriz dos raios já perdidos,
De que os olhos mortais, radiantes e ventura,
Nada mais são que espelhos turvos e cativos!”

II
L’albatros

Souvent, pour s’amuser, les hommes d’équipage
Prennent des albatros, vastes oiseaux des mers,
Qui suivent, indolents compagnons de voyage,

Le navire glissant sur les gouffres amers.

A peine les ont-ils déposés sur les planches,
Que ces rois de l'azur, maladroits et honteux,
Laissent piteusement leurs grandes ailes blanches
Comme des avirons traîner à côte d'eux.

Ce voyageur ailé, comme il est gauche et veule!
Lui, naguère si beau, qu'il est comique et laid!
L'un agace son bec avec un brûle-gueule,
L'autre mime, en boitant, l'infirme qui volait!

Le Poëte est semblable au prince des nuées
Qui hante la tempête et se rit de l'archer;
Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher.

II
O albatroz

Às vezes, por prazer, os homens da equipagem
Pegam um albatroz, imensa ave dos mares,
Que acompanha, indolente parceiro de viagem,
O navio a singrar por glaucos patamares.

Tão logo o estendem sobre as tábuas do convés,
O monarca do azul, canhestro e envergonhado,
Deixa pender, qual par de remos junto aos pés,
As asas em que fulge um branco imaculado.

Antes tão belo, como é feio na desgraça
Esse viajante agora flácido e acanhado!
Um, com o cachimbo, lhe enche o bico de fumaça,
Outro, a coxear, imita o enfermo outrora alado!

O Poeta se compara ao príncipe da altura
Que enfrenta os vendavais e ri da seta no ar;
Exilado no chão, em meio à turba obscura,
As asas de gigante impedem-no de andar.

III
Élévation

Au-dessus des étangs, au-dessus des vallées,
Des montagnes, des bois, des nuages, des mers,
Par delà le soleil, par delà les éthers,
Par delà les confins des sphères étoilées,

Mon esprit, tu te meus avec agilité,
Et, comme un bon nageur qui se pâme dans l’onde,

Tu sillonnes gaiement l’immensité profonde
Avec une indicible et mâle volupté.

Envole-toi bien loin de ces miasmes morbides;
Va te purifier dans l’air supérieur,
Et bois, comme une pure et divine liqueur,
Le feu clair qui remplit les espaces limpides.

Derrière les ennuis et les vastes chagrins
Qui chargent de leur poids l’existence brumeuse,
Heureux celui qui peut d’une aile vigoureuse
S’élancer vers les champs lumineux et sereins!

Celui dont les pensers, comme des alouettes,
Vers les cieux le matin prennent un libre essor,
— Qui plane sur la vie, et comprend sans effort
Le langage des fleurs et des choses muettes!

III
Elevação

Por sobre os pantanais, os vales orvalhados,
As montanhas, os bosques, as nuvens, os mares,
Para além do ígneo sol e do éter que há nos ares,
Para além dos confins dos tetos estrelados,

Flutuas, meu espírito, ágil peregrino,
E, como um nadador que nas águas afunda,
Sulcas alegremente a imensidão profunda
Com um lascivo e fluido gozo masculino.

Vai mais, vai mais além do lodo repelente,
Vai te purificar onde o ar se faz mais fino,
E bebe, qual licor translúcido e divino,
O puro fogo que enche o espaço transparente.

Depois do tédio e dos desgostos e das penas
Que gravam com seu peso a vida dolorosa,
Feliz daquele a quem uma asa vigorosa
Pode lançar às várzeas claras e serenas;

Aquele que, ao pensar, qual pássaro veloz,
De manhã rumo aos céus liberto se distende,
Que paira sobre a vida e sem esforço entende
A linguagem da flor e das coisas sem voz!

IV
Correspondances

La Nature est un temple où de vivants piliers
Laissent parfois sortir de confuses paroles;

L’homme y passe à travers des forêts de symboles
Qui l’observent avec des regards familiers.

Comme de longs échos qui de loin se confondent
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Vaste comme la nuit et comme la clarté,
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.

Il est des parfums frais comme des chairs d’enfants,
Doux comme les hautbois, verts comme les prairies,
— Et d’autres, corrompus, riches et triomphants,

Ayant l’expansion des choses infinies,
Comme l’ambre, le musc, le benjoin et l’encens,
Qui chantent les transports de l’esprit et des sens.

IV
Correspondências

A Natureza é um templo vivo em que os pilares
Deixam filtrar não raro insólitos enredos;
O homem o cruza em meio a um bosque de segredos
Que ali o espreitam com seus olhos familiares.

Como ecos longos que à distância se matizam
Numa vertiginosa e lúgubre unidade,
Tão vasta quanto a noite e quanto a claridade,
Os sons, as cores e os perfumes se harmonizam.

Há aromas frescos como a carne dos infantes,
Doces como o oboé, verdes como a campina,
E outros, já dissolutos, ricos e triunfantes,

Com a fluidez daquilo que jamais termina,
Como o almíscar, o incenso e as resinas do Oriente,
Que a glória exaltam dos sentidos e da mente.

V

J’aime le souvenir de ces époques nues.
Dont Phoebus se plaisait à dorer les statues.
Alors l’homme et la femme en leur agilité
Jouissaient sans mensonge et sans anxiété,
Et, le ciel amoureux leur caressant l’échine,
Exerçaient la santé de leur noble machine.
Cybèle alors, fertile en produits généreux,
Ne trouvait point ses fils un poids trop onéreux,
Mais, louve au cœur gonflé de tendresses communes,
Abreuvait l’univers à ses tétines brunes.
L’homme, élégant, robuste et fort, avait le droit

D’être fier des beautés qui le nommaient leur roi;
Fruits purs de tout outrage et vierges de gerçures,
Dont la chair lisse et ferme appelait les morsures!

Le Poëte aujourd’hui, quand il veut concevoir
Ces natives grandeurs, aux lieux où se font voir
La nudité de l’homme et celle de la femme,
Sent un froid ténébreux envelopper son âme
Devant ce noir tableau plein d’épouvantement.
O monstruosités pleurant leur vêtement!
O ridicules troncs! torses dignes des masques!
O pauvres corps tordus, maigres, ventrus ou flasques,
Que le dieu de l’Utile, implacable et serein,
Enfants, emmaillota dans ses langes d’airain!
Et vous, femmes, hélas! pâles comme des cierges,
Que ronge et que nourrit la débauche, et vous, vierges,
Du vice maternel traînant l’hérédité
Et toutes les hideurs de la fécondité!

Nous avons, il est vrai, nations corrompues,
Aux peuples anciens des beautés inconnues:
Des visages rongés par les chancres du cœur,
Et comme qui dirait des beautés de langueur;
Mas ces inventions de nos muses tardives
N’empêcheront jamais les races maladives
De rendre à la jeunesse un hommage profond,
— A la sainte jeunesse, à l’air simple, au doux front,
A l’œil limpide et clair ainsi qu’une eau courante,
Et qui va répandant sur tout, insouciante
Comme l’azur du ciel, les oiseaux et les fleurs,
Ses parfums, ses chansons et ses douces chaleurs!

V

Amo a recordação daqueles tempos nus
Quando Febo[63] esculpia as estátuas na luz.
Ligeiros, macho e fêmea, fiéis ao som da lira,
Ali brincavam sem angústia e sem mentira,
E, sob o meigo céu que lhes dourava a espinha,
Exibiam a origem de uma nobre linha.
Cibele,[64] então fecunda em frutos generosos,
Nos filhos seus não via encargos onerosos:
Qual loba fértil em anônimas ternuras,
Aleitava o universo com as tetas duras.
Robusto e esbelto, tinha o homem por sua lei
Gabar-se das belezas que o sagravam rei,
Sementes puras e ainda virgens de feridas,
Cuja macia tez convidava às mordidas!

Quando se empenha o Poeta em conceber agora
Essas grandezas raras que ardiam outrora,
No palco em que a nudez humana luz sem brio,
Sente ele n'alma um tenebroso calafrio
Ante esse horrendo quadro de bestiais ultrajes.
Ó quanto monstro a deplorar os próprios trajes!
Ó troncos cômicos, figuras de espantalhos!
Ó corpos magros, flácidos, inflados, falhos,
Que o deus utilitário, frio e sem cansaço,
Desde a infância cingiu em suas gazes de aço!
E vós, mulheres, mais seráficas que os círios,
Que a orgia ceva e rói, vós, virgens como lírios,
Que herdaram de Eva o vício da perpetuidade
E todos os horrores da fecundidade!

Possuímos, é verdade, impérios corrompidos,
Com velhos povos de esplendores esquecidos:
Semblantes roídos pelos cancros da emoção,

E por assim dizer belezas de evasão;
Tais inventos, porém, das musas mais tardias
Jamais impedirão que as gerações doentias
Rendam à juventude uma homenagem grave
— À juventude, de ar singelo e fronte suave,
De olhar translúcido como água de corrente,
E que se entorna sobre tudo, negligente,
Tal qual o azul do céu, os pássaros e as flores,
Seu perfumes, seus cantos, seus doces calores.

VI
Les phares

Rubens, fleuve d'oubli, jardin de la paresse,
Oreiller de chair fraîche où l'on ne peut aimer,
Mais où la vie afflue et s'agite sans cesse,
Comme l'air dans le ciel et la mer dans la mer;

Léonard de Vinci, miroir profond et sombre,
Où des anges charmants, avec un doux souris
Tout chargé de mystère, apparaissent à l'ombre
Des glaciers et des pins qui ferment leur pays;

Rembrandt, triste hôpital tout rempli de murmures,
Et d'un grand crucifix décoré seulement,
Où la prière en pleurs s'exhale des ordures,
Et d'un rayon d'hiver traversé brusquement;

Michel-Ange, lieu vague où l'on voit des Hercules
Se mêler à des Christs, et se lever tout droits
Des fantômes puissants qui dans les crépuscules
Déchirent leur suaire en étirant leurs doigts;

Colères de boxeur, impudences de faune,

Toi qui sus ramasser la beauté des goujats,
Grand cœur gonflé d'orgueil, homme débile et jaune,
Puget, mélancolique empereur des forçats;

Watteau, ce carnaval où bien des cœurs illustres,
Comme des papillons, errent en flamboyant,
Décors frais et légers éclairés par des lustres
Qui versent la folie à ce bal tournoyant;

Goya, cauchemar plein de choses inconnues,
De foetus qu'on fait cuire au milieu des sabbats,
De vieilles au miroir et d'enfants toutes nues,
Pour tenter les démons ajustant bien leurs bas;

Delacroix, lac de sang hanté des mauvais anges,
Ombragé par un bois de sapins toujours vert,
Où, sous un ciel chagrin, des fanfares étranges
Passent, comme un soupir étouffé de Weber;

Ces malédictions, ces blasphèmes, ces plaintes,
Ces extases, ces cris, ces pleurs, ces Te Deum,
Sont un écho redit par mille labyrinthes;
C'est pour les cœurs mortels un divin opium!

Ces't un cri répété par mille sentinelles,
Un ordre renvoyé par mille porte-voix;
C'est un phare allumé sur mille citadelles,
Un appel de chasseurs perdus dans les grands bois!

Car c'est vraiment, Seigneur, le meilleur témoignage
Que nous puissions donner de notre dignité
Que cet ardent sanglot qui roule d'âge en âge
Et vient mourir au bord de votre éternité!

VI
Os faróis

Rubens, rio do olvido, jardim da preguiça,
Divã de carne tenra onde amar é proibido,
Mas onde a vida aflui e eternamente viça
Como o ar no céu e o mar dentro do mar contido;

Da Vinci, espelho tão sombrio quão profundo,
Onde anjos cândidos, sorrindo com carinho
Submersos em mistério, irradiam-se ao fundo
Dos gelos e pinhais que lhes selam o ninho;

Rembrandt, triste hospital repleto de lamentos,
Por um só crucifixo imenso decorado,
Onde a oração é um pranto em meio aos excrementos,
E por um sol de invernos súbito cruzado;

Miguel Ângelo, espaço ambíguo em que vagueiam
Cristos e Hércules, e onde se erguem dos ossários
Fantasmas colossais que à tíbia luz se arqueiam
E cujos dedos hirtos rasgam seus sudários;

Impudências de fauno, iras de boxeador,
Tu que de graças aureolaste os desgraçados,
Coração orgulhoso, homem fraco e sem cor,
Puget, imperador soturno dos forçados;

Watteau, um carnaval de corações ilustres,
Quais borboletas a pulsar por entre os lírios,
Cenários leves inflamados pelos lustres
Que à insânia incitam este baile de delírios;

Goya, lúgubre sonho de obscuras vertigens,
De fetos cuja carne cresta nos sabás,

De velhas ao espelho e seminuas virgens,
Que a meia ajustam e seduzem Satanás;

Delacroix, lago onde anjos maus banham-se em sangue,
Na orla de um bosque cujas cores não se apagam
E onde estranhas fanfarras, sob um céu exangue,
Como um sopro de Weber entre os ramos vagam;

Essas blasfêmias e lamentos indistintos,
Esses *Te Deum*, essas desgraças, esses ais
São como um eco a percorrer mil labirintos,
E um ópio sacrossanto aos corações mortais!

É um grito expresso por milhões de sentinelas,
Uma ordem dada por milhões de porta-vozes;
É um farol a clarear milhões de cidadelas,
Um caçador a uivar entre animais ferozes!

Sem dúvidas, Senhor, jamais o homem vos dera
Testemunho melhor de sua dignidade
Do que esse atroz soluço que erra de era em era
E vem morrer aos pés de vossa eternidade!

VII
La muse malade

Ma pauvre muse, hélas! qu'as-tu donc ce matin?
Tes yeux creux sont peuplés de visions nocturnes,
Et je vois tour à tour réfléchis sur ton teint
La folie et l'horreur, froides et taciturnes.

Le succube verdâtre et le rose lutin
T'ont-ils versé la peur et l'amour de leurs urnes?

Le cauchemar, d'un poing despotique et mutin,
T'a-t-il noyée au fond d'un fabuleux Minturnes?

Je voudrais qu'exhalant l'odeur de la santé
Ton sein de pensers forts fût toujours fréquenté,
Et que ton sang chrétien coulât à flots rhythmiques,

Comme les sons nombreux des syllabes antiques,
Où règnent tour à tour le père des chansons,
Phœbus, et le grand Pan, le seigneur des moissons.

VII
A musa doente

Que tens esta manhã, ó musa de ar magoado?
Teus olhos estão cheios de visões noturnas,
E vejo que em teu rosto afloram lado a lado
A loucura e a aflição, frias e taciturnas.

Teria o duende róseo ou súcubo esverdeado
Te ungindo com o medo e o mel de suas urnas?
O sonho mau, de um punho déspota e obcecado,
Nas águas te afogou de um mítico Minturnas?[65]

Quisera eu que, vertendo o odor da exuberância,
O pensamento fosse em ti uma constância
E que o sangue cristão te fluísse na cadência

Das velhas sílabas de uníssona freqüência,
Quando reinavam Febo, o criador das cantigas,
E o grande Pã,[66] senhor do campo e das espigas.

VIII
La muse vénale

O muse de mon cœur, amante des palais,
Auras-tu, quand Janvier lâchera ses Borées,
Durant les noirs ennuis des neigeuses soirées,
Un tison pour chauffer tes deux pieds violets?

Ranimeras-tu donc tes épaules marbrées
Aux nocturnes rayons qui percent les volets?
Sentant ta bourse à sec autant que ton palais,
Récolteras-tu l'or des voûtes azurées?

Il te faut, pour gagner ton pain de chaque soir,
Comme un enfant de chœur, jouer de l'encensoir,
Chanter des Te Deum *auxquels tu ne crois guère,*

Ou, saltimbanque à jeun, étaler tes appas
Et ton rire trempé de pleurs qu'on ne voit pas,
Pour faire épanouir la rate du vulgaire.

VIII
A musa venal

Ó musa de minha alma, amante dos palácios,
Terás, quando janeiro desatar seus ventos,[67]
No tédio negro dos crepúsculos nevoentos,
Uma brasa que esquente os teus dois pés violáceos?

Aquecerás teus níveos ombros sonolentos
Na luz noturna que os postigos deixam coar?
Sem um níquel na bolsa e seco o paladar,
Colherás o ouro dos cerúleos firmamentos?

Tens que, para ganhar o pão de cada dia,
Esse turíbulo agitar na sacristia,
Entoar esses *Te Deum* que nada têm de novo,

Ou, bufão em jejum, exibir teus encantos
E teu riso molhado de invisíveis prantos
Para desopilar o fígado do povo.

IX
Le mauvais moine

Les cloîtres anciens sur leurs grandes murailles
Étalaient en tableaux la sainte Vérité,
Dont l'effet, réchauffant le pieuses entrailles,
Tempérait la froideur de leur austérité.

En ces temps où du Christ florissaient les semailles,
Plus d'un illustre moine, aujourd'hui peu cité,
Prenant pour atelier le champ des funérailles,
Glorifiait la Mort avec simplicité.

— Mon âme est un tambeau que, mauvais cénobite,
Depuis l’éternité je parcours et j’habite;
Rien n’embellit les murs de ce cloître odieux.

O moine fainéant! quand saurai-je donc faire
Du spectacle vivant de ma triste misère
Le travail de mes mains et l’amour de mes yeux?

IX
O mau monge

Sob as arcadas das antigas abadias
Desdobrava-se em cenas a santa Verdade,
Cujo efeito, avivando-lhe as entranhas pias,
Aquecia a algidez de sua austeridade.

Nesse tempo em que tu, ó Cristo, florescias,
Mais de um célebre monge, hoje anônimo frade,
Tomando por cenário o campo de agonias,
Glorificava a Morte com simplicidade.

— Minha alma é um túmulo que, mau celibatário,
Desde sempre percorro e habito solitário;
Nada enfeitou jamais este claustro sem Deus.

Ó monge ocioso! quando enfim hei de fazer
Do espetáculo vivo de meu triste ser
A obra de minhas mãos e o amor dos olhos meus?

X
L’ennemi

Ma jeunesse ne fut qu’un ténébreux orage,
Travesé çà et là par de brillants soleils;
Le tonnerre et la pluie ont fait un tel ravage,
Qu’il reste en mon jardim bien peu de fruits vermeils.

Voilà que j’ai touché l’automne des idées,
Et qu’il faut employer la pelle et les râteaux
Pour rassembler à neuf les terres inondées,
Où l’on creuse des trous grands comme des tombeaux.

Et qui sait si les fleurs nouvelles que je rêve
Trouveront dans ce sol lavé comme une grève
Le mystique aliment qui ferait leur vigueur?

— O douleur! ô douleur! Le Temps mange la vie,
Et l'obscur Ennemi qui nous ronge le cœur
Du sang que nous perdons croît et se fortifie!

X
O inimigo

A juventude não foi mais que um temporal,
Aqui e ali por sóis ardentes trespassado;
As chuvas e os trovões causaram dano tal
Que em meu pomar não resta um fruto sazonado.

Eis que alcancei o outono de meu pensamento,
E agora o ancinho e a pá se fazem necessários
Para outra vez compor o solo lamacento,
Onde profundas covas se abrem como ossários.

E quem sabe se as flores que meu sonho ensaia
Não achem nessa gleba aguada como praia
O místico alimento que as fará radiosas?

Ó dor! O Tempo faz da vida uma carniça,
E o sombrio Inimigo que nos rói as rosas
No sangue que perdemos se enraíza e viça!

XI
Le guignon

Pour soulever un poids si lourd,
Sisyphe, il faudrait ton courage!
Bien qu'on ait du cœur à l'ouvrage,
L'Art est long et le Temps est court.

Loin des sépultures célèbres,
Vers un cimetière isolé,
Mon cœur, comme un tambour voilé,
Va battant des marches funèbres.

— Maint joyau dort enseveli
Dans les ténèbres et l’oubli,
Bien loin des pioches et des sondes;

Mainte fleur épanche à regret
Son parfum doux comme un secret
Dans les solitudes profondes.

XI
O azar

Castigo assim tornar tão leve
Somente a Sísifo[68] se cobra!
Por mais que mão se ponha à obra,
A Arte é longa e o Tempo é breve.

Longe dos túmulos famosos,
Num cemitério já sepulto,
Meu coração, tambor oculto,
Percute acordes dolorosos.

— Muito ouro ali jaz sonolento
Em meio à treva e ao esquecimento,
Esquivo à sonda e ao enxadão;

E muita flor exala a medo
Seu perfume como um segredo
Na mais profunda solidão.

XII
La vie antérieure

J’ai longtemps habité sous de vastes portiques
Que les soleils marins teignaient de mille feux,
Et que leurs grands piliers, droits et majestueux
Rendaient pareils, le soir, aux grottes basaltiques.

Les houles, en roulant les images des cieux,
Mêlaient d’une façon solennelle et mystique
Les tout-puissants accords de leur riche musique
Aux couleurs du couchant reflété par mes yeux.

C’est là que j’ai vécu dans les voluptés calmes,
Au milieu de l’azur, vagues, des splendeurs
Et des esclaves nus, tout imprégnés d’odeurs,

Qui me rafraîchissaient le front avec des palmes,
Et dont l’unique soin était d’approfondir
Le secret douloreux qui me faisait languir.

XII
A vida anterior

Muito tempo habituei sob átrios colossais
Que o sol marinho em labaredas envolvia,
E cuja colunata majestosa e esguia
À noite semelhava grutas abissais.

O mar, que do alto céu a imagem devolvia,
Fundia em místicos e hieráticos rituais
As vibrações de seus acordes orquestrais
À cor do poente que nos olhos meus ardia.

Ali foi que vivi entre volúpias calmas,
Em pleno azul, irmão das vagas, dos fulgores
E dos escravos nus, impregnados de odores,

Que a fronte me abanavam com as suas palmas,
E cujo único intento era o de aprofundar
O oculto mal que me fazia definhar.

XIII
Bohémiens en voyage

La tribu prophétique aux prunelles ardentes
Hier s'est mise en route, emportant ses petits
Sur son dos, ou livrant à leurs fiers appétits
Le trésor toujours prêt des mamelles pendantes.

Les hommes vont à pied sous leurs armes luisantes
Le long des chariots où les leurs sont blottis,
Promenant sur le ciel des yeux appesantis
Par le morne regret des chimères absentes.

Du fond de son réduit sablonneux, le grillon,
Les regardant passer, redouble sa chanson;
Cybèle, qui les aime, augmente ses verdures,

Fait couler le rocher et fleurir le désert
Devant ces voyageurs, pour lesquels est ouvert
L'empire familier des ténèbres futures.

XIII
Ciganos em viagem

A horda profética das pupilas ardentes
Pôs-se a caminho, tendo às costas a ninhada,
Ou saciando-lhe a altiva gula imoderada
Como farto tesouro das mamas pendentes.

Os homens vão a pé, com armas reluzentes,
Junto à carroça que dos seus vai apinhada,
Esquadrinhando o céu, a vista atormentada
Pela sombria dor das quimeras ausentes.

O grilo, ao fundo de uma frincha solitária,
Vendo-os passar, uma outra vez canta sua ária;
Cibele, que os adora, o verde faz crescer,

Rebenta as fontes e de flor enche o deserto
Ante esses que aí vão, deixando-lhes aberto
O império familiar das trevas por nascer.

XIV
L’homme et la mer

Homme libre, toujours tu chériras la mer!
La mer est ton miroir; tu contemples ton âme
Dans le déroulement infini de sa lame,
Et ton esprit n’est pas un gouffre moins amer.

Tu te plais à plonger au sein de ton image;
Tu l’embrasses des yeux et des bras, et ton cœur
Se distrait quelquefois de sa propre rumeur
Au bruit de cette plainte indomptable et sauvage.

Vous êtes tous les deux ténébreux et discrets:
Homme, nul n’a sondé le fond de tes abîmes,
O mer, nul ne connaît tes richesses intimes,
Tant vous êtes jaloux de garder vos secrets!

Et cependant voilà des siècles innombrables
Que vous vous combattez sans pitié ni remord,
Tellement vous aimez le carnage et la mort,
O lutteurs éternels, ô frères implacables!

XIV
O homem e o mar

Homem liberto, hás de estar sempre aos pés do mar!
O mar é o teu espelho; a tua alma aprecias
No infinito ir e vir de suas ondas frias,
E nem teu ser é menos acre ao se abismar.

Apraz-te mergulhar bem fundo em tua imagem;
Em teus braços a estreitas, e teu coração
Às vezes se distrai na própria pulsação
Ao rumo dessa queixa indômita e selvagem

Sois todos esses deuses turvos e discretos:
Homem, ninguém sondou-te as furnas mais estranhas;
Ó mar, ninguém tocou-te as íntimas entranhas,
Tão ciumento que sois de vossos bens secretos!

E todavia há séculos inumeráveis
Combateis sem nenhum remorso nem piedade,
Tamanho amor guardais à morte e à crueldade,
Ó meus irmãos, ó gladiadores implácaveis!

XV
Don Juan aux enfers

Quand don Juan descendit vers l'onde souterraine
Et lorsqu'il eut donné son obole à Charon,
Un sombre mendiant, l'œil fier comme Antisthène,
D'un bras vengeur et fort saisit chaque aviron.

Montrant leurs seins pendants et leurs robes ouvertes,
Des femmes se tordaient sous le noir firmament,

Et, comme un grand troupeau de victimes offertes,
Derrière lui traînaient un long mugissement.

Sganarelle en riant lui réclamait ses gages,
Tandis que Don Luis avec un doigt tremblant
Montrait à tous les morts errant sur les rivages
Le fils audacieux qui railla son front blanc.

Frissonnant sous son deuil, la chaste et maigre Elvire,
Près de l'époux perfide et qui fut son amant,
Semblait lui réclamer un suprême sourire
Où brillât la douceur de son premier serment.

Tout droit dans son armure, un grand homme de pierre
Se tenait à la barre et coupait le flot noir;
Mais le calme héros, courbé sur sa rapière,
Regardait le sillage et ne daignait rien voir.

XV
Dom Juan nos infernos

Quando desceu dom Juan[69] ao subterrâneo rio
E logo que a Caronte[70] o óbolo pagou,
Como Antístenes,[71] um mendigo de olhar frio
Com braço vingativo os remos agarrou.

Os seios flácidos e as vestes entreabertas,
Mulheres se torciam sob um céu nevoento,
E, qual rebanho vil de vítimas ofertas,
Atrás dele rosnavam em atroz lamento.

Sganarello[72] a rir a paga reclamava,
Enquanto, erguendo o dedo, apontava dom Luís[73]
A cada morto que nas margens deambulava
O filho audaz que lhe ultrajara a fronte gris.

Em seu álgido luto, Elvira,[74] casta e esguia,
Junto ao pérfido esposo, amante seu de outrora,
Parecia exigir-lhe uma última alegria
Cujo sabor não recordasse o fel de agora.

Ereto na couraça, um homem pétreo e imenso
Golpeava a onda noturna e ao leme as mãos prendia;
Mas o tranqüilo herói, por sobre a espada penso,
Olhava a água passar e em torno nada via.

XVI
Châtiment de l’orgueil

En ces temps merveilleux où la Théologie
Fleurit avec le plus de sève et d’énergie,

On raconte qu’un jour un docteur des plus grands,
— Après avois forcé les cœurs indifférents;
Les avoir remués dans leurs profondeurs noires;
Après avoir franchi vers les célestes gloires
Des chemins singuliers à lui-même inconnus,
Où les purs Esprits seuls peut-être étaient venus, —
Comme un homme monté trop haut, pris de panique,
S’écria, tranporté d’un orgueil satanique:
“Jésus, petit Jésus! Je t’ai poussé bien haut!
Mais, si j’avais voulu t’attaquer au défaut
De l’armure, ta honte égalerait ta gloire,
Et tu ne serais plus qu’un foetus dérisoire!”
Immédiatement sa raison s’en alla.
L’éclat de ce soleil d’un crêpe se voila;
Tout le chaos roula dans cette intelligence,
Temple autrefois vivant, plein d’ordre et d’opulence,
Sous les plafonds duquel tant de pompe avait lui.
Le silence et la nuit s’installèrent en lui,
Comme dans un caveau dont la clef est perdue.
Dès lors il fut semblable aux bêtes de la rue,
Et, quand il s’en allait sans rien voir, à travers
Les champs, sans distinguer les étés des hivers,
Sale, inutile et laid comme une chose usée,
Il faisait des enfants la joie et la risée.

XVI
Castigo do orgulho

Nos esplêndidos tempos em que a Teologia
Viçava no apogeu da seiva e da energia,
Conta-se que um doutor, dentre os mais eminentes,
Após dobrar os corações indiferentes,
Os arrojou nas mais escuras profundezas;
Após franquear às celestiais e altas grandezas
Caminhos dele próprio até desconhecidos,
Só pelas almas puras talvez percorridos,
Como quem alto foi demais, cheio de pânico,
Gritou, possuído então de um orgulho satânico:
“Jesus, ó meu Jesus! Te ergui à etérea altura!
Mas se, ao contrário, eu te golpeasse na armadura,
Tua vergonha igualaria a tua glória,
E não serias mais que um feto sem história!”
Sua razão de pronto a pó se reduziu.
A flama deste sol de negro se tingiu;
O caos se lhe instalou então na inteligência,
Templo antes vivo, pleno de ordem e opulência,
Sob cujos tetos tanto fausto resplendia
E nele floresceram a noite e a agonia,
Qual numa furna cuja boca jaz selada.
Desde então semelhante aos animais da estrada,
Quando ia ao campo sem saber sequer quem era,
Sem distinguir entre o verão e a primavera,
Imundo, ocioso e feio como coisa usada,
Fazia o riso e a diversão da meninada.

XVII
La beauté

Je suis belle, ô mortels! comme un rêve de pierre,
Et mon sein, où chacun s'est meurtri tour à tour
Est fait pour inspirer au poëte un amour
Éternel et muet ainsi que la matière.

Je trône dans l'azur comme un sphinx incompris;
J'unis un cœur de neige à la blancheur des cygnes;
Je hais le mouvement qui déplace les lignes,
Et jamais je ne pleure et jamais je ne ris.

Les poëtes, devant mes grandes attitudes,
Que j'ai l'air d'emprunter aux plus fiers monuments,
Consumeront leurs jours en d'austères études;

Car j'ai, pour fasciner ces dociles amants,
De purs miroirs qui font toutes choses plus belles:
Me yeux, mes larges yeux aux clartés éternelles!

XVII
A beleza

Eu sou bela, ó mortais! como um sonho de pedra,
E meu seio, onde todos vêm buscar a dor,
É feito para ao poeta inspirar esse amor
Mudo e eterno que no ermo da matéria medra.

No azul, qual uma esfinge, eu reino indecifrada;
Conjugo o alvor do cisne a um coração de neve;
Odeio o movimento e a linha que o descreve,
E nunca choro nem jamais sorrio a nada.

Os poetas, diante de meus gestos de eloqüência,
Aos das estátuas mais altivas semelhantes,
Terminarão seus dias sob o pó da ciência;

Pois que disponho, para tais dóceis amantes,
De um puro espelho que idealiza a realidade:
O olhar, meu largo olhar de eterna claridade!

XVIII
L’idéal

Ce ne seront jamais ces beautés de vignettes,
Produits avariés, nés d’un siècle vaurien,
Ces pieds à brodequins, ces doigts à castagnettes,
Qui sauront satisfaire un cœur comme le mien.

Je laisse à Gavarni, pöete des chloroses,
Son troupeau gazouillant de beautés d’hôpital,
Car je ne puis trouver parmi ces pâles roses
Une fleur qui ressemble à mon rouge idéal.

Ce qu'il faut à ce cœur profond comme un abîme,
C'est vous, Lady Macbeth, âme puissante au crime,
Rêve d'Eschyle éclos au climat des autans;

Ou bien toi, grande Nuit, fille de Michel-Ange,
Qui tors paisiblement dans une pose étrange
Tes appas façonnés aux bouches des Titans!

XVIII
O ideal

Jamais serão essas vinhetas decadentes,
Belezas pútridas de um século plebeu,
Nem borzeguins ou castanholas estridentes,
Que irão bastar a um coração igual ao meu.

Concedo a Gavarni,[75] o poeta das cloroses,
Todo o rebanho das belezas de hospital,
Pois nunca vi dentre essas pálidas necroses
Uma só flor afim de meu sangüíneo ideal.

O que me falta ao coração e o que redime
Sois vós, ó Lady Macbeth, alma afeita ao crime,
Sonho de Ésqüilo exposto ao aguilhão dos ventos;

Ou tu, Noite, por Miguel Ângelo engendrada,
Que em paz retorces numa pose inusitada
Teus encantos ao gosto dos Titãs sedentos!

XIX
La géante

Du temps que la Nature en sa verve puissante
Concevait chaque jour des enfants monstrueux,
J'eusse aimé vivre auprès d'une jeune géante,
Comme aux pieds d'une reine un chat voluptueux.

J'eusse aimé voir son corps fleurir avec son âme
Et grandir librement dans ses terribles jeux;
Deviner si son cœur couve une sombre flamme
Aux humides brouillards qui nagent dans ses yeux;

Parcourir à loisir ses magnifiques formes;
Ramper sur le versant de ses genoux énormes,
Et parfois en éte, quand les soleils malsains,

Lasse, la font s'étendre à travers la compagne,
Dormir nonchalamment à l'ombre de ses seins,
Comme un hameau paisible au pied d'une montagne.

XIX
A giganta

No tempo em que, com verve tal que nos espanta,
Gerava a Natureza o ser mais fabuloso,
Quisera eu ter vivido aos pés de uma giganta,
Qual junto a uma rainha um gato voluptuoso.

Me agradaria ver-lhe o corpo e a alma em botão
É após segui-la em seus insólitos folguedos;
Saber se alguma chama lhe arde ao coração
Sob as úmidas névoas de seus olhos quedos;

Tatear-lhe as formas como quem percorre espelhos;
Ascender à vertente de seus grande joelhos,
E às vezes, no verão, quando tangente ao solo,

O sol violento a deixa exausta na campina,
Dormir languidamente à sombra de seu colo,
Como um burgo tranqüilo ao pé de uma colina.

XX
Le masque

Statue allégorique dans le goût de la Renaissance

A Ernest Christophe, statuaire.

Contemplons ce trésor de grâces florentines;
Dans l'ondulation de ce corps musculeux
L'Élégance et la Force abondent, sœurs divines.
Cette femme, morceau vraiment miraculeux,
Divinement robuste, adorablement mince,

Est faite pour trôner sur des lits somptueux,
Et charmer les loisirs d'un pontife ou d'un prince.

— Aussi, vois ce souris fin et voluptueux
Où la Fatuité promène son extase;
Ce long regard sournois, langoureux et moqueur;
Ce visage mignard, tout encadré de gaze,
Dont chaque trait nous dit avec un air vainqueur:
"La Volupté m'appelle et l'Amour me couronne!"
A cet être doué de tant de majesté
Vois quel charme excitant la gentillesse donne!
Approchons, et tournons autour de sa beauté.

O blasphème de l'art! ô surprise fatale!
La femme au corps divin, promettant le bonheur,
Par le haut se termine en monstre bicéphale!
— Mais non! ce n'est qu'un masque, un décor suborneur,
Ce visage éclairé d'une exquise grimace,
Et, regarde, voici, crispée atrocement,
La véritable tête, et la sincère face
Renversée à l'abri de la face qui ment.
Pauvre grande beauté! le magnifique fleuve
De tes pleurs aboutit dans mon cœur soucieux;
Ton mensonge m'enivre, et mon âme s'abreuve
Aux flots que la Douleur fait jaillir de tes yeux!

— Mais pourquoi pleure-t-elle? Elle, beauté parfaite
Qui mettrait à ses pieds le genre humain vaincu,
Quel mal mystérieux ronge son flanc d'athlète?

— Elle pleure, insensé, parce qu'elle a vécu!
Et parce qu'elle vit! Mais ce qu'elle déplore
Surtout, ce qui la fait frémir jusqu'aux genoux,
C'est que demain, hélas! il faudra vivre encore!
Demain, après-demain et toujours! — comme nous!

XX
A máscara

ESTÁTUA ALEGÓRICA AO GOSTO DA RENASCENÇA[76]

A Ernest Christophe, estatuário

Contempla esse perfil de graças florentinas;
Na sóbria ondulação do corpo musculoso
Excedem Força e Proporção, irmãs divinas.
Essa mulher, fração de um ser miraculoso,
Divinamente forte, amavelmente pobre,
Criada foi para no leito arder em gozo,
Saciando os ócios de um pontífice ou de um nobre.

— Repara-lhe o sorriso fino e voluptuoso
Onde a vaidade aflora e em êxtase perdura;
Esse lânguido olhar oblíquo e desdenhoso,
Esse rosto sutil, na gaze da moldura,
Cujos traços nos dizem com ar vitorioso:
“A Volúpia me chama e o Amor cinge-me a testa!”
Ao ser que esplende assim com lúbrica realeza
Vê que encanto febril a formosura empresta!
Chega mais próximo e circunda-lhe a beleza.

Ó que blasfêmia da arte! Ó que assombro fatal!
A divina mulher, que ao prazer nos enlaça,
Lá no alto se transmuda em monstro bifrontal!
— Não! é uma máscara, uma sórdida trapaça,
Essa face torcida e de esquisito aspecto,
E, repara, também crispada ferozmente,
A cabeça concreta, o rosto circunspecto
Oculto por detrás do semblante que mente.
Ó mísera beleza! o magnífico rio
De teu pranto deságua ao pé de meus abrolhos;

Teu embuste me embriaga, e minha alma sacio
Nessas ondas que a Dor faz jorrar de teus olhos!

Mas por que chora enfim a beleza absoluta
Que a seus pés tem o ser humano submetido,
Que misterioso mal lhe rói o flanco com luta?

— Ela chora, insensata, por haver vivido!
E por viver ainda! E o que ela mais deplora,
O que a faz ajoelhar-se em frêmito ferroz,
É que amanhã há de estar viva como agora!
Amanhã e depois e sempre! — como nós!

XXI
Hymne a la beauté

Viens-tu du ciel profond ou sors-tu de l'abîme,
O Beauté? ton regard, infernal et divin,
Verse confusément le bienfait et le crime,
Et l'on peut pour cela te comparer au vin.

Tu contiens dans ton œil le couchant et l'aurore;
Tu répands des parfums comme un soir orageux;
Tes baisers sont un philtre et ta bouche une amphore
Qui font le héros lâche et l'enfant courageux.

Sors-tu du gouffre noir ou descends-tu des astres?
Le Destin charmé suit tes jupons comme un chien;
Tu sèmes au hasard la joie et les désastres
Et tu gouvernes tout et ne réponds de rien.

Tu marches sur des morts, Beauté, dont tu te moques;
De tes bijoux l'Horreur n'est pas le moins charmant,
Et le Meurtre, parmi tes plus chères breloques,

Sur ton ventre orgueilleux danse amoureusement.

L'éphémère ébloui vole vers toi, chandelle,
Crépite, flambe et dit: Bénissons ce flambeau!
L'amoureux pantelant incliné sur sa belle
A l'air d'un moribond caressant son tombeau.

Que tu viennes du ciel ou de l'enfer, qu'importe,
O Beauté! monstre énorme, effrayant, ingénu!
Si ton œil , ton souris, ton pied, m'ouvrent la porte
D'un Infini que j'aime et n'ai jamais connu?

De Satan ou de Dieu, qu'importe? Ange ou Sirène,
Qu'importe, si tu rends, — fée aux yeux de velours,
Rhythme, parfum, lueur, ô mon unique reine! —
L'univers moins hideux et les instants moins lourds?

XXI
Hino à beleza

Vens tu do céu profundo ou sais do precipício,
Beleza? Teu olhar, divino mas daninho,
Confusamente verte o bem e o malefício,
E pode-se por isso comparar-te ao vinho.

Em teus olhos refletes toda a luz diurtuna;
Lanças perfumes como a noite tempestuosa;
Teus beijos são um filtro e tua boca uma urna
Que torna o herói covarde e a criança corajosa.

Provéns do negro abismo ou da esfera infinita?
Como um cão te acompanha a Fortuna encantada;
Semeias ao acaso a alegria e a desdita
E altiva segues sem jamais responder nada.

Calcando mortos vais, Beleza, a escarnecê-los;
Em teu escrínio o Horror é jóia que cintila,
E o Crime, esse berloque que te aguça os zelos,
Sobre teu ventre em amorosa dança oscila.

A mariposa voa ao teu encontro, ó vela,
Freme, inflama-se e diz: “Ó clarão abençoado!”
O arfante namorado aos pés de sua bela
Recorda um moribundo ao túmulo abraçado.

Que venhas lá do céu ou do inferno, que importa,
Beleza! ó monstro ingênuo, gigantesco e horrendo!
Se teu olhar, teu riso, teus pés me abrem a porta
De um infinito que amo e que jamais desvendo?

De Satã ou de Deus, que importa? Anjo ou Sereia,
Que importa, se és quem fazes — fada de olhos suaves,

Ó rainha de luz, perfume e ritmo cheia! —
Mais humano o universo e as horas menos graves?

XXII
Parfum exotique

Quand, les deux yeux fermés, en un soir chaud d’automne,
Je respire l’odeur de ton sein chaleureux,
Je vois se dérouler des rivages heureux
Qu’éblouissent les feux d’un soleil monotone;

Une île paresseuse où la nature donne
Des arbres singuliers et des fruits savoureux;
Des hommes dont le corps est mince et vigoureux,
Et des femmes dont l’œil par sa franchise étonne.

Guidé par ton odeur vers de charmants climats,
Je vois un port rempli de voiles et de mâts
Encor tour fatigués par la vague marine,

Pendant que le parfum des verts tamariniers,
Qui circule dans l’air et m’enfle la narine,
Se mêle dans mon âme au chant des mariniers.

XXII
Perfume exótico

Quando, cerrando os olhos, numa noite ardente,
Respiro a fundo o odor dos teus seios fogosos,
Percebo abrir-se ao longe litorais radiosos
Tingidos por um sol monótono e dolente.

Uma ilha preguiçosa que nos traz à mente
Estranhas árvores e frutos saborosos;
Homens de corpos nus, esguios, vigorosos,
Mulheres cujo olhar faísca à nossa frente.

Guiado por teu perfume a tais paisagens belas,
Vejo um porto a ondular de mastros e de velas
Talvez exaustos de afrontar os vagalhões,

Enquanto o verde aroma dos tamarineiros,
Que à beira-mar circula e inunda-me os pulmões,
Confunde-se em minha alma à voz dos marinheiros.

XXIII
La chevelure

O toison, moutonnant jusque sur l'encolure!
O boucles! O parfum chargé de nonchaloir!
Extase! Pour peupler ce soir l'alcôve obscure
Des souvenirs dormant dans cette chevelure,
Je la veux agiter dans l'air comme un mouchoir!

La langoureuse Asie et la brûlante Afrique,
Tout un monde lointain, absent, presque défunt,
Vit dans tes profondeurs, forêt aromatique!

Comme d'autres esprits voguent sur la musique,
Le mien, ô mon amour! nage sur ton parfum.

J'irai là-bas où l'arbre et l'homme, pleins de sève,
Se pâment longuement sous l'ardeur des climats;
Fortes tresses, soyez la houle qui m'enlève!
Tu contiens, mer d'ébène, un éblouissant rêve
De voiles, de rameurs, de flammes et de mâts:

Un port retentissant où mon âme peut boire
A grands flots le parfum, le son et la couleur;
Où les vaisseaux, glissant dans l'or et dans la moire,
Ouvrent leurs vastes bras pour embrasser la gloire
D'un ciel pur où frémit l'éternelle chaleur.

Je plongerai ma tête amourese d'ivresse
Dans ce noir océan où l'autre est enfermé;
Et mon esprit subtil que le roulis caresse
Saura vous retrouver, ô féconde paresse!
Infinis bercements du loisir embaumé!

Cheveux bleus, pavillon de ténèbres tendues,
Vous me rendez l'azur du ciel immense et rond;
Sur les bords duvetés de vos mèches tordues
Je m'enivre ardemment des senteurs confondues
De l'huile de coco, du musc et du goudron.

Longtemps! toujours! ma main dans ta crinière lourde
Sèmera le rubis, la perle et le saphir,
Afin qu'à mon désir tu ne sois jamais sourde!
N'es-tu pas l'oasis où je rêve, et la gourde
Où je hume à longs traits le vin du souvenir?

XXIII
A cabeleira

Ó tosão que até a nuca se encrespa em cachoeira!
Ó cachos! Ó perfume que o ócio faz intenso!
Êxtase! Para encher à noite a alcova inteira
Das lembranças que dormem nessa cabeleira,
Quero agitá-la no ar como se agita um lenço!

Uma Ásia voluptuosa e uma África escaldante,
Todo um mundo longínquo, ausente, quase morto,
Revive em teus recessos, bosque trescalante!
Se espíritos vagueiam na harmonia errante,
O meu, amor! em teu perfume flui absorto.

Adiante irei, lá, onde a vida a latejar,
Se abisma longamente sob a luz dos astros;
Revoltas tranças, sede a vaga a me arrastar!
Dentro de ti guardas um sonho, negro mar,
De velas, remadores, flâmulas e mastros:

Um porto em febre onde minha alma há de beber
A grandes goles o perfume, o som e a cor;
Lá, onde as naus, contra ondas de ouro a se bater,
Abrem seus vastos braços para receber
A glória de um céu puro e de infinito ardor.

Mergulharei a fronte bêbeda e amorosa
Nesse sombrio oceano onde o outro está encerrado;
E minha alma sutil que sobre as ondas goza
Saberá vos achar, ó concha preguiçosa!
Infinito balouço do ócio embalsamado!

Coma azul, pavilhão de trevas distendidas,
Do céu profundo dai-me a esférica amplidão;

Na trama espessa dessas mechas retorcidas
Embriago-me febril de essências confundidas
Talvez de óleo de coco, almíscar e alcatrão.

Por muito tempo! Sempre! Em tua crina ondeante
Cultivarei a pérola, a safira e o jade,
Para que meu desejo em teus ouvidos cante!
Pois não és o oásis onde sonho, o odre abundante
Onde sedento bebo o vinho da saudade?

XXIV

Je t'adore à l'égal de la voûte nocturne,
O vase de tristesse, ô grande taciturne,
Et t'aime d'autant plus, belle, que tu me fuis,
Et que tu me parais, ornement de mes nuits,
Plus ironiquement acumuler les lieues
Qui séparent mes bras des immensités bleues.

Je m'avance à l'attaque, et je grimpe aux assauts,
Comme après un cadavre un chœur de vermisseaux,
Et je chéris, ô bête implacable et cruelle!
Jusqu'à cette froideur par où tu m'es plus belle!

XXIV

Eu te amo como se ama a abóbada noturna,
Ó taça de tristeza, ó grande taciturna,
E mais ainda te adoro quanto mais te ausentas
E quanto mais pareces, no ermo que ornamentas,
Multiplicar irônica as celestes léguas
Que me separam das imensidões sem tréguas.

Ao assalto me lanço e agito-me na liça,
Como um coro de vermes junto a uma carniça,
E adoro, ó fera desumana e pertinaz,
Até essa algidez que mais bela te faz!

XXV

Tu mettrais l'univers entier dans ta ruelle,
Femme impure! Le'ennui rend ton âme cruelle.
Pour exercer tes dents à ce jeu singulier,
Il te faut chaque jour un cœur au râtelier.
Tes yeux, illuminés ainsi que des boutiques
Et des ifs flamboyants dans les fêtes publiques,
Usent insolemment d'un pouvoir emprunté,
Sans connaître jamais la loi de leur beauté.

Machine aveugle et sourde, en cruautés, féconde!
Salutaire instrument, buveur du sang du monde,
Comment n'as-tu pas honte et comment n'as-tu pas
Devant tous les miroirs vu pâlir tes appas?
La grandeur de ce mal où tu te crois savante
Ne t'a donc jamais fait reculer d'épouvante,
Quand la nature, grande en ses desseins cachés,
De toi se sert, ô femme, ô reine des péchés,
— De toi, vil animal, — pour pétrir un génie?

O fangeuse grandeur! sublime ignominie!

XXV

Porias o universo inteiro em teu bordel,
Mulher impura! O tédio é que te torna cruel
Para teus dentes neste jogo exercitar,
A cada dia um coração tens que sangrar.
Teus olhos, cuja luz recorda a dos lampejos
E dos rútilos teixos que ardem nos festejos,
Exibem arrogantes uma vã nobreza,
Sem conhecer jamais a lei de sua beleza.

Ó monstro cego e surdo, em cruezas fecundo!
Salutar instrumento, vampiro do mundo,
Como não te envergonhas ou não vês sequer
Murchar no espelho teu fascínio de mulher?
A grandeza do mal de que crês saber tanto
Não te obriga jamais a vacilar de espanto
Quando a mãe natureza, em desígnios velados,
Recorre a ti, mulher, ó deusa dos pecados
— A ti, vil animal — , para um gênio forjar?

Ó lodosa grandeza! Ó desonra exemplar!

XXVI
Sed non satiata

Bizarre déité, brune comme les nuits,
Au parfum mélangé de musc et de havane,
Oeuvre de quelque obi, le Faust de la savane,
Sorcière au flanc d’ébène, enfant des noirs minuits,

Je préfère au constance, à l’opium, au nuits,
L’élixir de ta bauche où l’amour se pavane;
Quand vers toi mes désirs partent en caravane,

Tes yeux sont la citerne où boivent mes ennuis.

Por ces deux grands yeux noirs, soupiraux de ton âme
O démon sans pitié! verse-moi moins de flamme;
Je ne suis pas le Styx pour t'embrasser neuf fois,

Hélas! et je ne puis, Mégère libertine,
Pour briser ton courage et te mettre aux abois,
Dans l'enfer de ton lit devenir Proserpine!

XXVI
Sed non satiata[77]

Bizarra divindade, cor da noite escura,
Cujo perfume sabe a almíscar e a havana,
Obra de algum obi,[78] o Fausto da savana,
Feiticeira sombria, criança da hora impura,

Prefiro ao ópio, ao vinho, à bêbeda loucura,
O elixir dessa boca onde o amor se engalana;
Se meus desejos vão a ti em caravana,
É do frescor dos olhos teus que ando à procura.

Que esses dois olhos negros, poros de tua alma,
Ó demônio impiedoso! às chamas tragam calma;
Não sou o Estige[79] para lúbrico abraçar-te,

E não posso, ai de mim, ó Megera sensual,
Para dobrar-te a fúria e à parede encostar-te,
Qual Prosérpina[80] arder em teu leito infernal.

XXVII

Avec ses vêtements ondoyants et nacrés,
Même quand elle marche on croirait qu'elle danse,
Comme ces longs serpents que les jongleurs sacrés
Au bout de leurs bâtons agitent en cadence.

Comme le sable morne et l'azur des déserts,
Insensibles tous deux à l'humaine souffrance,
Comme les longs réseaux de la houle des mers,
Elle se développe avec indifférence.

Ses yeux polis sont faits de minéraux charmants,
Et dans cette nature étrange et symbolique
Où l’ange inviolé se mêle au sphinx antique,

Où tout n’est qu’or, acier, lumière et diamants,
Resplendit à jamais, comme un astre inutile,
La froide majesté de la femme stérile.

XXVII

Envolta em ondulante traje nacarado,
Até quando caminha dir-se-á que ela dança,
Como esses longos répteis que um jogral sagrado
Agita em espirais no vértice da lança.

Como a tépida areia ou o azul do deserto,
Insensíveis os dois à desventura humana,
Como a trama das ondas no ermo mar aberto,
Ela se move indiferente e soberana.

Em seu polido olhar há minerais radiantes.
E nessa têmpera de insólitas quimeras,
Entre anjo indecifrado e esfinge de outras eras,

Em que tudo é só luz, metal, ouro e diamantes,
Esplende para sempre, em seu frívolo império,
A fria majestade da mulher estéril.

XXVIII
Le serpent qui danse

Que j’aime voir, chère indolente,
De ton corps si beau,
Comme une étoffe vacillante,
Miroiter la peau!

Sur ta chevelure profonde
Aux âcres parfums,
Mer odorante et vagabonde
Aux flots bleus et bruns,

Comme un navire qui s’éveille

Au vent du matin,
Mon âme rêveuse appareille
Pour un ciel lointain.

Tes yeux, où rien ne se révèle
De doux ni d'amer,
Sont deux bijoux froids où se mêle
L'or avec le fer.

A te voir marcher en cadence,
Belle d'abandon,
On dirait un serpent qui danse
Au bout d'un bâton.

Sous le fardeau de ta paresse
Ta tête d'enfant
Se balance avec la mollesse
D'un jeune éléphant,

Et ton corps se penche et s'allonge
Comme un fin vaisseau
Qui roule bord sur bord et plonge
Ses vergues dans l'eau.

Comme un flot grossi par la fonte
Des glaciers grondants,
Quand l'eau de ta bouche remonte
Au bord de tes dents,

Je crois boire un vin de Bohême,
Amer et vainqueur,
Un ciel liquide qui parsème
D'étoiles mon cœur!

XXVIII
A serpente que dança

Em teu corpo, lânguida amante,
    Me apraz contemplar,
Como um tecido vacilante,
    A pele a faiscar.

Em tua fluida cabeleira
    De ácidos perfumes,
Onda olorosa e aventureira
    De azulados gumes,

Como um navio que amanhece
    Mal desponta o vento,
Minha alma em sonho se oferece
    Rumo ao firmamento.

Teus olhos, que jamais traduzem
    Rancor ou doçura,
São jóias frias onde luzem
    O ouro e a gema impura.

Ao ver-te a cadência indolente,
    Bela de exaustão,
Dir-se-á que dança uma serpente
    No alto de um bastão

Ébria de preguiça infinita,
    A fronte de infanta
Se inclina vagarosa e imita
    A de uma elefanta.

E teu corpo pende e se aguça
    Como escuna esguia,

Que às praias toca e se debruça
Sobre a espuma fria.

Qual uma inflada vaga oriunda
Dos gelos frementes,
Quando a água em tua boca inunda
A arcada dos dentes,

Bebo de um vinho que me infunde
Amargura e calma,
Um líquido céu que difunde
Astros em minha alma!

XXIX
Une charogne

Rappelez-vous l'objet que nous vîmes, mon âme,
Ce beau matin d'été si doux:
Au détour d'un sentier une charogne infâme
Sur un lit semé de cailloux,

Les jambes en l'air, comme une femme lubrique,
Brûlante et suant les poisons,
Ouvrait d'une façon nonchalante et cynique
Son ventre plein d'exhalaisons.

Le soleil rayonnait sur cette pourriture,
Comme afin de la cuire à point,
Et de rendre au centuple à la grande Nature
Tout ce qu'ensemble elle avait joint;

Et le ciel regardait la carcasse superbe
Comme une fleur s'épanouir.
La puanteur était si forte, que sur l'herbe

Vous crûtes vous évanouir.

Les mouches bourdonnaient sur ce ventre putride,
D'où sortaient de noirs bataillons
De larves, qui coulaient comme un épais liquide
Le long de ces vivants haillons.

Tout cela descendait, montait comme une vague,
Ou s'élançait en pétillant;
On eût dit que le corps, enflé d'un souffle vague,
Vivait en se multipliant.

Et ce monde rendait une étrange musique,
Comme l'eau courante et le vent,
Ou le grain qu'un vanneur d'un mouvement rhythmique
Agite et tourne dans son van.

Les formes s'effaçaient et n'étaient plus qu'un rêve,
Une ébauche lente à venir,
Sur la toile oubliée, et que l'artiste achève
Seulement par le souvenir.

Derrière les rochers une chienne inquiète
Nous regardait d'un œil fâché,
Épiant le moment de reprendre au squelette
Le morceau qu'elle avait lâché.

— Et pourtant vous serez semblable à cette ordure,
A cette horrible infection,
Étoile de mes yeux, soleil de ma nature,
Vous, mon ange et ma passion!

Oui! telle que vous serez, ô la reine des grâces,
Après les derniers sacrements,
Quand vous irez, sous l'herbe et les floraisons grasses,
Moisir parmi les ossements.

Alors, ô ma beauté! dites à la vermine
Qui vous mangera de baisers,
Que j'ai gardé la forme et l'essence divine
De mes amours décomposés!

XXIX
Uma carniça

Lembra-te, meu amor, do objeto que encontramos
    Numa bela manhã radiante:
Na curva de um atalho, entre calhaus e ramos,
    Uma carniça repugnante.

As pernas para cima, qual mulher lasciva,
    A transpirar miasmas e humores,
Eis que as abria desleixada e repulsiva,
    O ventre prenhe de livores.

Ardia o sol naquela pútrida torpeza,
    Como a cozê-la em rubra pira
E para ao cêntuplo volver à Natureza
    Tudo o que ali ela reunira.

E o céu olhava do alto a esplêndida carcaça
    Como uma flor a se entreabrir.
O fedor era tal que sobre a relva escassa
    Chegaste quase a sucumbir.

Zumbiam moscas sobre o ventre e, em alvoroço,
    Dali saíam negros bandos
De larvas, a escorrer como um líquido grosso
    Por entre esses trapos nefandos.

E tudo isso ia e vinha, ao modo de uma vaga,
    Ou esguichava a borbulhar,
Como se o corpo, a estremecer de forma vaga,
    Vivesse a se multiplicar.

E esse mundo emitia uma bulha esquisita,
    Como vento ou água corrente,

Ou grãos que em rítmica cadência alguém agita
E à joeira deita novamente.

As formas fluíam como um sonho além da vista,
Um frouxo esboço em agonia,
Sobre a tela esquecida, e que conclui o artista
Apenas de memória um dia.

Por trás das rochas, irrequieta, uma cadela
Em nós fixava o olho zangado,
Aguardando o momento de reaver àquela
Náusea carniça o seu bocado.

— Pois hás de ser como essa coisa apodrecida,
Essa medonha corrupção,
Estrela de meus olhos, sol de minha vida,
Tu, meu anjo e minha paixão!

Sim! tal serás um dia, ó deusa da beleza,
Após a bênção derradeira,
Quando, sob a erva e as florações da natureza,
Tornares afinal à poeira.

Então, querida, dize à carne que se arruína,
Ao verme que te beija o rosto,
Que eu preservei a forma e a substância divina
De meu amor já decomposto!

XXX
De profundis clamavi

J’implore ta pitié, Toi, l’unique que j’aime,
Du fond du gouffre obscur où mon cœur est tombé.
C’est un univers morne à l’horizon plombé,

Où nagent dans la nuit l’horreur et le blasphème;

Un soleil sans chaleur plane au-dessus six mois,
Et les six autres mois la nuit couvre la terre;
C’est un pays plus nu que la terre polaire;
— Ni bêtes, ni ruisseaux, ni verdure, ni bois!

Or il n’est pas d’horreur au monde qui surpasse
La froide cruauté de ce soleil de glace
Et cette immense nuit semblable au vieux Chaos;

Je jalouse le sort des plus vils animaux
Qui peuvent se plonger dans un sommeil stupide,
Tant l’écheveau du temps lentement se dévide!

XXX
De profundis clamavi[81]

Imploro-te piedade, a Ti, razão de amor.
Do fundo abismo onde minha alma jaz sepulta.
É uma cálida terra em plúmbea névoa oculta,
Onde nadam na noite a blasfêmia e o terror;

Por seis meses um morno sol dissolve a bruma,
E durante outros seis a noite cobre o solo;
É um país bem mais nu do que o desnudo pólo
— Nem bestas, nem regatos, nem floresta alguma!

Não há no mundo horror que comparar se possa
À luz perversa desse sol que o gelo acossa
E à noite imensa que no velho Caos se abriu;

Invejo a sorte do animal talvez mais vil,
Capaz de mergulhar num sono que o enregela,
Enquanto o dédalo do tempo se enovela.

XXXI
Le vampire

Toi que, comme un coup de couteau,
Dans mon cœur plaintif es entrée,
Toi qui, forte comme un troupeau
De démons, vins, folle et parée,

De mon esprit humilié
Faire ton lit et ton domaine;
— Infâme à qui je suis lié
Comme le forçat à la chaîne,

Comme au jeu le jouer têtu,
Comme à la bouteille l'ivrogne,
Comme aux vermines la charogne,
— Maudite, maudite sois-tu!

J'ai prié le glaive rapide
De conquérir ma liberté,
Et j'ai dit au poison perfide
De secourir ma lâcheté.

Hélas! le poison et le glaive
M'ont pris en dédain et m'ont dit:
"Tu n'es pas digne qu'on t'enlève
A ton esclavage maudit,

Imbécile! — de son empire
Si nos efforts te délivraient,
Tes baisers ressusciteraient
Le cadavre de ton vampire!"

XXXI
O vampiro

Tu que, como uma punhalada,
Em meu coração penetraste,
Tu que, qual furiosa manada
De demônios, ardente, ousaste,

De meu espírito humilhado,
Fazer teu leito e possessão
— Infame à qual estou atado
Como o galé ao seu grilhão,

Como ao baralho o jogador,
Como à carniça o parasita,
Como à garrafa o bebedor
— Maldita sejas tu, maldita!

Supliquei ao gládio veloz
Que a liberdade me alcançasse,
E ao veneno, pérfido algoz,
Que a covardia me amparasse.

Ai de mim! com mofa e desdém,
Ambos me disseram então:
“Digno não és de que ninguém
Jamais te arranque à escravidão,

Imbecil! — se de teu retiro
Te libertássemos um dia,
Teu beijo ressuscitaria
O cadáver de teu vampiro!”

XXXII

Une nuit que j'étais près d'une affreuse Juive,
Comme au long d'un cadavre un cadavre étendu,
Je me pris à songer près de ce corps vendu
A la triste beauté dont mon désir se prive.

Je me représentai sa majesté native,
Son regard de vigueur et de grâces armé,
Ses cheveux qui lui font un casque parfumé,
Et dont le souvenir pour l'amour me ravive.

Car j'eusse avec ferveur baisé ton noble corps,
Et depuis tes pieds frais jusqu'à tes noires tresses
Déroulé le trésor des profondes caresses,

Si, quelque soir, d'un pleur obtenu sans effort
Tu pouvais seulement, ô reine des cruelles!
Obscurcir las splendeur de tes froides prunelles.

XXXII

Certa noite bem junto a uma horrenda judia,[82]
Como ao longo de um morto outro morto estendido,
Pus-me a pensar ao pé desse corpo vendido
Na beleza infeliz que aos olhos me fugia.

Eu lhe evocava a esplêndida altivez nativa,
O olhar de intensa luz e de graças armado,
O cabelo a servir-lhe de elmo perfumado
E a cuja súbita lembrança o amor se aviva.

Pois com fervor teu nobre corpo eu beijaria
E dos teus frescos pés às tuas negras tranças
Desataria a meada das carícias mansas,

Se uma noite, ao rolar de uma lágrima esguia,
Pudesses, tu, que apenas esse fel destilas,
Ofuscar o esplendor de tuas frias pupilas.

XXXIII
Remords posthume

Lorsque tu dorminas, ma belle ténébreuse,
Au fond d'un monument construit en marbre noir,
Et lorsque tu n'auras pour alcôve et manoir
Qu'un caveau pluvieux et qu'une fosse creùse;

Quand la pierre, opprimant ta poitrine peureuse
Et tes flancs qu'assouplit un charmant nonchaloir,
Empêchera ton cœur de battre et de vouloir,
Et tes pieds de courir leur course aventureuse,

Le tombeau, confident de mon rêve infini
(*Car le tombeau toujours comprendra le poëte*),
Durant ces grandes nuits d'où le somme est banni,

Te dira: "Que vous sert, courtisane imparfaite,
De n'avoir pas connu ce que pleurent les morts?"
— Et le ver rongera ta peau comme un remords.

XXXIII
Remorso póstumo

Quando fores dormir, ó bela tenebrosa,
Em teu negro e marmóreo mausoléu, e não
Tiveres por alcova e refúgio senão
Uma cova deserta e uma tumba chuvosa;

Quando a pedra, a oprimir tua carne medrosa
E teus flancos sensuais de lânguida exaustão,
Impedir de querer e arfar teu coração,
E teus pés de correr por trilha aventurosa,

O túmulo, no qual em sonho me abandono
— Porque o túmulo sempre há de entender o poeta — ,
Nessas noites sem fim em que nos foge o sono,

Dir-te-á: “De que valeu, cortesã indiscreta,
Ao pé dos mortos ignorar o seu lamento?”
— E o verme te roerá como um remorso lento.

XXXIV
Le chat

Viens, mon beau chat, sur mon cœur amoureux;
Retiens les griffes de la patte,
Et laisse-moi plonger dans tes beaux yeux,
Mêlés de métal et d’agate.

Lorsque mes doigts caressent à loisir
Ta tête et ton dos élastique,
Et que ma main s’enivre du plaisir
De palper ton corps électrique,

Je vois ma femme en esprit. Son regard,
Comme le tien, aimable bête,
Profond et froid, coupe et fend comme un dard,

Et, des pieds jusques à la tête,
Un air subtil, un dangereux parfum
Nagent autour de son corps brun.

XXXIV
O gato

Vem cá, meu gato, aqui no meu regaço;
Guarda essas garras devagar,
E nos teus belos olhos de ágata e aço
Deixa-me aos poucos mergulhar.

Quando meus dedos cobrem de carícias
Tua cabeça e o dócil torso,
E minha mão se embriaga nas delícias
De afagar-te o elétrico dorso,

Em sonho a vejo. Seu olhar, profundo
Como o teu, amável felino,
Qual dardo dilacera e fere fundo,

E, dos pés à cabeça, um fino
Ar sutil, um perfume que envenena
Envolvem-lhe a carne morena.

XXXV
Duellum

Deux guerriers ont couru l’un sur l’autre; leurs armes
Ont éclaboussé l’air de luers et de sang.
Ces jeux, ces cliquetis du fer sont les vacarmes
D’une jeunesse en proie à l’amour vagissant.

Les glaives sont brisés! comme notre jeunesse,
Ma chère! Mais les dents, les ongles acérés,
Vengent bientôt l’épée et la dague traîtresse.
— O fureur des cœurs mûrs par l’amour ulcérés!

Dans le ravin hanté des chats-pards et des onces
Nos héros, s'étreignant méchamment, ont roulé,
Et leur peau fleurira l'aridité des ronces.

— Ce gouffre, c'est l'enfer, de nos amis peuplé!
Roulons-y sans remords, amazone inhumaine,
Afin d'éterniser l'ardeur de notre haine!

XXXV
Duellum

Dois inimigos se enfrentaram; suas armas
O ar tingiram de sangue e de ébrios esplendores.
Estes metais em duelo ecoam como alarmas
Da juventude exposta a impúberes amores.

Foram-se os gládios! Como a nossa juventude,
Querida! Mas as unhas e os dentes afiados
Logo vingam a espada e a adaga falsa e rude.
— Ó corações em fúria e pelo amor magoados!

Na ravina apinhada de onças e leopardos
Rolaram os heróis, um ao outro abraçado,
E sua pele há de fazer florir os cardos.

— Pois este abismo é o inferno por tantos povoado!
Nele rolemos sem remorso, cruel parceria,
A fim de que ódio nos aqueça a vida inteira!

XXXVI
Le balcon

Mère des souvenirs, maîtresse des maîtresses,
O toi, tous mes plaisirs! ô toi, tous mes devoirs!
Tu te rappelleras la beauté des caresses,
La douceur du foyer et le charme des soirs,
Mère des souvenirs, maîtresse des maîtresses,

Les soirs illuminés par l’ardeur du charbon,
Et les soirs au balcon, voilés de vapeurs roses.
Que ton sein m’était doux! que ton cœur m’était bon!

Nous avons dit souvent d'impérissables choses
Les soirs illuminés par l'ardeur du charbon.

Que les soleils sont beaux dans les chaudes soirées!
Que l'espace est profond! Que le cœur est puissant!
En me penchant vers toi, reine des adorées,
Je croyais respirer le parfum de ton sang.
Que les soleils sont beaux dans les chaudes soirées!

La nuit s'épaississait ainsi qu'une cloison,
Et mes yeux dans le noir devinaient tes prunelles,
Et je buvais ton souffle, ô douceur! ô poison!
Et tes pieds s'endormaient dans mes mains fraternelles.
La nuit s'épaississait ainsi qu'une cloison.

Je sais l'art d'évoquer les minutes heureuses,
Et revis mon passé blotti dans tes genoux.
Car à quoi bon chercher tes beautés langoureuses
Ailleurs qu'en ton cher corps et qu'en ton cœur si doux?
Je sais l'art d'évoquer les minutes heureuses!

Ces serments, ces parfums, ces baisers infinis,
Renaîtront-ils d'un gouffre interdit à nos sondes,
Comme montent au ciel les soleils rajeunis
Après s'être lavés au fond des mers profondes?
— O serments! ô parfums! ô baisers infinis!

XXXVI
A varanda

Mãe das recordações, amante das amantes,
Tu, todo o meu prazer! Tu, todo o meu dever!
Hás de lembrar-te das carícias incessantes,
Da doçura do lar à luz do entardecer,
Mãe das recordações, amante das amantes!

As tarde à lareira, ao calor do carvão,
E as tardes na varanda, entre róseos matizes.
Quão doce era o seu seio e meigo o coração!
Dissemo-nos os dois as coisas mais felizes
Nas tardes à lareira, ao calor do carvão!

Quão soberbo era o sol nessas tardes douradas!
Que profundo era o espaço e como a alma era langue!
Curvado sobre ti, rainha das amadas,
Eu julgava aspirar o aroma de teu sangue.
Quão soberbo era o sol nessas tardes douradas!

A noite se adensava igual a uma clausura,
E no escuro os meus olhos viam-te as pupilas;
Teu hálito eu sorvia, ó veneno, ó doçura!
E dormiam teus pés em minhas mãos tranqüilas.
A noite se adensava igual a uma clausura.

Sei a arte de evocar as horas mais ditosas,
E revivo o passado imerso em teu regaço.
Para que procurar belezas voluptuosas
Se as encontro em teu corpo e em teu cálido abraço?
Sei a arte de evocar as horas mais ditosas.

Juras de amor, perfumes, beijos infinitos,
De um fundo abismo onde não chegam nossas sondas

Voltareis, como o sol retorna aos céus benditos
Depois de mergulhar nas mais profundas ondas?
— Juras de amor, perfumes, beijos infinitos!

XXXVII
Le possédé

Le soleil s’est couvert d’un crêpe. Comme lui,
O Lune de ma vie! emmitoufle-toi d’ombre;
Dors ou fume à ton gré; sois muette, sois sombre,
Et plonge tout entière au gouffre de l’Ennui;

Je t’aime ainsi! Pourtant, si tu veux aujourd’hui,
Comme un astre éclipsé qui sort de la pénombre,
Te pavaner aux lieux que la Folie encombre,
C’est bien! Charmant poignard, jaillis de ton étui!

Allume ta prunelle à la flamme des lustres!
Allume le désir dans les regards des rustres!
Tout de toi m’est plaisir, morbide ou pétulant;

Sois ce que tu voudras, nuit noire, rouge aurore;
Il n’est pas une fibre en tout mon corps tremblant
Qui ne crie: O mon cher Belzébuth, je t’adore!

XXXVII
O possesso

Cobriu-se o sol de negro véu. Como ele, ó Lua
De minha vida, veste o luto da agonia;
Dorme ou fuma à vontade; sê muda e sombria,
E no abismo do Tédio esplêndida flutua;

Eu te amo assim! Se agora queres, todavia,
Como um astro a emergir da penumbra que o acua,
Pavonear-te no palco onde a Loucura atua,
Pois bem! Punhal sutil em teu estojo esfria!

Acende essa pupila no halo dos clarões!
Acende a cupidez no olhar dos grosseirões!
Em ti tudo é prazer, morboso ou petulante;

Seja o que for, escura noite ou rubra aurora;
Uma por uma, as fibras de meu corpo arfante
Gritam: *Ó Belzebu, meu coração te adora!*

XXXVIII
Un fantôme

I
Les ténèbres

Dans les caveaux d'insondable tristesse
Où le Destin m'a déjà relégué;
Où jamais n'entre un rayon rose et gai;
Où, seul avec la Nuit, maussade hôtesse,

Je suis comme un peintre qu'un Dieu moqueur

Condamne à peidre, hélas! sur les ténèbres;
Où, cuisinier aux appétits funèbres,
Je fais bouillir et je mange mon cœur,

Par instants brille, et s'allonge et s'étale
Un spectre fait de grâce et de splendeur.
A sa rêveuse allure orientale,

Quand il atteint sa totale grandeur,
Je reconnais ma belle visiteuse:
C'est Elle! noire et pourtant lumineuse.

II
Le parfum

Lecteur, as-tu quelquefois respiré
Avec ivresse et lente gourmandise
Ce grain d'encens qui remplit une église,
Ou d'un sachet le musc invétéré?

Charme profond, magique, dont nous grise
Dans le présent le passé restauré!
Ainsi l'amant sur un corps adoré
Du souvenir cueille la fleur exquise.

Des ses cheveux élastiques et lourds,
Vivant sachet, encensoir de l'alcôve,
Une senteur montait, sauvage et fauve,

Et des habits, mousseline ou velours,
Tout imprégnés de sa jeunesse pure,
Se dégageait un parfum de fourrure.

III

Le cadre

Comme un beau cadre ajoute à la peinture,
Bien qu'elle soit d'un pinceau très-vanté,
Je ne sais quoi d'étrange et d'enchanté
En l'isolant de l'immense nature,

Ainsi bijoux, meubles, métaux, dorure,
S'adaptaient juste à sa rare beauté;
Rien n'offusquait sa parfaite clarté,
Et tout semblait lui servir de bordure.

Même on eût dit parfois qu'elle croyait
Que tout voulait l'aimer; elle noyait
Sa nudité voluptueusement

Dans les baisers du satin et du linge,
Et, lente ou brusque, à chaque mouvement
Montrait la grâce enfantine du singe.

IV
Le portrait

La Maladie et la Mort font des cendres
De tout le feu qui pour nous flamboya.
De ces grands yeux si fervents et si tendres,
De cette bouche où mon cœur se noya,

De ces baisers puissants comme un dictame,
De ces transports plus vifs que des rayons,
Que reste-t-il? C'est affreux, ô mon âme!
Rien qu'un dessin fort pâle, aux trois crayons,

Qui, comme moi, meurt dans la solitude,
Et que le Temps, injurieux vieillard,

Chaque jour frotte avec son aile rude...

Noir assassin de la Vie et de l'Art,
Tu ne tueras jamais dans ma mémoire
Celle qui fut mon plaisir et ma gloire!

XXXVIII
Um fantasma

I

As trevas

Nos porões de tristeza impenetrável
Onde o Destino um dia me esqueceu;
Onde jamais um róseo raio ardeu,
Só com a noite, hospedeira intratável,

Sou qual pintor que um Deus, por diversão,
Na treva faz mover os seus pincéis,
Ou cozinheiro de apetites cruéis
Que assa e devora o próprio coração.

Súbito brilha e faz-se ali presente
Fantasma esplêndido e de graça extrema
Em oriental postura evanescente.

Ao atingir a perfeição suprema,
Nele percebo a bela visitante:
Ei-la! negra e contudo fulgurante.

II

O PERFUME

Leitor, tens já por vezes respirado
Com embriaguez e lenta gostosura
O grão de incenso que enche uma clausura,
Ou de um saquinho o almíscar entranhado?

Sutil e estranho encanto transfigura
Em nosso agora a imagem do passado.
Assim o amante sobre o corpo amado
À flor mais rara colhe o que perdura.

Da cabeleira espessa como crina,
Turíbulo de alcova, ébria almofada,
Vinha uma essência rútila e indomada,

E das vestes, veludo ou musselina,
Que sua tenra idade penetrava,
Um perfume de pêlos se evolava.

III

A MOLDURA

Como à tela acrescenta uma moldura
— Não importa do artista a sutileza — ,
Isolando-o da imensa natureza,
Um não-sei-quê de mágica textura,

Assim jóias, metais e douradura
Ajustavam-se à sua irreal beleza;
Nada ofuscava-lhe a integral clareza,
E tudo lhe era como cercadura.

Dir-se-ia muita vez que ela supunha
Tudo existir para adorá-la e expunha
Sua nudez com gozo e encantamento

Às carícias do linho e do cetim,
E, suave ou brusca, a cada movimento
Mostrava a graça ingênua do sagüim.

IV

O RETRATO

A Doença e a Morte tornam cinza todo
Aquele fogo que por nós ardeu.
Dos olhos a me olhar daquele modo,
Da boca onde meu ser se dissolveu,

Dos beijos sempre fiéis a uma ordem dada,
Dos êxtases mais vivos que fulgores,
Que resta? É horrível, ó minha alma! Nada
Mais que um pálido esboço de três cores

Que se extingue, como eu, na solitude,
E que o tempo, sem pressa e em toda parte,
Vai roçando com asa amarga e rude...[83]

Negro assassino da Vida e da Arte,
Jamais hás de matar-me na memória
A que foi meu prazer e minha glória!

XXXIX

Je te donne ces vers afin que si mon nom
Aborde heureusement aux époques lointaines,
Et fait rêver un soir les cervelles humaines,
Vaisseau favorisé par un grand aquilon,

Ta mémoire, pareille aux fables incertaines,
Fatigue le lecteur ainsi qu'un tympanon,
Et par un fraternel et mystique chaînon
Reste comme pendue à mes rimes hautaines;

Être maudit à qui, de l’abîme profond
Jusqu’au plus haut du ciel, rien, hors moi, ne répond!
— O toi qui, comme une ombre à la trace éphémère,

Foules d’un pied léger et d’un regard serein
Les stupides mortels qui t’ont jugée amère,
Statue aux yeux de jais, grand ange au front d’airain!

XXXIX

Estes versos te dou para que, se algum dia,
Feliz chegar meu nome às épocas futuras
E lá fizer sonhar as humanas criaturas,
Nau que um esplêndido aquilão ampara e guia,

Tua memória, irmã das fábulas obscuras,
Canse o leitor com pertinaz monotonia,
E presa por grilhão de mística energia
Suspensa permaneça em minhas rimas puras;

Maldita que, do céu infindo ao mais profundo
Abismo, a mim somente escutas neste mundo!
— Ó tu que, como sombra de existência fátua,

Pisas de leve, sem que aqui jamais te afronte
Nenhum mortal que te suponha amarga, estátua
De olhos de jade, grande anjo de brônzea fronte!

XL
Semper eadem

“D’où vous vient, disiez-vous, cette tristesse étrange,
Montant comme la mer sur le roc noir et nu?”
— Quand notre cœur a fait une fois sa vendange,
Vivre est un mal. C’est un secret de tous connu,

Une douleur très-simple et non mystérieuse,
Et, comme votre joie, éclatante pour tous.
Cessez donc de chercher, ô belle curieuse!
Et, bien que votre voix soit douce, taisez-vous!

Taisez-vous, ignorante! âme toujours ravie!

Bouche au rire enfantin! Plus encor que la Vie,
La Mort nous tient souvent par des liens subtils.

Laissez, laissez mon cœur s'enivrer d'un mensonge,
Plonger dans vos beaux yeux comme dans un beau songe,
Et sommeiller longtemps à l'ombre de vos cils!

XL
Semper eadem[84]

“De onde te vem, responde, essa tristeza infinda
Que galga, como o mar, o negro e nu rochedo?”
— Quando no coração nossa colheita finda,
Viver é um mal. Ninguém ignora este segredo,

Uma dor muito simples, nada misteriosa,
A todos familiar, como tua alegria.
Nada queiras saber, minha bela curiosa!
E, embora a voz te seja afável, silencia!

Cala-te, tola! alma de tudo embevecida!
Boca de riso ingênuo! Ainda mais do que a Vida,
A Morte nos enlaça em seus sutis idílios.

Deixa-me o coração confiar no que *suponho*,
Dentro em teus olhos mergulhar como num sonho,
E dormir longo tempo à sombra de teus cílios!

XLI
Tout entière

Le Démon, dans ma chambre haute,
Ce matin est venu me voir,
Et, tâchant à me prendre en faute,
Me dit: “Je voudrais bien savoir,

Parmi toutes les belles choses
Dont est fait son enchantement,
Parmi les objets noirs ou roses
Qui composent son corps charmant,

Quel est le plus doux.” — O mon âme!
Tu répondis à l’Abhorré:
“Puisqu’en Elle tout est dictame,
Rien ne peut être préféré.

Lorsque tout me ravit, j’ignore
Si quelque chose me séduit.
Elle éblouit comme l’Aurore
Et console comme la Nuit;

Et l’harmonie est trop exquise,
Qui gouverne tout son beau corps,
Pour que l’impuissante analyse
En note les nombreux accords.

O métamorphose mystique
De tous mes sens fondus en un!
Son haleine fait la musique,
Comme sa voix fait le parfum!”

XLI
Toda ela

O Demônio em meu quarto salta
Esta manhã para me ver
E, tentando apanhar-me em falta,
Diz-me: “Eu só queria saber,

Entre todas as coisas raras
De que é pródigo seu feitiço,
Entre as jóias negras ou claras
Que ao corpo lhe dão tanto viço,

Qual a mais sublime.” — Ó minha alma!
Respondeste ao Tinhoso então:
“Porque Ela é um bálsamo que acalma,
Não pode haver predileção.

E como tudo me extasia,
Não sei se nela algo me enfara.
Ela deslumbra como o Dia
E como a Noite nos ampara.

Seu corpo esplêndido é regido
Por harmonias tão concordes
Que nunca pôde o humano ouvido
Escolher um dentre os acordes.

Ó mística transmutação
Que os sentidos num só resume!
Seu hálito faz a canção
E sua voz faz o perfume!”

XLII

Que diras-tu ce soir, pauvre âme solitaire,
Que diras-tu, mon cœur, cœur autrefois flétri,
A la très-belle, à la très-bonne, à la très-chère,
Dont le regard divin t'a soudain refleuri?

— Nous mettrons notre orgueil à chanter ses louanges:
Rien ne vaut la douceur de son autorité;
Sa chair spirituelle a le parfum des Anges,
Et son œil nous revêt d'un habit de clarté.

Que ce soit dans la nuit et dans la solitude,
Que ce soil dans la rue et dans la multitude,
Son fantôme dans l'air danse comme un flambeau.

Parfois il parle et dit: "Je suis belle, et j'ordonne
Que pour l'amour de moi vous n'aimiez que le Beau;
Je suis l'Ange gardien, la Muse et la Madone."

XLII

Que dirás esta noite, ó alma abandonada,
Que dirás, coração, deserto e murcho outrora,
À muito bela, à muito boa, à muito amada,
Cujos olhos te fazem reflorir agora?

— Que nosso orgulho apenas cante em seu louvor:
Nada se iguala à sua doce autoridade,
À carne etérea deu-lhe um Anjo seu frescor,
E seu olhar nos banha em branda claridade.

Seja na noite ou na mais funda solidão,
Seja na rua ou na difusa multidão,
Seu fantasma se agita no ar como uma flama.

Às vezes diz: “Sou bela, e ordeno como dona:
Pelo amor que me tens, o Belo apenas ama;
Sou teu Anjo guardião, sou Musa e sou Madona.”

XLIII
Le flambeau vivant

Ils marchent devant moi, ces Yeux pleins de lumières,
Qu’un Ange très-savant a sans doute aimantés;
Ils marchent, ces divins frères qui sont mes frères,
Secouant dans mes yeux leurs feux diamantés.

Me sauvant de tour piège et de tout péché grave,
Ils conduisent mes pas dans la route du Beau;
Ils sont mes serviteurs et je suis leur esclave;
Tout mon être obéit à ce vivant flambeau.

Charmants Yeux, vous brillez de la clarté mystique

Qu’ont les cierges brûlant en plein jour; le soleil
Rougit, mais n’éteint pas leur flamme fantastique;

Ils célèbrent la Mort, vous chantez le Réveil;
Vous marchez en chantant le réveil de mon âme,
Astres dont nul soleil ne peut flétrir la flamme!

XLIII
O archote vivo

Diante de mim caminham olhos luminosos,
Que um Anjo sábio fez sem dúvida imantados;
São meus irmãos, eu sei, estes irmãos piedosos,
Que aos olhos meus arrojam fogos constelados.

Salvando-me do risco ou de qualquer agravo,
Rumo à Beleza eles me guiam sempre altivo;
Meus servos são e deles sou também escravo;
Todo o meu ser se roja ante este archote vivo.

Olhos graciosos, cintilais da luz que emana
Dos círios místicos a arder no dia a pino;
O sol não lhes extingue a misteriosa chama;

Eles louvam a Morte, e vós entoais um Hino;
Ides a celebrar de minha alma o arrebol,
Astros cuja luz nunca há de apagar o sol!

XLIV
Réversibilité

Ange plein de gaieté, connaissez-vouz l'angoisse,
La honte, les remords, les sanglots, les ennuis,
Et les vagues terreurs de ces affreuses nuits
Qui compriment le cœur comme un papier qu'on froisse?
Ange plein de gaieté, connaissez-vous l'angoisse?

Ange plein de bonté, connaissez-vous la haine,
Les poings crispés dans l'ombre et les larmes de fiel,
Quand la Vengeance bat son infernal rappel,

Et de nos facultés se fait le capitaine?
Ange plein de bonté, connaissez-vous la haine?

Ange plein de santé, connaissez-vous les Fièvres,
Qui, le long des grands murs de l'hospice blafard,
Comme des exilés, s'en vont d'un pied traînard,
Cherchant le soleil rare et remuant les lèvres?
Ange plein de santé, connaissez-vous les Fièvres?

Ange plein de beauté, connaissez-vous les rides,
Et la peur de vieillir, et ce hideux tourment
De lire la secrète horreur du dévouement
Dans des yeux où longtemps burent nos yeux avides?
Ange plein de beauté, connaissez-vous les rides?

Ange plein de bonheur, de joie et de lumières,
David mourant aurait demandé la santé
Aux émanations de ton corps enchanté;
Mais de toi je n'implore, ange, que tes prières,
Ange plein de bonheur, de joie et de lumières!

XLIV
Reversibilidade

Ó anjo de alegria, já viste a desgraça,
Os soluços, o tédio, o remorso, as vergonhas,
E o difuso terror dessas noites medonhas
Que o peito oprimem como um papel que se amassa?
Ó anjo de alegria, já viste a desgraça?

Ó anjo de bondade, já viste o rancor,
As mãos em gesto aflito e as lágrimas de fel,
Quando brande a Vingança o seu apelo cruel
E de nossas virtudes torna-se o senhor?
Ó anjo de bondade, já viste o rancor?

Ó anjo de saúde, já viste os Delírios,
Que, ao longo das paredes do asilo alvadio,
Como exilados vão em seu passo tardio,
Movendo os lábios e buscando a luz dos círios?
Ó anjo de saúde, já viste os Delírios?

Ó anjo de beleza, as rugas já não viste,
Não viste o medo da velhice e este suplício
De ler o esfíngico pavor do sacrifício
No olhar que outrora nos saciou a gula triste?
Ó anjo de beleza, as rugas já não viste?

Ó anjo de ventura e júbilo e clarões,
Davi da morte se teria levantado
Sob os eflúvios de teu corpo enfeitiçado;
Mas a ti só imploro as tuas orações,
Ó anjo de ventura e júbilo e clarões!

XLV

Confession

Une fois, une seule, aimable et douce femme,
A mon bras votre bras poli
S’appuya (*sur le fond ténébreux de mon âme*
Ce souvenir n’est point pâli)*;*

Il était tard; ainsi qu’une médaille neuve
La pleine lune s’étalait,
Et la solennité de la nuit, comme un fleuve,
Sur Paris dormant ruisselait.

Et le long des maisons, sous les portes cochères,
Des chats passaient furtivement,
L’oreille au guet, ou bien, comme des ombres chères,
Nous accompagnaient lentement.

Tout à coup, au milieu de l’intimité libre
Éclose à la pâle clarté,
De vous, riche et sonore instrument où ne vibre
Que la radieuse gaieté,

De vous, claire et joyeuse ainsi qu’une fanfare
Dans le matin étincelant,
Une note plaintive, une note bizarre
S’échappa tout en chancelant

Comme une enfant chétive, horrible, sombre, immonde,
Dont sa famille rougirait,
Et qu’elle aurait longtemps, pour la cacher au monde,
Dans un caveau mise au secret.

Pauvre ange, elle chantait, votre note criarde:
“Que rien ici-bas n’est certain,
Et que toujours, avec quelque soin qu’il se farde,

Se trahit l’égoïsme humain;

Que c’est un dur métier que d’être belle femme,
Et que c’est le travail banal
De la danseuse folle et froide qui se pâme
Dans un sourire machinal;

Que bâtir sur les cœurs est une chose sotte;
Que tout craque, amour et beauté,
Jusqu’à ce que l’Oubli les jette dans sa hotte
Pour les rendre à l’Éternité!”

J’ai souvent évoqué cette lune enchantée,
Ce silence et cette langueur,
Et cette confidence horrible chuchotée
Au confessionnal du cœur.

XLV
Confissão

Uma vez, uma só, graciosa e doce amante,
Teu suave braço sobre o meu
Pousou (no fundo em trevas de minha alma, o instante
Que então vivemos não morreu);

Era bem tarde; qual efígie luminosa,
A lua cheia se exibia,
Enquanto a noite, como um rio, majestosa,
Sobre Paris em calma fluía.

E junto às casas, por debaixo dos portais,
Gatos furtivos se moviam,
O ouvido alerta, ou, como sombras fraternais,
A passo lento nos seguiam.

Súbito, em meio àquela intimidade franca
Nascida à luz ainda escassa,
De ti, rico instrumento ao qual nunca se arranca
Senão a mais vibrante graça,

De ti, alegre e clara como uma fanfarra
Imersa na manhã radiante,
Uma nota queixosa, uma nota bizarra
No ar oscilou toda hesitante

Qual menino franzino e macilento e imundo,
A quem os pais, por pejo ou medo,
Longo tempo escondessem aos olhos do mundo,
Como se esconde um vil segredo.

Anjo infeliz, ela trauteava a nota aguda:
“Aqui na Terra é tudo engano,

E mesmo que a si próprio alguém sempre se iluda,
Revela-se o egoísmo humano;

Ser bela é ofício cujo preço se conhece,
É o espetáculo banal
Da bailarina louca e fria que fenece
Com um sorriso maquinal;

Semear nos corações é sucumbir ao pranto;
Finda-se o amor, vem a saudade,
Até que o Esquecimento os arremesse a um canto
E os lance enfim à Eternidade!”

Muita vez evoquei esta lua encantada,
Este silêncio noite afora,
E esta medonha confidência sussurada
Ao coração que a escuta agora.

XLVI
L’aube spirituelle

Quand chez les débauchés l’aube blanche et vermeille
Entre en société de l’Ideal rongeur,
Par l’opération d’un mystère vengeur
Dans la brute assoupie un ange se réveille.

Des Cieux Spirituels l’inaccessible azur,
Pour l’homme terrassé qui rêve encore et souffre,
S’ouvre et s’enfonce avec l’attirance du gouffre.
Ainsi, chère Déesse, Être lucide et pur,

Sur les débris fumeux des stupides orgies
Ton souvenir plus clair, plus rose, plus charmant,
A mes yeux agrandis voltige incessamment.

Le soleil a noirci la flamme des bougies;
Ainsi, toujours vainqueur, ton fantôme est pareil,
Ame resplendissante, à l'immortel soleil!

XLVI
A aurora espiritual

Entre os devassos, quando a branca e rubra aurora
Faz mútua sociedade com o Ideal roedor,
Por obra e graça de um mistério vingador
Na entorpecida besta fera um anjo aflora.

Dos Céus Espirituais o azul inacessível,
Para o homem que padece e sonha em paroxismo,
Se entreabre e se aprofunda em fascinante abismo.
Assim, graciosa Deusa, lúcida e sensível,

Sobre os despojos fumegantes das orgias
Tua imagem mais clara, mais rósea, mais cheia,
Ante meus olhos pasmos sem cessar volteia.

O sol crestou nos castiçais as chamas frias;
Assim, triunfante, o teu fantasma se parece,
Alma radiosa, ao sol que eterno resplandece!

XLVII
Harmonie du soir

Voici venir les temps où vibrant sur sa tige
Chaque fleur s'évapore ainsi qu'un encensoir;
Les sons et les parfums tournent dans l'air du soir;
Valse mélancolique et langoureux vertige!

Chaque fleur s'évapore ainsi qu'un encensoir;
Le violon frémit comme un cœur qu'on afflige;
Valse mélancolique et langoureux vertige!
Le ciel est triste et beau comme un grand reposoir.

Le violon frémit comme un cœur qu'on afflige,
Un cœur tendre qui hait le néant vaste et noir!
Le ciel est triste et beau comme un grand reposoir;
Le soleil s'est noyé dans son sang qui se fige.

Un cœur tendre qui hait le néant vaste et noir,
Du passé lumineux recueille tout vestige!
Le soleil s'est noyé dans son sang qui se fige...
Ton souvenir en moi luit comme un ostensoir!

XLVII
Harmonia da tarde

Chegado é o tempo em que, vibrando o caule virgem,
Cada flor se evapora igual a um incensório;
Sons e perfumes pulsam no ar quase incorpóreo;
Melancólica valsa e lânguida vertigem!

Cada flor se evapora igual a um incensório;
Fremem violinos como fibras que se afligem;
Melancólica valsa e lâguida vertigem!
É triste e belo o céu como um grande oratório.

Fremem violinos como fibras que se afligem,
Almas ternas que odeiam o nada vasto e inglório!
É triste e belo o céu como um grande oratório;
O sol se afoga em ondas que de sangue o tingem.

Almas ternas que odeiam o nada vasto e inglório
Recolhem do passado as ilusões que o fingem!
O sol se afoga em ondas que de sangue o tingem...
Fulge a tua lembrança em mim qual ostensório!

XLVIII
Le flacon

Il est de forts parfums pour qui toute matière
Est poreuse. On dirait qu'ils pénètrent le verre.
En ouvrant un coffret venu de l'Orient
Dont la serrure grince et rechigne en criant,

Ou dans une maison déserte quelque armoire
Pleine de l'âcre odeur des temps, poudreuse et noire,

Parfois on trouve un vieux flacon qui se souvient,
D'où jaillit toute vive une âme qui revient.

Mille pensers dormaient, chrysalides funèbres,
Frémissant doucement dans les lourdes ténèbres,
Qui dégagent leur aile et prennent leur essor,
Teintés d'azur, glacés de rose, lamés d'or.

Voilà le souvenir enivrant qui voltige
Dans l'air troublé; les yeux se ferment; le Vertige
Saisit l'âme vaincue et la pousse à deux mains
Vers un gouffre obscurci de miasmes humains;

Il la terrasse au bord d'un gouffre séculaire,
Où, Lazare odorant déchirant son suaire,
Se meut dans son réveil le cadavre spectral
D'un vieil amour ranci, charmant et sépulcral.

Ainsi, quand je serai perdu dans la mémoire
Des hommes, dans le coin d'une sinistre armoire
Quand on m'aura jeté, vieux flacon désolé,
Décrépit, poudreux, sale, abject, visqueux, fêlé,

Je serai ton cercueil, aimable pestilence!
Le témoin de ta force et de ta virulence,
Cher poison préparé par les anges! liqueur
Qui me ronge, ô la vie et la mort de mon cœur!

XLVIII
O frasco

Perfumes há que os poros da matéria filtram
E no cristal dir-se-ia até que eles se infiltram.
Ao abrirmos um cofre que nos vem do Oriente
Cujo ferrolho range e emperra asperamente,

Ou numa casa algum poeirento e negro armário,
Onde o acre odor dos tempos dorme solitário,
Talvez se encontre um frasco a recordar o outrora,
Do qual uma alma palpitante se evapora.

Pensamentos dormiam, ninfas moribundas,
A fremir com doçura em meio às trevas fundas,
E as asas distendiam para alçar-se, estriadas
De azul e rosa, ou de ouro arcaico laminadas.

Eis as lembranças inebriantes que se aflingem
No ar convulso; fecham-se os olhos; a Vertigem
Subjuga a alma vencida e a empurra com a mão
A um vórtice que exala a humana podridão;

Abate-a às bordas de um abismo milenário,
Onde, qual Lázaro rasgando seu sudário,
Se move ao despertar o defunto espectral
De um velho amor malsão, gracioso e sepulcral.

Assim, quando de tudo eu me tornar ausente,
Ao canto de um sinistro armário indiferente,
Quando esquecido eu for, qual frasco desolado,
Caduco, imundo, abjeto, poeirento, rachado,

Serei teu ataúde, amável pestilência,
Testemunho de tua força e virulência,

Veneno angelical, licor que sem perdão
Me rói, ó vida e morte de meu coração!

XLIX
Le poison

Le vin sait revêtir le plus sordide bouge
D’un luxe miraculeux,
Et fait surgir plus d’un portique fabuleux
Dans l’or de sa vapeur rouge,
Comme un soleil couchant dans un ciel nébuleux.

L’opium agrandit ce qui n’a pas de bornes,
Allonge l’illimité,
Approfondit le temps, creuse la volupté,
Et de plaisirs noirs et mornes
Remplit l’âme au-delà de sa capacité.

Tout cela ne vaut pas le poison qui découle
De tes yeux, de tes yeux verts,
Lacs où mon âme tremble et se voit à l’envers...
Mes songes viennent en foule
Pour se désaltérer à ces gouffres amers.

Tout cela ne vaut pas le terrible prodige
De ta salive qui mord,
Qui plonge dans l’oubli mon âme sans remord,
Et, charriant le vertige,
La roule défaillante aux rives de ma mort!

XLIX
O veneno

Sabe o vinho vestir o ambiente mais espúrio
    Com seu luxo prodigioso,
E engendra mais de um pórtico miraculoso
    No ouro de um vapor purpúreo,
Como um sol que se põe no ocaso nebuloso.

O ópio dilata o que contornos não tem mais,
    Aprofunda o ilimitado,
Alonga o tempo, escava a volúpia e o pecado,
    E de prazeres sensuais
Enche a alma para além do que conter lhe é dado.

Mas nada disso vale o veneno que escorre
    De teu verde olhar perverso,
Laguna onde minha alma se mira ao inverso...
    E meu sonho logo acorre
Para saciar-se nesse abismo em fel imerso.

Nada disso se iguala ao prodígio sombrio
    Da tua saliva forte,
Que a alma me impele ao esquecimento num transporte,
    E, carreando o desvario,
Desfalecida a arrasta até os umbrais da morte!

L
Ciel brouillé

On dirait ton regard d’une vapeur couvert;
Ton œil mystérieux (*est-il bleu, gris ou vert?*)
Alternativement tendre, rêveur, cruel,

Réfléchit l’indolence et la pâleur du ciel.

Tu rappelles ces jours blancs, tièdes et voilés,
Qui font se fondre en pleurs les cœurs ensorcelés,
Quand, agilés d’un mal inconnu qui les tord,
Les nerfs trop éveillés raillent l’esprit qui dort.

Tu ressembles parfois à ces beaux horizons
Qu’allument les soleils des brumeuses saisons...
Comme tu resplendis, paysage mouillé
Qu’enflamment les rayons tombant d’un ciel brouillé!

O femme dangereuse, ô seduisants climats!
Adorerai-je aussi ta neige et vos frimas,
Et saurai-je tirer de l’implacable hiver
Des plaisiris plus aigus que la glace et le fer?

L
Céu nublado

Dir-se-ia teu olhar coberto de uma bruma;
Teu olhar misterioso (é azul, verde ou se esfuma?)
Às vezes terno e sonhador, às vezes cruel,
Reflete a palidez e a indolência do céu.

Lembras os dias brancos, mornos e velados,
Que em prantos põem os corações enfeitiçados,
Quando, despertos por torção desconhecida,
Os nervos tensos zombam da alma adormecida.

Não raro imitas essas cores vaporosas
Que fulguram aos sóis das estações brumosas...
Como resplendes, horizonte assim molhado
Quando a flama do sol aquece o céu nublado!

Ó mulher perigosa, ó climas sedutores!
Hei de adorar a tua neve e os teus rigores?
E como arrancarei do inverno em que me enterro
Mais agudo prazer que os do gelo e do ferro?

LI
Le chat

I

Dans ma cervelle se promène,
Ainsi qu’en son appartement,
Un beau chat, fort, doux et charmant.
Quand il miaule, on l’entend à peine,

Tant son timbre est tendre et discret;
Mais que sa voix s'apaise ou gronde,
Elle est toujours riche et profonde.
C'est là son charme et son secret.

Cette voix qui perle et qui filtre
Dans mon fonds le plus ténébreux,
Me remplit comme un vers nombreux
Et me réjouit comme un philtre.

Elle endort les plus cruels maux
Et contient toutes les extases;
Pour dire les plus longues phrases,
Elle n'a pas besoin de mots.

Non, il n'est pas d'archet qui morde
Sur mon cœur, parfait instrument,
Et fasse plus royalement
Chanter sa plus vibrante corde,

Que ta voix, chat mystérieux,
Chat séraphique, chat étrange,
En qui tout est, comme en un ange,
Aussi subtil qu'harmonieux!

II

De sa fourrure blonde et brune
Sort un parfum si doux, qu'un soir
J'en fus embaumé, pour l'avoir
Caressée une fois, rien qu'une.

C'est l'esprit familier du lieu;
Il juge, il préside, il inspire
Toutes choses dans son empire;

Peut-être est-il fée, est-il dieu?

Quand mes yeux, vers ce chat que j'aime
Tirés comme par un aimant,
Se retournent docilment
Et que je regarde en moi-même,

Je vois avec éttonnement
Le feu de ses prunelles pâles,
Clairs fanaux, vivantes opales
Qui me contemplent fixement.

LI
O gato

I

Dentro em meu cérebro vai e vem
Como se a sua casa fosse
Um belo gato, forte e doce.
Quando ele mia, mal há quem

Lhe ouça o fugaz timbre discreto;
Seja serena ou iracunda,
Soa-lhe a voz rica e profunda.
Eis seu encanto mais secreto.

Essa voz que se infiltra e afina
Em meu recesso mais umbroso
Me enche qual verso numeroso
E como um filtro me ilumina.

Os piores males ela embala
E os êxtases todos oferta;
Para enunciar a frase certa,
Não é com palavras que fala.

Não, não existe arco que morda
Meu coração, nobre instrumento,
Ou faça com tal sentimento
Vibrar-lhe a mais sensível corda

Que a tua voz, ó misterioso
Gato de místico veludo,
Em que, como num anjo, tudo
É tão sutil quanto gracioso!

II

De seu pêlo louro e tostado
Um perfume tão doce flui
Que uma noite, ao mimá-lo, fui
Por seu aroma embalsamado.

É a alma familiar da morada;
Ele julga, inspira, demarca
Tudo o que seu império abarca;
Será um deus, será uma fada?

Se neste gato que me é caro,
Como por ímãs atraídos,
Os olhos ponho comovidos
E ali comigo me deparo,

Vejo aturdido a luz que lhe arde
Nas pálidas pupilas ralas,
Claros faróis, vivas opalas,
Que me contemplam sem alarde.

LII
Le beau navire

Je veux te raconter, ô molle enchanteresse!
Les diverses beautés qui parent ta jeunesse;
Je veux te peindre ta beauté,
Où l'enfance s'allie à la maturité.

Quand tu vas balayant l'air de ta jupe large,
Tu fais l'effet d'un beau vaisseau qui prend le large,
Chargé de toile, et va roulant
Suivant un rhythme doux, et paresseux, et lent.

Sur ton cou large et rond, sur tes épaules grasses,
Ta tête se pavane avec d'étranges grâces;
D'un air placide et triomphant
Tu passes ton chemin, majestueuse enfant.

Je veux te raconter, ô molle enchanteresse!
Les diverses beautés qui parent ta jeunesse;
Je veux te peindre ta beauté,
Où l'enfance s'allie à la maturité.

Ta gorge qui s'avance et qui pousse la moire,
Ta gorge triomphante est une belle armoire
Dont les panneaux bombés et clairs
Comme les boucliers accrochent des éclairs;

Boucliers provoquants, armés de pointes roses!
Armoires à doux secrets, pleine de bonnes choses,
De vins, de parfums, de liqueurs
Qui feraient délirer les cerveaux et les cœurs!

Quand tu vas balayant l'air de ta jupe large,
Tu fais l'effet d'un beau vaisseau qui prend le large,
Chargé de toile, et va roulant
Suivant un rhythme doux, et paresseux, et lent.

Tes nobles jambes, sous les volants qu'elles chassent,
Tourmentent les désirs obscurs et les agacent,
Comme deux sorcières qui font
Tourner un philtre noir dans un vase profond.

Tes bras, qui se joueraient des précoces hercules,
Sont des boas luisants les solides émules,
Faits pour serrer obstinément,
Comme pour l'imprimer dans ton cœur, ton amant.

Sur ton cou large et rond, sur tes épaules grasses,
Ta tête se pavane avec d’étranges grâces;
D’un air placide et triomphant
Tu passes ton chemin, majestueuse enfant.

LII
A bela nau

Eu quero te contar, lânguida feiticeira,
Tudo o que te orna e te faz bela por inteira!
    Quero pintar tua beleza,
Na qual a infância se conjuga à madureza.

Quando vais, sacudindo no ar a saia larga,
És como a bela nau que rumo às ondas larga,
    Cheia de véus soltos ao vento,
Seguindo um ritmo doce e preguiçoso e lento.

Sobre a robusta espádua e o pescoço roliço,
Tua cabeça se ergue envolta em graça e viço;
    A um tempo só triunfante e mansa,
Prossegues teu caminho, majestosa criança.

Eu quero te contar, lânguida feiticeira,
Tudo o que te orna e te faz bela por inteira!
    Quero pintar tua beleza,
Na qual a infância se conjuga à madureza.

Teu colo que arfa sob o traje fluido e vário,
Teu colo vitorioso é como um belo armário,
    Cujos claros gomos convexos
Como os broquéis capturam rútilos reflexos;

Provocantes broquéis de agudas pontas rosas!
Armários cheios de iguarias tão preciosas:
    Vinhos, perfumes e licores
Que o coração e a mente inundam de torpores!

Quando vais, sacudindo no ar a saia larga,
És como a bela nau que rumo às ondas larga,

Cheia de véus soltos ao vento,
Seguindo um ritmo doce e preguiçoso e lento.

As nobres pernas, sob os folhos que se amassam,
Os maus desejos atormentam e espicaçam,
Quais duas bruxas que, ao acaso,
Um negro filtro vão mexendo em fundo vaso.

Teus braços, que aos titãs enfrentam nas porfias,
São sólidos rivais das víboras sombrias,
Feitos para o fatal abraço
E para o amante eternizar em teu regaço.

Sobre a robusta espádua e o pescoço roliço,
Tua cabeça se ergue envolta em graça e viço;
A um tempo só triunfante e mansa,
Prossegues teu caminho, majestosa criança.

LIII
L'invitation au voyage

Mon enfant, ma sœur,
Songe à la douceur
D'aller là-bas vivre ensemble!
Aimer à loisir,
Aimer et mourir
Au pays qui te ressemble!
Les soleils mouillés
De ces ciels brouillés
Pour mon esprit ont les charmes
Si mystérieux
De tes traîtres yeux,
Brillant à travers leurs larmes.

Là, tout n’est qu’ordre et beauté,
Luxe, calme et volupté.

Des meubles luisants,
Polis par les ans,
Décoreraient notre chambre;
Les plus rares fleurs
Mêlant leurs odeurs
Aux vagues senteurs de l’ambre,
Les riches plafonds,
Les miroirs profonds,
La splendeur orientale,
Tout y parlerait
À l’âme en secret
Sa douce langue natale.

Là, tout n’est qu’ordre et beauté,
Luxe, calme et volupté.

Vois sur ces canaux
Dormir ces vaisseaux
Dont l’humeur est vagabonde;
C’est pour assouvir
Ton moindre désir
Qu’ils viennent du bout du monde.
— Les soleils couchants
Revêtent les champs,
Les canaux, la ville entière,
D’hyacinthe et d’or;
Le monde s’endort
Dans une chaude lumière.

Là, tout n’est qu’ordre et beauté,
Luxe, calme et volupté.

LIII
O convite à viagem

Minha doce irmã,
Pensa na manhã
Em que iremos, numa viagem,
Amar a valer,
Amar e morrer
No país que é a tua imagem!
Os sóis orvalhados
Desses céus nublados
Para mim guardam o encanto
Misterioso e cruel
Desse olhar infiel
Brilhando através do pranto.

Lá, tudo é paz e rigor,
Luxo, beleza e langor.

Os móveis polidos,
Pelos tempos idos,
Decorariam o ambiente;
As mais raras flores
Misturando odores
A um âmbar fluido e envolvente,
Tetos inauditos,
Cristais infinitos,
Toda uma pompa oriental,
Tudo aí à alma
Falaria em calma
Seu doce idioma natal.

Lá, tudo é paz e rigor,
Luxo, beleza e langor.

Vê sobre os canais
Dormir junto aos cais
Barcos de humor vagabundo;
É para atender
Teu menor prazer
Que eles vêm do fim do mundo.
— Os sangüíneos poentes
Banham as vertentes,
Os canais, toda a cidade,
E em seu ouro os tece;
O mundo adormece
Na tépida luz que o invade.

Lá, tudo é paz e rigor,
Luxo, beleza e langor.

LIV
L'irréparable

I

Pouvons-nous étouffer le vieux, le long Remords,
Qui vit, s'agite et se tortille,
Et se nourrit de nous comme le ver des morts,
Comme du chêne la chenille?
Pouvons-nous étouffer l'implacable Remords?

Dans quel philtre, dans quel vin, dans quelle tisane,
Noierons-nous ce vieil ennemi,
Destructeur et gourmand comme la courtisane,
Patient comme la fourmi?
Dans quel philtre? — dans quel vin? — dans quelle tisane?

Dis-le, belle sorcière, oh! dis, si tu le sais,

A cet esprit comblé d'angoisse
Et pareil au mourant qu'écrasent les blessés,
Que le sabot du cheval froisse,
Dis-le, belle sorcière, oh! dis, si tu le sais,

A cet agonisant que le loup déjà flaire
Et que surveille le corbeau,
A ce soldat brisé! s'il faut qu'il désespère
D'avoir sa croix et son tombeau;
Ce pauvre agonisant que déjà le loup flaire!

Peut-on illuminer un ciel bourbeux et noir?
Peut-on déchirer des ténèbres
Plus denses que la poix, sans matin et sans soir,
Sans astres, sans éclairs funèbres?
Peut-on illuminer un ciel bourbeux et noir?

L'Espérance qui brille aux carreaux de l'Auberge
Est soufflée, est morte à jamais!
Sans lune et sans rayons, trouver où l'on héberge
Les martyrs d'un chemin mauvais!
Le Diable a tout éteint aux carreaux de l'Auberge!

Adorable sorcière, aimes-tu les damnés?
Dis, connais-tu l'irrémissible?
Connais-tu le Remords, aux traits empoisonnés,
A qui notre cœur sert de cible?
Adorable sorcière, aimes-tu les damnés?

L'Irréparable ronge, avec sa dent maudite
Notre âme, piteux monument,
Et souvent il attaque, ainsi que le termite,
Par la base le bâtiment.
L'Irréparable ronge avec sa dent maudite!

II

— J’ai vu parfois, au fond d’un théâtre banal
Qu’enflammait l’orchestre sonore,
Une fée allumer dans un ciel infernal
Une miraculeuse aurore;
J’ai vu parfois au fond d’un théâtre banal

Un être, qui n’était que lumière, or et gaze,
Terrasser l’énorme Satan;
Mais mon cœur, que jamais ne visite l’extase,
Est un théâtre où l’on attend
Toujours, toujours en vain, l’Être aux ailes de gaze!

LIV
O irreparável

I

Como abafar este Remorso interminável,
    Que vive, se enrosca e se agita,
E se nutre de nós como um verme insaciável,
    Qual do carvalho o parasita?
Como abafar este Remorso inexorável?

Em que filtro, em que vinho, em que amarga tisana
    Afogar tal praga inimiga,
Gulosa e predatória como uma mundana,
    Paciente como uma formiga?
Em que filtro? — em que vinho? — em que amarga tisana?

Ah, dize, ó feiticeira! dize, se és capaz,
    A esta alma que o tormento assola,
Como a de quem, em meio aos que agonizam, jaz
    E o casco do cavalo esfola,
Ó bela feiticeira! Ah, dize, se és capaz,

Ao moribundo a quem o lobo já fareja
    E a gula do corvo amortalha,
A este soldado que, batido, ainda peleja
    Por uma tumba e uma medalha;
O moribundo a quem o lobo já fareja!

Como clarear um céu ao sol indiferente,
    Rasga-lhe as trevas em cortejo,
Mais densas do que o breu, sem aurora e sem poente,
    Sem astro ou fúnebre lampejo?
Como clarear um céu ao sol indiferente?

A Esperança que luz nos vidros da Estalagem
    Desfez-se em meio ao torvelinho!
Sem raios nem luar, onde achar-se hospedagem
    Aos mártires de um mau caminho?
Satã tudo extinguiu nos vidros da Estalagem!

Amável feiticeira, adoras os danados?
    Conheces o que nunca é salvo?
Conheces do Remorso os dardos aguçados,
    Que o coração nos fazem de alvo?
Amável feiticeira, adoras os danados?

O Irreparável rói com a presa maldita;
    Nossa alma, indigno monumento,
E muita vez ataca, assim como a termita,
    O prédio por seu fundamento.
O Irreparável rói com a presa maldita;

II

— Por vezes vi, ao fundo de um teatro banal
    Que inflamava a orquestra sonora,
Uma fada acender no horizonte infernal
    Uma miraculosa aurora;
Por vezes vi, ao fundo de um teatro banal,

Um Ser feito somente de ouro, gaze e luz
    Vencer a Satã, que imenso era;
Porém meu coração, que êxtase algum seduz,
    É como um teatro onde se espera,
Em vão e para sempre, o Ser de asas de luz!

LV
Causerie

Vous êtes un beau ciel d'automme, clair et rose!
Mais la tristesse en moi monte comme la mer,
Et laisse, en refluant, sur ma lèvre morose
Le souvenir cuisant de son limon amer.

— Ta main se glisse en vain sur mon sein qui se pâme;
Ce qu'elle cherche, amie, est un lieu saccagé
Par la griffe et la dent féroce de la femme.
Ne cherchez plus mon cœur; les bêtes l'ont mangé.

Mon cœur est un palais flétri par la cohue;
On s'y soûle, on s'y tue, on s'y prend aux cheveux!
— Un parfum nage autour de votre gorge nue!...

O Beauté, dur fléau des âmes, tu le veux!
Avec tes yeux de feu, brillants comme des fêtes,
Calcine ces lambeaux qu'ont épargnés les bêtes!

LV
Conversa

És como um céu de outono, róseo e luminoso!
Mas a tristeza em mim é qual o mar que avança
E deixa, ao refluir, sobre meu lábio umbroso
O amargo travo de uma cáustica lembrança.

— Sobre meu peito corre inútil tua mão;
O que ela toca, amiga, é um sítio devastado
Pelas garras e os dentes das mulheres. Não
Busques meu coração, por elas devorado.

Ele é um palácio que a balbúrdia fez sombrio;
Ali se bebe e mata, ali se brinda ao duelo!
— Nada um perfume em torno de teu colo esguio!...

Assim o queres, ó Beleza, atroz flagelo!
Com teus olhos de fogo, acesos como festas,
Calcina o que escapou à última das bestas!

LVI
Chant d’automne

I

Bientôt nous plongerons dans les froides ténèbres;
Adieu, vive clarté de nos étés trop courts!
J’entends déjà tomber avec des chocs funèbres
Le bois retentissant sur le pavé des cours.

Tout l’hiver va rentrer dans mon être: colère,
Haine, frissons, horreur, labeur dur et forcé,

Et, comme le soleil dans son enfer polaire,
Mon cœur ne sera plus qu'un bloc rouge et glacé.

J'écoute en frémissant chaque bûche qui tombe;
L'échafaud qu'on bâtit n'a pas d'écho plus sourd.
Mon esprit est pareil à la tour qui succombe
Sous les coups du bélier infatigable et lourd.

Il me semble, bercé par ce choc monotone,
Qu'on cloue en grande hâte un cercueil quelque part.
Pour qui? — C'était hier l'été; voici l'automne!
Ce bruit mystérieux sonne comme un départ.

II

J'aime de vos longs yeux la lumière verdâtre,
Douce beauté, mais tout aujourd'hui m'est amer,
Et rien, ni votre amour, ni le boudoir, ni l'âtre,
Ne me vaut le soleil rayonnant sur la mer.

Et pourtant aimez-moi, tendre cœur! soyez mère,
Même pour un ingrat, même pour un méchant;
Amante ou sœur, soyez la douceur éphémère
D'un glorieux automne ou d'un soleil couchant.

Courte tâche! La tombe attend; elle est avide!
Ah! laissez-moi, mon front posé sur vos genoux,
Goûter, en regrettant l'été blanc et torride,
De l'arrière-saison le rayon jaune et doux!

LVI
Canto de outono

I

Em breve iremos mergulhar nas trevas frias;
Adeus, radiosa luz das estações ligeiras!
Ouço tombar no pátio em vibrações sombrias
A lenha que ressoa à espera das lareiras.

Em meu ser outra vez se hospedará o inverno:
Ódio, arrepio, horror, labor duro e pesado,
E, como o sol a arder em seu glacial inferno,
Meu coração é um bloco rubro e enregelado.

Tremo ao ouvir tombar cada feixe de lenha;
Não faz eco mais surdo a forca que se alteia.
Minha alma se compara à torre que despenha
Aos pés do aríete incansável que a golpeia.

Parece-me, ao sabor de sons em abandono,
Que alhures um caixão se prega a toda pressa.
Para quem? — Ontem era o verão; eis o outono!
Rumor estranho de quem parte e não regressa...

II

Amo em teu longo olhar a luz esverdeada,
Doce amiga, mas hoje amarga-me um pesar,
E nem o teu amor, o lar, a alcova, nada
Vale mais do que o sol raiando sobre o mar.

Mas ama-me assim mesmo e cheia de ternura,
Sê mãe para o perverso, o ingrato em todo caso;

Sê, amante ou irmã, a efêmera doçura
De um outono glorioso ou a de um sol no ocaso.

Breve é a missão! A tumba espera, ávida, à frente!
Ah, deixa-me, a cabeça em teus joelhos pousada,
Degustar, recordando o estio claro e ardente,
Deste fim de estação a suave luz dourada!

LVII
A une madone

Ex-voto dans le goût espagnol

Je veux bâtir pour toi, Madone, ma maîtresse,
Un autel souterrain au fond de ma détresse,
Et creuser dans le coin le plus noir de mon cœur,
Loin du désir mondain et du regard moqueur,
Une niche, d'azur et d'or tout émaillée,
Où tu te dresseras, Statue émerveillée.
Avec mes Vers polis, treillis d'un pur métal
Savamment constellé de rimes de cristal,
Je ferai pour ta tête une énorme Couronne;
Et dans ma Jalousie, ô mortelle Madone,
Je saurai te tailler un Manteau, de façon
Barbare, roide et lourd, et doublé de soupçon,
Qui, comme une guérite, enfermera tes charmes;
Non de Perles brodé, mais de toutes mes Larmes!
Ta Robe, ce sera mon Désir, frémissant,
Onduleux, mon Désir qui monte et qui descend,
Aux pointes se balance, aux vallons se repose,
Et revêt d'un baiser tout ton corps blanc et rose.
Je te ferai de mon Respect de beaux Souliers
De satin, par tes pieds divins humiliés,
Qui, les emprisonnant dans une molle étreinte,

Comme un moule fidèle en garderont l'empreinte.
Si je ne puis, malgré tout mon art diligent,
Pour Marchepied tailler une Lune d'argent,
Je mettrai le Serpent qui me mord les entrailles
Sous tes talons, afin que tu foules et railles,
Reine victorieuse et féconde en rachats,
Ce monstre tout gonflé de haine et de crachats.
Tu verras mes Pensers, rangés comme les Cierges
Devant l'autel fleuri de la Reine des Vierges,
Étoilant de reflets le plafond peint en bleu,
Te regarder toujours avec des yeux de feu;
Et comme tout en moi te chérit et t'admire,
Tout se fera Benjoin, Encens, Oliban, Myrrhe,
Et sans cesse vers toi, sommet blanc et neigeux,
En Vapeurs montera mon Esprit orageux.

Enfin, pour compléter ton rôle de Marie,
Et pour mêler l'amour avec la barbarie,
Volupté noire! des sept Péchés capitaux,
Bourreau plein de remords, je ferai sept Couteaux
Bien affilés, et, comme un jongleur insensible,
Prenant le plus profond de ton amour pour cible,
Je les planterai tous dans ton Cœur pantelant,
Dans ton Cœur sanglotant, dans ton Cœur ruisselant!

LVII
A uma madona

Ex-voto ao gosto espanhol

A ti, Madona e amante, eu quero consagrar,
Na mais funda miséria, um subterrâneo altar,
E nos confins mais tenebrosos de meu peito,
Bem longe do prazer mundano e do despeito,
Cavar um nicho de ouro e azul todo esmaltado,
Onde terás, Estátua, o que te for do agrado.
Com Versos que esculpi no mais puro metal,
Armados sabiamente em rimas de cristal,
Porei em tua fronte um imenso Diadema;
E pródigo de Ciúme, ó Madona suprema,
Hei de saber talhar-te, ao gosto mais sombrio,
Um rijo e espesso Manto, ambíguo no feitio,
Que, qual uma guarita, há de ocultar-te o encanto,
E em vez de Pérolas, as gotas de meu Pranto!
Teu Vestido será meu Desejo a fremir,
Meu Desejo ondulante, a descer e a subir,
Que nos cumes se agita e nos vales estanca,
E com beijos te veste a nudez rósea e branca.
Farei de meu Respeito esplêndidos Calçados
De cetim, por teus pés divinos humilhados,
Que, ao envolvê-los em macio e doce abraço,
Tal qual um molde fiel lhes guarde o breve traço.
Se não posso, já que me é pouca a pena ingrata,
Por Escabelo dar-te uma Lua de prata,
Então porei sob teus pés a cruel Serpente,
Para que calques e escarneças inclemente,
Rainha vitoriosa e fértil em perdões,
Este monstro ébrio de ódio e gosma dos pulmões.
Verás meus Pensamentos, firmes como os Círios
Diante do altar em flor da Rainha dos Lírios,

Crivando o teto azul de estrelas e de flamas,
A contemplar-te com pupilas sempre em chamas;
E como tudo em mim te quer de amor intenso,
Tudo será Benjoim, Mirra, Olíbano, Incenso,
E sempre rumo a ti, nos píncaros pousada,
Em Vapor subirá minha alma atormentada.

Enfim, para concluir teu papel de Maria,
E para misturar o amor à grosseria,
Negra volúpia! dos Pecados capitais,
Algoz cheio do horror, farei sete Punhais
Bem aguçados e, jogral sem emoção,
Fazendo de alvo o teu secreto coração,
Hei de cravá-los todos, a meu gosto e jeito,
Em teu arfante, soluçante e ardente peito!

LVIII
Chanson d'après-midi

Quoique tes sourcils méchants
Te donnent un air étrange
Qui n'est pas celui d'un ange,
Sorcière aux yeux alléchants,

Je t'adore, ô ma frivole,
Ma terrible passion!
Avec la dévotion
Du prêtre pour son idole.

Le désert et la forêt
Embaument tes tresses rudes;
Ta tête a les attitudes
De l'énigme et du secret.

Sur ta chair le parfum rôde
Comme autour d'un encensoir ;
Tu charmes comme le soir,
Nymphe ténébreuse et chaude.

Ah! les philtres les plus forts
Ne valent pas ta paresse,
Et tu connais la caresse
Qui fait revivre les morts!

Tes hanches sont amoureuses
De ton dos et de tes seins,
Et tu ravis les coussins
Par tes poses langoureuses.

Quelquefois, pour apaiser
Ta rage mystérieuse,
Tu prodigues, sérieuse,
La morsure et le baiser;

Tu me déchires, ma brune,
Avec un rire moqueur,
Et puis tu mets sur mon cœur
Ton œil doux comme la lune.

Sous tes souliers de satin,
Sous tes charmants pieds de soie,
Moi, je mets ma grande joie,
Mon génie et mon destin,

Mon âme par toi guérie,
Par toi, lumière et couleur!
Explosion de chaleur
Dans ma noire Sibérie!

LVIII
Canção da sesta

Embora os cílios traiçoeiros
Te dêem esse ar esquisito,
Decerto a um anjo interdito,
Ó maga de olhos faceiros,

Eu te amo, minha selvagem,
Minha frívola paixão!
Com a mesma devoção
Que ama o padre sua imagem.

O deserto e o arvoredo
Perfumam-te as tranças rudes,
E tens na fronte atitudes
De mistério e de segredo.

Qual turíbulo envolvente,
Teu corpo esparge perfumes;
Da noite o encanto resumes,
Ninfa tenebrosa e ardente.

Não há poção mais bendita
Do que teu ócio, ó delícia,
E conheces a carícia
Que os defuntos ressuscita!

Por teu dorso e por teus seios
Teus quadris morrem de amores
E aos coxins causas rubores
Com teus lânguidos meneios.

Se urge às vezes ser domada
Tua raiva misteriosa,

Tu me cravas, respeitosa,
Além do beijo, a dentada.

Morena, tu me aniquilas
Com teu riso de acre efeito,
E depois banhas-me o peito
No luar de tuas pupilas.

A teus pés de talhe fino,
Pés graciosos de cetim,
Ponho tudo o que há em mim,
O meu gênio e o meu destino.

Por ti minha alma se cura,
Só por ti, que és luz e cor!
Fulguração de calor
Em minha Sibéria escura!

LIX
Sisina

Imaginez Diane en galant équipage,
Parcourant les forêts ou battant les halliers,
Cheveux et gorge au vent, s'enivrant de tapage,
Superbe et défiant les meilleurs cavaliers!

Avez-vous vu Théroigne, amante du carnage,
Excitant à l'assaut un peuple sans souliers,
La joue et l'œil en feu, jouant son personnage,
Et montant, sabre au poing, les royaux escaliers?

Telle la Sisina! Mais la douce guerrière
A l'âme charitable autant que meurtrière;
Son courage, affolé de poudre et de tambours,

Devant les suppliants sait mettre bas les armes,
Et son cœur, ravagé par la flamme, a toujours,
Pour qui s'en montre digne, un réservoir de larmes.

LIX
Sisina[85]

Imaginai Diana em galante roupagem,
Percorrendo florestas e sarçais rasteiros,
Cabelo e colo ao vento, em júbilo selvagem,
Soberba, a desafiar os hábeis cavaleiros!

Já não viste Théroigne,[86] amante da carnagem,
Insuflando ao ataque um bando de arruaceiros,
A face e o olhar febril, conforme a personagem,
Galgando, sabre em punho, o trono dos herdeiros?

Tal é a Sisina! Mas a doce combatente
Revela uma alma tão feroz quanto indulgente;
Seu destemor, vizinho à pólvora e aos tambores,

Sabe poupar a vida a quem de pé a implora,
E sempre o coração, pulsando entre fulgores,
Ante quem o merece eis que se mostra e chora.

LX
Franciscae meae laudes

Vers composés pour une modiste érudite et dévote

Novis te cantabo chordis,
O novelletum quod ludis
In solitudine cordis.

Esto sertis implicata,
O femina delicata
Per quam solvuntur peccata!

Sicut beneficum Lethe,
Hauriam oscula de te,
Quae imbuta es magnete.

Quum vitiorum tempestas
Turbabat omnes semitas,
Apparuisti, Deitas,

Velut stella salutaris
In naufragiis amaris...
Suspendam cor tuis aris!

Piscina plena virtutis,
Fons æternæ juventutis
Labris vocem redde mutis!

Quod erat spurcum, cremasti;
Quod rudius, exæquasti;
Quod debile, confirmasti.

In fame mea taberna
In nocte mea lucerna,
Recte me semper guberna.

Adde nunc vires viribus,
Dulce balneum suavibus
Unguentatum odoribus!

Meos circa lumbos mica,
O castitatis lorica,
Aqua tincta seraphica;

Patera gemmis corusca,
Panis salsus, mollis esca,
Divinum vinum, Francisca!

LX
Louvores à minha Francisca[87]

VERSOS COMPOSTOS PARA UMA MODISTA ERUDITA E DEVOTA

Em novas cordas te canto,
Ó corça de álacre encanto
Que se diverte em meu pranto.

Envolve o corpo de flores,
Ó mulher que aos pecadores
Perdoa as culpas e as dores!

Como a um Lestes benfazejo,
À boca te sorvo um beijo,
Pois que és ímã do desejo.

Quando a tormenta da orgia
Meus caminhos confundia,
Eis que vieste, Deusa, um dia,

Bendita estrela dos mares,
Nos naufrágios, nos pesares...
A alma elevo a teus altares!

Límpida e fresca nascente,
Fluxo de eterno presente,
Restitui-me a voz ausente!

O que era impuro queimaste;
O que era áspero alisaste;
O que era frágil firmaste.

Na minha fome, taverna,
Na minha noite, lanterna,

Sempre reta me governa.

À força mais força soma,
Doce banho cujo aroma
Suavíssimo vem à tona!

Cinge-me toda a cintura,
Casta insígnia que fulgura
Em seráfica tintura;

Taça que em gemas faísca,
Salso pão, dádiva prisca,
Divino vinho, Francisca!

LXI
A une dame créole

Au pays parfumé que le soleil caresse,
J'ai connu, sous un dais d'arbres tout empourprés
Et de palmiers d'où pleut sur les yeux la paresse,
Une dame créole aux charmes ignorés.

Son teint est pâle et chaud; la brune enchanteresse
A dans le cou des airs noblement maniérés;
Grande et svelte en marchant comme une chasseresse,
Son sourire est tranquille et ses yeux assurés.

Si vous alliez, Madame, au vrai pays de gloire,
Sur les bords de la Seine ou de la verte Loire,
Belle digne d'orner les antiques manoirs,

Vous feriez, à l'abri des ombreuses retraites,
Germer mille sonnets dans le cœur des poëtes,
Que vos grands yeux rendraient plus soumis que vos noirs.

LXI
A uma dama crioula

No inebriante país que o sol acaricia,
Sob um dossel de agreste púrpura bordado
E a cuja sombra nosso olhar se delicia,
Conheci uma crioula de encanto ignorado.

A graciosa morena, cálida e arredia,
Tem na postura um ar nobremente afetado;
Soberba e esbelta quando o bosque a desafia,
Seu sorriso é tranqüilo e seu olhar ousado.

Caso viesses, Senhora, à heróica e eterna França,
Junto às margens do Sena ou onde o Loire se lança,
Tu que és digna de ornar os solares altivos,

Farias, ao abrigo das sombras discretas,
Mil sonetos brotar no coração dos poetas,
Que de teus olhos, mais que os negros, são cativos.

LXII
Moesta et errabunda

Dis-moi, ton cœur parfois s'envole-t-il, Agathe,
Loin du noir océan de l'immonde cité
Vers un autre océan où la splendeur éclate,
Bleu, clair, profond, ainsi que la virginité?
Dis-moi, ton cœur parfois s'envole-t-il, Agathe?

La mer, la vaste mer, console nos labeurs!
Quel démon a doté la mer, rauque chanteuse
Qu'accompagne l'immense orgue des vents grondeurs,

De cette fonction sublime de berceuse?
La mer, la vaste mer, console nos labeurs!

Emporte-moi, wagon! enlève-moi, frégate!
Loin! loin! ici la boue est faite de nos pleurs!
— Est-il vrai que parfois le triste cœur d'Agathe
Dise: Loin des remords, des crimes, des douleurs,
Emporte-moi, wagon, enlève-moi, frégate?

Comme vous êtes loin, paradis parfumé,
Où sous un clair azur tout n'est qu'amour et joie,
Où tout ce que l'on aime est digne d'être aimé,
Où dans la volupté pure le cœur se noie!
Comme vous êtes loin, paradis parfumé!

Mais le vert paradis des amours enfantines,
Les courses, les chansons, les baisers, les bouquets,
Les violons vibrant derrière les colines,
Avec les brocs de vin, le soir, dans les boquets,
— Mais le vert paradis des amours enfantines,

L'innocent paradis, plein de plaisirs furtifs,
Est-il déjà plus loin que l'Inde et que la Chine?
Peut-on le rappeler avec des cris plaintifs,
Et l'animer encor d'une voix argentine,
L'innocent paradis plein de plaisirs furtifs?

LXII
Moesta et errabunda[88]

Dize, Ágata,[89] tua alma às vezes não se evola,
Fugindo ao negro oceano da imunda cidade,
Em busca de outro oceano que jamais se estiola,
Profundo, claro, azul, tal como a virgindade?
Dize, Ágata, tua alma às vezes não se evola?

O mar, o vasto mar, nos purga os sofrimentos!
Que duende deu ao mar, jogral de áspero canto
Que acompanha o feroz e imenso órgão dos ventos,
Essa função sublime e sábia do acalanto?
O mar, o vasto mar, nos purga os sofrimentos!

Carrega-me vagão! batel, leva-me embora!
Bem longe! aqui do nosso pranto faz-se o lodo!
— Será que de Ágata a alma às vezes não implora:
Para além do remorso, do crime, do engodo,
Carrega-me, vagão, batel, leva-me embora?

Como estás longe, paraíso perfumado,
Onde à tristeza e ao ódio o espírito se nega,
Onde tudo o que se ama faz por ser amado,
Onde à pura volúpia o coração se entrega!
Como estás longe, paraíso perfumado!

E o verde paraíso das frágeis meninas,
As fugas, as canções, os beijos que roubamos,
Os violinos vibrando por trás das colinas,
Com cântaros de vinho, à tarde, sob os ramos
— E o verde paraíso das frágeis meninas,

O inocente jardim dos prazeres furtivos,

Já estará mais distante do que a Índia e a China?
Evocá-lo se pode em gritos pungitivos,
Ou talvez animá-lo com voz argentina,
O inocente jardim dos prazeres furtivos?

LXIII
Le revenant

Comme les anges à l'œil fauve,
Je reviendrai dans ton alcôve
Et vers toi glisserai sans bruit
Avec les ombres de la nuit;

Et je te donnerai, ma brune,
Des baisers froids comme la lune
Et des caresses de serpent
Autour d'une fosse rampant.

Quand viendra le matin livide,
Tu trouveras ma place vide,
Où jusqu'au soir il fera froid.

Comme d'autres par la tendresse,
Sur ta vie et sur ta jeunesse,
Moi, je veux régner par l'effroi.

LXIII
A alma do outro mundo

Como os anjos de ruivo olhar,
À tua alcova hei de voltar
E junto a ti, silente vulto,
Deslizarei na sombra oculto;

Dar-te-ei na pele escura e nua
Beijos mais frios do que a lua
E qual serpente em náusea fossa
Te afagarei o quanto possa.

Ao despontar o dia incerto,
O meu lugar verás deserto,
E em tudo o frio há de se pôr.

Como os demais pela virtude,
Em tua vida e juventude
Quero reinar pelo pavor.

LXIV
Sonnet d’automne

Ils me disent, tes yeux, clairs comme le cristal:
“Pour toi, bizarre amant, quel est donc mon mérite?”
— Sois charmante et tais-toi! Mon cœur, que tout irrite,
Excepté la candeur de l’antique animal,

Ne veut pas te montrer son secret infernal,
Berceuse dont la main aux longs sommeils m’invite,
Ni sa noire légende avec la flamme écrite.
Je hais la passion et l’esprit me fait mal!

Aimons-nous doucement. L'Amour dans sa guérite,
Ténébreux, embusqué, bande son arc fatal.
Je connais les engins de son vieil arsenal:

Crime, horreur et folie! — O pâle marguerite!
Comme moi n'es-tu pas un soleil automnal,
O ma si blanche, ô ma si froide Marguerite?

LXIV
Soneto de outono

O teu olhar me diz, claro como o cristal:
“Bizarro amante, o que há em mim que mais te excita?”
— Sê bela e cala! O meu coração que se irrita
Por tudo, exceto a antiga candura animal.

Não te quer revelar seu segredo infernal,
Embalo cuja mão a um longo sono incita,
Nem sua negra lenda a ferro e fogo escrita
Abomino a paixão e a alma me faz mal!

Amemo-nos em paz. O Amor, numa guarida,
Tenebroso, emboscado, entesa o arco fatal.
Conheço-lhe os engenhos do velho arsenal:

Crime, horror e loucura! — Ó branca margarida!
Não serás tu, como eu, triste sol outonal,
Ó minha branca, ó minha fria Margarida?

LXV
Tristesses de la lune

Ce soir, la lune rêve avec plus de paresse;
Ainsi qu’une beauté, sur de nombreux coussins,
Qui d’une main discrète et légère caresse
Avant de s’endormir le contour de ses seins,

Sur le dos satiné des molles avalanches,
Mourante, elle se livre aux longues pâmoisons,
Et promène ses yeux sur les visions blanches
Qui montent dans l’azur comme des floraisons.

Quand parfois sur ce globe, en sa langueur oisive,
Elle laisse filer une larme furtive,
Un poëte pieux, ennemi du sommeil,

Dans le creux de sa main prend cette larme pâle,
Aux reflets irisés comme un fragment d'opale,
Et la met dans son cœur loin des yeux du soleil.

LXV
Tristezas da lua

Divaga em meio à noite a lua preguiçosa;
Como uma bela, entre coxins e devaneios,
Que afaga com a mão discreta e vaporosa,
Antes de adormecer, o contorno dos seios.

No dorso de cetim das tenras avalanchas,
Morrendo, ela se entrega a longos estertores,
E os olhos vai pousando sobre as níveas manchas
Que no azul desabrocham como estranhas flores.

Se às vezes neste globo, ébria de ócio e prazer,
Deixa ela uma furtiva lágrima escorrer,
Um poeta caridoso, ao sono pouco afeito,

No côncavo das mãos toma essa gota rala,
De irisados reflexos como um grão de opala,
E bem longe do sol a acolhe no seu peito.

LXVI
Les chats

Les amoureux fervents et les savants austères
Aiment également, dans leur mûre saison,
Les chats puissants et doux, orgueil de la maison,
Qui comme eux sont frileux et comme eux sédentaires.

Amis de la science et de la volupté,
Ils cherchent le silence et l'horreur des ténèbres;
L'Érèbe les eût pris pour ses coursiers funèbres,
S'ils pouvaient au servage incliner leur fierté.

Ils prennent en songeant les nobles attitudes
Des grands sphinx allongés au fond des solitudes,
Qui semblent s'endormir dans un rêve sans fin;

Leurs reins féconds sont pleins d'étincelles magiques,
Et des parcelles d'or, ainsi qu'un sable fin,
Étoilent vaguement leurs prunelles mystiques.

LXVI
Os gatos

Os amantes febris e os sábios solitários
Amam de modo igual, na idade da razão,
Os doces e orgulhosos gatos da mansão,
Que como eles têm frio e cismam sedentários.

Amigos da volúpia e devotos da ciência,
Buscam eles o horror da treva e dos mistérios;
Tomara-os Érebo[90] por seus corcéis funéreos,
Se a submissão pudera opor-lhes à insolência.

Sonhando eles assumem a nobre atitude
Da esfinge que no além se funde à infinitude,
Como ao sabor de um sonho que jamais termina;

Os rins em mágicas fagulhas se distendem,
E partículas de ouro, como areia fina,
Suas graves pupilas vagamente acendem.

LXVII
Les hiboux

Sous les ifs noirs qui les abritent,
Les hiboux se tiennent rangés,
Ainsi que des dieux étrangers,
Dardant leur œil rouge. Ils méditent.

Sans remuer ils se tiendront
Jusqu'à l'heure mélancolique
Où, poussant le soleil oblique,
Les ténèbres s'établiront.

Leur attitude au sage enseigne
Qu'il faut en ce monde qu'il craigne
Le tumulte et le mouvement;

L'homme ivre d'une ombre qui passe
Porte toujours le châtiment
D'avoir voulu changer de place.

LXVII
Os mochos

Sob os negros teixos que habitam,
Alinham-se os mochos em fila.
Como a dos deuses, a pupila
Lhes arde em fogo. Eles meditam.

E imóveis permanecerão
Até o momento agonizante
Em que, tangendo o sol rasante,
As trevas tudo engolfarão.

Sua atitude ao sábio ensina
Que aqui lhe cabe como sina
Temer o caos e o movimento;

Bêbado de uma sombra fútil,
O homem maldiz o atrevimento
De haver ousado um passo inútil.

LXVIII
La pipe

Je suis la pipe d’un auteur;
On voit, à contempler ma mine
D’Abyssinienne ou de Cafrine,
Que mon maître est un grand fumeur.

Quand il est comblé de douleur,
Je fume comme la chaumine
Où se prépare la cuisine
Pour le retour du laboureur.

J’enlace et je berce son âme
Dans le réseau mobile et bleu
Qui monte de ma bouche en feu,

Et je roule un puissant dictame
Qui charme son cœur et guérit
De ses fatigues son esprit.

LXVIII
O cachimbo

Sou o cachimbo de um autor.
Vê-se, ao contemplar meu semblante
De cafre ou de abissínia errante,
Que muito fuma meu senhor.

Quando ele está cheio de dor,
Sou como a choça fumegante
Onde a comida aguarda o instante
Em que regressa o lenhador.

Sua alma embalo docemente
Na rede azul e movediça
Que em minha boca o fogo atiça.

E entorno um bálsamo envolvente
Que ao coração lhe traz a calma
E lhe dá cura aos males da alma.

LXIX
La musique

La musique souvent me prend comme une mer!
Vers ma pâle étoile,
Sous un plafond de brume ou dans un vaste éther,
Je mets à la voile;

La poitrine en avant et les poumons gonflés
Comme de la toile,
J'escalade le dos des flots amoncelés
Que la nuit me voile;

Je sens vibrer en moi toutes les passions
D'un vaisseau qui souffre;
Le bon vent, la tempête et ses convulsions

Sur l'immense gouffre
Me bercent. D'autres fois, calme plat, grand miroir
De mon désespoir!

LXIX
A música

A música me arrasta às vezes como o mar!
    No encalço de um astro,
Sob um teto de bruma ou dissolvido no ar,
    Iço a vela ao mastro;

O peito para frente e os pulmões enfunados
    Tal qual uma tela,
Escalo o dorso aos vagalhões entrelaçados
    Que a noite me vela;

Sinto que em mim ecoam todas as paixões
    De um navio aflito;
O vento, a tempestade e suas convulsões

    No abismo infinito
Me embalam. Ou então, mar calmo, espelho austero
    De meu desespero!

LXX
Sépulture

Si par une nuit lourde et sombre
Un bon chrétien, par charité,
Derrière quelque vieux décombre
Enterre votre corps vanté,

A l'heure où les chastes étoiles
Ferment leurs yeux appesantis,
L'araignée y fera ses toiles,
Et la vipère ses petits;

Vous entendrez toute l'année
Sur votre tête condamnée
Les cris lamentables des loups

Et des sorcières faméliques,
Les ébats des vieillards lubriques
Et les complots des noirs filous.

LXX
Sepultura

Se em lúgubre noite de assombro
Um bom cristão, por caridade,
Sepulta ao pé de um velho escombro
Teu corpo inflado de vaidade,

À hora em que as estrelas graves
Fecham seus olhos sonolentos,
A aranha urdirá suas caves,
Como a serpente seus rebentos;

Ouvirás cada ano que passa
Ecoar no teu crânio em desgraça
O uivo dos lobos carniceiros

E das ferozes bruxas hiantes,
A esbórnia das velhas bacantes
E o vil complô dos trapaceiros.

LXXI
Une gravure fantastique

Ce spectre singulier n'a pour toute toilette,
Grotesquement campé sur son front de squelette,
Qu'un diadème affreux sentant le carnaval.
Sans éperons, sans fouet, il essouffle un cheval,
Fantôme comme lui, rosse apocalyptique,
Qui bave des naseaux comme un épileptique.
Au travers de l'espace ils s'enfoncent tous deux,
Et foulent l'infini d'un sabot hasardeux.
Le cavalier promène un sabre qui flamboie

Sur les foules sans nom que sa monture broie,
Et parcourt, comme un prince inspectant sa maison,
Le cimetière immense et froid, sans horizon,
Où gisent, aux lueurs d'un soleil blanc et terne,
Les peuples de l'histoire ancienne et moderne.

LXXI
Uma gravura fantástica[91]

Este espectro invulgar tem apenas por traje,
A ornar-lhe a fronte nua qual grotesco ultraje,
Um medonho diadema herdado ao carnaval.
Sem espora ou chicote, ele instiga o animal,
Como ele a um tempo apocalíptico e esquelético,
A espumar pelas ventas como um epiléptico.
Cavalgam ambos rumo às cúpulas do espaço,
Calcando o azul do céu com temerário passo.
O cavaleiro brande um sabre que resplende
Sobre as turbas sem nome que o corcel ofende,
E a sós percorre, como um rei que o lar visite,
O imenso e frio cemitério sem limite,
Onde repousa, à luz de um sol pálido e terno,
Quanto povo existiu, desde o antigo ao moderno.

LXXII
Le mort joyeux

Dans une terre grasse et pleine d'escargots
Je veux creuser moi-même une fosse profonde,
Où je puisse à loisir étaler mes vieux os
Et dormir dans l'oubli comme une requin dans l'onde.

Je hais les testaments et je hais les tombeaux;
Plutôt que d'implorer une larme du monde,
Vivant, j'aimerais mieux inviter les corbeaux
A saigner tous les bouts de ma carcasse immonde.

O vers! noirs compagnons sans oreille et sans yeux,
Voyez venir à vous un mort libre et joyeux;

Philosophes viveurs, fils de la pourriture,

A travers ma ruine allez donc sans remords,
Et dites-moi s'il est encor quelque torture
Pour ce vieux corps sans âme et mort parmi les morts!

LXXII
O morto alegre

Na planície em que o lento caracol vagueia,
Quero eu mesmo cavar um buraco bem fundo,
Onde possam meus ossos repousar na areia,
Como o esqualo a dormir no pélago profundo.

Odeio o testamento e a tumba me nauseia;
Ao invés de implorar uma lágrima ao mundo,
Prefiro em vida dar aos corvos como ceia
Os trapos que me pendem do esqueleto imundo.

Ó vermes! vós a que não chegam luz ou ruído,
Eis que vos toca um morto alegre e destemido;
Filhos da podridão, demiurgos do artifício,

Vinde pois sem remorso ungir-me os membros tortos,
E dizei-me depois se resta algum suplício
A este corpo sem alma e morto dentre os mortos!

LXXIII
Le tonneau de la haine

La Haine est le tonneau des pâles Danaïdes;
La Vengeance éperdue aux bras rouges et forts
A beau précipiter dans ses ténèbres vides
De grands seaux pleins du sang et des larmes des morts,

Le Démon fait des trous secrets à ces abîmes,
Par où fuiraient mille ans de sueurs et d'efforts,
Quand même elle saurait ranimer ses victimes,
Et pour les pressurer ressusciter leurs corps.

La Haine est un ivrogne au fond d’une taverne,
Qui sent toujours la soif naître de la liqueur
Et se multiplier comme l’hydre de Lerne.

— Mais les buveurs heureux connaissent leur vainqueur,
Et la Haine est vouée à ce sort lamentable
De ne pouvoir jamais s’endormir sous la table.

LXXIII
O tonel do ódio

O Ódio é o tonel das pálidas Danaides[92] frias;
Por mais que da Vingança o braço rubro e forte
Derrame-lhe às entranhas ermas e sombrias
Baldes cheios de sangue e lágrimas da morte,

O Diabo lhe abre furos nunca imaginados,
Que verteriam séculos de esforço e suor,
Mesmo que à vida ela trouxesse os condenados
Para o corpo infligir-lhes castigo maior.

O Ódio é um ébrio perdido ao fundo da taverna,
Que sente sua sede emergir do licor
E ali multiplicar-se qual hidra de Lerna.

— Mas quem bebe feliz verá seu vencedor,
E ao Ódio resta apenas a amarga certeza
De saber que jamais dormirá sob a mesa.

LXXIV
La cloche fêlée

Il est amer et doux, pendant les nuits d’hiver,
D’écouter, près du feu qui palpite et qui fume,
Les souvenirs lointains lentement s’élever
Au bruit des carillons qui chantent dans la brume.

Bienheureuse la cloche au gosier vigoureux
Qui, malgré sa vieillesse, alerte et bien portante,
Jette fidèlement son cri religieux,
Ainsi qu’un vieux soldat qui veille sous la tente!

Moi, mon âme est fêlée, et lorsqu'en ses ennuis
Elle veut de ses chants peupler l'air froid des nuits,
Il arrive souvent que sa voix affaiblie

Semble le râle épais d'un blessé qu'on oublie
Au bord d'un lac de sang, sous un grand tas de morts,
Et qui meurt, sans bouger, dans d'immenses efforts.

LXXIV
O sino rachado

É doce e amargo, quando a neve cai lá fora,
Ouvir, ao pé do fogo que crepita e esfuma,
Aflorar lentamente as lembranças de outrora
Ao som dos carrilhões que ressoam na bruma.

Bendito o sino de garganta vigorosa
Que, apesar da velhice, alerta e bem disposto,
Fielmente emite sua nota religiosa,
Como um velho soldado atento no seu posto.

Minha alma está rachada, e quando, em agonia,
Quer povoar de canções o azul da noite fria,
Ocorre muita vez que a voz se lhe enfraquece

Como o espesso estertor de um corpo que se esquece,
Junto a um lago de sangue e de humanos destroços,
E que sucumbe, inerte, entre imensos esforços.

LXXV
Spleen

Pluviôse, irrité contre la ville entière,
De son urne à grands flots verse un froid ténébreux
Aux pâles habitants du voisin cimetière
Et la mortalité sur les faubourgs brumeux.

Mon chat sur le carreau cherchant une litière
Agite sans repos son corps maigre et galeux;
L'âme d'un vieux poëte erre dans la gouttière

Avec la triste voix d’un fantôme frileux.

Le bourdon se lamente, et la bûche enfumée
Accompagne en fausset la pendule enrhumée,
Cependant qu’en un jeu plein de sales parfums,

Héritage fatal d’une vieille hydropique,
Le beau valet de cœur et la dame de pique
Causent sinistrement de leurs amours défunts.

LXXV
Spleen

Pluviôse,[93] contra toda a cidade irritado,
De sua urna verte um frio tenebroso
Sobre os que moram sós no cemitério ao lado,
E entorna a morte no subúrbio nebuloso.

Meu gato em busca de onde estar aconchegado
Agita inquieto o corpo flácido e asqueroso;
A alma de um velho poeta erra pelo telhado,
Com a lúgubre voz de um fantasma brumoso.

O bordão se lamenta, e a tíbia acha de lenha
Acompanha em falsete a pêndula roufenha,
Enquanto num baralho, entre ácidos odores,

Herança de uma velha hidrópica e entrevada,
Um valete e uma dama, em sinistra jogada,
Vão lembrando entre si seus defuntos amores.

LXXVI
Spleen

J’ai plus de souvenirs que si j’avais mille ans.

Un gros meuble à tiroirs encombré de bilans,
De vers, de billets doux, de procès, de romances,
Avec de lourds cheveux roulés dans des quittances,
Cache moins de secrets que mon triste cerveau.
C’est une pyramide, un immense caveau,
Qui contient plus de morts que la fosse commune.
— Je suis un cimetière abhorré de la lune,

Où comme des remords se traînent de longs vers
Qui s'acharnent toujours sur mes morts les plus chers.
Je suis un vieux boudoir plein de roses fanées,
Où gît tout un fouillis de modes surannées,
Où les pastels plaintifs et les pâles Boucher,
Seuls, respirent l'odeur d'un flacon débouché.

Rien n'égale en longueur les boiteuses journées,
Quand sous les lourds flocons des neigeuses années,
L'Ennui, fruit de la morne incuriosité,
Prend les proportions de l'immortalité.
— Désormais tu n'es plus, ô matière vivante!
Qu'un granit entouré d'une vague épouvante,
Assoupi dans le fond d'un Saharah brumeux;
Un vieux sphinx ignoré du monde insoucieux,
Oublié sur la carte, et dont l'humeur farouche
Ne chante qu'aux rayons du soleil qui se couche.

LXXVI
Spleen

Eu tenho mais recordações do que há em mil anos.

Uma cômoda imensa atulhada de planos,
Versos, cartas de amor, romances, escrituras,
Com grossos cachos de cabelo entre as faturas,
Guarda menos segredos que o meu coração.
É uma pirâmide, um fantástico porão,
E jazigo não há que mais mortos possua.
— Eu sou um cemitério odiado pela lua,
Onde, como remorsos, vermes atrevidos
Andam sempre a irritar meus mortos mais queridos.
Sou como um camarim onde há rosas fanadas,
Em meio a um turbilhão de modas já passadas,
Onde os tristes pastéis de um Boucher[94] desbotado
Ainda aspiram o odor de um frasco destampado.

Nada iguala o arrastar-se dos trôpegos dias,
Quando, sob o rigor das brancas invernias,
O tédio, taciturno exílio da vontade,
Assume as proporções da própria eternidade.
— Doravante hás de ser, ó pobre e humano escombro!
Um granito açoitado por ondas de assombro,
A dormir nos confins de um Saara brumoso;
Uma esfinge que o mundo ignora, descuidoso,
Esquecida no mapa, e cujo áspero humor
Canta apenas os raios do sol a se pôr.

LXXVII
Spleen

Je suis comme le roi d'un pays pluvieux,
Riche; mais impuissant, jeune et pourtant très-vieux,
Qui, de ses précepteurs méprisant les courbettes,
S'ennuie avec ses chiens comme avec d'autres bêtes.
Rien ne peut l'égayer, ni gibier, ni faucon,
Ni son peuple mourant en face du balcon.
Du bouffon favori la grotesque ballade
Ne distrait plus le front de ce cruel malade;
Son lit fleurdelisé se transforme en tombeau,
Et les dames d'atour, pour qui tout prince est beau,
Ne savent plus trouver d'impudique toilette
Pour tirer un souris de ce jeune squelette.
Le savant qui lui fait de l'or n'a jamais pu
De son être extirper l'élément corrompu,
Et dans ces bains de sang qui des Romains nous viennent,
Et dont sur leurs vieux jours les puissants se souviennent,
Il n'a su réchauffer ce cadavre hébété
Où coule au lieu de sang l'eau verte du Léthé.

LXXVII
Spleen

Sou como um rei sombrio de um país chuvoso,
Rico, mas incapaz, moço e no entanto idoso,
Que, desprezando do vassalo a cortesia,
Entre seus cães e os outros bichos se entedia.
Nada o pode alegrar, nem caça, nem falcão,
Nem seu povo a morrer defronte do balcão.
Do jogral favorito a estrofe irreverente
Não mais desfranze o cenho deste cruel doente.
Em tumba se transforma o seu florido leito,
E as aias, que acham todo príncipe perfeito,
Não sabem mais que traje erótico vestir
Para fazer este esqueleto enfim sorrir.
O sábio que ouro lhe fabrica desconhece
Como extirpar-lhe ao ser a parte que apodrece,
E nem nos tais banhos de sangue dos romanos,
De que se lembram na velhice os soberanos,
Pôde dar vida a esta carcaça, onde, em filetes,
Em vez de sangue flui a verde água do Letes.[95]

LXXVIII
Spleen

Quand le ciel bas et lourd pèse comme un couvercle
Sur l'esprit gémissant en proie aux longs ennuis,
Et que de l'horizon embrassant tout le cercle
Il nous verse un jour noir plus triste que les nuits;

Quand la terre est changée en un cachot humide,
Où l'Espérance, comme une chauve-souris,
S'en va battant les murs de son aile timide

Et se cognant la tête à des plafonds pourris;

Quand la pluie étalant ses immenses traînées,
D'une vaste prison imite les barreaux,
Et qu'un peuple muet d'infâmes araignées
Vient tendre ses filets au fond de nos cerveaux,

Des cloches tout à coup sautent avec furie
Et lancent vers le ciel un affreux hurlement,
Ainsi que des esprits errants et sans patrie
Qui se mettent à geindre opiniâtrement.

— Et de longs corbillards, sans tambours ni musique,
Défilent lentement dans mon âme; l'Espoir,
Vaincu, pleure, et l'Angoisse atroce, despotique,
Sur mon crâne incliné plante son drapeau noir.

LXXVIII
Spleen

Quando o céu plúmbeo e baixo pesa como tampa
Sobre o espírito exposto aos tédios e aos açoites,
E, ungindo toda a curva do horizonte, estampa
Um dia mais escuro e triste do que as noites;

Quando a terra se torna um calabouço horrendo,
Onde a Esperança, qual morcego espavorido,
Sua asa tímida nos muros vai batendo
E a cabeça roçando o teto apodrecido;

Quando a chuva, a escorrer as tranças fugidias,
Imita as grades de uma lúgubre cadeia,
E a muda multidão das aranhas sombrias
Estende em nosso cérebro uma espessa teia,

Os sinos dobram, de repente, furibundos
E lançam contra o céu um uivo horripilante,
Como os espíritos sem pátria e vagabundos
Que se põem a gemer com voz recalcitrante.

— Sem música ou tambor, desfila lentamente
Em minha alma uma esguia e fúnebre carreta;
Chora a Esperança, e a Angústia, atroz e prepotente,
Enterra-me no crânio uma bandeira preta.

LXXIX
Obsession

Grands bois, vous m’effrayez comme des cathédrales;
Vous hurlez comme l’orgue; et dans nos cœurs maudits,

Chambres d’éternel deuil où vibrent de vieux râles,
Répondent les échos de vos De profundis.

Je te hais, Océan! tes bonds et tes tumultes
Mon esprit les retrouve en lui; ce rire amer
De l’homme vaincu, plein de sanglots et d’insultes,
Je l’entends dans le rire énorme de la mer.

Comme tu me plairais, ô nuit! sans ces étoiles
Dont la lumière parle un langage connu!
Car je cherche le vide, et le noir, et le nu!

Mais les ténèbres sont elles-mêmes des toiles
Où vivent, jaillissant de mon œil par milliers,
Des êtres disparus aux regards familiers.

LXXIX
Obsessão

Grandes bosques, de vós, como das catedrais,
Sinto pavor; uivais como órgãos; e em meu peito,
Câmara ardente onde retumbam velhos ais,
De vossos *De profundis* ouço o eco perfeito.

Te odeio, oceano! teus espasmos e tumultos,
Em si minha alma os tem; e este sorriso amargo
Do homem vencido, imerso em lágrimas e insultos,
Também os ouço quando o mar gargalha ao largo.

Me agradarias tanto, ó noite, sem estrelas
Cuja linguagem é por todos tão falada!
O que procuro é a escuridão, o nu, o nada!

Mas eis que as trevas afinal são como telas,
Onde, jorrando de meus olhos aos milhares,
Vejo a me olharem mortas faces familiares.

LXXX
Le goût du néant

Morne esprit, autrefois amoureux de la lutte,
L'Espoir, dont l'éperon attisait ton ardeur,
Ne veut plus t'enfourcher! Couche-toi sans pudeur,
Vieux cheval dont le pied à chaque obstacle bute.

Résigne-toi, mon cœur; dors ton sommeil de brute.

Esprit vaincu, fourbu! Pour toi, vieux maraudeur,
L'amour n'a plus de goût, non plus que la dispute;

Adieu donc, chants du cuivre et soupirs de la flûte!
Plaisirs, ne tentez plus un cœur sombre et boudeur!

Le Printemps adorable a perdu son odeur!

Et le Temps m'engloutit minute par minute,
Comme la neige immense un corps pris de roideur;
Je contemple d'en haut le globe en sa rondeur,
Et je n'y cherche plus l'abri d'une cahute.

Avalanche, veux-tu m'emporter dans ta chute?

LXXX
O gosto do nada

Espírito sombrio, outrora afeito à luta,
A Esperança, que um dia te instigou o ardor,
Não te cavalga mais! Deita-te sem pudor,
Cavalo que tropeça e cujo pé reluta.

Conforma-te, minha alma, ao sono que te enluta.

Espírito alquebrado! ao velho salteador
Já não seduz o amor, nem tampouco a disputa;
Não mais o som da flauta ou do clarim se escuta!
Prazer, dá trégua a um coração desfeito em dor!

Perdeu a doce primavera o seu odor!

O Tempo dia a dia os ossos me desfruta,
Como a neve que um corpo enrija de torpor;
Contemplo do alto a terra esférica e sem cor,
E nem procuro mais o abrigo de uma gruta.

Vais levar-me, avalanche, em tua queda abrupta?

LXXXI
Alchimie de la douleur

L'un t'éclaire avec son ardeur,
L'autre en toi met son deuil, Nature!
Ce qui dit à l'un: Sépulture!
Dit à l'autre: Vie et splendeur!

Hermès inconnu qui m'assistes

Et qui toujours m’intimidas,
Tu me rends l’égal des Midas,
Le plus triste des alchimistes;

Par toi je change l’or en fer
Et le paradis en enfer;
Dans le suaire des nuages

Je découvre un cadavre cher,
Et sur les célestes rivages
Je bâtis de grands sarcophages.

LXXXI
Alquimia da dor

Um te ilumina com ardor,
O outro te enluta, Natura!
O que diz a um: Sepultura!
Ao outro diz: Vida e esplendor!

Hermes que oculto me conquistas
E para sempre me intimidas,
Tu me fazes igual a Midas,[96]
O mais triste dos alquimistas;

Por ti do ouro o ferro improviso
E torno inferno o paraíso;
Roubando às nuvens seu sudário,

Um corpo querido amortalho,
E às margens do celeste estuário
Grandes sarcófagos entalho.

LXXXII
Horreur sympathique

— De ce ciel bizarre el livide,
Tourmenté comme ton destin,
Quels pensers dans ton âme vide
Descendent? réponds, libertin.

— Insatiablement avide
De l'obscur et de l'incertain,
Je ne geindrai pas comme Ovide
Chassé du paradis latin.

Cieux déchirés comme des grèves,
En vous se mire mon orgueil;
Vos vastes nuages en deuil

Sont les corbillards de mes rêves,
Et vos lueurs sont le reflet
De l'Enfer où mon cœur se plaît.

LXXXII
Horror simpático

— Deste céu bizarro e nevoento,
Convulso como o teu destino,
À tua alma que pensamento
Desce? responde, libertino.

— Insaciavelmente sedento
Do que não vejo e não defino,
Reprovo a Ovídio o seu lamento
Quando se foi do Éden latino.

Céus destroçados e tristonhos,
De vós o meu orgulho é fruto;
Vossas grossas nuvens de luto

São os esquifes de meus sonhos,
E vosso espectro a imagem traz
Do Inferno que à minha alma apraz.

LXXXIII
L'héautontimorouménos

A J.G.F.

Je te frapperai sans colère
Et sans haine, comme un boucher,
Comme Moïse le rocher!
Et je ferai de ta paupière,

Pour abreuver mon Saharah,
Jaillir les eaux de la souffrance.

Mon désir gonflé d’espérance
Sur tes pleurs salés nagera

Comme un vaisseau qui prend le large,
Et dans mon cœur qu’ils soûleront
Tes chers sanglots retentiront
Comme un tambour qui bat la charge!

Ne suis-je pas un faux accord
Dans la divine symphonie,
Grâce à la vorace Ironie
Qui me secoue et qui me mord?

Elle est dans ma voix, la criarde!
C’est tout mon sang, ce poison noir!
Je suis le sinistre miroir
Où la mégère se regarde.

Je suis la plaie et le couteau!
Je suis le soufflet et la joue!
Je suis les membres et la roue,
Et la victime et le bourreau!

Je suis de mon cœur le vampire,
— Un de ces grands abandonnés
Au rire éternel condamnés
Et qui ne peuvent plus sourire!

LXXXIII
O heautontimoroumenos[97]

A J.G.F.[98]

Sem cólera te espancarei,
Como o açougueiro abate a rês,
Como Moisés à rocha fez!
De tuas pálpebras farei,

Para o meu Saara inundar,
Correr as águas do tormento.
O meu desejo ébrio de alento
Sobre o teu pranto irá flutuar

Como um navio no mar alto,
E em meu saciado coração
Os teus soluços ressoarão
Como um tambor que toca o assalto!

Não sou acaso um falso acorde
Nessa divina sinfonia,
Graças à voraz Ironia
Que me sacode e que me morde?

Em minha voz ela é quem grita!
E anda em meu sangue envenenado!
Eu sou o espelho amaldiçoado
Onde a megera se olha aflita.

Eu sou a faca e o talho atroz!
Eu sou o rosto e a bofetada!
Eu sou a roda e a mão crispada,
Eu sou a vítima e o algoz!

Sou um vampiro a me esvair
— Um desses tais abandonados
Ao risco eterno condenados,
E que não podem mais sorrir!

LXXXIV
L’irrémédiable

I

Une Idée, une Forme, un Être
Parti de l’azur et tombé
Dans un Styx bourbeux et plombé
Où nul œil du Ciel ne pénètre;

Un Ange, imprudent voyageur
Qu’a tenté l’amour du difforme,
Au fond d’un cauchemar énorme
Se débattant comme un nageur,

Et luttant, angoisses funèbres!
Contre un gigantesque remous
Qui va chantant comme les fous
Et pirouettant dans les ténèbres;

Un malheureux ensorcelé
Dans ses tâtonnements futiles,
Pour fuir d’un lieu plein de reptiles,
Cherchant la lumière et la clé;

Un damné descendant sans lampe,
Au bord d’un gouffre dont l’odeur
Trahit l’humide profondeur,

D’éternels escaliers sans rampe,

Où veillent des monstres visqueux
Dont les larges yeux de phosphore
Font une nuit plus noire encore
Et ne rendent visibles qu’eux;

Un navire pris dans le pôle,
Comme en un piège de cristal,
Cherchant par quel détroit fatal
Il est tombé dans cette geôle;

— Emblèmes nets, tableau parfait
D’une fortune irrémédiable,
Qui donne à penser que le Diable
Fait toujours bien tout ce qu’il fait!

II

Tête-à-tête sombre et limpide
Qu’un cœur devenu son miroir!
Puits de Vérité, clair et noir
Où tremble une étoile livide,

Un phare ironique, infernal,
Flambeau des grâces sataniques,
Soulagement et gloire uniques,
— La conscience dans le Mal!

LXXXIV
O irremediável

I

Uma Idéia, uma Forma, um Ser
Vindo do azul arremessado
No Estige plúmbeo e enlodaçado
Que o olho do Céu não pode ver;

Um Anjo, viajante imprudente
Que ousou amar o que é disforme,
Dentro de um pesadelo enorme
A debater-se na corrente

E a lutar, angústias sombrias!
Contra o refluxo mais feroz,
Que como um louco ruge a sós
E faz na treva acrobacias;

Um prisioneiro do bruxedo
Em suas frívolas manobras
Para evitar répteis e cobras,
Tateando a lâmpada e o segredo;

Um réu a descer sem lanterna,
Rente a um abismo cujo odor
Trai a fundura e o frio horror
De uma oscilante escada eterna,

Onde velam monstros horríveis
Cujos fosfóreos olhos fazem
Mais escura a noite em que jazem
E onde eles só ardem visíveis;

Um barco no pólo insulado,
Como num laço de cristal,
Buscando por que onda fatal
Foi neste cárcere atirado;

— Claros emblemas, traços reais
De uma fortuna atroz e vã,
Como a dizer-nos que Satã
Faz sempre bem tudo o que faz!

II

Conversa a dois, clara e sombria,
Espelho que a alma em si procura!
Fonte do Ser, límpida e impura,
Onde pulsa uma estrela fria,

Farol irônico, infernal,
Archote aceso a Satanás,
Consolo e glórias sem iguais
— A consciência dentro do Mal!

LXXXV
L'horloge

Horloge! dieu sinistre, effrayant, impassible,
Dont le doigt nous menace et nous dit: "Souviens-toi!
Les vibrantes Douleurs dans ton cœur plein d'effroi
Se planteront bientôt comme dans une cible;

Le Plaisir vaporeux fuira vers l'horizon
Ainsi qu'une sylphide au fond de la coulisse;
Chaque instant te dévore un morceau du délice

A chaque homme accordé pour toute sa saison.

Trois mille six cents fois par heure, la Seconde
Chuchote: Souviens-toi! *— Rapide, avec sa voix*
D'insecte, Maintenant dit: Je suis Autrefois,
Et j'ai pompé ta vie avec ma trompe immonde!

Remember! Souviens-toi! *prodigue!* Esto memor!
(*Mon gosier de métal parle toutes les langues.*)
Les minutes, mortel folâtre, sont des gangues
Qu'il ne faut pas lâcher sans en extraire l'or!

Souviens-toi *que le Temps est un jouer avide*
Qui gagne sans tricher, à tout coup! c'est la loi.
Le jour décroît; la nuit augmente; souviens-toi!
La gouffre a toujours soif; la clepsydre se vide.

Tantôt sonnera l'heure où le divin Hasard,
Où l'auguste Vertu, ton épouse encor vierge,
Où le Repentir même (*oh! la dernière auberge!*),
Où tout te dira: Meurs, vieux lâche! il est trop tard!"

LXXXV
O relógio

Relógio! deus sinistro, hediondo, indiferente,
Que nos aponta o dedo em riste e diz: “*Recorda!*
A Dor vibrante que a lama em pânico te acorda
Como num alvo há de encravar-se brevemente;

Vaporoso, o Prazer fugirá no horizonte
Como uma sílfide por trás dos bastidores;
Cada instante devora os melhores sabores
Que todo homem degusta antes que a morte o afronte.

Três mil seiscentas vezes por hora, o Segundo
Te murmura: *Recorda!* — E logo, sem demora,
Com voz de inseto, o Agora diz: Eu sou o Outrora,
E te suguei a vida com meu bulbo imundo!

Remember! Souviens-toi! Esto memor! (Eu falo
Qualquer idioma em minha goela de metal.)
Cada minuto é como uma ganga, ó mortal,
E há que extrair todo o ouro até purificá-lo!

Recorda: O Tempo é sempre um jogador atento
Que ganha, sem furtar, cada jogada! É a lei.
O dia vai, a noite vem; *recordar-te-ei!*
Esgota-se a clepsidra; o abismo está sedento.

Virá a hora em que o Acaso, onde quer que te aguarde,
Em que a augusta Virtude, esposa ainda intocada,
E até mesmo o Remorso (oh, a última pousada!)
Te dirão: Vais morrer, velho medroso! É tarde!”

Quadros parisienses

Tableaux parisiens

LXXXVI
Paysage

Je veux, pour composer chastement mes églogues,
Coucher auprès du ciel, comme les astrologues,
Et, voisin des clochers, écouter en rêvant
Leurs hymnes solennels emportés par le vent.
Les deux mains au menton, du haut de ma mansarde,
Je verrai l'atelier qui chante et qui bavarde;
Les tuyaux, les clochers, ces mâts de la cité,
Et les grands ciels qui font rêver d'éternité.

Il est doux, à travers les brumes, de voir naître
L'étoile dans l'azur, la lampe à la fenêtre,
Les fleuves de charbon monter au firmament
Et la lune verser son pâle enchantement.
Je verrai les printemps, les étés, les automnes;
Et quand viendra l'hiver aux neiges monotones,
Je fermerai partout portières et volets
Pour bâtir dans la nuit mes féeriques palais.
Alors je rêverai des horizons bleuâtres,
Des jardins, des jets d'eau pleurant dans les albâtres,
Des baisers, des oiseaux chantant soir et matin,
Et tout ce que l'Idylle a de plus enfantin.
L'Émeute, tempêtant vainement à ma vitre,
Ne fera pas lever mon front de mon pupitre;
Car je serai plongé dans cette volupté
D'évoquer le Printemps avec ma volonté,
De tirer un soleil de mon cœur, et de faire
De mes pensers brûlants une tiède atmosphère.

LXXXVI
Paisagem

Quero, para compor os meus castos monólogos,
Deitar-me ao pé do céu, assim como os astrólogos,
E, junto aos campanários, escutar sonhando
Solenes cânticos que o vento vai levando.
As mãos sob meu queixo, só, na água-furtada,
Verei a fábrica em azáfama engolfada;
Torres e chaminés, os mastros da cidade,
E os vastos céus a recordar eternidade.

É doce ver, em meio à bruma que nos vela,
Surgir no azul a estrela e a lâmpada à janela,
Os rios de carvão galgar o firmamento
E a Lua derramar seu suave encantamento.
Verei a primavera, o estio, o outono; e quando,
Com seu lençol de neve, o inverno for chegando,
Cada postigo fecharei com férreos elos
Para na noite erguer meus mágicos castelos.
Hei de sonhar então com azulados astros,
Jardins onde a água chora em meio aos alabastros,
Beijos, aves que cantam de manhã e à tarde,
E tudo o que no Idílio de infantil se guarde.
O Tumulto, golpeando em vão minha vidraça,
Não me fará mover a fronte ao que se passa,
Pois que estarei entregue ao voluptuoso alento
De relembrar a Primavera em pensamento
Em um sol na alma colher, tal como quem, absorto,
Entre as idéias goza um tépido conforto.

LXXXVII

Le soleil

Le long du vieux faubourg, où pendent aux masures
Les persiennes, abri des secrètes luxures,
Quand le soleil cruel frappe à traits redoublés
Sur la ville et les champs, sur les toits et les blés,
Je vais m'exercer seul à ma fantasque escrime,
Flairant dans tous les coins les hasards de la rime,
Trébuchant sur les mots comme sur les pavés,
Heurtant parfois des vers depuis longtemps rêvés.

Ce père nourricier, ennemi des chloroses,
Éveille dans les champs les vers comme les roses;
Il fait s'évaporer les soucis vers le ciel,
Et remplit les cerveaux et les ruches de miel.
C'est lui qui rajeunit les porteurs de béquilles
Et les rends gais et doux comme des jeunes filles,
Et commande aux moissons de croître et de mûrir
Dans le cœur immortel qui toujours veut fleurir!

Quand, ainsi qu'un poëte, il descend dans les villes,
Il ennoblit le sort des choses les plus viles,
Et s'introduit en roi, sans bruit et sans valets,
Dans tous les hôpitaux et dans tous les palais.

LXXXVII
O sol

Ao longo dos subúrbios, onde nos pardieiros
Persianas acobertam beijos sorrateiros,
Quando o impiedoso sol arroja seus punhais
Sobre a cidade e o campo, os tetos e os trigais,
Exercerei a sós a minha estranha esgrima,
Buscando em cada canto os acasos da rima,
Tropeçando em palavras como nas calçadas,
Topando imagens desde há muito já sonhadas.

Este pai generoso, avesso à tez morbosa,
No campo acorda tanto o verme quanto a rosa;
Ele dissolve a inquietação no azul do céu,
E cada cérebro ou colméia enche de mel.
É ele quem remoça os que já não se movem
E os torna doces e febris qual uma jovem,
Ordenando depois que amadureça a messe
No eterno coração que sempre refloresce!

Quando às cidades ele vai, tal como um poeta,
Eis que redime até a coisa mais abjeta,
E adentra como rei, sem bulha ou serviçais,
Quer os palácios, quer os tristes hospitais.

LXXXVIII
A une mendiante rousse

Blanche fille aux cheveux roux,
Dont la robe par ses trous
Laisse voir la pauvreté
Et la beauté,

Pour moi, poëte chétif,
Ton jeune corps maladif,
Plein de taches de rousseur,
A sa douceur.

Tu portes plus galamment
Qu'une reine de roman
Ses cothurnes de velours
Tes sabots lourds.

Au lieu d'un haillon trop court,
Qu'un superbe habit de cour
Traîne à plis bruyants et longs
Sur tes talons;

En place de bas troués,
Que pour les yeux des roués
Sur ta jambe un poignard d'or
Reluise encor;

Que des nœuds mal attachés
Dévoilent pour nos péchés
Tes deux beaux seins, radieux
Comme des yeux;

Que pour te déshabiller
Tes bras se fassent prier
Et chassent à coups mutins
Les doigts lutins,

Perles de la plus belle eau,
Sonnets de maître Belleau
Par tes galants mis aux fers
Sans cesse offerts,

Valetaille de rimeurs
Te dédiant leurs primeurs
Et contemplant ton soulier
Sous l'escalier,

Maint page épris du hasard,
Maint seigneur et maint Ronsard
Épieraient pour le déduit
Ton frais réduit!

Tu compterais dans tes lits
Plus de baisers que de lis
Et rangerais sous tes lois
Plus d'un Valois!

— Cependant tu vas gueusant
Quelque vieux débris gisant
Au seuil de quelque Véfour
De carrefour;

Tu vas lorgnant en dessous
Des bijoux de vingt-neuf sous
Dont je ne puis, oh! pardon!
Te faire don.

Va donc, sans autre ornement,
Parfum, perles, diamant,
Que ta maigre nudité,
O ma beauté!

LXXXVIII
A uma mendiga ruiva

Moça de ruivo cabelo,
Cuja roupa em desmazelo
Deixa ver tanto a pobreza
    Quanto a beleza,

Para mim, poeta sem viço,
Teu jovem corpo enfermiço,
Cheio de sardas e agruras,
    Tem só doçuras.

Calças com pés mais ligeiros
Os teus tamancos grosseiros
Do que essas damas tão finas
    Suas botinas.

Em lugar de exíguo andrajo,
Que te envolva um régio trajo
Das espáduas singulares
    Aos calcanhares;

Em vez da meia em pedaços,
Que aos olhares dos devassos
Te brilhe à perna o tesouro
    De um punhal de ouro;

Que laços pouco apertados
Mostrem aos nossos pecados
Teus seios por entre os folhos
Como dois olhos;

E que para desnudar-te
Teus braços, com lábia e arte,

Sustem a golpes vivazes
    Dedos audazes,

Corais de oceanos secretos
E de Belleau[99] os sonetos
Por teus amantes rendidos
    Oferecidos,

Escória de rimadores
A consagrar-te louvores
E a perseguir-te as passadas
    Sob as escadas,

Muito servo ébrio de amor,
Muito Ronsard[100] e senhor
Rondariam o postigo
    De teu abrigo!

Em teu leito contarias
Menos lírios do que orgias
E a teus pés mais de um Valois[101]
    Sempre haverá!

— Contudo vais mendigando
A sobra que foi ficando
Por um Véfour atirada
    À encruzilhada;
Olhas de esguelha e sem jeito
    Jóias de brilho suspeito
Que não posso (hás de perdoar!)
    Jamais te dar.

Segue, pois, nua de tudo
— Pérola, incenso, veludo —,
Só de teu corpo vestida,

Minha querida!

LXXXIX
Le cygne

A Victor Hugo.

I

Andromaque, je pense à vous! Ce petit fleuve,
Pauvre et triste miroir où jadis resplendit
L'immense majesté de vos douleurs de veuve,
Ce Simoïs menteur qui par vos pleurs grandit,

A fécondé soudain ma mémoire fertile,
Comme je traversais le nouveau Carrousel.
Le vieux Paris n'est plus (la forme d'une ville
Change plus vite, hélas! que le cœur d'un mortel);

Je ne vois qu'en esprit tout ce camp de baraques,
Ces tas de chapiteaux ébauchés et de fûts,
Les herbes, les gros blocs verdis par l'eau des flaques,
Et, brillant aux carreaux, le bric-à-brac confus.

Là s'étalait jadis une ménagerie;
Là je vis, un matin, à l'heure où sous les cieux
Froids et clairs le Travail s'éveille, où la voirie
Pousse un sombre ouragan dans l'air silencieux,

Un cygne qui s'était évadé de sa cage,
Et, de ses pieds palmés frottant le pavé sec,
Sur le sol raboteux traînait son blanc plumage.
Près d'un ruisseau sans eau la bête ouvrant le bec

Baignait nerveusement ses ailes dans la poudre,
Et disait, le cœur plein de son beau lac natal:
“Eau, quand donc pleuvras-tu? quand tonneras-tu, foudre?”
Je vois ce malheureux, mythe étrange et fatal,

Vers le ciel quelquefois, comme l’homme d’Ovide,
Vers le ciel ironique et cruellement bleu,
Sur son cou convulsif tendant sa tête avide,
Comme s’il adressait des reproches à Dieu!

II

Paris change! mais rien dans ma mélancolie
N’a bougé! palais neufs, échafaudages, blocs,
Vieux faubourgs, tout pour moi devient allégorie,
Et mes chers souvenirs sont plus lourds que des rocs.

Aussi devant ce Louvre une image m’opprime:
Je pense à mon grand cygne, avec ses gestes fous,
Comme les exilés, ridicule et sublime,
Et rongé d’un désir sans trêve! et puis à vous,

Andromaque, des bras d’un grand époux tombée,
Vil bétail, sous la main du superbe Pyrrhus,
Auprès d’un tombeau vide en extase courbée;
Veuve d’Hector, hélas! et femme d’Hélénus!

Je pense à la négresse, amaigrie et phthisique,
Piétinant dans la boue, et cherchant, l’œil hagard,
Les cocotiers absents de la superbe Afrique
Derrière la muraille immense du brouillard;

A quiconque a perdu ce qui ne se retrouve
Jamais, jamais! à ceux qui s’abreuvent de pleurs
Et tettent la Douleur comme une bonne louve!

Aux maigres orphelins séchant comme des fleurs!

Ainsi dans la forêt où mon esprit s'exile
Un vieux Souvenir sonne à plein souffle du cor!
Je pense aux matelots oubliés dans une île,
Aux captifs, aux vaincus!... à bien d'autres encor!

LXXXIX
O cisne

A Vitor Hugo

I

Andrômaca,[102] só penso em ti! O fio d’água
Soturno pobre espelho onde esplendeu outrora
De tua solidão de viúva a imensa mágoa,
Este mendaz Simeonte[103] em que teu pranto aflora,

Fecundou-me de súbito a fértil memória,
Quando eu cruzava a passo o novo Carrossel.
Foi-se a velha Paris (de uma cidade a história
Depressa muda mais que um coração infiel);

Só na lembrança vejo esse campo de tendas,
Capitéis e cornijas de esboço indeciso,
A relva, os pedregulhos com musgo nas fendas,
E a miuçalha a brilhar nos ladrilhos do piso.

Ali havia outrora os bichos de uma feira;
Ali eu vi, certa manhã, quando ao céu frio
E límpido o Trabalho acorda, quando a poeira
Levanta no ar silente um furacão sombrio,

Um cisne que escapara enfim ao cativeiro
E, nas ásperas lajes os seus pés ferindo,
As alvas plumas arrastava ao sol grosseiro.
Junto a um regato seco, a ave, o bico abrindo,

No pó banhava as asas cheias de aflição,
E dizia, a evocar o lago natal:

“Água, quando cairás? Quando soarás, trovão?”
Eu vejo esse infeliz, mito estranho e fatal,

Tal qual o homem de Ovídio, às vezes num impulso,
Erguer-se para o céu cruelmente azul e irônico,
A cabeça a emergir do pescoço convulso,
Como se a Deus lançasse um desafio agônico!

II

Paris muda! mas nada em minha nostalgia
Mudou! novos palácios, andaimes, lajedos,
Velhos subúrbios, tudo em mim é alegoria,
E essas lembranças pesam mais do que rochedos.

Também diante do Louvre uma imagem me oprime:
Penso em meu grande cisne, quando em fúria o vi,
Qual exilado, tão ridículo e sublime,
Roído de um desejo infindo! e logo em ti,

Andrômaca, às carícias do esposo arrancada,
De Pirro[104] a escrava, gado vil, trapo terreno,
Ao pé de ermo sepulcro em êxtase curvada,
Triste viúva de Heitor[105] e, após, mulher de Heleno![106]

E penso nessa negra, enferma e emagrecida,
Pés sob a lama, procurando, o olhar febril,
Os velhos coqueirais de uma África esquecida
Por detrás das muralhas do nevoeiro hostil;

Em alguém que perdeu o que o tempo não traz
Nunca mais, nunca mais! nos que mamam da Dor
E das lágrimas bebem qual loba voraz!
Nos órfãos que definham mais do que uma flor!

Assim, a alma exilada à sombra de uma faia,
Uma lembrança antiga me ressoa infinda!
Penso em marujos esquecidos numa praia,
Nos párias, nos galés, nos vencidos... e em outros mais ainda!

XC
Les sept vieillards

A Victor Hugo.

Fourmillante cité, cité pleine de rêves,
Où le spectre, en plein jour, raccroche le passant!
Les mystères partout coulent comme des sèves
Dans les canaux étroits du colosse puissant.

Un matin, cependant que dans la triste rue
Les maisons, dont la brume allongeait la hauteur,
Simulaient les deux quais d'une rivière accrue,
Et que, décor semblable à l'âme de l'acteur,

Un brouillard sale et jaune inondait tout l'espace,
Je suivais, roidissant mes nerfs comme un héros
Et discutant avec mon âme déjà lasse,
Le faubourg secoué par les lourds tombereaux.

Tout à coup, un vieillard dont les guenilles jaunes
Imitaient la couleur de ce ciel pluvieux,
Et dont l'aspect aurait fait pleuvoir les aumônes,
Sans la méchanceté qui luisait dans ses yeux,

M'apparut. On eût dit sa prunelle trempée
Dans le fiel; son regard aiguisait les frimas,

Et sa barbe à longs poils, roide comme une épée,
Se projetait, pareille à celle de Judas.

Il n'était pas voûté, mais cassé, son échine
Faisant avec sa jambe un parfait angle droit,
Si bien que son bâton, parachevant sa mine,
Lui donnait la tournure et le pas maladroit

D'un quadrupède infirme ou d'un juif à trois pattes.
Dans la neige et la boue il allait s'empêtrant,
Comme s'il écrasait des morts sous ses savates,
Hostile à l'univers plutôt qu'indifférent.

Son pareil le suivait: barbe, œil , dos, bâton, loques,
Nul trait ne distinguait, du même enfer venu,
Ce jumeau centenaire, et ces spectres baroques
Marchaient du même pas vers un but inconnu.

A quel complot infâme étais-je donc en butte,
Ou quel méchant hasard ainsi m'humiliait?
Car je comptai sept fois, de minute en minute,
Ce sinistre vieillard qui se multipliait!

Que celui-là qui rit de mon inquiétude,
Et qui n'est pas saisi d'un frisson fraternel,
Songe bien que malgré tant de décrépitude
Ces sept monstres hideux avaient l'air éternel!

Aurais-je, sans mourir, contemplé le huitième.
Sosie inexorable, ironique et fatal,
Dégoûtant Phénix, fils et père de lui-même?
— Mais je tournai le dos au cortège infernal.

Exaspéré comme un ivrogne qui voit double,
Je rentrai, je fermai ma porte, épouvanté,
Malade et morfondu, l'esprit fiévreux et trouble,

Blessé par le mystère et par l’absurdité!

Vainement ma raison voulait prendre la barre;
La tempête en jouant déroutait ses efforts,
Et mon âme dansait, dansait, vieille gabarre
Sans mâts, sur une mer monstrueuse et sans bords!

XC
Os sete velhos

A Victor Hugo

Cidade a fervilhar, cheia de sonhos, onde
O espectro, em pleno dia, agarra-se ao passante!
Flui o mistério em cada esquina, cada fronde,
Cada estreito canal do colosso possante.

Certa manhã, quando na rua triste e alheia,
As casas, a esgueirar-se no úmido vapor,
Simulavam dois cais de um rio em plena cheia,
E em que, cenário semelhante à alma do ator,

Uma névoa encardida enchia todo o espaço,
Eu ia, qual herói de nervos retesados,
A discutir com meu espírito ermo e lasso
Por vielas onde ecoavam carroções pesados.

Súbito, um velho, cujos trapos pareciam
Reproduzir a cor do tempestuoso céu
E a cujo pobre aspecto esmolas choveriam,
Não fosse o mal que lhe brilhava no olho incréu,

Me apareceu. Dir-se-ia que, em fel banhada,
Sua pupila o ardor dos gelos aguçava,
E a barba, em longos pêlos, qual aguda espada,
Análoga à de Judas, no ar se projetava.

Não era curvo, mas quebrado, e sua espinha
Compunha com a perna um claro ângulo reto,
Tanto mais que o bastão, que a seu perfil convinha,
Lhe dava o ar retorcido e o ímpeto incorreto

De um quadrúpede enfermo ou judeu de três patas.
Ele ia, em meio à lama e à neve quase imerso,
Como quem mortos calca ao peso das sapatas,
De todo indiferente e hostil ao universo.

Outro o seguia: barba, dorso, olhos, molambos
— Enfim, tudo era igual, do mesmo inferno oriundo,
Neste gêmeo senil, e caminhavam ambos
Com mesmo passo não se sabe a que outro mundo.

A vítima eu seria de um conluio astuto?
Ou que peverso acaso ali me atormentava?
Sete vezes contei, minuto após minuto,
Este sinistro ancião que se multiplicava!

Aquele que se ri de tamanha inquietude,
E que jamais sentiu um frêmito fraterno,
Cuide bem que, apesar de tal descrepitude,
Os sete hediondos monstros tinham o ar eterno!

Teria eu visto o oitavo à luz do último instante,
Inexorável sósia, irônico e fatal,
Filho e pai de si mesmo ou Fênix[107] repugnante?
— Mas as costas voltei ao cortejo infernal.

Furioso como um ébrio que vê dois em tudo,
Entrei, fechei a porta, trêmulo e perplexo,
Transido e enfermo, o espírito confuso e mudo,
Fendido por mistérios e visões sem nexo!

Minha razão debalde ao leme se agarrava;
A tempestade lhe rompia a quilha e as cordas,
E minha alma, ó naufrágio, dançava, dançava,
Sem mastros, sobre um mar fantástico e sem bordas!

XCI
Les petites vieilles

A Victor Hugo.

I

Dans les plis sinueux des vieilles capitales,
Où tout, même l'horreur, tourne aux enchantements,
Je guette, obéissant à mes humeurs fatales,
Des êtres singuliers, décrépits et charmants.

Ces monstres disloqués furent jadis des femmes,
Éponine ou Laïs! Monstres brisés, bossus
Ou tordus, aimons-les! ce sont encor des âmes.
Sous des jupons troués ou sous de froids tissus

Ils rampent, flagellés par les bises iniques,
Frémissant au fracas roulant des omnibus,
Et serrant sur leur flanc, ainsi que des reliques,
Un petit sac brodé de fleurs ou de rébus;

Ils trottent, tout pareils à des marionnettes;
Se traînent, comme font les animaux blessés,
Ou dansent, sans vouloir danser, pauvres sonnettes
Où se pend un Démon sans pitié! Tout cassés

Qu'ils sont, ils ont des yeux perçants comme une vrille,
Luisants comme ces trous où l'eau dort dans la nuit;
Ils ont les yeux divins de la petite fille
Qui s'étonne et qui rit à tout ce qui reluit.

— Avez-vous observé que maints cercueils de vieilles
Sont presque aussi petits que celui d'un enfant?

La Mort savante met dans ces bières pareilles
Un symbole d'un goût bizarre et captivant,

Et lorsque j'entrevois un fantôme débile
Traversant de Paris le fourmillant tableau,
Il me semble toujours que cet être fragile
S'en va doucement vers un nouveau berceau;

A moins que, méditant sur la géométrie,
Je ne cherche, à l'aspect de ces membres discords,
Combien de fois il faut que l'ouvrier varie
La forme d'une boîte où l'on met tous ces corps.

— Ces yeux sont des puits faits d'un million de larmes,
Des creusets qu'un métal refroidi pailleta...
Ces yeux mystérieux ont d'invincibles charmes
Pour celui que l'austère infortune allaita!

II

De Frascati défunt Vestale enamourée;
Prêtresse de Thalie, hélas! Dont le souffleur
Enterré sait le nom; célèbre évaporée
Que Tivoli jadis ombragea dans sa fleur,

Toutes m'enivrent! mais parmi ces êtres frêles
Il en est qui, faisant de la douleur un miel,
Ont dit au Dévouement qui leur prêtait ses ailes:
Hippogriffe puissant, mène-moi jusqu'au ciel!

L'une, par sa patrie au malheur exercée,
L'autre, que son époux surchargea de douleurs,
L'autre, par son enfant Madone transpercée,
Toutes auraient pu faire un fleuve avec leurs pleurs!

III

Ah! que j’en ai suivi de ces petites vieilles!
Une, entre autres, à l’heure où le soleil tombant
Ensanglante le ciel de blessures vermeilles,
Pensive, s’asseyait à l’écart sur un banc,

Pour entendre un de ces concerts, riches de cuivre,
Dont les soldats parfois inondent nos jardins,
Et qui, dans ces soirs d’or où l’on se sent revivre,
Versent quelque héroïsme au cœur des citadins.

Celle-là, droite encor, fière et sentant la règle,
Humait avidement ce chant vif et guerrier;
Son œil parfois s’ouvrait comme l’œil d’un vieil aigle;
Son front de marbre avait l’air fait pour le laurier!

IV

Telles vous cheminez, stoïques et sans plaintes,
A travers le chaos des vivantes cités,
Mères au cœur saignant, courtisanes ou saintes,
Dont autrefois les noms par tous étaient cités.

Vous qui fûtes la grâce ou qui fûtes la gloire,
Nul ne vous reconnaît! un ivrogne incivil
Vous insulte en passant d’un amour dérisoire;
Sur vos talons gambade un enfant lâche et vil.

Honteuses d’exister, ombres ratatinées,
Peureuses, le dos bas, vous côtoyez les murs;
Et nul ne vous salue, étranges destinées!
Débris d’humanité pour l’éternité mûrs!

Mais moi, moi qui de loin tendrement vous surveille,

L’œil inquiet fixé sur vos pas incertains,
Tout comme si j’étais votre père, ô merveille!
Je goûte à votre insu des plaisirs clandestins:

Je vois s’épanouir vos passions novices;
Sombres ou lumineux, je vis vos jours perdus;
Mon cœur multiplié jouit de tous vos vices!
Mon âme resplendit de toutes vos vertus!

Ruines! ma famille! ô cerveaux congénères!
Je vous fais chaque soir un solennel adieu!
Où serez-vous demain, Èves octogénaires,
Sur qui pèse la griffe effroyable de Dieu?

XCI
As velhinhas

A Victor Hugo

I

No enrugado perfil das velhas capitais,
Onde até mesmo o horror se enfeita de esplendores,
Eu espreito, obediente a meus fluidos fatais,
Seres decrépitos, sutis e encantadores.

Esses monstros já foram mulheres um dia,
Eponima[108] ou Laís![109] Recurvos ou corcundas,
Amêmo-los assim — almas em agonia!
Sob os frios andrajos e as saias imundas,

Agacham-se ao soprar o vento mais discreto,
Estremecendo ao brusco estrondo dos motores,
E apertando no flanco, qual precioso objeto,
Um saquinho bordado de enigmas e flores;

Como fantoches, vão aos saltos piruetas;
Arrastam-se no chão como animais feridos,
Ou dançam, sem querer dançar, pobres sinetas
Onde um demônio cruel se enforca! Desvalidos,

Têm os olhos agudos qual verruma fina,
Luzentes como as poças na noite tranqüila;
Seus olhos são divinos como os da menina
Que se assusta e sorri a tudo que cintila.

— Já não viste que o esquife onde dorme uma velha
É quase tão pequeno quanto o de um infante?

A Morte sábia nesses féretros espelha
O símbolo de um gosto estranho e cativante.

E se mal entrevejo um fantasma franzino
Cortando o ébrio cenário de Paris ao meio,
Me ocorre muita vez que este ser pequenino
Retorna docemente ao berço de onde veio;

Salvo se, meditando sobre a geometria,
Pouco me importe, ante esses membros disjuntados,
Quantas vezes o artífice a forma varia
Da caixa em que tais corpos são todos guardados.

— Esses olhos são poços de infinitos prantos,
São crisóis que um metal em seu gelo esmaltou...
Esses olhos secretos têm fatais encantos
Para aquele que o austero infortúnio aleitou!

II

De Frascati[110] defunta a Vestal extasiada;
Sacerdotisa de Talia,[111] cujas glosas
E motes já não ouve; célebre estouvada,
Que outrora Tívoli[112] ofuscou com suas rosas,

Todas me embriagam! mas, em meio a tais criaturas,
Algumas há que, transformando a dor em mel,
Disseram ao Fervor que lhes deu asas puras:
Hipogrifo possante, transporta-me ao céu!

Uma, que pela pátria à angústia se abandona,
Outra, que o esposo encheu de sofrimento tanto,
Outra mais, de seu filho mártir e Madona,
Todas teriam feito um rio com seu pranto!

III

Ah, como tenho acompanhado essas velhinhas!
Uma, entre tantas, quando o sol agonizante
Ao céu empresta a cor de ensangüentadas vinhas,
A um banco se sentava, plácida e distante,

Para ouvir uma banda, rica de metais,
Que os jardins muita vez inunda com seus hinos
E que, na noite de ouro que sonhar nos faz,
Algo de heróico põe na alma dos citadinos.

Outra, orgulhosa e tesa, atenta à melodia,
Sorvia avidamente esse coral guerreiro;
O olho, qual o de uma águia, às vezes se entreabria;
Tinha a marmórea fronte digna de um loureiro!

IV

Ides assim, sem queixa a estóicas como tantas,
Em meio ao caos e ao pó dos bairros agitados,
Mães de peito sangrento, cortesãs ou santas,
Cujos nomes outrora eram sempre citados.

Vós que fostes a graça ou que fostes a glória,
Ninguém vos reconhece! um bêbedo insubmisso
Vos insulta ao passar com promessa ilusória;
A vossos pés cabriola um menino sem viço.

Esquivas à existência, sombras enrugadas,
Medrosas e recurvas, tangenciais os muros;
E ninguém vos saúda, estranhas condenadas!
Restos de vida para a morte já maduros!

Mas eu, eu que de longe vos rastreio a trilha,
O olhar atento a vossos passos sem destino,
Como se fora vosso pai, ó maravilha!
Eu gozo à vossa custa um prazer clandestino;

Vejo florir cada paixão que vos ilude;
Ardentes ou glaciais, vos choro os desperdícios;
Minha alma esplende em vossa límpida virtude!
Meu coração se rejubila em vossos vícios!

Ruínas! meus ancestrais! ó mentes familiares!
Toda tarde vos lanço o mais solene adeus!
Vos verei amanhã, Evas crepusculares,
Sobre quem pesa a pavorosa mão de Deus?

XCII
Les aveugles

Contemple-les, mon âme; ils sont vraiment affreux!
Pareils aux mannequins; vaguement ridicules;
Terribles, singuliers comme les somnambules;
Dardant on ne sait où leurs globes ténébreux.

Leurs yeux, d'où la divine étincelle est partie,
Comme s'ils regardaient au loin, restent levés
Au ciel; on ne les voit jamais vers les pavés
Pencher rêveusement leur tête appesantie.

Ils traversent ainsi le noir illimité,
Ce frère du silence éternel. Ô cité!
Pendant qu'autour de nous tu chantes, ris et beugles,

Éprise du plaisir jusqu'à l'atrocité,
Vois! Je me traîne aussi! Mais, plus qu'eux hébété,
Je dis: Que cherchent-ils au Ciel, tous ces aveugles?

XCII
Os cegos

Contempla-os, ó minha alma; eles são pavorosos!
Iguais aos manequins, grotescos, singulares,
Sonâmbulos talvez, terríveis se os olhares,
Lançando não sei onde os globos tenebrosos?

Suas pupilas, onde ardeu a luz divina,
Como se olhassem à distância, estão fincadas
No céu; e não se vê jamais sobre as calçadas
Se um deles a sonhar sua cabeça inclina.

Cruzam assim o eterno escuro que os invade,
Esse irmão do silêncio infinito. Ó cidade!
Enquanto em torno cantas, ris e uivas ao léu,

Nos braços de um prazer que tangencia o espasmo,
Olha! também me arrasto! e, mais do que eles pasmo,
Digo: que buscam estes cegos ver no Céu?

XCIII
A une passante

La rue assourdissante autour de moi hurlait.
Longue, mince, en grand deuil, douleur majestueuse,
Une femme passa, d'une main fastueuse
Soulevant, balançant le feston et l'ourlet;

Agile et noble, avec sa jambe de statue.
Moi, je buvais, crispé comme un extravagant,
Dans son œil, ciel livide où germe l'ouragan,
La douceur qui fascine et le plaisir qui tue.

Un éclair... puis la nuit! — Fugitive beauté
Dont le regard m'a fait soudainement renaître,
Ne te verrai-je plus que dans l'éternité?

Ailleurs, bien loin d'ici! trop tard! jamais *peut-être!*
Car j'ignore où tu fuis, tu ne sais où je vais,
O toi que j'eusse aimée, ô toi qui le savais!

XCIII
A uma passante

A rua em torno era um frenético alarido.
Toda de luto, alta e sutil, dor majestosa,
Uma mulher passou, com sua mão suntuosa
Erguendo e sacudindo a barra do vestido.

Pernas de estátua, era-lhe a imagem nobre e fina.
Qual bizarro basbaque, afoito eu lhe bebia
No olhar, céu lívido onde aflora a ventania,
A doçura que envolve e o prazer que assassina.

Que luz... e a noite após! — Efêmera beldade
Cujos olhos me fazem nascer outra vez,
Não mais hei de te ver senão na eternidade?

Longe daqui! tarde demais! *nunca* talvez!
Pois de ti já me fui, de mim tu já fugiste,
Tu que eu teria amado, ó tu que bem o viste!

XCIV
Le squelette laboureur

I

Dans les planches d’anatomie
Qui traînent sur ces quais poudreux
Où maint livre cadavéreux
Dort comme une antique momie,

Dessins auxquels la gravité
Et le savoir d’un vieil artiste,

Bien que le sujet en soit triste,
Ont communiqué la Beauté,

On voit, ce qui rend plus complètes
Ces mystérieuses horreurs,
Bêchant comme des laboureurs,
Des Écorchés et des Squelettes.

II

De ce terrain que vous fouillez,
Manants résignés et funèbres,
De tout l'effort de vos vertèbres,
Ou de vos muscles dépouillés,

Dites, quelle moisson étrange,
Forçats arrachés au charnier,
Tirez-vous, et de quel fermier
Avez-vous à remplir la grange?

Voulez-vous (*d'un destin trop dur*
Épouvantable et clair emblème!)
Montrer que dans la fosse même
Le sommeil promis n'est pas sûr;

Qu'envers nous le Néant est traître;
Que tout, même la Mort, nous ment,
Et que sempiternellement,
Hélas! Il nous faudra peut-être

Dans quelque pays inconnu
Écorcher la terre revêche
Et pousser une lourde bêche
Sous notre pied sanglant et nu?

XCIV
O esqueleto lavrador

I

Nas lâminas de anatomia
Amontoadas no cais poeirento
Onde muito livro ao relento
Dorme como múmia sombria,

Desenhos aos quais a grandeza
E o cabedal de um velho artista,
Conquanto a dor no tema existia,
Comunicaram a Beleza,

Vêem-se, o que faz mais completos
Esses fantásticos horrores,
A escavar como lavradores
Escalpelados e esqueletos.

II

Desses torrões por vós cavados,
Tíbios campônios em destroços,
De todo esse esforço dos ossos
Ou dos músculos esfolados,

Dizei, que messe estranha e alheia,
Galés expulsos de um carneiro,
Ceifais, e de que fazendeiro
Deveis deixar a granja cheia?

Quereis (de um destino tão duro
Espantoso e límpido emblema!)

Mostrar que nem na cova extrema
Sequer dormir nos é seguro;

Que o Nada conosco é falsário;
Que tudo, a morte até, nos mente,
Que desde sempre e eternamente
Talvez nos seja necessário

Nalgum país desconhecido
Escalpelar a terra má
E empurrar uma áspera pá
Com pé descalço e dolorido?

XCV
Le crépuscule du soir

Voici le soir charmant, ami du criminel;
Il vient comme un complice, à pas de loup; le ciel
Se ferme lentement comme une grande alcôve,
Et l'homme impatient se change en bête fauve.
O soir, aimable soir, désiré par celui
Dont les bras, sans mentir, peuvent dire: Aujourd'hui
Nous avons travaillé! — C'est le soir qui soulage
Les esprits que dévore une douleur sauvage,
Le savant obstiné dont le front s'alourdit,
Et l'ouvrier courbé qui regagne son lit.
Cependant des démons malsains dans l'atmosphère
S'éveillent lourdement, comme des gens d'affaire,
Et cognent en volant les volets et l'auvent.
A travers les lueurs que tourmente le vent
La Prostitution s'allume dans les rues;
Comme une fourmilière elle ouvre ses issues;
Partout elle se fraye un occulte chemin,
Ainsi que l'ennemi qui tente un coup de main;

Elle remue au sein de la cité de fange
Comme un ver qui dérobe à l'Homme ce qu'il mange.
On entend çà et là les cuisines siffler,
Les théâtres glapir, les orchestres ronfler;
Les tables d'hôte, dont le jeu fait les délices,
S'emplissent de catins et d'escrocs, leurs complices,
Et les voleurs, qui n'ont ni trêve ni merci,
Vont bientôt commencer leur travail, eux aussi,
Et forcer doucement les portes et les caisses
Pour vivre quelques jours et vêtir leurs maîtresses.

Recueille-toi, mon âme, en ce grave moment,
Et ferme ton oreille à ce rugissement.
C'est l'heure où les douleurs des malades s'aigrissent!
La sombre Nuit les prend à la gorge; ils finissent
Leur destinée et vont vers le gouffre commun;
L'hôpital se remplit de leurs soupirs. — Plus d'un
Ne viendra plus chercher la soupe parfumée,
Au coin du feu, le soir, auprès d'une âme aimée.

Encore la plupart n'ont-ils jamais connu
La douceur du foyer et n'ont jamais vécu!

XCV
O crepúsculo vespertino

Eis a noite sutil, amiga do assassino;
Ela vem como um cúmplice, a passo lupino;
Qual grande alcova o céu se fecha lentamente,
E em besta fera torna-se o homem impaciente.
Ó noite, amável noite, almejada por quem
Cujas mãos, sem mentir, podem dizer: Amém,
Galgamos nosso pão! — É a noite que alivia
As almas que uma dor selvagem suplicia,
O sábio cuja fronte pesa sem proveito,
E o recurvo operário que regressa ao leito.
Entretanto, demônios insepultos no ócio
Acordam do estupor, como homens de negócio,
E estremecem a voar o postigo e a janela.
Através dos clarões que o vendaval flagela
O Meretrício brilha ao longo das calçadas;
Qual formigueiro ele franqueia mil entradas;
Por toda parte engendra uma invisível trilha,
Assim como inimigo apronta uma armadilha;
Pela cidade imunda e hostil se movimenta
Como um verme que ao Homem furta o que o sustenta.
Ouvem-se aqui e ali as cozinhas a chiar,
Os teatros a ganir, as orquestras a ecoar;
Sobre as roletas em que o jogo encena farsas,
Curvam-se escroques e rameiras, seus comparsas,
E os ladrões, que perdão ou trégua alguma têm
Começam cedo a trabalhar, eles também,
Forçando docemente o trinco e a fechadura
Para que a vida não lhes seja assim tão dura.

Recolhe-te, minha alma, neste grave instante,
E tapa teus ouvidos a este som uivante.
É o momento em que as dores dos doentes culminam!

A Noite escura os estrangula; eles terminam
Seus destinos no horror de um abismo comum;
Seus suspiros inundam o hospital; mais de um
Não mais virá buscar a sopa perfumada,
Junto ao fogão, à tarde, ao pé da bem-amada.

E entre eles muitos há que nunca conheceram
A doçura do lar e que jamais viveram!

XCVI
Le jeu

Dans des fauteuils fanés des courtisanes vieilles,
Pâles, le sourcil peint, l'œil câlin et fatal,
Minaudant, et faisant de leurs maigres oreilles
Tomber un cliquetis de pierre et de métal;

Autour des verts tapis des visages sans lèvre,
Des lèvres sans couleur, des mâchoires sans dent,
Et des doigts convulsés d'une infernale fièvre,
Fouillant la poche vide ou le sein palpitant;

Sous de sales plafonds un rang de pâles lustres
Et d'énormes quinquets projetant leurs lueurs
Sur des fronts ténébreux de poëtes illustres
Qui viennent gaspiller leurs sanglantes sueurs;

Voilà le noir tableau qu'en un rêve nocturne
Je vis se dérouler sous mon œil clairvoyant.
Moi-même, dans un coin de l'antre taciturne,
Je me vis accoudé, froid, muet, enviant,

Enviant de ces gens la passion tenace,
De ces vieilles putains la funèbre gaieté,

Et tous gaillardement trafiquant à ma face,
L'un de son vieil honneur, l'autre de sa beauté!

Et mon cœur s'effraya d'envier maint pauvre homme
Courant avec ferveur à l'abîme béant,
Et qui, soûl de son sang, préférerait en somme
La douleur à la mort et l'enfer au néant!

XCVI
O jogo

Nos fanados divãs das prostitutas velhas,
Os cílios de azeviche, o olhar meigo e fatal,
Cheias de tiques, e que fazem das orelhas
Cair um tilintar de pedra e de metal;

Rosto sem lábio em torno a uma mesa de jogo,
Lábios sem cor, tíbias mandíbulas sem dente,
E mãos convulsas que uma febre deixa em fogo,
Palpando o bolso escasso e o seio inda fremente;

Sob o teto encardido, agonizantes lustres,
E lamparinas a jorrar grandes clarões
Sobre trevosas frontes de poetas ilustres
Que ali vêm esbanjar os suores e emoções;

Eis a cena de horror que num sonho noturno
Ante meu claro olhar eu vi se desdobrando,
Eu mesmo, posto a um canto do antro taciturno,
Me vi, sombrio e mudo, imóvel, invejando,

Invejando essa gente a pertinaz paixão,
Às velhas putas o seu fúnebre esplendor,
E todas a vender de si algo em leilão,
Uma a beleza, outra o patético pudor!

E me assustei por invejar essa agonia,
De quem se lança numa goela escancarada,
E que, já farto de seu sangue, trocaria
A morte pela dor e o inferno pelo nada!

XCVII
Danse macabre

A Ernest Christophe.

Fière, autant qu'un vivant, de sa noble stature,
Avec son gros bouquet, son mouchoir et ses gants,
Elle a la nonchalance et la désinvolture
D'une coquette maigre aux airs extravagants.

Vit-on jamais au bal une taille plus mince?
Sa robe exagérée, en sa royale ampleur,
S'écroule abondamment sur un pied sec que pince
Un soulier pomponné, joli comme une fleur.

La ruche qui se joue au bord des clavicules,
Comme un ruisseau lascif qui se frotte au rocher,
Défend pudiquement des lazzi ridicules
Les funèbres appas qu'elle tient à cacher.

Ses yeux profonds sont faits de vide et de ténèbres,
Et son crâne, de fleurs artistement coiffé,
Oscille mollement sur ses frêles vertèbres,
O charme d'un néant follement attifé!

Aucuns t'appelleront une caricature,
Qui ne comprennent pas, amants ivres de chair,
L'élégance sans nom de l'humaine armature.
Tu réponds, grand squelette, à mon goût le plus cher!

Viens-tu troubler, avec ta puissante grimace,
La fête de la Vie? ou quelque vieux désir,
Éperonnant encor ta vivante carcasse,
Te pousse-t-il, crédule, au sabbat du Plaisir?

Au chant des violons, aux flammes des bougies,
Espères-tu chasser ton cauchemar moqueur,
Et viens-tu demander au torrent des orgies
De rafraîchir l'enfer allumé dans ton cœur?

Inépuisable puits de sottise et de fautes!
De l'antique douleur éternel alambic!
A travers le treillis recourbé de tes côtes
Je vois, errant encor, l'insatiable aspic.

Pour dire vrai, je crains que ta coquetterie
Ne trouve pas un prix digne de ses efforts;
Qui, de ces cœurs mortels, entend la raillerie?
Les charmes de l'horreur n'enivrent que les forts!

Le gouffre de tes yeux, plein d'horribles pensées,
Exhale le vertige, et les danseurs prudents
Ne contempleront pas sans d'amères nausées
Le sourire éternel de tes trente-deux dents.

Pourtant, qui n'a serré dans ses bras un squelette,
Et qui ne s'est nourri des choses du tombeau?
Qu'importe le parfum, l'habit ou la toilette?
Qui fait le dégoûté montre qu'il se croit beau.

Bayadère sans nez, irrésistible gouge,
Dis donc à ces danseurs qui font les offusqués:
"Fiers mignons, malgré l'art des poudres et du rouge,
Vous sentez tous la mort! O squelettes musqués,

Antinoüs flétris, dandys à face glabre,
Cadavres vernissés, lovelaces chenus,
Le branle universel de la danse macabre
Vous entraîne en des lieux qui ne sont pas connus!

Des quais froids de la Seine aux bords brûlants du Gange,

Le troupeau mortel saute et se pâme, sans voir
Dans un trou du plafond la trompette de l'Ange
Sinistrement béante ainsi qu'un tromblon noir.

En tout climat, sous tout soleil, la Mort t'admire
En tes contorsions, risible Humanité,
Et souvent, comme toi, se parfumant de myrrhe,
Mêle son ironie à ton insanité!"

XCVII
Dança macabra

A Ernest Christophe

Vaidosa, qual mortal, da fidalga estatura,
Com seu buquê, a luva e o lenço balouçante,
Tem ela a inércia e a singular desenvoltura
De uma coquete esguia de ar extravagante.

Quem viu jamais no baile um porte tão sublime?
O vestido abundante, em rútilo esplendor,
Descai em dobras sobre um pé que se comprime
Em rico borzeguim, belo como uma flor.

A mantilha que ondula à borda das clavículas,
Qual lascivo regato a roçar no rochedo,
Recobre, com temor das pilhérias ridículas,
Os fúnebres ardis que ela guarda em segredo.

As trevas e o vazio inundam-lhe a pupila,
E o crânio, com artísticas flores penteado,
Sobre as vértebras frágeis indolente oscila.
Ó fascínio de um nada loucamente ornado!

Alguns verão em ti uma caricatura,
E sedentos da carne voltam sempre o rosto
À anônima elegância da humana ossatura.
Atendes, esqueleto, à essência de meu gosto!

Vens então denegrir, com teu ar de desgraça,
A doçura da Vida? Ou qualquer coisa a doer,
Pungindo ainda a tua agônica carcaça,
Te impele, tão ingênua, ao sabá do prazer?

Ao canto do violino, ao cintilar dos círios,
Pensas fugir ao teu mordaz sonho malsão,
E vens pedir à ébria torrente dos delírios
Que te refresque o inferno em que arde o coração?

Inesgotável poço de erros e mazelas!
Da antiga dor um alambique intermitente!
Por entre as grades curvas de tuas costelas
Eu vejo, a errar ainda, a lúbrica serpente.

Chego a pensar que a tua atroz coqueteria
Nunca recebe pelo esforço a justa paga;
Que coração mortal te entende a zombaria?
O fascínio do horror somente ao forte embriaga!

Teus olhos abissais, cheios de horrendos sonhos,
Fazem girar tudo em redor, e os mais prudentes
Jamais contemplarão sem vômitos medonhos
O sorriso fatal de teus trinta e dois dentes.

Mas quem nos braços nunca teve um esqueleto,
Ou sequer uma vez não se nutriu do além?
Que importa o aroma, o traje, o enfeite mais faceto?
Quem de raro se faz crê-se belo também.

Cortesã sem nariz, hedionda bailarina,
Dize aos que dançam e se fingem de ofuscados:
“Galãs gentis, malgrado o ruge e a purpurina,
Cheirais à morte! Ó esqueletos perfumados!

Antínoos[113] já sem viço ou dândis de tez glabra,
Defuntos de verniz, dom-juans encanecidos,
O embalo universal dessa dança macabra
Vos arrasta a confins por ninguém conhecidos!

Dos frios cais do Sena ou do Ganges ao leste,
O rebanho mortal se agita em toda parte,
Sem ver surgir no teto a trombeta celeste
Que se abre qual sinistro e negro bacamarte.

Ao sol de qualquer clima, a Morte te aprecia
As fátuas contorções, bizarra Humanidade,
E às vezes, como tu, em perfumada orgia,
Mistura o seu sarcasmo à tua insanidade!”

XCVIII
L’amour du mensonge

Quand je te vois passer, ô ma chère indolente,
Au chant des instruments qui se brise au plafond
Suspendant ton allure harmonieuse et lente,
Et promenant l’ennui de ton regard profond;

Quand je contemple, aux feux du gaz qui le colore,
Ton front pâle, embelli par un morbide attrait,
Où les torches du soir allument une aurore,
Et tes yeux attirants comme ceux d’un portrait,

Je me dis: Qu’elle est belle! et bizarrement fraîche!
Le souvenir massif, royale et lourde tour,
La couronne, et son cœur, meurtri comme une pêche,
Est mûr, comme son corps, pour le savant amour.

Es-tu le fruit d’automne aux saveurs souveraines?
Es-tu vase funèbre attendant quelques pleurs,
Parfum qui fait rêver aux oasis lointaines,
Oreiller caressant, ou corbeille de fleurs?

Je sais qu’il est des yeux, des plus mélancoliques,

Qui ne recèlent point de secrets précieux;
Beaux écrins sans joyaux, médaillons sans reliques,
Plus vides, plus profonds que vous-mêmes, ô Cieux!

Mais ne suffit-il pas que tu sois l'apparence,
Pour réjouir un cœur qui fuit la vérité?
Qu'importe ta bêtise ou ton indifférence?
Masque ou décor, salut! J'adore ta beauté.

XCVIII
O amor à mentira

Quando te vejo andar, minha bela indolente,
Em meio aos sons da orquestra que se perdem no ar,
Movendo os passos harmoniosa e lentamente,
E passeando esse tédio de teu fundo olhar;

Quando contemplo, sob a luz do gás que a cora,
Tua pálida fronte em mórbido recato,
Onde as flamas da noite acendem uma aurora,
Ou teus olhos iguais aos olhos de um retrato,

Digo-me: Como é bela! e que frescor tão puro!
O diadema maciço, halo de áureo esplendor,
E o coração, tal como um pêssego maduro,
Impõe, como seu corpo, a sábia arte do amor.

És o fruto do outono entre dentes vorazes?
És urna fúnebre a implorar prantos e dores,
Perfume que nos faz sonhar longínquos oásis,
Almofada sensual ou corbelha de flores?

Eu sei que há olhos cheios de melancolia,
Que nada escondem por debaixo de seus véus;
Belos escrínios, mas sem jóias de valia,
Mais fundos e vazios do que vós, ó Céus!

Mas basta seres esta dádiva aparente
Pra alegrar quem vive apenas da incerteza.
Que me importa se és tola ou se és indiferente?
Máscara, ornato, salve! Amo a tua beleza!

XCIX

Je n’ai pas oublié, voisine de la ville,
Notre blanche maison, petite mais tranquille;
Sa Pomone de plâtre et sa vieille Vénus
Dans un bosquet chétif cachant leurs membres nus,
Et le soleil, le soir, ruisselant et superbe
Qui, derrière la vitre où se brisait sa gerbe,
Semblait, grand œil ouvert dans le ciel curieux,
Contempler nos dîners longs et silencieux,
Répandant largement ses beaux reflets de cierge
Sur la nappe frugale et les rideaux de serge.

XCIX

Nunca mais esqueci, da cidade vizinha,
Pequena mas tranqüila, a nossa alva casinha;
A Pomona[114] de gesso e a Vênus de outras eras
A esconder a nudez por sob um tufo de heras,
E o sol da tarde, em rútila e arrogante orgia,
Que, na vidraça onde seu feixe se partia,
Parecia, olho aberto lá no céu curioso,
Vigiar nosso repasto longo e silencioso,
Espargindo seus belos reflexos de vela
Sobre a toalha frugal e as gazes da janela.

C

La servante au grand cœur dont vous étiez jalouse,
Et qui dort son sommeil sous une humble pelouse,
Nous devrions pourtant lui porter quelques fleurs.
Les morts, les pauvres morts, ont de grandes douleurs,
Et quand Octobre souffle, émondeur des vieux arbres,
Son vent mélancolique à l'entour de leurs marbres,
Certe, ils doivent trouver les vivants bien ingrats,
A dormir, comme ils font, chaudement dans leurs draps,
Tandis que, dévorés de noires songeries,
Sans compagnon de lit, sans bonnes causeriers,
Vieux squelettes gelés travaillés par le ver,
Ils sentent s'égoutter les neiges de l'hiver
Et le siècle couler, sans qu'amis ni famille
Remplacent les lambeaux qui pendent à leur grille.

Lorsque la bûche siffle et chante, si le soir,
Calme, dans le fauteuil, je la voyais s'asseoir,
Si, par une nuit bleue et froide de décembre,

Je la trouvais tapie en un coin de ma chambre,
Grave, et venant du fond de son lit éternel
Couver l'enfant grandi de son œil maternel,
Que pourrais-je répondre à cette âme pieuse,
Voyant tomber des pleurs de sa paupière creuse?

C

À ama bondosa de quem tinhas tanto ciúme,[115]
E que dorme o seu sono humilde e sem queixume,
Talvez devêssemos levar algumas flores.
Os mortos, pobres mortos, sofrem grandes dores,
E quando outubro sopra, desnudando as árvores,
Seu vento melancólico ao redor dos mármores,
Julgam eles decerto ingratos os humanos,
A dormir, como o fazem, sob espessos panos,
Enquanto, devorados por visões perversas,
Velhos ossos que os vermes haverão de roer,
Eles ouvem as neves a se derreter
E o século a fugir, sem parente ou amigo
Que os trapos lhes renove no úmido jazigo.

Quando assobia e canta a lenha ao fim da tarde,
Se eu a visse sentar-se a um canto sem alarde,
Se, numa noite azul e fria de dezembro,
Eu a pilhasse no meu quarto (bem me lembro),
Grave, vinda do fundo de seu leito eterno
Envolver-me na lã de seu olhar materno,
Que poderia eu responder a essa alma pia,
Vendo escorrer-lhe o pranto da órbita vazia?

CI
Brumes et pluies

O fins d’automne, hivers, printemps trempés de boue,
Endormeuses saisons! je vous aime et vous loue
D’envelopper ainsi mon cœur et mon cerveau
D’un linceul vaporeux et d’un vague tombeau.

Dans cette grande plaine où l'autan froid se joue,
Où par les longues nuits la girouette s'enroue,
Mon âme mieux qu'au temps du tiède renouveau
Ouvrira largement ses ailes de corbeau.

Rien n'est plus doux au cœur plein de choses funèbres,
Et sur qui dès longtemps descendent les frimas,
O blafardes saisons, reines de nos climats,

Que l'aspect permanent de vos pâles ténèbres,
— Si ce n'est, par un soir sans lune, deux à deux,
D'endormir la douleur sur un lit hasardeux.

CI
Brumas e chuvas

Ó fins de outono, inverno, a primavera em lama,
Sombrias estações! sou quem vos louva e ama
Por me abrirdes a mente e o coração ao gozo
De um vago túmulo e um sudário vaporoso.

Na planície em que o frio vento se derrama
E à noite a rouca voz do cata-vento chama,
Minha alma, muito mais que ao tempo venturoso,
Como o corvo alçará seu vôo esplendoroso.

Nada é mais doce ao coração que o luto esmaga
E sobre o qual teceu a neve um véu funéreo,
Ó plúmbeas estações, rainhas do hemisfério,

Do que a pálida treva em que vosso ar naufraga
— Salvo, em noite sem lua, junto a uma mulher,
Adormecer a dor numa cama qualquer.

CII
Rêve parisien

A Constantin Guys.

I

De ce terrible paysage,
Tel que jamais mortel n’en vit,
Ce matin encore l’image,
Vague et lointaine, me ravit.

Le sommeil est plein de miracles!
Par un caprice singulier,
J'avais banni de ces spectacles
Le végétal irrégulier,

Et, peintre fier de mon génie,
Je savourais dans mon tableau
L'enivrante monotonie
Du métal, du marbre et de l'eau.

Babel d'escaliers et d'arcades,
C'était un palais infini,
Plein de bassins et de cascades
Tombant dans l'or mat ou bruni;

Et des cataractes pesantes,
Comme des rideaux de cristal,
Se suspendaient, éblouissantes,
A des murailles de métal.

Non d'arbres, mais de colonnades
Les étangs dormants s'entouraient,
Où de gigantesques naïades,
Comme des femmes, se miraient.

Des nappes d'eau s'épanchaient, bleues,
Entre des quais roses et verts,
Pendant des millions de lieues,
Vers les confins de l'univers;

C'étaient des pierres inouïes
Et des flots magiques; c'étaient
D'immenses glaces éblouies
Par tout ce qu'elles reflétaient!

Insouciants et taciturnes,

Des Ganges, dans le firmament,
Versaient le trésor de leurs urnes
Dans des gouffres de diamant.

Architecte de mes féeries,
Je faisais, à ma volonté,
Sous un tunnel de pierreries
Passer un océan dompté;

Et tout, même la couleur noire,
Semblait fourbi, clair, irisé;
Le liquide enchâssait sa gloire
Dans le rayon cristallisé.

Nul astre d'ailleurs, nuls vestiges
De soleil, même au bas du ciel,
Pour illuminer ces prodiges,
Qui brillaient d'un feu personnel!

Et sur ces mouvantes merveilles
Planait (*terrible nouveauté!*
Tout pour l'œil, rien pour les oreilles!)
Un silence d'éternité.

II

En rouvrant mes yeux pleins de flamme
J'ai vu l'horreur de mon taudis,
Et senti, rentrant dans mon âme,
La pointe des soucis maudits;

La pendule aux accents funèbres
Sonnait brutalement midi,
Et le ciel versait des ténèbres
Sur le triste monde engourdi.

CII
Sonho parisiense

A Constantin Guys

I

Desta fantástica paisagem,
Que ninguém viu jamais um dia,
Esta manhã ainda a imagem,
Vaga e longínqua, me extasia.

O sono engendra assombros vários!
Por um capricho singular,
Banira eu já desses cenários
O vegetal irregular,

E, artista cônscio do que cria,
Eu saboreava em minha tela
A pertinaz monotonia
Do metal, do óleo e da aquarela.

Babel de umbrais e colunatas,
Era um palácio ilimitado,
Cheio de fonte e cascatas
Sobre o ouro fosco ou cinzelado;

E cataratas vagarosas,
Como cortinas de cristal,
Se despenhavam, luminosas,
Pelas muralhas de metal.

Colunas (árvores, jamais)
Os tanques quietos circundavam,
Onde náiades colossais,

Como donzelas, se miravam;

Azuis lençóis de água fluíam
Por entre os cais de tom diverso,
E por milhões de léguas iam
Rumo às origens do universo;

Havia seixos nunca olhados
E vagas mágicas havia;
Grandes espelhos deslumbrados
Pelo que ali se refletia!

Apáticas e taciturnas,
As torrentes, no azul distante,
Vertiam todo ouro das urnas
Sobre penhascos de diamante.

Demiurgo de ébrias fantasias,
Fazia eu mesmo, ao meu agrado,
Sob um túnel de pedrarias,
Correr um mar enclausurado;

E tudo, a cor mais merencória,
Era solar, claro, irisado;
A água engastava a sua glória
Num raio em si cristalizado.

Além, nem astros nem vestígios
Do sol, sequer nos céus mais baixos,
Para clarear estes prodígios
Ardendo à luz dos próprios fachos!

E sobre tais sonhos vividos
Pairava (hedionda novidade,
Não aos olhos, mas aos ouvidos!)
Uma mudez de eternidade.

II

Quando meus olhos eu reabri,
O horror surgiu numa visão,
E na minha alma eis que senti
O gume agudo da aflição;

Funéreo pêndulo anunciava
Em dobre atroz o meio-dia,
E o céu as trevas derramava
Sobre este mundo em agonia.

CIII
Le crépuscule du matin

La diane chantait dans les cours des casernes,
Et le vent du matin soufflait sur les lanternes.

C'était l'heure où l'essaim des rêves malfaisants
Tord sur leurs oreillers les bruns adolescents;
Où, comme un œil sanglant qui palpite et qui bouge,
La lampe sur le jour fait une tache rouge;
Où l'âme, sous le poids du corps revêche et lourd,
Imite les combats de la lampe et du jour.
Comme un visage en pleurs que les brises essuient,
L'air est plein du frisson des choses qui s'enfuient,
Et l'homme est las d'écrire et la femme d'aimer.
Les maisons çà et là commençaient à fumer.
Les femmes de plaisir, la paupière livide,
Bouche ouverte, dormaient de leur sommeil stupide;
Les pauvresses, traînant leurs seins maigres et froids,
Soufflaient sur leurs tisons et soufflaient sur leurs doigts.

C’était l’heure où parmi le froid et la lésine
S’aggravent les douleurs des femmes en gésine;
Comme un sanglot coupé par un sang écumeux
Le chant du coq au loin déchirait l’air brumeux;
Une mer de brouillards baignait les édifices,
Et les agonisants dans le fond des hospices
Poussaient leur dernier râle en hoquets inégaux.
Les débauchés rentraient, brisés par leurs travaux.

L’aurore grelottante en robe rose et verte
S’avançait lentement sur la Seine déserte,
Et le sombre Paris, en se frottant les yeux,
Empoignait ses outils, vieillard laborieux.

CIII
O crepúsculo matinal

Cantava a diana pelos pátios das casernas,
E o vento da manhã soprava nas lanternas.

Era a hora em que o tropel dos sonhos malfazejos
Retorce entre os lençóis impúberes desejos;
Em que, como olho que palpita e olha de esguelha,
A luz deixa no espaço uma nódoa vermelha;
Em que o espírito, ao peso da matéria bruta
Imita o afã da lâmpada e do dia em luta.
Qual uma face cujo pranto a brisa enxuga,
O ar incorpora as pulsações da noite em fuga,
Cansa o homem de escrever e a mulher já não ama.
Nas casas via-se a primeira e tíbia chama.
As prostitutas, sob as pálpebras sem viço,
Boca aberta, dormiam seu sono maciço;
As mendigas, os seios magros e doentios,
Sopravam os tições e os hirtos dedos frios.
Era a hora em que, ao fundo de um mísero quarto,
Mais padece a mulher entre as dores do parto;
Como um soluço à tona da sangüínea espuma,
A voz do galo ao longe espedaçava a bruma;
Um mar de névoas engolfava os edifícios,
E os moribundos, esquecidos nos hospícios,
Entre estertores desiguais se contorciam.
Exaustos, os rufiões enfim se recolhiam.

Em traje verde e róseo, a enregelada aurora,
Fluía devagar pelo ermo Sena afora,
E Paris, os sombrios olhos entreabrindo,
Rumo ao trabalho, velho obreiro, ia seguindo.

O VINHO
Le vin

CIV
L’âme du vin

Un soir, l’âme du vin chantait dans les bouteilles:
“Homme, vers toi je pousse, ô cher déshérité,
Sous ma prison de verre et mes cires vermeilles,
Un chant plein de lumière et de fraternité!

Je sais combien il faut, sur la colline en flamme,
De peine, de sueur et de soleil cuisant
Pour engendrer ma vie et pour me donner l’âme;
Mais je ne serai point ingrat ni malfaisant,

Car j’éprouve une joie immense quand je tombe
Dans le gosier d’un homme usé par ses travaux,
Et sa chaude poitrine est une douce tombe
Où je me plais bien mieux que dans mes froids caveaux.

Entends-tu retentir les refrains des dimanches
Et l’espoir qui gazouille en mon sein palpitant?
Les coudes sur la table et retroussant tes manches,
Tu me glorifieras et tu seras content;

J’allumerai les yeux de ta femme ravie;
A ton fils je rendrai sa force et ses couleurs
Et serai pour ce frêle athlète de la vie
L’huile qui raffermit les muscles des lutteurs.

En toi je tomberai, végétale ambroisie,
Grain précieux jeté par l’éternel Semeur,
Pour que de notre amour naisse la poésie
Qui jaillira vers Dieu comme une rare fleur!”

CIV
A alma do vinho

A alma do vinho, certa tarde, nas garrafas
Cantava: “Homem, elevo a ti, que me és tão caro,
No cárcere de vidro e lacre em que me abafas,
Um cântico de luz e de fraterno amparo!

Bem sei quanto custou, na tórrida montanha,
De causticante sol, de suor e de mau trato
Para forjar-me a vida e enfim a alma ter ganha.
Mas não serei jamais perverso nem ingrato,

Pois sinto uma alegria imensa quando desço
Pela goela de quem ao trabalho se entrega,
E seu tépido peito é a tumba onde me aqueço
E onde me agrada mais estar do que na adega.

Não ouves os refrões da domingueira toada
E a esperança que me unge o seio palpitante?
Cotovelos na mesa e a manga arregaçada,
Tu me honrarás e o riso há de te ser constante;

Hei de acender-te o olhar à esposa embevecida;
A teu filho farei voltar a força e as cores,
E serei para tão tíbio atleta da vida
O óleo que os músculos enrija aos lutadores.

Repousarei em ti, vegetal ambrosia,
Grão atirado pelo eterno Semeador,
Para que assim de nosso amor nasça a poesia
Que rumo a Deus há de subir qual rara flor!”

CV
Le vin des chiffoniers

Souvent, à la clarté rouge d'un réverbère
Dont le vent bat la flamme et tourmente le verre
Au cœur d'un vieux faubourg, labyrinthe fangeaux
Où l'humanité grouille en ferments orageux,

On voit un chiffonnier qui vient, hochant la tête,
Buttant, et se cognant aux murs comme un poëte,
Et, sans prendre souci des mouchards, ses sujets,
Épanche tout son cœur en glorieux projets.

Il prête des serments, dicte des lois sublimes,
Terrasse les méchants, relève les victimes,
Et sous le firmament comme un dais suspendu
S'enivre des splendeurs de sa propre vertu.

Oui, ces gens harcelés de chagrins de ménage
Moulus par le travail et tourmentés par l'âge
Éreintés et pliant sous un tas de débris,
Vomissement confus de l'énorme Paris,

Reviennent, parfumés d'une odeur de futailles,
Suivis de compagnons, blanchis dans les batailles,
Dont la moustache pend comme les vieux drapeaux.
Les bannières, les fleurs et les arcs triomphaux

Se dressent devant eux, solennelle magie!
Et dans l'étourdissante et lumineuse orgie
Des clairons, du soleil, des cris et du tambour,
Ils apportent la gloire au peuple ivre d'amour!

C'est ainsi qu'à travers l'Humanité frivole
Le vin roule de l'or, éblouissant Pactole;

Par le gosier de l'homme il chante ses exploits
Et règne par ses dons ainsi que les vrais rois.

Pour noyer la rancœur et bercer l'indolence
De tous ces vieux maudits qui meurent en silence,
Dieu, touché de remords, avait fait le sommeil;
L'Homme ajouta le Vin, fils sacré du Soleil!

CV
O vinho dos trapeiros

Muitas vezes, à luz de um lampião sonolento,
Do qual a chama e o vidro estalam sob o vento,
Num antigo arrabalde, informe labirinto,
Onde fervilha o povo anônimo e indistinto,

Vê-se um trapeiro cambaleante, a fronte inquieta,
Rente às paredes a esgueirar-se como um poeta,
E, alheio aos guardas e alcagüetes mais abjetos,
Abrir seu coração em gloriosos projetos.

Juramentos profere e dita leis sublimes,
Derruba os maus, perdoa as vitímas dos crimes,
E sob o azul do céu, como um dossel suspenso,
Embriaga-se na luz de seu talento imenso.

Toda essa gente afeita às aflições caseiras,
Derreada pela idade e farta de canseiras,
Trôpega e curva ao peso atroz do asco infinito,
Vômito escuro de um Paris enorme e aflito,

Retorna, a trescalar do vinho as escorralhas,
Junto aos comparsas fatigados das batalhas,
Os bigodes lembrando insígnias espectrais.
Os estandartes, os pendões e arcos triunfais

Erguem-se ante essa gente, ó solene magia!
E na ensurdecedora e luminosa orgia
Dos gritos, dos clarins, do sol e do tambor,
Trazem eles a glória ao povo ébrio de amor!

Assim é que através da ingênua raça humana

O vinho, esplêndido Pactolo,[116] do ouro emana;
Pela garganta do homem canta ele os seus feitos
E reina por seus dons tal como os reis perfeitos.

E para o ódio afogar e o ócio ir entretendo
Desses malditos que em silêncio vão morrendo,
Em seu remorso Deus o sono havia criado;
O Homem o Vinho fez, do Sol filho sagrado!

CVI
Le vin de l’assassin

Ma femme est morte, je suis libre!
Je puis donc boire tout mon soûl.
Lorsque je rentrais sans un sou,
Ses cris me déchiraient la fibre.

Autant qu’un roi je suis heureux;
L’air est pur, le ciel admirable...
Nous avions un été semblable
Lorsque j’en devins amoureux!

L’horrible soif qui me déchire
Aurait besoin pour s’assouvir
D’autant de vin qu’en peut tenir
Son tombeau; — ce n’est pas peu dire:

Je l’ai jetée au fond d’un puits,
Et j’ai même poussé sur elle
Tous les pavés de la margelle.
— Je l’oublierai si je le puis!

Au nom des serments de tendresse,

Dont rien ne peut nous délier,
Et pour nous réconcilier
Comme au beau temps de notre ivresse,

J'implorai d'elle un rendez-vous,
Le soir, sur une route obscure.
Elle y vint! — folle créature!
Nous sommes tous plus ou moins fous!

Elle était encore jolie,
Quoique bien fatiguée! Et moi,
Je l'aimais trop! voilà pourquoi
Je lui dis: Sors de cette vie!

Nul ne peut me comprendre. Un seul
Parmi ces ivrognes stupides
Songea-t-il dans ses nuits morbides
A faire du vin un linceul?

Cette crapule invulnérable
Comme les machines de fer
Jamais, ni l'été ni l'hiver,
N'a connu l'amour véritable,

Avec ses noirs enchantements,
Son cortège infernal d'alarmes,
Ses fioles de poison, ses larmes,
Ses bruits de chaîne et d'ossements!

— Me voilà libre et solitaire!
Je serai ce soir ivre mort;
Alors, sans peur et sans remord,
Je me coucherai sur la terre,

Et je dormirai comme un chien!
Le chariot aux lourdes roues

Chargé de pierres et de boues,
Le wagon enragé peut bien

Écraser ma tête coupable
Ou me couper par le milieu,
Je m’en moque comme de Dieu,
Du Diable ou de la Sainte Table!

CVI
O vinho do assassino

Livre, afinal! ela está morta!
Posso beber o tempo inteiro.
Quando eu voltava sem dinheiro,
Se ouviam gritos logo à porta.

Sou tão feliz quanto é um rei;
O ar é puro, o céu adorável...
Era um verão incomparável
Quando por ela me encantei!

A sede atroz que me põe louco
Para saciá-la exigiria
O que de vinho caberia
Em sua tumba. E não é pouco:

Atirei-a ao fundo de um poço,
E eu mesmo pus, para cobri-la,
De suas bordas toda a argila.
— Hei de esquecê-la, se é que posso!

Em nome das eternas juras,
Pois nada nos pode afastar,
E para nos reconciliar
Como no tempo das venturas,

Eu lhe implorei uma entrevista,
À noite, numa estrada escura.
Ela veio! — a louca criatura!
Talvez em nós um louco exista!

Ela era então ainda garrida,
Embora exausta e já sem viço!

Quanto eu a amava! e foi por isso
Que lhe ordenei: Sai desta vida!

Ninguém me entende. Algum canalha,
Dentre esses ébrios enfadonhos,
Conceberia em seus maus sonhos
Fazer do vinho uma mortalha?

Essa devassa indiferente,
Como qualquer engenho hodierno,
Jamais, no verão ou no inverno,
Sentiu do amor o apelo ardente,

Com suas negras seduções,
Seu cortejo infernal de horrores,
Seus venenos e dissabores,
Seus timbres de ossos e grilhões!

— Eis-me liberto e a sós comigo!
Serei à noite um ébrio morto;
Sem nenhum medo ou desconforto,
Farei da terra o meu abrigo,

E ali dormirei como um cão!
Podem as rodas da carroça,
Cheia de entulho e lama grossa,
Ou um colérico vagão

Esmagar-me a fronte culpada
Ou cortar-me ao meio, que ao cabo
Eu zombo de tudo, do Diabo,
De Deus ou da Ceia Sagrada!

CVII
Le vin du solitaire

Le regard singulier d’une femme galante
Qui se glisse vers nous comme le rayon blanc
Que la lune onduleuse envoie au lac tremblant,
Quand elle y veut baigner sa beauté nonchalante;

Le dernier sac d’écus dans les doigts d’un joueur;
Un baiser libertin de la maigre Adeline;
Les sons d’une musique énervante et câline,
Semblable au cri lointain de l’humaine douleur,

Tout cela ne vaut pas, ô bouteille profonde,
Les baumes pénétrants que ta panse féconde
Garde au cœur altéré du poëte pieux;

Tu lui verses l’espoir, la jeunesse et la vie,
— Et l’orgueil, ce trésor de toute gueuserie,
Qui nous rend triomphants et semblables aux Dieux!

CVII
O vinho do solitário

O misterioso olhar de uma mulher galante,
Pousado sobre nós como um pálido raio
Que a lua envia ao lago em trêmulo desmaio,
Quando ali quer banhar sua beleza ondeante;

A derradeira moeda à mão de um jogador;
Um beijo libertino da esguia Adelina;
Os sons ociosos de uma música ferina,
Que lembra ao longe a humana súplica da dor;

Isso tudo não vale, ó garrafa profunda,
O bálsamo que aflora em teu ventre e fecunda
O coração do poeta em júbilo ante os céus;

Tu lhe dás a esperança, a juventude, a vida
— E o orgulho, essa riqueza aos pobres concedida,
Que os torna heróicos e mais próximos de Deus!

CVIII
Le vin des amants

Aujourd'hui l'espace est splendide!
Sans mors, sans éperons, sans bride,
Partons à cheval sur le vin
Pour un ciel féerique et divin!

Comme deux anges que torture
Une implacable calenture,
Dans le bleu cristal du matin
Suivons le mirage lointain!

Mollement balancés sur l’aile
Du tourbillon intelligent,
Dans un délire parallèle,

Ma sœur, côte à côte nageant,
Nous fuirons sans repos ni trêves
Vers le paradis de mes rêves!

CVIII
O vinho dos amantes

O espaço hoje esplende de vida!
Livres de esporas, freio ou brida,
Cavalguemos no vinho: adiante
Se abre um céu puro e fulgurante!

Como dois anjos que tortura
Uma implacável calentura,
No límpido azul da paisagem
Sigamos a fugaz miragem!

Embalados no íntimo anelo
De um lúcido e febril afã,
Qual num delírio paralelo,

Lado a lado nadando, irmã,
Chegaremos enfim, risonhos,
Ao paraíso de meus sonhos!

Flores do mal
Fleurs du mal

CIX
La destruction

Sans cesse à mes côtés s’agite le Démon;
Il nage autour de moi comme un air impalpable;
Je l’avale et le sens qui brûle mon poumon
Et l’emplit d’un désir éternel et coupable.

Parfois il prend, sachant mon grand amour de l’Art,
La forme de la plus séduisante des femmes,
Et, sous de spécieux prétextes de cafard,
Accoutume ma lèvre à des philtres infâmes.

Il me conduit ainsi, loin du regard de Dieu,
Haletant et brisé de fatigue, au milieu
Des plaines de l’Ennui, profondes et désertes,

Et jette dans mes yeux pleins de confusion
Des vêtements souillés, des blessures ouvertes,
Et l’appareil sanglant de la Destruction!

CIX
A destruição

Sem cessar a meu lado o Demônio se agita,
E nada ao meu redor como um ar impalpável;
Eu o levo aos meus pulmões, onde ele arde e crepita,
Inflando-os de um desejo eterno e condenável.

Às vezes, ao saber do amor que a arte me inspira,
Assume a forma da mulher que eu vejo em sonhos,
E, qual tartufo afeito às tramas da mentira,
Acostuma-me a boca aos seus filtros medonhos.

Ele assim me conduz, alquebrado e ofegante,
Já dos olhos de Deus afinal tão distante,
Às planícies do Tédio, infindas e desertas,

E lança-me ao olhar imerso em confusão
Trajes imundos e feridas entreabertas
— O aparato sangrento e atroz da Destruição!

CX
Une martyre

Dessin d’un maître inconnu

Au milieu des flacons, des étoffes lamées
Et des meubles voluptueux,
Des marbres, des tableaux, des robes parfumées
Qui traînent à plis somptueux,

Dans une chambre tiède où, comme en une serre,
L’air est dangereux et fatal,

Où des bouquets mourants dans leurs cercueils de verre
Exhalent leur soupir final,

Un cadavre sans tête épanche, comme un fleuve,
Sur l'oreiller désaltéré
Un sang rouge et vivant, dont la toile s'abreuve
Avec l'avidité d'un pré.

Semblable aux visions pâles qu'enfante l'ombre
Et qui nous enchaînent les yeux,
La tête, avec l'amas de sa crinière sombre
Et de ses bijoux précieux,

Sur la table de nuit, comme une renoncule,
Repose; et, vide de pensers,
Un regard vague et blanc comme le crépuscule
S'échappe des yeux révulsés.

Sur le lit, le tronc nu sans scrupules étale
Dans le plus complet abandon
La secrète splendeur et la beauté fatale
Dont la nature lui fit don;

Un bas rosâtre, orné de coins d'or, à la jambe,
Comme un souvenir est resté;
La jarretière, ainsi qu'un œil secret qui flambe,
Darde un regard diamanté.

Le singulier aspect de cette solitude
Et d'un grand portrait langoureux,
Aux yeux provocateurs comme son attitude,
Révèle un amour ténébreux,

Une coupable joie et des fêtes étranges
Pleines de baisers infernaux,
Dont se réjouissait l'essaim des mauvais anges

Nageant dans les plis des rideaux;

Et cependant, à voir la maigreur élégante
De l'épaule au contour heurté,
La hanche un peu pointue et la taille fringante
Ainsi qu'un reptile irrité,

Elle est bien jeune encor — Son âme exaspérée
Et ses sens par l'ennui mordus
S'étaient-ils entr'ouverts à la meute altérée
Des désirs errants et perdus?

L'homme vindicatif que tu n'as pu, vivante,
Malgré tant d'amour, assouvir,
Combla-t-il sur ta chair inerte et complaisante
L'immensité de son désir?

Réponds, cadavre impur! et par tes tresses roides
Te soulevant d'un bras fiévreux,
Dis-moi, tête effrayante, a-t-il sur tes dents froides
Collé les suprêmes adieux?

— Loin du monde railleur, loin de la foule impure,
Loin des magistrats curieux,
Dors en paix, dors en paix, étrange créature,
Dans ton tombeau mystérieux;

Ton époux court le monde, et ta forme immortelle
Veille près de lui quand il dort;
Autant que toi sans doute il te sera fidèle,
Et constant jusques à la mort.

CX
Mártir

Desenho de um mestre desconhecido

Em meio aos frascos de cristal, entre os brocados
E os finos móveis voluptuosos,
Mármore, quadros e vestidos perfumados
Que as dobras arrastam, suntuosos,

Num tépido aposento em que, qual num herbário,
O ar é perigoso e fatal,
Onde uma flor agonizante em seu sudário
Exala o suspiro final,

Um corpo sem cabeça eis que derrama um rio
De sangue rútilo e encarnado,
Encharcando a almofada e o lençol alvadio,
Que o suga qual sequioso prado.

Igual às pálidas visões que a sombra cria
E que o olhar nos escravizam,
A cabeça, com sua hostil crina sombria
E as jóias raras que a matizam,

Na mesa junto à cama, assim como um ranúnculo,
Repousa; e, ermo de pensamentos,
Um olhar vago e lívido como o crepúsculo
Lhe flui dos olhos macilentos.

Nu sobre o leito, o torso ostenta sem pudor
E no mais completo abandono
O fascínio fatal e o secreto esplendor
De que a natureza o fez dono.

Em torno à perna, a meia ociosa é a derradeira
Lembrança de um risonho instante;
Como o luzir de um olho oculto, a jarreteira
Dardeja um olhar de diamante.

O aspecto singular dessa atroz solitude,
Qual de um retrato langoroso
Cujo ferino olhar recorda-lhe a atitude,
Revela um amor tenebroso,

Um estranho festim de prazeres infames
E de carícias libertinas,
Com que anjos maus, nadando em lúbricos enxames,
Regozijam-se entre as cortinas;

Entretanto, ao notar-lhe a magreza elegante
Da espádua em ângulo talhada,
A anca um tanto pontuda e o dorso petulante
Qual de uma víbora irritada,

Vê-se que é jovem ainda! — A sua alma exaltada
E os seus apáticos sentidos
Ter-se-iam entreaberto à matilha esfaimada
Dos desejos que erram perdidos?

O homem violento a quem jamais pudeste em vida
Saciar, malgrado tantos beijos,
Satisfez ele, em tua carne entorpecida,
A imensidão de seus desejos?

Ó cadáver impuro! em minhas mãos ardentes
Te erguendo pelas rijas tranças,
Dize, cabeça hedionda, ele em teus frios dentes
Colou o adeus sem esperanças?

— Longe do mundo cruel, da multidão impura,

De toda a justiça curiosa,
Dorme em paz, dorme em paz, insólita criatura,
Em tua tumba misteriosa;

Teu esposo se foi! e a ti, forma imortal,
Cabe ampará-lo na má sorte;
Tal como o foste, ele também te será leal,
E aos pés hás de tê-lo até a morte.

CXI
Femmes damnées

Comme un bétail pensif sur le sable couchées,
Elles tournent leurs yeux vers l'horizon des mers,
Et leurs pieds se cherchent et leurs mains rapprochées
Ont de douces langueurs et des frissons amers.

Les unes, cœurs épris des longues confidences,
Dans le fond des bosquets où jasent les ruisseaux,
Vont épelant l'amour des craintives enfances
Et creusent le bois vert des jeunes arbrisseaux;

D'autres, comme des soeurs, marchent lentes et graves
A travers les rochers pleins d'apparitions,
Où saint Antoine a vu surgir comme des laves
Les seins nus et pourprés de ses tentations;

II en est, aux lueurs des résines croulantes,
Qui dans le creux muet des vieux antres païens
T'appellent au secours de leurs fièvres hurlantes,
O Bacchus, endormeur des remords anciens!

Et d'autres, dont la gorge aime les scapulaires,
Qui, recélant un fouet sous leurs longs vêtements,

Mêlent, dans le bois sombre et les nuits solitaires,
L'écume du plaisir aux larmes des tourments.

O vierges, ô démons, ô monstres, ô martyres,
De la réalité grands esprits contempteurs,
Chercheuses d'infini dévotes et satyres,
Tantôt pleines de cris, tantôt pleines de pleurs,

Vous que dans votre enfer mon âme a poursuivies,
Pauvres soeurs, je vous aime autant que je vous plains,
Pour vos mornes douleurs, vos soifs inassouvies,
Et les urnes d'amour dont vos grands cœurs sont pleins!

CXI
Mulheres malditas

Como um rebanho absorto e na areia deitadas,
Elas volvem o olhar para o espelho das águas;
Os pés em mudo afago e as mãos entrelaçadas,
Bebem o fel do calafrio e o mel das mágoas.

Umas, o coração abrindo em confidências,
Nos bosques onde se ouve um córrego em segredo,
Vão soletrando o amor em cândidas cadências
E o pólen raspam aos rebentos do arvoredo;

Outras, tais como irmãs, andam lentas e cavas
Por entre as rochas apinhadas de ilusões,
Onde viu Santo Antônio aflorar como lavas
Os rubros seios nus de suas tentações;

Outras há que, ao calor da líquida resina,
No côncavo sem voz de um velho antro pagão
Pedem por ti em meio à febre que alucina,
Ó Baco, ao pé de quem dorme toda a aflição!

E outras, que adoram pôr ao colo escapulários
E que, escondendo sob as vestes um cilício,
Juntam à noite, pelos bosques solitários,
A espuma do prazer ao gume do suplício.

Ó monstros, ó vestais, ó mártires sombrias,
Espírito nos quais o real sucumbe aos mitos,
Vós que buscais o além, na prece e nas orgias,
Ora cheias de pranto, ora cheias de gritos,

Vós que minha alma perseguiu em vosso inferno,
Pobres irmãs, eu vos renego e vos aceito,

Por vossa triste dor, vosso desejo eterno,
Pelas urnas de amor que inundam vosso peito!

CXII
Les deux bonnes sœurs

La Débauche et la Mort sont deux aimables filles,
Prodigues de baisers et riches de santé,
Dont le flanc toujours vierge et drapé de guenilles
Sous l'éternel labeur n'a jamais enfanté.

Au poëte sinistre, ennemi des familles,
Favori de l'enfer, courtisan mal renté,
Tombeaux et lupanars montrent sous leurs charmilles
Un lit que le remords n'a jamais fréquenté.

Et la bière et l'alcôve en blasphèmes fécondes
Nous offrent tour à tour, comme deux bonnes sœurs,
De terribles plaisirs et d'affreuses douceurs.

Quand veux-tu m'enterrer, Débauche aux bras immondes?
O Mort, quand viendras-tu, sa rivale en attraits,
Sur ses myrtes infects enter tes noirs cyprès?

CXII
As duas boas irmãs

A Orgia e a Morte são duas jovens graciosas,
Fartas de beijos e de frêmito incontido,
Cujo ventre engastado em ancas andrajosas
Jamais logrou um fruto em si ter concebido.

Ao poeta infausto, hostil às famílias virtuosas,
Favorito do inferno e cortesão falido,
Caves e tumbas oferecem, generosas,
Um leito em que o pesar jamais foi recebido.

A sepultura e a alcova, em blasfêmias fecundas,
Nos dão de quando em vez, como boas irmãs,
Os prazeres do horror e as carícias malsãs.

Hás de enterrar-me, Orgia, em tuas covas fundas?
Quando virás, ó Morte, envolta em negras vestes,
Sobre os mirtos em flor plantar os teus ciprestes?

CXIII
La fontaine de sang

Il me semble parfois que mon sang coule à flots,
Ainsi qu'une fontaine aux rhythmiques sanglots.
Je l'entends bien qui coule avec un long murmure,
Mais je me tâte en vain pour trouver la blessure.

A travers la cité, comme dans un champ clos,
Il s'en va, transformant les pavés en îlots,
Désaltérant la soif de chaque créature,
Et partout colorant en rouge la nature.

J’ai demandé souvent à des vins captieux
D’endormir pour un jour la terreur qui me mine;
Le vin rend l’œil plus clair et l’oreille plus fine!

J’ai cherché dans l’amour un sommeil oublieux;
Mais l’amour n’est pour moi qu’un matelas d’aiguilles
Fait pour donner à boire à ces cruelles filles!

CXIII
A fonte de sangue

Sinto por vezes que meu sangue corre em fluxos,
Assim qual uma fonte em rítmicos soluços.
Eu bem que o escuto numa súplica perdida,
Mas me tateio em vão em busca da ferida.

Pela cidade vai, como entre espessos buxos,
As lajes transformando em ilhas e repuxos,
Matando a sede em cada boca ressequida
E a paisagem deixando em púrpura tingida.

Muitas vezes pedi a um vinho caviloso
Aplacar por um dia o horror que me domina;
O vinho aguça o ouvido e os olhos ilumina!

Busquei então no amor um sono descuidoso;
Mas o amor para mim é um leito de suplício
Que a sede há de saciar a essas ninfas do vício!

CXIV
Allégorie

C’est une femme belle et de riche encolure,
Qui laisse dans son vin traîner sa chevelure.
Les griffes de l’amour, les poisons du tripot,
Tout glisse et tout s’émousse au granit de sa peau.
Elle rit à la Mort et nargue la Débauche,
Ces monstres dont la main, qui toujours gratte et fauche,
Dans ses jeux destructeurs a pourtant respecté
De ce corps ferme et droit la rude majesté.
Elle marche en déesse et repose en sultane;

Elle a dans le plaisir la foi mahométane,
Et dans ses bras ouverts, que remplissent ses seins,
Elle appelle des yeux la race des humains.
Elle croit, elle sait, cette vierge inféconde
Et pourtant nécessaire à la marche du monde,
Que la beauté du corps est un sublime don
Qui de toute infamie arrache le pardon.
Elle ignore l'Enfer comme le Purgatoire,
Et quand l'heure viendra d'entrer dans la Nuit noire,
Elle regardera la face de la Mort,
Ainsi qu'un nouveau-né, — sans haine et sans remord.

CXIV
Alegoria

É uma bela mulher, de aparência altaneira,
Que deixa mergulhar no vinho a cabeleira.
As tenazes do amor, os venenos da intriga,
Nada a epiderme de granito lhe fustiga.
Da Morte ela se ri e escarnece da Orgia,
Espectro cuja mão, que ceifa e suplicia,
Respeitaram, contudo, em seus jogos de horror,
Neste corpo elegante o rústico esplendor.
Caminha como deusa e dorme qual sultana,
E mantém no prazer uma fé maometana.
Braços em cruz, inflando os seios soberanos,
Com seu olhar convoca a raça dos humanos.
Ela sabe, ela crê, em seu ventre infecundo,
E no entanto essencial ao avanço do mundo,
Que a beleza do corpo é sempre um dom sublime
Que perdoa a sorrir qualquer infâmia ou crime.
O Inferno desconhece e o Purgatório ignora,
E quando a negra Noite anunciar sua hora,
Da Morte ela há de olhar o rosto apodrecido
— Sem remorso ou rancor, como um recém-nascido.

CXV
La Béatrice

Dans des terrains cendreux, calcinés, sans verdure,
Comme je me plaignais un jour à la nature,
Et que de ma pensée, en vaguant au hasard,
J’aiguisais lentement sur mon cœur le poignard,
Je vis en plein midi descendre sur ma tête
Un nuage funèbre et gros d’une tempête,

Qui portait un troupeau de démons vicieux,
Semblables à des nains cruels et curieux.
À me considérer froidement ils se mirent,
Et, comme des passants sur un fou qu'ils admirent,
Je les entendis rire et chuchoter entre eux,
En échangeant maint signe et maint clignement d'yeux:

— "Contemplons à loisir cette caricature
Et cette ombre d'Hamlet imitant sa posture,
Le regard indécis et les cheveux au vent.
N'est-ce pas grand'pitié de voir ce bon vivant,
Ce gueux, cet histrion en vacances, ce drôle,
Parce qu'il sait jouer artistement son rôle,
Vouloir intéresser au chant de ses douleurs
Les aigles, les grillons, les ruisseaux et les fleurs,
Et même à nous, auteurs de ces vieilles rubriques,
Réciter en hurlant ses tirades publiques?"

J'aurais pu (*mon orgueil aussi haut que les monts*
Domine la nuée et le cri des démons)
Détourner simplement ma tête souveraine,
Si je n'eusse pas vu parmi leur troupe obscène,
Crime qui n'a pas fait chanceler le soleil!
La reine de mon cœur au regard nonpareil,
Qui riait avec eux de ma sombre détresse
Et leur versait parfois quelque sale caresse.

CXV
A Beatriz

Num solo hostil, crestado e cheio de aspereza,
Enquanto eu me queixava um dia à natureza,
E de meu pensamento ao acaso vagando
Fosse o punhal no coração sem pressa afiando,
Em pleno dia eu vi, sobre a minha cabeça,
Prenúncio de borrasca, uma nuvem espessa,
Trazendo um bando de demônios maliciosos,
Semelhantes a anões perversos e curiosos.
Entreolham-se a mirar-me, aguda e friamente,
E, como o povo que na rua olha um demente,
Eu os ouvia rir, entre si cochichando,
Piscando os olhos e também sinais trocando:

“Contemplemos em paz essa caricatura
Que do fantasma de Hamlet imita a postura,
Os cabelos ao vento e o ar sempre hesitante.
Não causa pena ver agora esse farsante,
Esse idiota, esse histrião ocioso, esse indigente,
Que seu papel de artista ensaia à nossa frente,
Querer interessar, cantando as suas dores,
Os grilos, os falcões, os córregos e as flores,
E mesmo a nós, que concebemos esses prólogos,
Aos berros recitar na praça os seus monólogos?”

Com meu orgulho sem limite, eu poderia
Domar a nuvem dos anões em gritaria,
Deles desviando a fronte esplêndida e serena,
Caso não visse erguer-se em meio à corja obscena
— Crime que até a luz do próprio sol abala! —
A deusa a cujo olhar outro nenhum se iguala,
Que com eles de minha angústia escarnecia
E às vezes um afago imundo lhes fazia.

CXVI
Un voyage a Cythère

Mon cœur, comme un oiseau, voltigeait tout joyeux
Et planait librement à l'entour des cordages;
Le navire roulait sous un ciel sans nuages,
Comme un ange enivré d'un soleil radieux.

Quelle est cette île triste et noire? — C'est Cythère,
Nous dit-on, un pays fameux dans les chansons,
Eldorado banal de tous les vieux garçons.
Regardez, après tout, c'est une pauvre terre.

— Ile des doux secrets et des fêtes du cœur!
De l'antique Vénus le superbe fantôme
Au-dessus de tes mers plane comme un arome,
Et charge les esprits d'amour et de langueur.

Belle île aux myrtes verts, pleine de fleurs écloses,
Vénérée à jamais par toute nation,
Où les soupirs des cœurs en adoration
Roulent comme l'encens sur un jardin de roses

Ou le roucoulement éternel d'un ramier!
— Cythère n'était plus qu'un terrain des plus maigres,
Un désert rocailleux troublé par des cris aigres.
J'entrevoyais pourtant un objet singulier!

Ce n'était pas un temple aux ombres bocagères,
Où la jeune prêtresse, amoureuse des fleurs,
Allait, le corps brûlé de secrètes chaleurs,
Entre-bâillant sa robe aux brises passagères;

Mais voilà qu'en rasant la côte d'assez près
Pour troubler les oiseaux avec nos voiles blanches,
Nous vîmes que c'était un gibet à trois branches,
Du ciel se détachant en noir, comme un cyprès.

De féroces oiseaux perchés sur leur pâture
Détruisaient avec rage un pendu déjà mûr,
Chacun plantant, comme un outil, son bec impur
Dans tous les coins saignants de cette pourriture;

Les yeux étaient deux trous, et du ventre effondré
Les intestins pesants lui coulaient sur les cuisses,
Et ses bourreaux, gorgés de hideuses délices,
L'avaient à coups de bec absolument châtré.

Sous les pieds, un troupeau de jaloux quadrupèdes,
Le museau relevé, tournoyait et rôdait;
Une plus grande bête au milieu s'agitait
Comme un exécuteur entouré de ses aides.

Habitant de Cythère, enfant d'un ciel si beau,
Silencieusement tu souffrais ces insultes
En expiation de tes infâmes cultes
Et des péchés qui t'ont interdit le tombeau.

Ridicule pendu, tes douleurs sont les miennes!
Je sentis, à l'aspect de tes membres flottants,
Comme un vomissement, remonter vers mes dents
Le long fleuve de fiel des douleurs anciennes;

Devant toi, pauvre diable au souvenir si cher,
J'ai senti tous les becs et toutes les mâchoires
Des corbeaux lancinants et des panthères noires
Qui jadis aimaient tant à triturer ma chair.

— Le ciel était charmant, la mer était unie;

Pour moi tout était noir et sanglant désormais,
Hélas! et j'avais, comme en un suaire épais,
Le cœur enseveli dans cette allégorie.

Dans ton île, ô Vênus! je n'ai trouvé debout
Qu'un gibet symbolique où pendait mon image...
— Ah! Seigneur! donnez-moi la force et le courage
De contempler mon cœur et mon corps sans dégoût!

CXVI
Uma viagem a Citera

Voava o meu coração como um pássaro ocioso
E ao redor do cordame em pleno azul pairava;
Sob um límpido céu, o navio flutuava
Como um anjo inebriado à luz do sol radioso.

Mas que ilha é esta, triste e sombria? — É Citera,[117]
Dizem-nos, um país em canções celebrado
E dos jovens, outrora, o banal Eldorado.[118]
Olhai, enfim: um solo inóspito, eis o que era.

— Ilha dos corações em festiva embriaguez!
Da antiga Vênus nua a imagem soberana
Como um perfume à tona de teus mares plana
E enche os espíritos de amor e languidez.

Ilha do verde mirto e das flores vistosas,
Venerada afinal por todas as nações,
Onde os suspiros de ardorosos corações
Flutuam como o incenso entre jardins de rosas

Ou como nos pombais o eterno arrulho inquieto!
— Citera era somente um chão dos mais desnudos,
Um áspero deserto a ecoar gritos agudos.
Eu via ali, no entanto, um singular objeto!

Não era um templo antigo à sombra das figueiras,
Onde a sacerdotisa, amorosa das flores,
Ia, o corpo a pulsar em secretos calores,
A túnica entreabrindo às brisas passageiras;

Mas eis que bordejando ao pé da costa agreste,

As velas pondo em fuga as aves e os sargaços,
Vimos então que era uma forca de três braços,
A erguer-se negra para o céu como um cipreste.

Ferozes pássaros que o odor da morte atiça
Destroçavam com raiva um pútrido enforcado,
Todos cravando, qual verruma, o bico afiado
Em cada poro ainda sangrento da carniça;

Os olhos eram dois buracos e, rasgado,
O ventre escoava os intestinos sobre as coxas,
E seus algozes, comensais de entranhas roxas,
A bicadas o sexo haviam-lhe arrancado.

A seus pés, um tropel de bestas ululantes,
Focinho arreganhado, às cegas rodopiava;
Uma fera maior ao centro se agitava,
Como um executor em meio aos ajudantes.

Ó filho de Citera, herdeiro da luz pura,
Em teu silêncio suportavas tais insultos
Como dura expiação dos teus infames cultos
E pecados, sem ter direito a sepultura!

Ridículo enforcado, eu sofro iguais horrores,
E sinto, ao contemplar-te as vértebras pendentes,
Subir-me, qual se fosse um vômito entre os dentes,
A torrente de fel das minhas velhas dores;

Ao ver-te, pobre-diabo, ainda suspenso agora,
Em mim senti todos os bicos e os caninos
Dos abutres em fúria e tigres assassinos
Que amavam tanto a carne espedaçar-me outrora.

— Translúcido era o céu, o mar em calmaria;
Mas para mim tudo era escuro e solitário,

E o coração, como entre as sombras de um sudário,
Eu envolvera nessa estranha alegoria.

Vênus, em tua ilha eu vi um só despojo
Simbólico: uma forca, e nela a minha imagem...
— Ah, Senhor, dai-me a força e insuflai-me a coragem
De olhar meu coração e meu corpo sem nojo!

CXVII
L'amour et le crâne

Vieux cul-de-lampe

L'amour est assis sur le crâne
De l'Humanité,
Et sur ce trône le profane,
Au rire effronté,

Souffle gaiement des bulles rondes
Qui montent dans l'air,
Comme pour rejoindre les mondes
Au fond de l'éther.

Le globe lumineux et frêle
Prend un grand essor,
Crève et crache son âme grêle
Comme un songe d'or.

J'entends le crâne à chaque bulle
Prier et gémir:
"Ce jeu féroce et ridicule,
Quand doit-il finir?

Car ce que ta bouche cruelle

Éparpille en l’air,
Monstre assassin, c’est ma cervelle,
Mon sang et ma chair!”

CXVII
O amor e o crânio

VELHA VINHETA

Sobre o crânio da raça humana
    O amor faz seu ninho,
E nessa atitude profana,
    Com riso escarninho,

Bolhas redondas lhe apetece
    Deixar ir subindo,
Como se os sóis reunir quisesse
    No vazio infindo.

A esfera tíbia e cristalina,
    Com súbito estouro,
Rebenta e cospe a alma franzina
    Como um sonho de ouro.

Em cada bolha o crânio escuto
    Gemer e implorar:
“Este jogo cômico e bruto
    Quando há de acabar?

Pois o que a tua boca expele
    No ar como destroços,
Monstro assassino, é minha pele,
    Meu sangue e meus ossos!”

Revolta

Révolte

CXVIII
Le reniement de Saint Pierre

Qu’est-ce que Dieu fait donc de ce flot d’anathèmes
Qui monte tous les jours vers ses chers Séraphins?
Comme un tyran gorgé de viande et de vins,
Il s’endort au doux bruit de nos affreux blasphèmes.

Les sanglots des martyrs et des suppliciés
Sont une symphonie enivrante sans doute,
Puisque, malgré le sang que leur volupté coûte,
Les cieux ne s’en sont point encore rassasiés!

— Ah! Jésus, souviens-toi du Jardin des Olives!
Dans ta simplicité tu priais à genoux
Celui qui dans son ciel riait au bruit des clous
Que d’ignobles bourreaux plantaient dans tes chairs vives,

Lorsque tu vis cracher sur ta divinité
La crapule du corps de garde et des cuisines,
Et lorsque tu sentis s’enfoncer les épines
Dans ton crâne où vivait l’immense Humanité;

Quand de ton corps brisé la pesanteur horrible
Allongeait tes deux bras distendus, que ton sang
Et ta sueur coulaient de ton front pâlissant,
Quand tu fus devant tous posé comme une cible,

Rêvais-tu de ces jours si brillants et si beaux
Où tu vins pour remplir l’éternelle promesse,
Où tu foulais, monté sur une douce ânesse,
Des chemins tout jonchés de fleurs et de rameaux,

Où, le cœur tout gonflé d’espoir et de vaillance,
Tu fouettais tous ces vils marchands à tour de bras,

Où tu fus maître enfin? Le remords n'a-t-il pas
Pénétré dans ton flanc plus avant que la lance?

— Certes, je sortirai, quant à moi, satisfait
D'un monde où l'action n'est pas la sœur du rêve;
Puissé-je user du glaive et périr par le glaive!
Saint Pierre a renié Jésus... il a bien fait!

CXVIII
A negação de São Pedro

O que faz Deus dessa onda infame de heresias
Que se ergue a cada instante até seus Serafins?
Como um tirano afeito aos vinhos e aos festins,
Dorme ele ao som de nossas ímpias litanias.

Os soluços dos mártires e supliciados
São qual uma cantata embriagadora e augusta,
Pois, apesar da dor que a volúpia lhes custa,
Jamais deles os céus sentiram-se saciados!

— Recorda-te, Jesus, no Horto da Oliveiras,
Oravas, ajoelhado e humilde, os olhos cavos,
Àquele que no céu sorria ao soar dos cravos
Que te enterravam carne adentro mãos grosseiras.

Quando viste escarrar em tua divindade
A imunda corja dos soldados e meirinhos,
E sentiste afligir a ponta dos espinhos
Teu crânio onde vivia a imensa Humanidade;

E quando de teu corpo exausto o horrível peso
Os teus dois braços alongava no madeiro,
O suor e o sangue a ungir-te a fronte por inteiro,
Quando ante todos te tornaste alvo indefeso,

Pensavas tu nos dias cheios de esplendores
Em que surgias anunciando o reino eterno
E percorrias, sobre um asno fiel e terno,
Caminhos que eram só de ramos e de flores,

Em que, a alma pródiga de audácia e de esperança,
Aos vendilhões do templo açoitavas o dorso,

Em que tu foste o mestre enfim? Dize: o remorso
Teu flanco não rasgou mais fundo do que a lança?

— Quanto a mim, isto é certo, eu saio satisfeito
Deste mundo onde o sonho e a ação vivem a sós;
Possa eu usar a espada e a espada ser-me o algoz!
São Pedro renegou Jesus... Pois foi bem-feito!

CXIX
Abel et Caïn

I

Race d'Abel, dors, bois et mange;
Dieu te sourit complaisamment.

Race de Caïn, dans la fange
Rampe et meurs misérablement.

Race d'Abel, ton sacrifice
Flatte le nez du Séraphin!

Race de Caïn, ton supplice
Aura-t-il jamais une fin?

Race d'Abel, vois tes semailles
Et ton bétail venir à bien;

Race de Caïn, tes entrailles
Hurlent la faim comme un vieux chien.

Race d'Abel, chauffe ton ventre
A ton foyer patriarcal;

Race de Caïn, dans ton antre
Tremble de froid, pauvre chacal!

Race d'Abel, aime et pullule!
Ton or fait aussi des petits.

Race de Caïn, cœur qui brûle,
Prends garde à ces grands appétits.

Race d'Abel, tu croîs et broutes
Comme les punaises des bois!

Race de Caïn, sur les routes
Traîne ta famille aux abois.

II

Ah! Race d'Abel, ta charogne
Engraissera le sol fumant!

Race de Caïn, ta besogne
N'est pas faite suffisamment;

Race d'Abel, voici ta honte:
Le fer est vaincu par l'épieu!

Race de Caïn, au ciel monte,
Et sur la terre jette Dieu!

CXIX
Abel e Caim

I

Raça de Abel, frui, come e dorme,
Deus te sorri bondosamente.

Raça de Caim, no lodo informe
Roja-te e morre amargamente.

Raça de Abel, teu sacrifício
Doce é ao nariz do Serafim!

Raça de Caim, teu suplício
Quando afinal há de ter fim?

Raça de Abel, tuas sementes
E teus rebanhos férteis são;

Raça de Caim, teus parcos dentes
Rangem de fome e de privação!

Raça de Abel, teu ventre aquece
Junto à lareira patriarcal;

Raça de Caim, treme e padece
Em teu covil, pobre chacal!

Raça de Abel, goza e pulula!
Teu ouro é pródigo em rebentos;

Raça de Caim, refreia a gula,
Ó coração que arde em tormentos!

Raça de Abel, cresces e brotas
Como os insetos do arvoredo;

Raça de Caim, por ínvias rotas,
Arrasta os teus à infâmia e ao medo.

II

Raça de Abel, tua carcaça
Aduba o solo fumegante!

Raça de Caim, tua argamassa
Jamais foi sólida o bastante;

Raça de Abel, eis teu fracasso:
Do ferro o chuço ganha a guerra!

Raça de Caim, sobe ao espaço
E Deus enfim deita por terra!

CXX
Les litanies de Satan

O toi, le plus savant et le plus beau des Anges,
Dieu trahi par le sort et privé de louanges,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

O Prince de l'exil, à qui l'on a fait tort,
Et qui, vaincu, toujours te redresses plus fort,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Toi qui sais tout, grand roi des choses souterraines,
Guérisseur familier des angoisses humaines,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Toi qui, même lépreux, aux parias maudits,
Enseignes par l'amour le goût du Paradis,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

O toi, qui de la Mort, ta vieille et forte amante,
Engendras l'Espérance, — une folle charmante!

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Toi qui fais au proscrit ce regard calme et haut
Qui damne tout un peuple autour d'un échafaud,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Toi qui sais en quels coins des terres envieuses
Le Dieu jaloux cacha les pierres précieuses,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Toi dont l'œil clair connaît les profonds arsenaux
Où dort enseveli le peuple des métaux,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Toi dont la large main cache les précipices
Au somnambule errant au bord des édifices,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Toi qui, magiquement, assouplis les vieux os

De l'ivrogne attardé foulé par les chevaux,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Toi qui, pour consoler l'homme frêle qui souffre,
Nous appris à mêler le salpêtre et le soufre,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Toi qui poses ta marque, ô complice subtil,
Sur le front du Crésus impitoyable et vil,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Toi qui mets dans les yeux et dans le cœur des filles
Le culte de la plaie et l'amour des guenilles!

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Bâton des exilés, lampe des inventeurs,
Confesseur des pendus et des conspirateurs,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Père adoptif de ceux qu'en sa noire colère
Du paradis terrestre a chassés Dieu le Père,

O Satan, prends pitié de ma longue misère!

Prière

Gloire et louange à toi, Satan, dans les hauteurs
Du Ciel, où tu régnas, et dans les profondeurs
De l'Enfer où, vaincu, tu rêves en silence!
Fais que mon âme un jour, sous l'Arbre de Science,

Près de toi se repose, à l’heure où sur ton front
Comme un Temple nouveau ses rameaux s’épandront!

CXX
As litanias de Satã

Ó tu, o anjo mais belo e sábio entre teus pares,
Deus que a sorte traiu e expulsou dos altares,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Ó Príncipe do exílio, a quem fizeram mal
E que, vencido, sempre te ergues mais triunfal,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que vês tudo, ó rei das trevas soberanas,
Charlatão familiar das angústias humanas,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que, mesmo ao leproso e ao pária, se preciso,
Ensinas por amor o amor do Paraíso,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que da Morte, tua antiga e fiel amante,
Engendraste a Esperança — a louca fascinante!

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que dás ao proscrito esse alto e calmo olhar
Que leva o povo ao pé da forca a desvairar,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que bem sabes em que terras invejosas
O Deus ciumento esconde as pedras mais preciosas,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu cujo olhar desvela os fundos arsenais
Onde sepulto dorme o povo dos metais,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu cuja larga mão oculta os precipícios
Ao sonâmbulo a errar no alto dos edifícios,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que, magicamente, amacias os ossos
Do ébrio tardio que um tropel fez em destroços,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que, para o consolo eterno de quem sofre,
Nos ensinaste a unir o salitre ao enxofre,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que pões tua marca, ó cúmplice sutil,
Sobre a fronte do Creso implacável e vil,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Tu que infundes no olhar e na alma das donzelas
O amor aos trapos e a paixão pelas mazelas,

Tem piedade, o Satã, de minha atroz miséria!

Bastão do desterrado, archote do inventor,
Confessor do enforcado e do conspirador,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Pai adotivo dos que, em cólera sombria,
O Deus Padre baniu do Éden terrestre um dia,

Tem piedade, ó Satã, de minha atroz miséria!

Oração

Glória e louvor a ti, Satã, lá nas alturas
Do Céu, onde reinaste, e nas furnas escuras
Do Inferno, onde, vencido, sonhas silencioso!
Sob a Árvore da Ciência, um dia, que o repouso
Minha alma encontre em ti, quando na tua testa
Seus ramos expandir qual no Templo em festa!

A MORTE

La mort

CXXI
La mort des amants

Nous aurons des lits pleins d’odeurs légères,
Des divans profonds comme des tombeaux,
Et d’étranges fleurs sur des étagères,
Écloses pour nous sous des cieux plus beaux.

Usant à l’envi leurs chaleurs dernières,
Nos deux cœurs seront deux vastes flambeaux,
Qui réfléchiront leurs doubles lumières
Dans nos deux esprits, ces miroirs jumeaux.

Un soir fait de rose et de bleu mystique,
Nous échangerons un éclair unique,
Comme un long sanglot, tout chargé d’adieux;

Et plus tard un Ange, entr’ouvrant les portes,
Viendra ranimer, fidèle et joyeux,
Les miroirs ternis et les flammes mortes.

CXXI
A morte dos amantes

Vamos ter leitos de sutis odores,
Divãs que às fundas tumbas são iguais,
E sobre a mesa as mais estranhas flores,
Brotando para nós no azul em paz.

Ambos queimando os últimos ardores,
Meu coração e o teu, flamas sensuais,
Refletirão em dobro as suas cores
Em nossas almas, dois gêmeos cristais.

Por uma tarde mística e envolvente,
Trocaremos um só lampejo ardente,
Como o soluço em cada adeus contido;

Pouco depois um Anjo, abrindo as portas,
Há de avivar, alegre e enternecido,
Os cristais já sem brilho e as chamas mortas.

CXXII
La mort des pauvres

C’est la Mort qui console, hélas! Et qui fait vivre;
C’est le but de la vie, et c’est le seul espoir
Qui, comme un élixir, nous monte et nous enivre,
Et nous donne le cœur de marcher jusqu’au soir;

A travers la tempête, et la neige, et le givre,
C’est la clarté vibrante à notre horizon noir;
C’est l’auberge fameuse inscrite sur le livre,
Où l’on pourra manger, et dormir, et s’asseoir;

C’est un Ange qui tient dans ses doigts magnétiques
Le sommeil et le don des rêves extatiques,
Et qui refait le lit des gens pauvres et nus;

C’est la gloire des Dieux, c’est le grenier mystique,
C’est la bourse du pauvre et sa patrie antique,
C’est le portique ouvert sur les Cieux inconnus!

CXXII
A morte dos pobres

A Morte é que consola e que nos faz viver;
É o alvo desta vida e a única esperança
Que, como um elixir, nos dá fé e confiança,
E forças para andar até o anoitecer.

Em meio à tempestade e à neve a se esfazer,
É a luz que em nosso lívido horizonte avança;
É a pousada que um livro diz como se alcança,
E onde se pode descansar e adormecer.

É um Arcanjo que tem nos dedos imantados
O sono eterno e o dom dos sonhos extasiados,
E arruma o leito para os nus e os desvalidos;

É dos Deuses a glória e o místico celeiro,
É a sacola do pobre e o seu lar verdadeiro,
O pórtico que se abre aos Céus desconhecidos!

CXXIII

La mort des artistes

Combien faut-il de fois secouer mes grelots
Et baiser ton front bas, morne caricature?
Pour piquer dans le but, de mystique nature,
Combien, ô mon carquois, perdre de javelots?

Nous userons notre âme en de subtils complots,
Et nous démolirons mainte lourde armature,

Avant de contempler la grande Créature
Dont l'infernal désir nous remplit de sanglots!

Il en est qui jamais n'ont connu leur Idole,
Et ces sculpteurs damnés et marqués d'un affront,
Qui vont se martelant la poitrine et le front,

N'ont qu'un espoir, étrange et sombre Capitole!
C'est que la Mort, planant comme un soleil nouveau,
Fera s'épanouir les fleurs de leur cerveau!

CXXIII

A morte dos artistas

Quantas vezes terei de sacudir meus guizos
E a fronte te beijar, triste caricatura?
Para atingir nesse alvo a mística nervura,
Quantos dardos, aljava, enfim serão precisos?

Usaremos nossa alma em conluios concisos,
E destruiremos cada peça da armadura,
Antes de contemplar a soberba criatura
Que nos faz soluçar com fúnebres sorrisos!

Há quem jamais tenha de um Ídolo a lembrança,
E artistas há também, marcados pela injúria,
Que, sempre a martelar o peito e a fronte em fúria,

Só têm, sombrio Capitólio,[119] uma esperança!
É que a Morte, a pairar qual sol há pouco vindo,
O crânio lhes fará em flores ir se abrindo!

CXXIV
La fin de la journée

Sous une lumière blafarde
Court, danse et se tord sans raison
La Vie, impudente et criarde.
Aussi, sitôt qu'à l'horizon

La nuit voluptueuse monte,
Apaisant tout, même la faim,

Effaçant tout, même la honte,
Le Poëte se dit: “Enfin!

Mon esprit, comme mes vertèbres,
Invoque ardemment le repos;
Le cœur plein de songes funèbres,

Je vais me coucher sur le dos
Et me rouler dans vos rideaux,
Ô rafraîchissantes ténèbres!”

CXXIV
O fim da jornada

Sob uma luz trêmula e baça,
Se agita, brinca e dança ao léu
A Vida, ululante e devassa.
Assim também, quando no céu

A noite voluptuosa sonha,
Tudo acalmando, mesmo a fome,
Tudo apagando, até a vergonha,
Diz o Poeta que a dor consome:

“Afinal, minha alma e meus ossos
Somente imploram por sossego;
O coração feito em destroços,

Procuro em meu leito aconchego
E às vossas cortinas me apego,
Ó treva oferta aos corpos nossos!”

CXXV
Le rêve d’un curieux

A F.N.

Connais-tu, comme moi, la douleur savoureuse,
Et de toi fais-tu dire: “Oh! l’homme singulier!”
— J’allais mourir. C’était dans mon âme amoureuse,
Désir mêlé d’horreur, un mal particulier;

Angoisse et vif espoir, sans humeur factieuse.
Plus allait se vidant le fatal sablier,

Plus ma torture était âpre et délicieuse;
Tout mon cœur s’arrachait au monde familier.

J’étais comme l’enfant avide du spectacle,
Haïssant le rideau comme on hait un obstacle...
Enfin la vérité froide se révéla:

J’étais mort sans surprise, et la terrible aurore
M’enveloppait. — Eh quoi! n’est-ce donc que cela?
La toile était levée et j’attendais encore.

CXXV
O sonho de um curioso

A F.N.[120]

Conheces tu, como eu, essa dor saborosa,
E que te faz dizer: “Oh, homem singular!”
Morrer eu ia. Havia em minha alma amorosa,
Misto de êxtase e horror, um mal particular;

Desespero e esperança, indiferença ociosa.
Quanto mais a ampulheta eu via a se esvaziar,
Mais a tortura me era atroz e deliciosa;
Meu coração fugia ao mundo familiar.

Eu era como a criança à espera do espetáculo,
Odiando o pano como se odeia um obstáculo...
Mas a fria verdade enfim se revelou:

Eu morrera sem susto, e a terrível aurora
Me envolvia. — Mas como! o que então se passou?
O pano já caíra e eu não me fora embora.

CXXVI
Le voyage

A Maxime Du Camp.

I

Pour l’enfant, amoureux de cartes et d’estampes,
L’univers est égal à son vaste appétit.
Ah! que le monde est grand à la clarté des lampes!

Aux yeux du souvenir que le monde est petit!

Un matin nous partons, le cerveau plein de flamme,
Le cœur gros de rancune et de désirs amers,
Et nous allons, suivant le rhytme de la lame,
Berçant notre infini sur le fini des mers:

Les uns, joyeux de fuir une patrie infâme;
D'autres, l'horreur de leurs berceaux, et quelques-uns,
Astrologues noyés dans les yeux d'une femme,
La Circé tyrannique aux dangereux parfums.

Pour n'être pas changés en bêtes, ils s'enivrent
D'espace et de lumière et de cieux embrasés;
La glace qui les mord, les soleils qui les cuivrent,
Effacent lentement la marque des baisers.

Mais les vrais voyageurs sont ceux-là seuls qui partent
Pour partir; cœurs légers, semblables aux ballons,
De leur fatalité jamais ils ne s'écartent,
Et, sans savoir pourquoi, disent toujours: Allons!

Ceux-là dont les désirs ont la forme des nues,
Et qui rêvent, ainsi qu'un conscrit le canon,
De vastes voluptés, changeantes, inconnues,
Et dont l'esprit humain n'a jamais su le nom!

II

Nous imitons, horreur! la toupie et la boule
Dans leur valse et leurs bonds; même dans nos sommeils
La Curiosité nous tourmente et nous roule,
Comme un Ange cruel qui fouette des soleils.

Singulière fortune où le but se déplace,

Et, n'étant nulle part, peut être n'importe où:
Où l'Homme, dont jamais l'espérance n'est lasse,
Pour trouver le repos court toujours comme un fou!

Notre âme est un trois-mâts cherchant son Icarie;
Une voix retentit sur le pont: "Ouvre œil!"
Une voix de la hune, ardente et folle, crie:
"Amour... Gloire... Bonheur!" Enfer! c'est un écueil!

Chaque îlot signalé par l'homme de vigie
Est un Eldorado promis par le Destin;
L'Imagination qui dresse son orgie
Ne trouve qu'un récif aux clartés du matin.

Ô le pauvre amoureux des pays chimériques!
Faut-il le mettre aux fers, le jeter à la mer,
Ce matelot ivrogne, inventeur d'Amériques
Dont le mirage rend le gouffre plus amer?

Tel le vieux vagabond, piétinant dans la boue,
Rêve, le nez en l'air, de brillants paradis;
Son œil ensorcelé découvre une Capoue
Partout où la chandelle illumine un taudis.

III

Étonnants voyageurs! quelles nobles histoires
Nous lisons dans vos yeux profonds comme les mers!
Montrez-nous les écrins de vos riches mémoires,
Ces bijoux merveilleux, faits d'astres et d'éthers.

Nous voulons voyager sans vapeur et sans voile!
Faites, pour égayer l'ennui de nos prisons,
Passer sur nos esprits, tendus comme une toile,
Vos souvenirs avec leurs cadres d'horizons.

Dites, qu'avez-vous vu?

IV

"Nous avons vu des astres
Et des flots; nous avons vu des sables aussi;
Et, malgré bien des chocs et d'imprévus désastres,
Nous nous sommes souvent ennuyés, comme ici.

La gloire du soleil sur la mer violette,
La gloire des cités dans le soleil couchant,
Allumaient dans nos cœurs une ardeur inquiète
De plonger dans un ciel au reflet alléchant.

Les plus riches cités, les plus grands paysages,
Jamais ne contenaient l'attrait mystérieux
De ceux que le hasard fait avec les nuages.
Et toujours le désir nous rendait soucieux!

— La jouissance ajoute au désir de la force.
Désir, vieil arbre à qui le plaisir sert d'engrais,
Cependant que grossit et durcit ton écorce,
Tes branches veulent voir le soleil de plus près!

Grandiras-tu toujours, grand arbre plus vivace
Que le cyprès? — Pourtant nous avons, avec soin,
Cueilli quelques croquis pour votre album vorace,
Frères qui trouvez beau tout ce qui vient de loin!

Nous avons salué des idoles à trompe:
Des trônes constellés de joyaux lumineux;
Des palais ouvragés dont la féerique pompe
Serait pour vos banquiers une rêve ruineux;

Des costumes qui sont pour les yeux une ivresse;
Des femmes dont les dents et les ongles sont teints,
Et des jongleurs savants que le serpent caresse.”

V

Et puis, et puis encore?

VI

“Ô cerveaux enfantins!

Pour ne pas oublier la chose capitale,
Nous avons vu partout, et sans l’avoir cherché,
Du haut jusques en bas de l’échelle fatale,
Le spectacle ennuyeux de l’immortel péché:

La femme, esclave vile, orgueilleuse et stupide,
Sans rire s’adorant et s’aimant sans dégoût;
L’homme, tyran goulu, paillard, dur et cupide,
Esclave de l’esclave et ruisseau dans l’égout;

Le bourreau qui jouit, le martyr qui sanglote;
La fête qu’assaisonne et parfume le sang;
Le poison du pouvoir énervant le despote,
Et le peuple amoureux du fouet abrutissant;

Plusieurs religions semblables à la nôtre,
Toutes escaladant le ciel; la Sainteté,
Comme en un lit de plume un délicat se vautre,
Dans les clous et le crin cherchant la volupté;

L’Humanité bavarde, ivre de son génie,
Et folle, maintenant comme elle était jadis,

Criant à Dieu, dans sa furibonde agonie:
“Ô mon semblable, ô mon maître, je te maudis!”

Et les moins sots, hardis amants de la Démence,
Fuyant le grand troupeau parqué par le Destin,
Et se réfugiant dans l’opium immense!
— Tel est du globe entier l’éternel bulletin.”

VII

Amer savoir, celui qu’on tire du voyage!
Le monde, monotone et petit, aujourd’hui,
Hier, demain, toujours, nous fait voir notre image:
Une oasis d’horreur dans un désert d’ennui!

Faut-il partir? rester? Si tu peux rester, reste;
Pars, s’il le faut. L’un court, et l’autre se tapit
Pour tromper l’ennemi vigilant et funeste,
Le Temps! Il est, hélas! des coureurs sans répit,

Comme le Juif errant et comme les apôtres,
À qui rien ne suffit, ni wagon ni vaisseau,
Pour fuir ce rétiaire infâme; il en est d’autres
Qui savent le tuer sans quitter leur berceau.

Lorsque enfin il mettra le pied sur notre échine,
Nous pourrons espérer et crier: En avant!
De même qu’autrefois nous partions pour la Chine,
Les yeux fixés au large et les cheveux au vent,

Nous nous embarquerons sur la mer des Ténèbres
Avec le cœur joyeux d’un jeune passager.
Entendez-vous ces voix, charmantes et funèbres,
Qui chantent: “par ici! Vous qui voulez manger

Le Lotus parfumé! C'est ici qu'on vendange
Les fruits miraculeux dont votre cœur a faim;
Venez vous enivrer de la douceur étrange
De cette après-midi qui n'a jamais de fin!"

À l'accent familier nous devinons le spectre;
Nos Pylades là-bas tendent leurs bras vers nous.
"Pour rafraîchir ton cœur nage vers ton Électre!"
Dit celle dont jadis nous baisions les genoux.

VIII

O Mort, vieux capitaine, il est temps! levons l'ancre!
Ce pays nous ennuie, ô Mort! Appareillons!
Si le ciel et la mer sont noirs comme de l'encre,
Nos cœurs que tu connais sont remplis de rayons!

Verse-nous ton poison pour qu'il nous réconforte!
Nous voulons, tant ce feu nous brûle le cerveau,
Plonger au fond du gouffre, Enfer ou Ciel, qu'importe?
Au fond de l'Inconnu pour trouver du nouveau*!*

CXXVI
A viagem

A Maxime Du Camp

I

Para a criança, que adora olhar mapas e telas,
O universo se iguala ao seu vasto apetite.
Ah, como é grande o mundo à tíbia luz das velas!
E na saudade quão pequeno é o seu limite!

Partimos de manhã, a alma em chamas pressagas,
O coração cheio de fel e de acres mágoas;
Seguíamos assim, sempre ao sabor das vagas,
O infinito a embalar no finito das águas:

Uns, gratos por fugir a uma infâmia qualquer;
Outros, ao pânico dos lares, e alguns mais,
Astrólogos fitando o olhar de uma mulher,
Circe[121] tirânica entre bálsamos fatais.

Para que bestas não se tornem, se inebriam
À luz que arde no céu em ásperos lampejos;
O gelo que os ulcera, os sóis que os suplicam,
Apagam pouco a pouco a cicatriz dos beijos.

Mas viajantes de fato apenas são aqueles
Que partem por partir; o coração flutuante,
Jamais hão de aceitar ser outros senão eles
E, sem saber por quê, ordenam sempre: Adiante!

Os que ao prazer dão a fugaz forma das nuvens
E sonham, como sonha o canhão um recruta,

Volúpias sem limite, ignotas e volúveis,
Cujo nome jamais o ouvido humano escuta!

II

Imitando, que horror, a carrapeta e a bola
Em sua valsa; mesmo em sonhos, a nefasta
Curiosidade sempre nos aflige e rola
Tal como um Anjo cruel que o próprio sol vergasta.

Fortuna singular cujo alvo não se alcança
E que, além não estando, onde está não importa!
Em que o homem, que jamais renuncia à esperança,
Repouso implora como um louco em cada porta!

Nossa alma é uma trirreme em busca dessa Içaria;[122]
Sobre a ponte uma voz no ar ecoa: “Abre os olhos!”
E na gávea outra voz se alteia solitária:
“Ventura... glória... amor!” Mas há somente escolhos!

Cada ilhota que avista esse homem da vigia
É um paraíso, uma promessa do Destino;
E o devaneio, que ora ostenta a sua orgia,
Um só recife encontra à luz do ar matutino.

Amoroso infeliz de ermas regiões quiméricas!
Preciso é submetê-lo e ao mar lançá-lo após,
Esse ébrio marinheiro, esse inventor de Américas
Cuja miragem torna o abismo mais atroz?

Tal como o velho vagabundo, os pés na lama,
Nariz para o ar, édens de luz eis que imagina;
Uma Cápua[123] vislumbra o seu olhar em chama
Toda vez que a candeia um casebre ilumina.

III

Viajantes sem temor, quantas nobres histórias
Lemos em vosso olhar profundo como os lastros!
Mostrai em vosso escrínio essas ricas memórias,
Jóias mais raras do que a etérea luz dos astros.

Queremos navegar sem bússola e sem vela!
Fazei, para que o tédio o ser não nos afronte,
Passar em nossos corações, qual numa tela,
Vossas lembranças com seus quadros de horizonte.

E o que vistes? Dizei.

IV

“Vimos estrelas e ondas,
E enfim vimos também alvíssimas areias;
E, apesar do naufrágio em borrascas hediondas,
O tédio, como aqui, nos cinge em suas teias.

A glória ébria do sol por sobre um mar violeta,
As cidades em glória ante o sol a se pôr,
Nos acendiam na alma uma vontade inquieta
De mergulhar num céu de aliciante esplendor.

As maiores regiões, a mais pujante aldeia,
Não continham jamais os encantos secretos
Dessas que o acaso com as nuvens delineia.
E eis que o desejo nos fazia mais inquietos!

— Ao desejo o prazer alguma força acresce.
Desejo, árvore à qual o gozo é adubo certo,

E enquanto a casca engrossa e aos poucos enrijece,
Teus ramos querem ver o sol ainda mais perto!

Crescerás sempre, ó tronco imenso e mais vivaz
Que o cipreste? — Com zelo arrancamos, porém,
Alguns botões que ao vosso álbum ávido apraz,
Irmãos que achais ser belo o que de longe vem!

Celebramos até uns ídolos com trompa;
Tronos que a luz das jóias deixa constelados,
Palácios de cristal cuja ofuscante pompa
Seria um pesadelo aos vossos potentados;

Ritos que aos olhos mais parecem uma orgia;
Mulheres cujos dentes e unhas são rubis,
E hábeis jograis que uma serpente acaricia.”

V

E após, e após enfim?

VI

“Ó cérebros pueris!

E para não fugir à coisa capital,
Vimos em toda parte, e sem o haver buscado,
Desde cima até embaixo da escada fatal,
A encenação tediosa do imortal pecado:

A mulher, serva infame, estúpida e orgulhosa,
Adorando-se a sério e amando-se em sossego;
O homem, tirano, a alma feroz e voluptuosa,
Da escrava o escravo e de um esgoto o imundo rego;

O algoz que se diverte, o mártir que padece;
A festa que perfuma o sangue e que o tempera;
O vinho do poder que ao déspota enraivece,
E o povo em êxtase ante o látego que o espera;

Diversas religiões em tudo iguais à nossa,
Todas galgando o céu; a vocação divina,
Como um donzel que em meio às plumas se alvoroça,
Em busca da volúpia entre os pregos e a crina;

A Humanidade, ébria da própria fantasia,
E hoje tão louca quanto o foi no tempo antigo,
Clamando a Deus em sua ríspida agonia:
Ó mestre, ó semelhante a mim, eu te maldigo!

E os menos tolos, mas amantes da Demência,
Fugindo ao que o Destino uniu, rebanho inglório,
E no ópio adormecendo os restos da consciência!
— Tal é do mundo inteiro o eterno relatório!”

VII

Saber amargo, o que se tira de uma viagem!
Monótono e pequeno, o mundo, sem remédio,
Hoje, ontem, amanhã, nos faz ver nossa imagem,
Um oásis de horror num deserto de tédio!

Urge partir? ficar? Pois fica, se te apraz;
Ou parte, se é preciso. Um corre, o outro se esconde
Para enganar o Tempo, o inimigo tenaz
E funesto! Há quem corra alheio ao quando e ao onde,

Como o Judeu errante e os fiéis de Nazaré,
Aos quais nada valeu, nem barco nem vagão,

Para fugir ao gladiador; e há quem até
Saiba matá-lo sem deixar o seu torrão.

Quando ele nos pisar o dorso que se inclina,
Poderemos enfim gritar bem alto: “Avante!”
Assim como íamos outrora para a China,
Os cabelos ao vento e os olhos sempre adiante,

Navegaremos sobre a espuma tenebrosa,
Jovens viajantes ébrios de ânsia e de prazer.
Escutai essa voz, taciturna e graciosa,
Que canta: “Por aqui, vós que quereis comer

O Lótus perfumado! Eis aqui a vindima
Dos frutos pelos quais vossa alma anda sedenta;
Não viestes pois vos embriagar ao doce clima
Dessa tarde que flui infinda e sonolenta?”

A uma voz familiar se adivinha a visão;
Os Pílades[124] ao longe acolhem-nos agora.
“Vai refrescar-te em tua Electra,[125] coração!”
Diz essa cujos pés beijávamos outrora.

VIII

Ó Morte, velho capitão, é tempo! Às velas!
Este país enfara, ó Morte! Para frente!
Se o mar e o céu recobre o luto das procelas,
Em nossos corações brilha uma chama ardente!

Verte-nos teu veneno, ele é que nos conforta!
Queremos, tal o cérebro nos arde em fogo,
Ir ao fundo do abismo, Inferno ou Céu, que importa?
Para encontrar no Ignoto o que ele tem de *novo*!

Suplemento às *Flores do mal*

Supplément aux Fleurs du mal

Nouvelles fleurs du mal

I
Épigraphe pour un livre condamné

Lecteur paisible et bucolique,
Sobre et naïf homme de bien,
Jette ce livre saturnien,
Orgiaque et mélancolique.

Si tu n'as fait ta rhétorique
Chez Satan, le rusé doyen,
Jette! tu n'y comprendrais rien,
Ou tu me croirais hysthérique.

Mais si, sans se laisser charmer,
Ton œil sait plonger dans les gouffres,
Lis-moi, pour apprendre à m'aimer;

Âme curieuse qui souffres
Et vas cherchant ton paradis,
Plains-moi... Sinon, je te maudis!

Novas flores do mal

I
Epígrafe para um livro condenado

Leitor pacífico e bucólico,
Homem de bem, austero e lhano,
Joga fora este saturniano
Livro, orgíaco e melancólico.

Se não herdaste o dom hipnótico
De Satã, o astuto decano,
Irias ler-me por engano,
Ou me terias por neurótico.

Mas se, sem teus olhos piscar,
Do abismo os horrores conheces,
Lê-me afinal que me hás de amar;

Alma curiosa que padeces
E buscas no éden teu abrigo,
Tem dó de mim... Ou te maldigo!

II
L’examen de minuit

La pendule, sonnant minuit,
Ironiquement nous engage
A nous rappeler quel usage
Nous fîmes du jour qui s’enfuit:
— Aujourd’hui, date fatidique,
Vendredi, treize, nous avons,
Malgré tout ce que nous savons,
Mené le train d’un hérétique;

Nous avons blasphémé Jésus,
Des Dieux le plus incontestable!
Comme un parasite à la table
De quelque monstrueux Crésus,
Nous avons, pour plaire à la brute,
Digne vassale des Démons,
Insulté ce que nous aimons
Et flatté ce qui nous rebute;

Contristé, servile bourreau,
Le faible qu'à tort on méprise;
Salué l'énorme Bêtise,
La Bêtise au front de taureau;
Baisé la stupide Matière
Avec grande dévotion,
Et de la putréfaction
Béni la blafarde lumière.

Enfin, nous avons, pour noyer
Le vertige dans le délire,
Nous, prêtre orgueilleux de la Lyre,
Dont la gloire est de déployer
L'ivresse des choses funèbres,
Bu sans soif et mangé sans faim!...
— Vite soufflons la lampe, afin
De nous cacher dans les ténèbres!

II
O exame da meia-noite

Meia-noite. O relógio soa
E nos induz, em tom mordaz,
A recordar que uso fugaz
Fizemos do dia que escoa:
— Hoje, treze, data fatal,
Sexta-feira, nos comportamos,
Malgrado tudo o que exaltamos,
Como discípulos do mal;

Contra Jesus o mais glorioso
Dentre os deuses, temos pecado!
Como um parasita sentado
À mesa de um Creso[126] monstruoso,
Cada um de nós, gratos à Besta,
Do Demônio a súdita eleita,
Insulta aquilo que respeita
E adula aquilo que detesta;

Ao humilde o nosso desdouro
Mostramos com dura arrogância;
Saudamos a enorme Ignorância,
Com sua cabeça de touro;
Beijamos a torpe Matéria
Com toda a nossa devoção,
E abençoamos da podridão
A bruxuleante luz funérea.

Enfim, para afogar de vez
A vertigem no que delira,
Nós, os sacerdotes da Lira,
Cuja glória é louvar a ebriez

Do que a morte acaso dissolva,
Sem apetite algum comemos...
— Depressa, a lâmpada apaguemos
Para que a treva nos envolva!

III
Madrigal triste

I

Que m’importe que tu sois sage?
Sois belle! et sois triste! Les pleurs
Ajoutent un charme au visage,
Comme le fleuve au paysage;
L’orage rajeunit les fleurs.

Je t’aime surtout quand la joie
S’enfuit de ton front terrassé;
Quand ton cœur dans l’horreur se noie;
Quand sur ton présent se déploie
Le nuage affreux du passé.

Je t’aime quand ton grand œil verse
Une eau chaude comme le sang;
Quand, malgré ma main qui te berce,
Ton angoisse, trop lourde, perce
Comme un râle d’agonisant.

J’aspire, volupté divine!
Hymne profond, délicieux!
Tous les sanglots de ta poitrine,
Et crois que ton cœur s’illumine
Des perles que versent tes yeux!

II

Je sais que ton cœur, qui regorge
De vieux amours déracinés,
Flamboie encor comme une forge,
Et que tu couves sous ta gorge
Un peu de l'orgueil des damnés;

Mais tant, ma chère, que tes rêves
N'auront pas reflété l'Enfer,
Et qu'en un cauchemar sans trêves,
Songeant de poisons et de glaives,
Eprise de poudre et de fer,

N'ouvrant à chacun qu'avec crainte,
Déchiffrant le malheur partout,
Te convulsant quand l'heure tinte,
Tu n'auras pas senti l'étreinte
De l'irrésistible Dégoût,

Tu ne pourras, esclave reine
Qui ne m'aimes qu'avec effroi,
Dans l'horreur de la nuit malsaine,
Me dire, l'âme de cris pleine:
"Je suis ton égale, Ô mon Roi!"

III
Madrigal triste

I

Que me importa que saibas tanto?
Sê bela a taciturna! As dores
À face emprestam certo encanto,
Como à campina o rio em pranto;
A tempestade apraz às flores.

Eu te amo mais quando a alegria
Te foge ao rosto acabrunhado;
Quando a alma tens em agonia,
Quando o presente em ti desfia
A hedionda nuvem do passado.

Eu te amo quando em teu olhar
O pranto escorre como sangue;
Ou quando, a mão a te embalar,
A tua angústia ouço aflorar
Como um espasmo quase exangue.

Aspiro, volúpia divina,
Hino profundo e delicioso!
A dor que o teu seio lancina
E que, quando o olhar te ilumina,
Teu coração enche de gozo!

II

Sei que o teu peito, que palpita
À sombra de amores passados,
Qual uma forja ainda crepita,

E que a garganta enfim te habita
Algo do orgulho dos danados;

Mas enquanto, amor, no que sonhas
Do Inferno a imagem não for dada,
E dessas visões tão medonhas,
Em meio a gládios e peçonhas,
De pólvora e ferro animada,

Sempre de todos te escondendo,
Denunciando em tudo a desgraça
E à hora fatal estremecendo,
Não houveres sentido o horrendo
Aperto do asco que te abraça,

Não poderás, rainha e escrava,
Que apenas me amas com pavor,
Nos abismos que a noite escava,
Dizer-me, a voz trêmula e cava:
"Sou tua igual, ó meu Senhor!"

IV
L'avertisseur

Tout homme digne de ce nom
A dans le cœur un Serpent jaune,
Installé comme sur un trône,
Qui, s'il dit: "Je veux!" répond: "Non!"

Plonge tes yeux dans les yeux fixes
Des Satyresses ou des Nixes,
La Dent dit: "Pense à ton devoir!"

Fais des enfants, plante des arbres,

Polis des vers, sculpte des marbres,
La Dent dit: “Vivras-tu ce soir?”

Quoi qu’il ébauche ou qu’il espère,
L’homme ne vit pas un moment
Sans subir l’avertissement
De l’insupportable Vipère

IV
O admoestador

O homem fiel a tal condição
Traz em seu peito uma Serpente
Que, quando ele diz num repente:
“Eu quero!” ela responde: “Não!”

Caso os olhos nos olhos fixes
Das Satiresas ou das Nixes,[127]
O Dente diz: “Cumpre o dever!”

Procria filhos, cuida as árvores,
Cinzela o verso, entalha os mármores.
E ele: “Esta noite irás viver?”

Seja o que for que espera ou sonha,
O homem não vive um só momento
Sem que essa Víbora o tormento
De uma advertência cruel lhe imponha.

V
Le rebelle

Un Ange furieux fond du ciel comme un aigle,
Du mécréant saisit à plein poing les cheveux,
Et dit, le secouant: “Tu connaîtras la règle!
(*Car je suis ton bon Ange, entends-tu?*) *Je le veux!*

Sache qu’il faut aimer, sans faire la grimace,
Le pauvre, le méchant, le tortu, l’hébété,
Pour que tu puisses faire à Jésus, quand il passe,
Un tapis triomphal avec ta charité.

Tel est l’Amour! Avant que ton cœur ne se blase,
A la gloire de Dieu rallume ton extase;
C’est la Volupté vraie aux durables appas!”

Et l’Ange, châtiant autant, ma foi! qu’il aime,
De ses poings de géant torture l’anathème;
Mais le damné répond toujours: “Je ne veux pas!”

V
O rebelde

Um Anjo em fúria qual uma águia cai do céu,
Segura, a garra adunca, os cabelos do ateu
E, sacudindo-o diz: “À regra serás fiel!
(Sou teu Anjo guardião, não sabias?) És meu!

Pois é preciso amar, sorrindo à pior desgraça,
O perverso, o aleijado, o mendigo, o boçal,
Para que estendas a Jesus, quando ele passa,
Com tua caridade um tapete triunfal.

Eis o amor! Antes que a alma tenhas em ruínas,
Teu êxtase reaviva à glória e à luz divinas;
Esta é a Volúpia dos encantos celestiais!”

E o Anjo, que a um tempo nos exalta e nos lamenta,
Com punhos de gigante o anátema atormenta;
Mas o ímpio sempre diz: “Não serei teu jamais!”

VI
Bien loin d’ici

C’est ici la case sacrée
Où cette fille très parée,
Tranquille et toujours préparée,

D’une main éventant ses seins,
Et son coude dans les coussins,
Écoute pleurer les bassins:

C’est la chambre de Dorothée.

— La brise et l’eau chantent au loin
Leur chanson de sanglots heurtée
Pour bercer cette enfant gâtée.

De haut en bas, avec grand soin.
Sa peau délicate est frottée
D’huile odorante et de benjoin.
— Des fleurs se pâment dans un coin.

VI
Bem longe daqui

Aqui é a choupana sagrada
Onde esta donzela enfeitada,
Sempre serena e preparada,

As mãos em leque no regaço
E nos coxins pousando o braço,
Ouve da fonte os sons no espaço:

De Dorotéia[128] eis a morada.
— Cantam a brisa e a água corrente
Sua canção entrecortada
Que embala esta infanta mimada.

De cima a baixo, docemente,
Untam-lhe a pele delicada
Com benjoim e bálsamo olente.
— Murcham as flores de repente.

VII
Recueillement

Sois sage, ô ma Douleur, et tiens-toi plus tranquille.
Tu réclamais le Soir; il descent; le voici:
Une atmosphère obscure enveloppe la ville,
Aux uns portant le paix, aux autres le souci.

Pendant que des mortels la multitude vile,
Sous le fouet du Plaisir, ce bourreau sans merci,
Va cueillir des remords dans la fête serville,
Ma Douleur, donne-moi la main; viens par ici,

Loin d’eux. Vois se pencher les défuntes Années,
Sur les balcons du ciel, en robes surannées;
Surgir du fond des eaux le Regret souriant;

Le Soleil moribond s’endormir sous une arche,
Et, comme un long linceul, traînant à l’Orient,
Entends, ma chère, entends la douce Nuit qui marche.

VII
Recolhimento

Sê sábia, ó minha Dor, e queda-te mais quieta.
Reclamavas a Tarde; eis que ela vem descendo:
Sobre a cidade um véu de sombras se projeta,
A alguns trazendo a angústia, a paz a outros trazendo.

Enquanto dos mortais a multidão abjeta,
Sob o flagelo do Prazer, algoz horrendo,
Remorsos colhe à festa e sôfrega se inquieta,
Dá-me, ó Dor, tua mão; vem por aqui, correndo

Deles. Vem ver curvarem-se os Anos passados
Nas varandas do céu, em trajes antiquados;
Surgir das águas a Saudade sorridente;

O Sol que numa arcada agoniza e se aninha,
E, qual longo sudário a arrastar-se no Oriente,
Ouve, querida, a doce Noite que caminha.

VIII
Le gouffre

Pascal avait son gouffre, avec lui se mouvant.
— Hélas! tout est abîme, — action, désir, rêve,
Parole! et sur mon poil qui tout droit se relève
Mainte fois de la Peur je sens passer le vent.

En haut, en bas, partout, la profondeur, la grève,
Le silence, l’espace affreux et captivant...
Sur le fond de mes nuits Dieu de son doigt savant
Dessine un cauchemar multiforme et sans trêve.

J’ai peur du sommeil comme on a peur d’un grand trou,
Tout plein de vague horreur, menant on ne sait où;
Je ne vois qu’infini par toutes les fenêtres,

Et mon esprit, toujours du vertige hanté,
Jalouse du néant l’insensibilité.
— Ah! ne jamais sortir des Nombres et des Êtres!

VIII
O abismo

Pascal[129] em si tinha um abismo se movendo.
— Ai, tudo é abismo! — sonho, ação, desejo intenso,
Palavra! e sobre mim, num calafrio, eu penso
Sentir do Medo o vento às vezes se estendendo.

Em volta, no alto, embaixo, a profundeza, o denso
Silêncio, a tumba, o espaço cativante e horrendo...
Em minhas noites, Deus, o sábio dedo erguendo,
Desenha um pesadelo multiforme e imenso.

Tenho medo do sono, o túnel que me esconde,
Cheio de vago horror, levando não sei aonde;
Do infinito, à janela, eu gozo os cruéis prazeres,

E meu espírito, ébrio afeito ao desvario,
Ao nada inveja a insensibilidade e o frio.
— Ah, não sair jamais dos Números e Seres!

IX
Les plaintes d’un Icare

Les amants des prostitutées
Sont heureux, dispos et repus;
Quant à moi, mes bras sont rompus
Pour avoir étreint des nuées.

C’est grâce aux astres nonpareils,
Qui tout au fond du ciel flamboient,
Que mes yeux consumés ne voient
Que des souvenirs de soleils.

En vain j'ai voulu de l'espace
Trouver la fin et le milieu;
Sous je ne sais quel œil de feu
Je sens mon aile qui se casse;

Et brûlé par l'amour du beau,
Je n'aurai pas l'honneur sublime
De donnner mon nom à l'abîme
Qui me servira de tombeau.

IX
As queixas de um Ícaro[130]

Os rufiões das rameiras são
Ágeis, felizes e devassos;
Quanto a mim, fraturei os braços
Por ter-me alçado além do chão.

É graças aos mais raros astros,
Que o céu envolvem num lampejo,
Que, agora cego, já não vejo
Dos sóis senão os turvos rastros.

Eu quis do espaço em toda parte
Achar em vão o fim e o meio;
Não sei sob que olho de ígneo veio
Minha asa eu sinto que se parte;

E porque o belo ardeu comigo,
Perdi a glória e o benefício
De dar meu nome ao precipício
Que há de servir-me de jazigo.

X
Le couvercle

En quelque lieu qu'il aille, ou sur mer ou sur terre,
Sous un climat de flamme ou sous un soleil blanc,
Serviteur de Jésus, courtisan de Cythère,
Mendiant ténébreux ou Crésus rutilant,

Citadin, campagnard, vagabond, sédentaire,
Que son petit cerveau soit actif ou soit lent,

Partout l’homme subit la terreur du mystère,
Et ne regarde en haut qu’avec un œil tremblant.

En haut, le Ciel! ce mur de caveau qui l’étouffe,
Plafond illuminé par un opéra bouffe
Où chaque histrion foule un sol ensanglanté;

Terreur du libertin, espoir du fol ermite:
Le Ciel! couvercle noir de la grande marmite
Où bout l’imperceptible et vaste Humanité.

X
A tampa

Seja aonde for que vá em torno desta esfera,
Sob um clima de fogo ou sob um sol distante,
Servidor de Jesus, cortesão de Citera,
Mendigo tenebroso ou Creso rutilante,

Pária, campônio, citadino e às vezes fera,
Seja-lhe o cérebro moroso ou esfuziante,
O homem sucumbe ante o mistério que o exaspera,
E não eleva o olhar senão por breve instante.

No alto, o Céu! paredão que o abafa como estufa,
Cenário ébrio de luz para uma ópera bufa
De cujo palco ensangüentado o histrião se serve;

Terror do libertino, anseio do eremita:
O Céu! tampa sombria da imensa marmita
Onde indivisa a vasta Humanidade ferve.

XI
Le calumet de paix

I

Or Gitche Manito, le Maître de la Vie,
Le Puissant, descendit dans la verte prairie,
Dans l'immense prairie aux coteaux montueux;
Et là, sur les rochers de la Rouge Carrière,
Dominant tout l'espace et baigné de lumière,
Il se tenait debout, vaste et majestueux.

Alors il convoqua les peuples innombrables,
Plus nombreux que ne sont les herbes et les sables.
Avec sa main terrible il rompit un morceau
Du rocher, dont il fit une pipe superbe,
Puis, au bord du ruisseau, dans une énorme gerbe,
Pour s'en faire un tuyau, choisit un long roseau.

Pour la bourrer il prit au saule son écorce;
Et lui, le Tout-Puissant, Créateur de la Force,
Debout, il alluma, comme un divin fanal,
La Pipe de la Paix. Debout sur la Carrière
Il fumait, droit, superbe, et baigné de lumière.

Or pour les nations c'était le grand signal.

Et lentement montait la divine fumée
Dans l'air doux du matin, onduleuse, embaumée.
Et d'abord ce ne fut qu'un sillon ténébreux;
Puis la vapeur se fit plus bleue et plus épaisse,
Puis blanchit; et montant, et grossissant sans cesse,
Elle alla se briser au dur plafond des cieux.

Des plus lointains sommets des Montagnes Rocheuses,
Depuis les lacs du Nord aux ondes tapageuses,
Depuis Tawasentha, le vallon sans pareil,
Jusqu'à Tuscaloosa, le forêt parfumée,
Tous virent le signal et l'immense fumée
Montant paisiblement dans le matin vermeil.

Les Prophètes disaient: "Voyez-vous cette bande
De vapeur, qui, semblable à la main qui commande,
Oscille et se détache en noir sur le soleil?
C'est Gitche Manito, le Maître de la Vie,
Qui dit aux quatre coins de l'immense prairie:
"Je vous convoque tous, guerriers, à mon conseil!"

Par le chemin des eaux, par la route des plaines,
Par les quatre côtés d'où soufflent les haleines
Du vent, tous les guerriers de chaque tribu, tous,
Comprenant le signal du nuage qui bouge,
Vinrent docilement à la Carrière Rouge
Où Gitche Manito leur donnait rendez-vous.

Les guerriers se tenaient sur la verte prairie,
Tous équipés en guerre, et la mine aguerrie,
Bariolés ainsi qu'un feuillage automnal;
Et la haine qui fait combattre tous les êtres,
La haine qui brûlait les yeux de leurs ancêtres
Incendiait encor leurs yeux d'un feu fatal.

Et leurs yeux étaient pleins de haine héréditaire.
Or Gitche Manito, le Maître de la Terre,
Les considérait tous avec compassion,
Comme un père très-bon, ennemi du désordre,
Qui voit ses chers petits batailler et se mordre.
Tel Gitche Manito pour toute nation.

Il étendit sur eux sa puissante main droite
Pour subjuguer leur cœur et leur nature étroite,
Pour rafraîchir leur fièvre à l'ombre de sa main;
Puis il leur dit avec sa voix majestueuse,
Comparable à la voix d'une eau tumultueuse
Qui tombe et rend un son monstrueux, surhumain:

II

"O ma postérité, déplorable et chérie!
Ô mes fils! écoutez la divine raison.
C'est Gitche Manito, le Maître de la Vie,
Qui vous parle! celui qui dans votre patrie
A mis l'ours, le castor, le renne et le bison.

Je vous ai fait la chasse et la pêche faciles;
Pourquoi donc le chasseur devient-il assassin?
Le marais fut par moi peuplé de volatiles;
Pourquoi n'êtes-vous pas contents, fils indociles?
Pourquoi l'homme fait-il la chasse à son voisin?

Je suis vraiment las de vos horribles guerres.
Vos prières, vos voeux mêmes sont des forfaits!
Le péril est pour vous dans vos humeurs contraires,
Et c'est dans l'union qu'est votre force. En frères
Vivez donc, et sachez vous maintenir en paix.

Bientôt vous recevrez de ma main un Prophète
Qui viendra vous instruire et souffrir avec vous.
Sa parole fera de la vie une fête;
Mais si vous méprisez sa sagesse parfaite,
Pauvres enfants maudits, vous disparaîtrez tous!

Effacez dans les flots vos couleurs meurtrières.
Les roseaux sont nombreux et le roc est épais;
Chacun en peut tirer sa pipe. Plus de guerres,
Plus de sang! Désormais vivez comme des frères,
Et tous, unis, fumez le Calumet de Paix!"

III

Et soudain tous, jetant leurs armes sur la terre,
Lavent dans le ruisseau les couleurs de la guerre
Qui luisaient sur leurs fronts cruels et triomphants.
Chacun creuse une pipe et cueille sur la rive
Un long roseau qu'avec adresse il enjolive.
Et l'Esprit souriait à ses pauvres enfants!

Chacun s'en retourna l'âme calme et ravie,
Et Gitche Manito, le Maître de la Vie,
Remonta par la porte entr'ouverte des cieux.
— A travers la vapeur splendide du nuage
Le Tout-Puissant montait, content de son ouvrage,
Immense, parfumé, sublime, radieux!

Poemas acrescentados em 1868

XI
O cachimbo da paz

Imitado de Longfellow[131]

I

E Gitchi Manitou[132], o Grão-Mestre da Vida,
O Poderoso, veio à planície florida,
Ao prado imenso rente ao cerro montanhoso,
E ali, sobre as escarpas da Rubra Pedreira,
O espaço dominando e ardendo à luz primeira,
Eis que se ergueu, onipotente e vigoroso.

E convocou então os povos incontáveis,
Mais do que as ervas e as areias infindáveis.
Com sua mão tremenda uma lasca arrancou
À rocha, e fez com ela um cachimbo disforme;
Depois, junto ao regato, num bambual enorme,
Para servir de tubo, um caniço apanhou.

Para enchê-lo tomou um bálsamo oloroso;
E, criador da Energia, o Todo-Poderoso,
De pé, eis que acendeu, qual divino fanal,
O Cachimbo da Paz. De pé sobre a Pedreira,
Fumou, soberbo e erecto, ardendo à luz primeira.
E para as tribos esse era o grande sinal.

E em círculos, subia a fumaça sagrada
No ar doce da manhã, sensual e perfumada.
E agora o que se via era um sombrio véu;
Logo o vapor se fez mais azulado e intenso,
Depois branqueou, sempre engrossando no ar suspenso,
Para extinguir-se aos pés da abóbada do céu.

Dos distantes confins das Montanhas Rochosas,
Desde os lagos do Norte às ondas impetuosas,
De Tawasentha[133], a várzea amena e sem igual,
A Tuscaloosa,[134] erma floresta trescalante,
Avistou-se o sinal e a fumaça ondulante
Lentamente a subir no incêndio matinal.

Os Profetas diziam: “Vedes essa estria
De vapores, que, igual ao braço que chefia,
Oscila e se recorta em negro no ar vermelho?
É Gitchi Manitou, o Grão-Mestre da Vida,
Que proclama por toda a planície florida:
Guerreiros meus, eu vos convoco ao real conselho!”

Pelas sendas do rio ou pelo ermo poeirento,
Pelas quatro vertentes de onde sopra o vento,
Vós, fiéis guerreiros, vós das tribos em porfia,
Entendendo o sinal da nuvem caminheira,
Viestes dóceis até junto à Rubra Pedreira
Onde sempre Gitchi Manitou vos ouvia.

Os guerreiros de pé se erguiam na paisagem,
Armas na mão, a face impávida e selvagem,
Matizados tal como uma folha outonal;
O ódio que à luta impede a todos os mortais,
O ódio que ardia nos olhares ancestrais
No olhar lhes ascendia uma flama fatal.

Em seus olhos brilhava a maldição da guerra.
E Gitchi Manitou, o Grão-Mestre da Terra,
Tinha por eles uma infinda compaixão,
Como um pai extremoso, indisposto às disputas,
Que vê seus filhos a morder-se em árduas lutas.
Tal Gitchi Manitou por toda uma nação.

E ergueu sobre eles sua forte mão direita
Para dobrar-lhes a alma e a natureza estreita,
Para esfriar-lhes a febre à sombra dessa mão;
Depois lhes disse, a voz solene e majestosa,
Comparável à voz de uma água tormentosa,
Que tomba e ecoa mais hedionda que um trovão:

II

“Minha posteridade, odiosa mas querida!
Ó filhos meus, ouvi a divina razão!
É Gitchi Manitou, o Grão-Mestre da Vida,
Quem vos fala! o que em vossa planície florida
Pôs a rena, o castor, a raposa e o bisão.

Eu vos tornei a caça e a pesca generosas;
Por que se fez então o caçador tão vil?
De pássaros povoei as várzeas mais lodosas;
Por que não sois felizes, crianças belicosas?
Por que ao vizinho o homem dá caça e faz-se hostil?

Bem longe estou de vossa arena de inimigos.
Promessas e orações de vós não ouço mais!
Domina vosso gênio o amor pelos perigos,
E vossa força está na união. Quais bons amigos
Vivei, pois, e aprendei a vos manter em paz.

Um Profeta virá de minha mão em breve
Para vos dar conforto e convosco sofrer,
E seu verbo fará a existência mais leve;
Mas se a menosprezá-lo algum de vós atreve,
Tereis então, filhos malditos, que morrer!

Às ondas apagai a cor dos ódios vãos.

O caniço é abundante e a rocha não se esfaz;
Cada um pode entalhar o seu cachimbo. Às mãos
Limpai o sangue! Agora vivei como irmãos,
E unidos, pois, fumai o Cachimbo da Paz!”

III

E eles então, depondo as armas sobre a terra,
Lavam nas águas as brutais cores da guerra
Que às frontes lhes ardiam triunfantes e cruéis.
Cada um faz seu cachimbo e às margens do regato
Colhe um longo caniço e dá-lhe o corte exato.
E o Espírito sorria ante os seus filhos fiés.

Todos se foram, a alma quieta e enternecida,
E Gitchi Manitou, o Grão-Mestre da Vida,
Uma vez mais galgou a escada celestial.
— Através do vapor que em nuvens se desdobra
Ergueu-se o Poderoso, ébrio de sua obra,
Sublime, perfumado, infinito, triunfal!

XII
La prière d’un païen

Ah! ne ralentis pas tes flammes;
Réchauffe mon cœur engourdi,
Volupté, torture des âmes!
Diva! supplicem exaudi!

Déesse dans l’air répandue,
Flamme dans notre souterrain!
Exauce une âme morfondue,
Qui te consacre un chant d’airain.

Volupté, sois toujours ma reine!
Prends le masque d'une sirène
Faite de chair et de velours,

Ou verse-moi tes sommeils lourds
Dans le vin informe et mystique,
Volupté, fantôme élastique!

XII
A prece de um pagão

Não deixes esfriar tua chama!
Minha alma entorpecida aquece,
Volúpia, inferno de quem ama!
Escuta, diva, a minha prece!

Deusa no espaço derramada,
Flama que dentro em nós desperta,
Atende a esta alma enregelada,
Que um brônzeo cântico te oferta.

Volúpia, abre-me a tua teia,
Toma o perfil de uma sereia
Feita de carne e de veludo,

Ou verte enfim teu sono mudo
No vinho místico e disforme,
Volúpia, espectro multiforme!

XIII
La lune offensée

Ô Lune qu'adoraient discrétement nos pères,
Du haut des pays bleus où, radieux sérail,
Les astres vont te suivre en pimpant attirail,
Ma vieille Cynthia, lampe de nos repaires,

Vois-tu les amoureux sur leurs grabats prospères,
De leur bouche en dormant montrer le frais émail?
Le poète buter du front sur son travail?
Ou sous les gazons secs s'accoupler les vipères?

Sous ton domino jaune, et d'un pied clandestin,
Vas-tu, comme jadis, du soir jusqu'au matin,
Baiser d'Endymion les grâces surannées?

— "Je vois ta mère, enfant de ce siècle appauvri,
Qui vers son miroir penche un lourd amas d'années,
Et plâtre artistement le sein qui t'a nourri!"

XIII
A lua ofendida

Ó Lua que em recato amavam nossos pais
Nos pícaros do azul, onde, harém sorridente,
Os sóis vão te seguir, com seu cortejo ardente,
Querida Cíntia, luz das furnas ancestrais,

Não vês, em sua alcova próspera, os casais
A dormir, pondo à mostra o esmalte de seu dente?
O poeta cuja fronte o poema pensa e sente?
Ou sob a relva o amor das víboras fatais?

Sob o teu fulvo dominó, com pés de lã,
Irás, como antes, do crepúsculo à manhã,
Beijar de Endimião[135] o pálido feitiço?

— “Vejo-te a mãe, filho de um século em desgaste,
Que exibe em seu espelho um rosto já sem viço
E que com arte apruma o seio que sugaste!”

XIV
A Théodore de Banville

1842

Vous avez empoigné les cries de la Déesse
Avec un tel poignet, qu’on vous eût pris, à voir
Et cet air de maîtrise et ce beau nonchaloir,
Pour un jeune ruffian terrassant sa maîtresse.

L’œil clair et plein du feu de la précocité,
Vous avez prélassé votre orgueil d’architecte

Dans des constructions dont l’audace correcte
Fait voir quelle sera votre maturité.

Poète, notre sang nous fuit par chaque pore;
Est-ce que par hasard la robe du Centaure
Qui changeait toute veine en funèbre ruisseau

Était teinte trois fois dans les baves subtiles
De ces vindicatifs et monstrueux reptiles
Que le petit Hercule étranglait au berceau?

XIV
A Théodore de Banville[136]

1842

Empunhastes da Deusa a cabeleira ondeante
Com tamanho vigor que de vós se diria,
Ante essa bela indiferença e ar de mestria,
Ser um jovem rufião a subjugar a amante.

Tendo no olhar o fogo da precocidade,
Haveis hasteado o vosso orgulho de arquiteto
Em construções cujo equilíbrio ousado e inquieto
Faz ver como será vossa maturidade.

Poeta, este sangue que nos foge eu não restauro;
Foi por acaso então que o traje do Centauro,
Que em córregos de treva as veias transformava,

Três vezes se tingiu nas salivas viscosas
Dessas serpentes vingativas e monstruosas
Que Hércules ao nascer no berço estrangulava?

Marginália
Les épaves

I
Le coucher du soleil romantique

Que le soleil est beau quand tout frais il se lève,
Comme une explosion nous lançant son bonjour!
— Bienheureux celui-là qui peut avec amour
Saluer son coucher plus glorieux qu'un rêve!

Je me souviens! J'ai vu tout, fleur, source, sillon,
Se pâmer sous son œil comme un cœur qui palpite...
— Courons vers l'horizon, il est tard, courons vite,
Pour attraper au moins un oblique rayon!

Mais je poursuis en vain le Dieu qui se retire;
L'irrésistible Nuit établit son empire,
Noire, humide, funeste et pleine de frissons;

Une odeur de tombeau dans les ténèbres nage,
Et mon pied peureux froisse, au bord du marécage,
Des crapauds imprévus et de froids limaçons.

I
O crepúsculo romântico[137]

Quão belo é o sol quando no céu se ergue risonho,
E qual uma explosão nos lança o seu bom-dia!
— Feliz quem pode com amor e ébria alegria
Saudar-lhe o ocaso mais glorioso do que um sonho!

Recordo-me! Eu vi tudo, a flor, o sulco, a fonte,
Murchar sob o esplendor dessa pupila que arde...
— Corramos todos sem demora ao poente, é tarde,
Para abraçar um raio oblíqüo no horizonte!

Mas eu persigo em vão o Deus que ora se ausenta;
A irresistível Noite o seu império assenta,
Úmida, negra, erma de estrelas ou faróis;

Um odor de sepulcro em meio às trevas vaga,
E junto aos pantanais meu pé medroso esmaga
Inesperadas rãs e frios caracóis.

II
Lesbos

Mère des jeux latins et des voluptés grecques,
Lesbos, où les baisers, languissants ou joyeux,
Chauds comme les soleils, frais comme les pastèques,
Font l'ornement des nuits et des jours glorieux
Mère des jeux latins et des voluptés grecques,

Lesbos, où les baisers sont comme les cascades
Qui se jettent sans peur dans les gouffres sans fonds,
Et courent, sanglotant et gloussant par saccades,
Orageux et secrets, fourmillants et profonds
Lesbos, où les baisers sont comme les cascades!

Lesbos, où les Phrynés l'une l'autre s'attirent
Où jamais un soupir ne resta sans écho,
À l'égal de Paphos les étoiles t'admirent
Et Vénus à bon droit peut jalouser Sapho!
Lesbos, où les Phrynés l'une l'autre s'attirent,

Lesbos, terre des nuits chaudes et langoureuses,
Qui font qu'à leurs miroirs, stérile volupté!
Les filles aux yeux creux, de leurs corps amoureuses,
Caressent les fruits mûrs de leur nubilité;

Lesbos, terre des nuits chaudes et langoureuses,

Laisse du vieux Platon se froncer l'œil austère,
Tu tires ton pardon de l'excès des baisers,
Reine du doux empire, aimable et noble terre
Et des raffinements toujours inépuisés.
Laisse du vieux Platon se froncer l'œil austère.

Tu tires ton pardon de l'éternel martyre,
Infligé sans relâche aux cœurs ambitieux,
Qu'attire loin de nous le radieux sourire
Entrevu vaguement au bord des autres cieux!
Tu tires ton pardon de l'éternel martyre!

Qui des Dieux osera, Lesbos, être ton juge
Et condamner ton front pâli dans les travaux,
Si ses balances d'or n'ont pesé le déluge
De larmes qu'à la mer ont versé tes ruisseaux?
Qui des Dieux osera, Lesbos, être ton juge?

Que nous veulent les lois du juste et de l'injuste?
Vierges au cœur sublime, honneur de l'archipel,
Votre religion comme une autre est auguste,
Et l'amour se rira de l'Enfer et du Ciel!
Que nous veulent les lois du juste et de l'injuste?

Car Lesbos entre tous m'a choisi sur la terre
Pour chanter le secret de ses vierges en fleurs,
Et je fus dès l'enfance admis au noir mystère
Des rires effrénés mêlés aux sombres pleurs;
Car Lesbos entre tous m'a choisi sur la terre.

Et depuis lors je veille au sommet de Leucate,
Comme une sentinelle à l'œil perçant et sûr,
Qui guette nuit et jour brick, tartane ou frégate,
Dont les formes au loin frissonnent dans l'azur;

Et depuis lors je veille au sommet de Leucate

Pour savoir si la mer est indulgente et bonne,
Et parmi les sanglots dont le roc retentit
Un soir ramènera vers Lesbos, qui pardonne,
Le cadavre adoré de Sapho, qui partit
Pour savoir si la mer est indulgente et bonne!

De la mâle Sapho, l'amante et le poëte,
Plus belle que Vénus par ses mornes pâleurs!
— L'œil d'azur est vaincu par l'œil noir que tachète
Le cercle ténébreux tracé par les douleurs
De la mâle Sapho, l'amante et le poëte!

— Plus belle que Vénus se dressant sur le monde
Et versant les trésors de sa sérénité
Et le rayonnement de sa jeunesse blonde
Sur le vieil Océan de sa fille enchanté;
Plus belle que Vénus se dressant sur le monde!

— De Sapho qui mourut le jour de son blasphème,
Quand, insultant le rite et le culte inventé,
Elle fit son beau corps la pâture suprême
D'un brutal dont l'orgueil punit l'impiété
De celle qui mourut le jour de son blasphème.

Et c'est depuis ce temps que Lesbos se lamente
Et, malgré les honneurs que lui rend l'univers,
S'enivre chaque nuit du cri de la tourmente
Que poussent vers les cieux ses rivages déserts!
Et c'est depuis ce temps que Lesbos se lamente!

Poemas condenados

II
Lesbos[138]

Mãe dos jogos do Lácio e das gregas orgias,
Lesbos[139], ilha onde os beijos, meigos e ditosos,
Ardentes como sóis, frescos quais melancia,
Emolduram as noites e os dias gloriosos;
Mãe dos jogos do Lácio e das gregas orgias;

Lesbos, ilha onde os beijos são como as cascatas,
Que desabam sem medo em pélagos profundos,
E correm, soluçando, em meio às colunatas,
Secretos e febris, copiosos e infecundos,
Lesbos, ilha onde os beijos são como cascatas!

Lesbos, onde as Frinéias[140] uma à outra esperam,
Onde jamais ficou sem eco um só queixume,
Tal como a Pafos[141] as estrelas te veneram,
E Safo[142] a Vênus, com razão, inspira ciúme!
Lesbos, onde as Frinéias uma à outra esperam,

Lesbos, terra das quentes noites voluptuosas,
Onde, diante do espelho, ó volúpia maldita!
Donzelas de ermo olhar, dos corpos amorosas,
Roçam de leve o tenro pomo que as excita;
Lesbos, terra das quentes noites voluptuosas,

Deixa o velho Platão[143] franzir seu olho sério;
Consegues teu perdão dos beijos incontáveis,
Soberana sensual de um doce e nobre império,
Cujos requintes serão sempre inesgotáveis.
Deixa o velho Platão franzir seu olho sério.

Arrancas teu perdão ao martírio infinito,

Imposto sem descanso aos corações sedentos,
Que atrai, longe de nós, o sorriso bendito
Vagamente entrevisto em outros firmamentos!
Arrancas teu perdão ao martírio infinito!

Que Deus, ó Lesbos, teu juiz ousara ser?
Ou condenar-te a fronte exausta de extravios,
Se nenhum deles o dilúvio pôde ver
Das lágrimas que ao mar lançaram os teu rios?
Que Deus, ó Lesbos, teu juiz ousara ser?

De que valem as leis do que é justo ou injusto?
Virgens de alma sutil, do Egeu orgulho eterno,
O vosso credo, assim como os demais, é augusto,
E o amor rirá tanto do Céu quanto do Inferno!
De que valem as leis do que é justo ou injusto?

Pois Lesbos me escolheu entre todos no mundo
Para cantar de tais donzelas os encantos,
E cedo eu me iniciei no mistério profundo
Dos risos dissolutos e dos turvos prantos;
Pois Lesbos me escolheu entre todos no mundo.

E desde então do alto da Lêucade[144] eu vigio,
Qual sentinela de olho atento e indagador,
Que espreita sem cessar barco, escuna ou navio,
Cujas formas ao longe o azul nos faz supor;
E desde então do alto da Lêucade eu vigio

Para saber se a onda do mar é meiga e boa,
E entre os soluços, retinindo no rochedo,
Enfim trará de volta a Lesbos, que perdoa,
O cadáver de Safo, a que partiu tão cedo,
Para saber se a onda do mar é meiga e boa!

Desta Safo viril, que foi amante e poeta,
Mais bela do que Vênus pelas tristes cores!
— O olho do azul sucumbe ao olho que marcheta
O círculo de treva estriado pelas dores
Desta Safo viril, que foi amante e poeta!

— Mais bela do que Vênus sobre o mundo erguida,
A derramar os dons da paz de que partilha
E a flama de uma idade em áurea luz tecida
No velho Oceano pasmo aos pés de sua filha;
Mais bela do que Vênus sobre o mundo erguida!

— De Safo que morreu ao blasfemar um dia
Quando, trocando o rito e o culto por luxúria,
Seu belo corpo ofereceu uma iguaria
A um bruto cujo orgulho atormentou a injúria
Daquela que morreu ao blasfemar um dia.

E desde então Lesbos em pranto se lamenta,
E, embora o mundo lhe consagre honras e ofertas,
Se embriaga toda noite aos uivos da tormenta
Que lançam para os céus suas praias desertas!
E desde então Lesbos em prantos se lamenta!

III
Femmes damnées

Delphine et Hippolyte

A la pâle clarté des lampes languissantes,
Sur de profonds coussins tout imprégnés d'odeur
Hippolyte rêvait aux caresses puissantes
Qui levaient le rideau de sa jeune candeur.

Elle cherchait, d'un œil troublé par la tempête,
De sa naïveté le ciel déjà lointain,
Ainsi qu'un voyageur qui retourne la tête
Vers les horizons bleus dépassés le matin.

De ses yeux amortis les paresseuses larmes,
L'air brisé, la stupeur, la morne volupté,
Ses bras vaincus, jetés comme de vaines armes,
Tout servait, tout parait sa fragile beauté.

Étendue à ses pieds, calme et pleine de joie,
Delphine la couvait avec des yeux ardents,
Comme un animal fort qui surveille une proie,
Après l'avoir d'abord marquée avec les dents.

Beauté forte à genoux devant la beauté frêle,
Superbe, elle humait voluptueusement
Le vin de son triomphe, et s'allongeait vers elle,
Comme pour recueillir un doux remerciement.

Elle cherchait dans l'œil de sa pâle victime
Le cantique muet que chante le plaisir,
Et cette gratitude infinie et sublime
Qui sort de la paupière ainsi qu'un long soupir.

— "Hippolyte, cher cœur, que dis-tu de ces choses?
Comprends-tu maintenant qu'il ne faut pas offrir
L'holocauste sacré de tes premières roses
Aux souffles violents qui pourraient les flétrir?

Mes baisers sont légers comme ces éphémères
Qui caressent le soir les grands lacs transparents,
Et ceux de ton amant creuseront leurs ornières
Comme des chariots ou des socs déchirants;

Ils passeront sur toi comme un lourd attelage

De chevaux et de boeufs aux sabots sans pitié...
Hippolyte, ô ma soeur! tourne donc ton visage,
Toi, mon âme et mon cœur, mon tout et ma moitié,

Tourne vers moi tes yeux pleins d'azur et d'étoiles!
Pour un de ces regards charmants, baume divin,
Des plaisirs plus obscurs je lèverai les voiles,
Et je t'endormirai dans un rêve sans fin!"

Mais Hippolyte alors, levant sa jeune tête:
— "Je ne suis point ingrate et ne me repens pas,
Ma Delphine, je souffre et je suis inquiète,
Comme après un nocturne et terrible repas.

Je sens fondre sur moï de lourdes épouvantes
Et de noirs bataillons de fantômes épars,
Qui veulent me conduire en des routes mouvantes
Qu'un horizon sanglant ferme de toutes parts.

Avons-nous donc commis une action étrange?
Explique, si tu peux, mon trouble et mon effroi:
Je frissonne de peur quand tu me dis: "Mon ange!"
Et cependant je sens ma bouche aller vers toi.

Ne me regarde pas ainsi, toi, ma pensée!
Toi que j'aime à jamais, ma soeur d'élection,
Quand même tu serais un embûche dressée
Et le commencement de ma perdition!"

Delphine secouant sa crinière tragique,
Et comme trépignant sur le trépied de fer,
L'œil fatal, répondit d'une voix despotique:
— "Qui donc devant l'amour ose parler d'enfer?

Maudit soit à jamais le rêveur inutile
Qui voulut le premier, dans sa stupidité,

S’éprenant d’un problème insoluble et stérile,
Aux choses de l’amour mêler l’honnêteté!

Celui qui veut unir dans un accord mystique
L’ombre avec la chaleur, la nuit avec le jour,
Ne chauffera jamais son corps paralytique
A ce rouge soleil que l’on nomme l’amour!

Va, si tu veux, chercher un fiancé stupide;
Cours offrir un cœur vierge à ses cruels baisers;
Et, pleine de remords et d’horreur, et livide,
Tu me rapporteras tes seins stigmatisés...

On ne peut ici-bas contenter qu’un seul maître!”
Mais l’enfant, épanchant une immense douleur,
Cria soudain: — “Je sens s’élargir dans mon être
Un abîme béant; cet abîme est mon cœur!

Brûlant comme un volcan, profond comme le vide!
Rien ne rassasiera ce monstre gémissant
Et ne rafraîchira la soif de l’Euménide
Qui, la torche à la main, le brûle jusqu’au sang.

Que nos rideaux fermés nous séparent du monde,
Et que la lassitude amène le repos!
Je veux m’anéantir dans ta gorge profonde,
Et trouver sur ton sein la fraîcheur des tombeaux!”

— Descendez, descendez, lamentables victimes,
Descendez le chemin de l’enfer éternel!
Plongez au plus profond du gouffre, où tous les crimes,
Flagellés par un vent qui ne vient pas du ciel,

Bouillonnent pêle-mêle avec un bruit d’orage.
Ombres folles, courez au but de vos désirs;
Jamais vous ne pourrez assouvir votre rage,

Et votre châtiment naîtra de vos plaisirs.

Jamais un rayon frais n'éclaira vos cavernes;
Par les fentes des murs des miasmes fiévreux
Filtrent en s'enflammant ainsi que des lanternes
Et pénètrent vos corps de leurs parfums affreux.

L'âpre stérilité de votre jouissance
Altère votre soif et roidit votre peau,
Et le vent furibond de la concupiscence
Fait claquer votre chair ainsi qu'un vieux drapeau.

Lion des peuples vivants, errantes, condamnées,
A travers les déserts courez comme les loups;
Faites votre destin, âmes désordonnées,
Et fuyez l'infini que vous portez en vous!

III
Mulheres malditas

Delfina e Hipólita

À tíbia luz das lamparinas voluptuosas,
Sobre sensuais coxins impregnados de essência,
Sonhava Hipólita[145] as carícias poderosas
Que lhe erguiam o véu da púbere inocência.

Ela buscava, o olhar na tempestade posto,
De sua ingenuidade o céu distante agora,
Como um viajante para trás volve o seu rosto
Em busca da manhã que já se foi embora.

Os olhos já sem viço, o preguiçoso pranto,
O ar exausto, o estupor, a lúbrica moleza.
Os braços sem ação, como armas vãs a um canto,
Tudo afinal lhe ungia a tímida beleza.

Posta a seus pés, serena e cheia de alegria
Delfina[146] lhe lançava à carne olhos ardentes,
Como animal feroz que a vítima vigia,
Após havê-la antes marcado com seus dentes.

Bela e viril de joelhos ante a frágil bela,
Soberba, ela sorvia com volúpia intensa
O vinho da vitória e, acercando-se dela,
Punha-se à espera de uma doce recompensa.

No pasmo olhar da presa ela buscava aflita
Ouvir o canto que o prazer sem voz entoa,
E essa sublime gratidão que arde infinita
E, qual suspiro, sob as pálpebras escoa.

— “Hipólita, amor meu , que me dizes então?
Compreendes quão pueril é oferecer agora
Em holocausto as tuas rosas em botão
A um sopro que a pudesse espedaçar lá fora?

Meus beijos são sutis como asas erradias
Que afagam pela tarde os lagos transparentes,
Mas os de teu amante hão de escavar estrias
Como as carroças e os arados inclementes;

Sobre ti passarão qual sobre alguém pisasse
Uma junta de bois os cacos sem piedade...
Hipólita, meu bem! volve pois tua face,
Tu, coração, que és o meu todo e és a metade,

Volve teus olhos cheios de astros como os céus!
Dá-me esse olhar que é como um bálsamo bem-vindo;
Do prazer mais sombrio eu erguerei os véus
E hei de fazer-te adormecer num sonho infindo!”

Mas Hipólita então a fronte levantando:
— “Não sou ingrata e do que fiz não me arrependo,
Minha Delfina, eu sofro e à dor vou definhando,
Como após um festim crepuscular e horrendo.

Sinto pesarem sobre mim graves terrores
E negros batalhões de fantasmas dispersos,
Que querem conduzir-me a fluidos corredores
Num sangüíneo horizonte em toda parte imersos.

Teremos cometido algum pecado extremo?
Explica, se és capaz, o medo que me acua:
Se me dizes: Meu anjo! eu de alto a baixo tremo
E sinto a minha boca ir em busca da tua.

Não me olhes mais assim, ó tu, meu pensamento!
Tu que eu adoro e que és enfim minha eleição,
Mesmo que fosse um fantoche fraudulento
E a própria origem dessa estranha perdição!”

Delfina, a sacudir nervosa a crina ondeante,
E como a tripudiar sobre um tripé superno
O olhar fatal, gritou, despótica e arrogante:
— “E quem diante do amor ousa falar do inferno?

Maldito para sempre o sonhador inútil
Que por primeiro quis, em sua insanidade,
Enfrentando um problema insolúvel e fútil,
Às delícias do amor juntar a honestidade!

O que deseja unir em místico projeto,
O dia com a noite, o frio com a flama,
Jamais aquecerá seu trôpego esqueleto
Àquele rubro sol que amor também se chama!

Vai, se queres, de um noivo estúpido à procura;
Abre teu peito em flor a seus beijos em fúria;
E como quem o horror ao remorso mistura,
No seio hás de exibir-me o estigma da luxúria...

Aqui somente a um mestre é lícito servir-se!”
Mas Hipólita, em meio a uma enorme aflição,
De súbito gritou: — “Sinto em meu ser abrir-se
Um abismo, e este abismo é enfim meu coração!

Ardente qual vulcão, mais fundo que a tormenta,
Nada este monstro aplacará dentro de mim
E nunca há de saciar Eumênide[147] sedenta
Que o queimará, archote em punho, até o fim.

Que os véus de nossa alcova ocultem-nos do mundo,
E que o cansaço dê repouso a tais agruras!
Quero extinguir-me no teu vórtice profundo
E no teu seio achar a paz das sepulturas!”

— Descei, descei, ó tristes vítimas sublimes,
Descei por onde o fogo arde em clarões eternos!
Mergulhai neste abismo em que todos os crimes,
Tangidos por um vento oriundo dos infernos,

Fervilham de mistura aos ásperos trovões.
Sombras dementes, ide ao fim de vosso vício;
Não podereis o ódio expulsar dos corações,
E é do prazer que há de surgir vosso suplício.

Jamais um raio há de clarear vossas cavernas;
Pelas fendas da pedra os miasmas delirantes
Infiltram-se a brilhar, assim como lanternas,
E os corpos vos penetram de odores nauseantes.

O acre prazer que vos alegra erma existência
A sede vos aumenta e a vossa pele engelha;
E ao vento furibundo da concupiscência
Vossa carne se esgarça qual bandeira velha

Longe dos vivos, erradias, condenadas,
Correi rumo ao deserto e ali uivai a sós;
Cumpri vosso destino, almas desordenadas,
E fugi do infinito que trazeis em vós!

IV
Le Léthé

Viens sur mon cœur, âme cruelle et sourde,

Tigre adoré, monstre aux airs indolents;
Je veux longtemps plonger mes doigts tremblants
Dans l'épaisseur de ta crinière lourde;

Dans tes jupons remplis de ton parfum
Ensevelir ma tête endolorie,
Et respirer, comme une fleur flétrie,
Le doux relent de mon amour défunt.

Je veux dormir! dormir plutôt que vivre!
Dans un sommeil aussi doux que la mort,
J'étalerai mes baisers sans remord
Sur ton beau corps poli comme le cuivre.

Pour engloutir mes sanglots apaisés
Rien ne me vaut l'abîme de ta couche;
L'oubli puissant habite sur ta bouche,
Et le Léthé coule dans tes baisers.

A mon destin, désormais mon délice,
J'obéirai comme un prédestiné;
Martyr docile, innocent condamné,
Dont la ferveur attise le supplice,

Je sucerai, pour noyer ma rancœur,
Le népenthès et la bonne ciguë
Aux bouts charmants de cette gorge aiguë
Qui n'a jamais emprisonné de cœur.

IV
O Letes

Vem ao meu peito, ó surda alma ferina,
Tigre adorado, de ares indolentes,
Quero os meus dedos mergulhar frementes
Na áspera lã de tua espessa crina;

Em tuas saias sepultar bem junto
De teu perfume a fronte dolorida,
E respirar, como uma flor ferida,
O suave odor de meu amor defunto.

Quero dormir o tempo que me sobre!
Num sono que ao da morte se confunde
Que o meu carinho sem remorso inunde
Teu corpo luzidio como o cobre.

Para engolir-me a lágrima que escorre
O abismo de teu leito nada iguala;
O esquecimento por teus lábios fala
E a água do Letes nos teus lábios corre.

O meu destino, agora meu delírio,
Hei de seguir como um predestinado;
Mártir submisso, ingênuo condenado,
Cujo fervor atiça o seu martírio,

Sugarei, afogando o ódio malsão,
Do mágico nepentes o conteúdo
Nos bicos desse colo pontiagudo,
Onde jamais pulsou um coração.

V
A celle qui est trop gaie

Ta tête, ton geste, ton air
Sont beaux comme un beau paysage;
Le rire joue en ton visage
Comme un vent frais dans un ciel clair.

Le passant chagrin que tu frôles
Est ébloui par la santé
Qui jaillit comme une clarté
De tes bras et de tes épaules.

Les retentissantes couleurs
Dont tu parsèmes tes toilettes
Jettent dans l'esprit des poëtes
L'image d'un ballet de fleurs.

Ces robes folles sont l'emblème
De ton esprit bariolé;
Folle dont je suis affolé,
Je te hais autant que je t'aime!

Quelquefois dans un beau jardin,
Où je traînais mon atonie,
J'ai senti, comme une ironie,
Le soleil déchirer mon sein;

Et le printemps et la verdure
Ont tant humilié mon cœur
Que j'ai puni sur une fleur
L'insolence de la Nature.

Ainsi je voudrais, une nuit,
Quand l'heure des voluptés sonne,

Vers les trésors de ta personne
Comme un lâche, ramper sans bruit,

Pour châtier ta chair joyeuse,
Pour meurtrir ton sein pardonné,
Et faire à ton flanc étonné
Une blessure large et creuse,

Et, vertigineuse douceur!
A travers ces lèvres nouvelles,
Plus éclatantes et plus belles,
T'infuser mon venin, ma sœur!

V
A que está sempre alegre[148]

Teu ar, teu gesto, tua fronte
São belos qual bela paisagem;
O riso brinca em tua imagem
Qual vento fresco no horizonte.

A mágoa que te roça os passos
Sucumbe à tua mocidade
À tua flama, à claridade
Dos teus ombros e dos teus braços.

As fulgurantes, vivas cores
De tuas vestes indiscretas
Lançam no espírito dos poetas
A imagem de um balé de flores.

Tais vestes loucas são o emblema
De teu espírito travesso;
Ó louca por quem enlouqueço,
Te odeio e te amo, eis meu dilema!

Certa vez, num belo jardim,
Ao arrastar minha atonia,
Senti, como cruel ironia,
O sol erguer-se contra mim;

E humilhado pela beleza
Da primavera ébria de cor,
Ali castiguei numa flor
A insolência da Natureza.

Assim eu quisera uma noite,
Quando a hora da volúpia soa,

Às frondes de tua pessoa
Subir, tendo à mão um açoite,

Punir-te a carne embevecida,
Magoar o teu seio perdoado
E abrir em teu flanco assustado
Uma larga e funda ferida,

E, como em êxtase supremo,
Por entre esses lábios frementes,
Mais deslumbrantes, mais ridentes,
Infundir-te, irmã, meu veneno![149]

VI
Les bijoux

La très-chère était nue, et, connaissant mon cœur,
Elle n'avait gardé que ses bijoux sonores,
Dont le riche attirail lui donnait l'air vainqueur
Qu'ont dans leurs jours heureux esclaves des Mores.

Quand il jette dansant son bruit vif et moqueur,
Ce monde rayonnant de métal et de pierre
Me ravit en extase, et j'aime à la fureur
Les choses où le son se mêle à la lumière.

Elle était donc coucheé et se laissait aimer,
Et du haut du divan elle souriait d'aise
A mon amour profond et doux come la mer,
Qui vers elle montait comme vers sa falaise.

Les yeux fixés sur moi, comme un tigre dompté,
D'un air vague et rêveur elle essayait des poses,

Et la candeur unie à la lubricité
Donnait un charme neyf à ses métamorphoses;

Et son bras et sa jambe, et sa cuisse et ses reins,
Polis comme de l'huile, onduleux comme un cygne,
Passaient devant mes yeux clairvoyants et sereins;
Et son ventre et se seins, ces prappes de ma vigne,

S' avançaient, plus câlins que les Anges du mal,
Pour troubler de repos où mon ame était mise,
Et pour la déranger du rocher de cristal
Où, calme et solitaire, elle s'était assise.

Je croyais voir unis par un nouveau dessin
Les hanches de l' Antiope au buste d' un imberbe,
Tant sa taille faisait ressortir son bassin.
Sur ce teint fauve et brun le fard était superbe!

Et la lampe s'étant résignée à mourir,
Comme le foyer seul illuminait la chambre,
Chaque fois qu' il poussaint un flamboyant soupir,
Il inondait desang cette peau couler d' ambre!

VI
As jóias[150]

A amada estava nua e, por ser eu o amante,
Das jóias só guardara as que o bulício inquieta,
Cujo rico esplendor lhe dava esse ar triunfante
Que em seus dias de glória a escrava moura afeta.

Quando ela dança e entorna um timbre acre e sonoro,
Este universo mineral que à luz fulgura
Ao êxtase me leva, e é com furor que adoro
As coisas em que o som ao fogo se mistura.

Ela estava deitada e se deixava amar,
E do alto do divã, imersa em paz, sorria
A meu amor profundo e doce como o mar,
Que ao corpo, como à escarpa, em ondas lhe subia.

O olhar cravado em mim, como um tigre abatido,
Com ar vago e distante ela ensaiava poses,
E o lúbrico fervor à candidez unido
Punha-lhe um novo encanto às cruéis metamorfoses.

E sua perna e o braço, a coxa e os rins, untados
Como de óleo, a imitar de um cisne a fluida linha,
Passavam diante de meus olhos sossegados;
E o ventre e os seios, como cachos de uma vinha,

Se aproximavam, mais sutis que Anjos do Mal,
Para agitar minha alma enfim posta em repouso,
Ou arrancá-la então à rocha de cristal
Onde, calma e sozinha, ela encontrara pouso.

Como se à luz de um novo esboço, unida eu via

De Antíope[151] a cintura a um busto adolescente,
De tal modo os quadris moldavam-lhe a bacia.
E a maquilagem lhe era esplêndida e luzente!

— E estando a lamparina agora agonizante,
Como na alcova houvesse a luz só da lareira,
Toda vez que emitia um suspiro faiscante,
Inundava de sangue essa pele trigueira.

VII
Les métamorphoses du vampire

La femme cependant, de sa bouche de fraise,
En se tordant ainsi qu'un serpent sur la braise,
Et pétrissant ses seins sur le fer de son busc,
Laissait couler ces mots tout imprégnés de musc:
— "Moi, j' ai la lèvre humide, et je sais la science
De perdre au fond d'un lit l'antique conscience.
Je sèche tous les pleurs sur mes seins triomphants,
Et fais rire les vieux du rire des enfants.
Je remplace, pour qui me voit nue et sans voiles,
La lune, le soliel, le ciel et les étoiles!
Je suis, mon cher savant, si docte aux voluptés,
Lorsque j'étouffe un homme en mes bras redoutés,
Ou lorsque j' abandonne aux morsures mon buste,
Timide et libertine, et fragile et robuste,
Que sur ces matelas quis se pâment d'émoi,
Les anges impuissants se damneraient pour moi!"

Quand elle eut mes os sucé toute la moelle,
Et que languissamment je me tournai vers elle
Pour lui rendre un baiser d'amour, je ne vis plus
Qu'une outre aux flancs gluants, toute pleine de pus!

Je fermai les deux yeux, dans ma froide épouvante,
Et quand je les rouvris à la clarté vivante,
A mes côtés, au lieu du mannequin puissant
Qui semblait avoir fait provision de sang,
Tremblaient confusément de squelette,
Qui d'eux-mêmes rendaient le cri d'une girouette
Ou d'une enseigne, au bout d'une tringle de fer,
Que balance lê vent pendant les nuits d'hiver.

VII
As metamorfoses do vampiro

E no entanto a mulher, com lábios de framboesa,
Coleando qual serpente ao pé da lenha acesa,
E o seio a comprimir sob o aço do espartilho,
Dizia, a voz imersa em bálsamo e tomilho:
— “A boca úmida eu tenho e trago em mim a ciência
De no fundo de um leito afogar a consciência.
As lágrimas eu seco em meus seios triunfantes,
E os velhos faço rir com o riso dos infantes.
Sou como, a quem me vê sem véus a imagem nua,
As estrelas, o sol, o firmamento e a lua!
Tão douta na volúpia eu sou, queridos sábios,
Quando um homem sufoco à borda de meus lábios,
Ou quando o seio oferto ao dente que o mordisca,
Ingênua ou libertina, apática ou arisca,
Que sobre tais coxins macios e envolventes
Perder-se-iam por mim os anjos impotentes!”

Quando após me sugar dos ossos a medula,
Para ela me voltei já lânguido e sem gula
À procura de um beijo, uma outra eu vi então
Em cujo ventre o pus se unia à podridão!
Os dois olhos fechei em trêmula agonia,
E ao reabri-los depois, à plena luz do dia,
A meu lado, em lugar do manequim altivo,
No qual julguei ter visto a cor do sangue vivo,
Pendiam do esqueleto uns farrapos poeirentos,
Cujo grito lembrava a voz dos cata-ventos
Ou de uma tabuleta à ponta de uma lança,
Que nas noites de inverno ao vento se balança.

VIII
Le jet d’eau

Tes beaux yeux sont las, pouvre amante!
Reste longtemps, san les rouvrir,
Dans cette pose nonchalante
Oú t’a surprise le plaisir,
Dans la cour le jet d’eau qui jase
Et ne se tait ni nuit ni jour,
Entretient doucement l’ extase
Où ce soir m’ a plongé l’amour.

La gerbe épanouie
En mille fleurs,
Où Phoebé réjouie
Met ses couleurs,
Tombe comme une pluie
De larges pleurs.

Ainsi ton âme qu’incendie
L’éclair brûlant des voluptés
S’ élance, rapide et hardie,
Vers les vastes cieux enchantés.
Puis, elle s’épanche, mourante,
En un flot de triste langueur,

Qui par une invisible pente
Descend jusqu'au found de mon cœur.

La gerbe épanouie
En mille fleurs,
Oú Phoebé réjouie
Met ses couleurs,
Tombe comme une pluie
De larges pleurs.

O toi, que la nuit rend si belle,
Qu'il m'est doux, penché vers tes seins,
D'écouter la plainte éternelle
Qui sanglote dans les bassins!
Lune, eau sonore, nuit bénie,
Arbres qui frissonnez autour,
Votre pure mélancolie
Est lê miroir de mon amour.

La gerbe épanouie
En mille fleurs,
Oú Phoebé réjouie
Met ses couleurs,
Tombe comme une pluie
De larges pleurs.

GALANTEIOS

VIII
O repuxo

Que os olhos exaustos, pobre amada!
Dorme sem pressa o sono teu
Nessa postura descuidada
Em que o prazer te surpreendeu.
No pátio, o repuxo que chora
E cuja voz não silencia
Vai modulando noite afora
O doce amor que me extasia.

O jorro soluçante
De úmidas flores,
Onde Febo esfuziante
Põe suas cores,
É qual chuva incessante
De agudas dores.

Assim a tua alma que acende
Da volúpia o ardente clarão
Audaciosa e rápida ascende
Aos céus de infinita amplidão.
Depois se esfaz como quem morre
Numa triste e lânguida vaga
Que à borda de um abismo escorre
E todo o coração me alaga.

O jorro soluçante
De úmidas flores,
Onde Febo esfuziante
Põe suas cores,
É qual chuva incessante
De agudas dores.

Ó tu, que de noite és tão bela,
Como me é doce, no teu colo,
Junto à nascente ouvir daquela
Queixa sombria o eterno solo.
Lua, água clara, noite escura,
Ramos que arfais em derredor,
Vossa melancolia pura
É o espelho do meu amor.

O jorro soluçante
De úmidas flores,
Onde Febo esfuziante
Põe suas cores,
É qual chuva incessante
De agudas dores.

IX
Les yeux de Berthe

Vous pouvez mépriser les yeux les plus célèbres
Beaux yeux de mon enfant, par où filtre et s'enfuit
Je ne sais quoi de bon, de doux comme la Nuit!
Beaux yeux, versez sur moi vos charmantes ténèbres!

Grands yeux de mon enfant, arcanes adorés,
Vous ressemblez beaucoup à ces grottes magiques
Ou, derrière l' amas dês ombres léthargiques,
Scintillent vaguement dês trésors ignorés!

Mon enfant a des yeux obscurs, profonds et vastes,
Comme toi, Nuit immense, éclairés comme toi!
Leurs feux sont ces pensers d'Amour, mêlés de Foi,
Qui pétillent au fond, voluptueux ou chastes.

IX
Os olhos de Berta[152]

Podeis bem desprezar os olhos mais famosos,
Olhos de meu amor, dos quais foge e se eleva
Não sei o quê de bom, de doce como a treva!
Vertei vosso fascínio obscuro, olhos graciosos!

Olhos de meu amor, arcanos adorados,
Fazeis-me recordar essas mágicas furnas
Em que, por trás de imóveis sombras taciturnas,
Cintilam vagamente escrínios ignorados!

Tem meu amor olhos tão negros quanto vastos,
Como os teus, Noite imensa, e como os teus, preclaros!
Sonhos de Amor e Fé são seus lampejos raros,
Que fulguram ao fundo, orgiásticos ou castos.

X
Hymne

A la três-chère, à la très-belle
Qui remplit mon cœur de clarté,
A l'ange, à l'idole immortelle,
Salut en l'immortalité!

Elle se répand dans ma vie
Comme un air imprégné de sel,
Et dans mon âme inassouvie
Verse le goût de l'éternel.

Sachet toujours frais qui parfume
L'atmosphère d'un cher réduit,

Encensoir oublié qui fume
En secret à travers la nuit,

Comment, amours incorruptible,
T'exprimer avec vérité?
Grain de musc qui gis, invisible,
Au fond de mon éternité!

A la très-bonne, à la très-belle
Qui fait ma joie et ma santé,
A l'ange, à l'idole immortelle,
Salut en l'immortalité!

X
Hino

À bem-amada, à sem igual,
À que me banha em claridade,
Ao anjo, ao ídolo imoral,
Saúdo na imortalidade!

Ela se expande em minha vida
Como ar impregnado de sal,
E na minha alma ressequida
Verte o sabor do que é imortal.

Bálsamo fresco que inebria
O ar de uma sagrada redoma,
Pira esquecida que irradia
Na noite o seu secreto aroma,

Como, ó amor incorruptível,
Posso expressar-te com verdade?
Um grão de almíscar invisível
A germinar na eternidade!

À bem-amada, à sem-igual,
Que me dá paz, felicidade,
Ao anjo, ao ídolo imortal,
Saúdo na imortalidade!

XI
Les promesses d’un visage

J’aime, ô pâle beauté, tes sourcils surbaissés,
D’où semblent couler des ténèbres;

Tes yeux, quoique très-noirs, m’inspirent des pensers
Qui ne sont pas du tout funèbres.

Tes yeux, qui sont d’accord avec tes noirs cheveux,
Avec ta crinière élastique,
Tes yeux, languissamment, me disent: “Si tu veux,
Amant de la muse plastique,

Suivre l’ espoir qu’en toi nous avons excité,
Et tous lês goûts que tu professes,
Tu pourras constater notre véracité
Depuis le nombril jusqu’aux fesses;

Tu trouveras, au bout de deux beaux seins bien lourds,
De larges médailles de bronze,
Et sous un ventre uni, doux comme du velours,
Bistré comme la peau d’un bonze,

Une riche toison qui, vraiment, est la soeur
De cette énorme chevelure,
Souple et frisée, et qui t’égale en épaisseur,
Nuit sans étoliles, Nuit obscure!”

XI
As promessas de um rosto

Eu te amo as sobrancelhas que ao curvar-se imitam
Da treva os véus e os movimentos;
Embora negros, os teus olhos me suscitam
Nem sempre turvos pensamentos.

Teus olhos, cujo tom às cores se combina
De tua ondeante crina elástica,
Teus olhos lânguidos me dizem em surdina:
“Se tens, cultor da musa plástica,

Confiança nessa fé que em ti tanto exaltamos,
E nos prazeres que anuncias,
Poderás comprovar de fato o que afirmamos
Do umbigo às nádegas macias.

Verás nos bicos destes seios que desnudo
Dois brônzeos medalhões febris,
E sob um ventre cuja tez lembra o veludo,
Ou do bistre o negro matiz,

Um soberbo tosão que é o gêmeo, na verdade,
Dessa outra juba que fulgura,
Suave e frisada, e que te iguala em densidade,
Noite sem astros, noite escura!”

XII
Le monstre
ou
Le paranymphe d’une nymphe macabre

I

Tu n’es certes pas, ma très-chère,
Ce que Veuillot nomme un tendron.
Le jeu, l’amour, la bonne chère,
Bouillonnent en toi, vieux chaudron!
Tu n’es plus fraîche, ma très-chère,

Ma vieille infante! Et cependant
Tes caravaness insensées
T’ont donné ce lustre abondant
Des choses qui sont très-usées,
Mais qui séduisent cependant.

Je ne trouve pas monotone
La verdeur de tes quarante ans;
Je préfère tes fruits, Automne,
Aux fleurs banales du Printemps!
Non! tu n’es jamais monotone!

Ta carcasse a des agréments
Et des grâces particulières;
Je trouve d’éltranges piments
Dans lê creux de tes deux salières;
Ta carcasse a des agréments!

Nargue lês amants ridicules
Du melon et du giraumont!
Je préfère tes clavicules
A celles du roi Salomon,
Et je plains ces gens ridicules!

Tes cheveux, comme un casque bleu,
Ombragent ton front de guerrière,

Qui ne pense et rougit que peu,
Et puis se sauventpar derrière
Comme les crins d'un casque bleu.

Tes yeux qui semblent de la boue,
Oú scintille quelque fanal,
Ravivés au fard de ta joue,
Lancent un éclair infernal!
Tes yeux sont noirs comme la boue!

Par sa luxure et son dédain
Ta lèvre amère nous provoque;
Cette lèvre, c'est un Éden
Qui nous attireet qui nous choque.
Quelle luxure! et quel dédain!

Ta jambe musculeuse et sèche
Saint gravir au haut des volcans,
Et malgré la neige et la dèche
Danser les plus fougueux cancans.
Ta jambe est musculeuse et sèche;

Ta peau brûlante et sans douceur,
Comme celle des vieux gendarmes,
Ne connaît pas plus la sueur
Que ton œil ne connaît les larmes.
(*Et pourtant elle a sa douceur!*)

II

Sotte, tu t'en vas droit au Diable!
Volontiers, j'irais avec toi
Si cette vitesse effroyable
Ne me causait pas quelque émoi.
Vá-t'en donc, toute suele, au Diable!

Mon rein, mon poumon, mon jarret
Ne me laissent plus rendre hommage
A ce Seigneur comme il faudrait.
“Hélas! c’est vraiment bien dommage!”
Disent mon rein et mon jarret.

Oh! très-sincèrement je souffre
De ne pas aller aux sabbats,
Pour voir, quand il pète du soufre,
Comment tu lui baises son cas!
Oh! très-sincèrement je souffre!

Je suis diablement affligé
De ne pas être ta torchère,
Et de te demander congé,
Flambeau d’enfer! Juge, ma chère,
Combien je dois être affligé,

Puisque depuis longtemps je t’aime,
Étant très-logique! En effet,
Voulant du Mal chercher la crème
Et n’aimer qu’un monstre parfait,
Vraiment oui! vieux mostre, je t’aime!

XII
O monstro
ou
O padrinho de uma ninfa macabra

I

Sei que não és, minha querida,
O que Veuillot[153] chama um botão.
O jogo, o amor, a boa vida.
Fervem em ti, meu caldeirão!
Não és mais jovem nem garrida,

Ó velha infanta! E todavia
As tuas caravanas fúteis
Deram-te o lustro e a serventia
Das coisas que, conquanto inúteis,
Sempre seduzem todavia.

Nunca me causam tédio ou sono
Os teus quarenta (ou os que tiveras);
Prefiro os teus frutos, outono,
À floração das primaveras!
Jamais me deste tédio ou sono!

Tua carcaça tem encantos
E singulares harmonias;
No oco dos ombros há recantos
Onde degusto especiarias;
Tua carcaça tem encantos!

Despreza as pessoas ridículas
Que amam a abóbora e o melão!
Prefiro o teu par de clavículas

Aos ossos do rei Salomão[154],
E odeio as pessoas ridículas!

Tua juba, azul capacete,
Sombreia-te a fonte voraz,
Que pouco cora e não reflete,
E após se alonga para trás
Nas crinas do azul capacete.

Teus olhos que lembram a lama,
Onde cintila algum fanal,
Vivos ao ruge que os inflama,
Dardejam um brilho infernal!
Teus olhos negros como a lama!

Pela luxúria e o fel do riso,
Teu lábio amargo nos instiga;
Esse teu lábio é um paraíso
Que nos seduz e nos fustiga.
Quanta luxúria no teu riso!

Tua perna robusta e aérea
Move-se à borda dos vulcões,
E em que pese a neve e a miséria,
Dança o cancã das ilusões[155],
Tua perna robusta e aérea;

A pele seca e já sem graça,
Como as que murcham e descoram,
Até do suor se fez escassa
E os olhos vítreos já não choram.
(E todavia ela tem graça!)

II

Ingênua, vais direta ao Diabo!
Contigo iria, de bom grado,
Se esta medonha pressa, ao cabo,
Não me deixasse emocionado.
Vai-te sozinha, pois, ao Diabo!

Meu rim, meu pulmão, meu jarrete,
Nada me deixa honrar, enfim,
A este Senhor; como compete.
“O que é uma lástima, ai de mim!”
Dizem meu rim e meu jarrete.

Mais do que eu sofro ninguém sofre
Por não poder ir aos sabás[156]
E ver, quando ele solta o enxofre,
O imundo beijo que lhe dás!
Mais do que eu sofro ninguém sofre!

Pôs-me o Demônio em aflição
Por não servir-te de guarida
E por pedir-te demissão,
Tocha do inferno! Vê, querida,
Quanto me custa essa aflição,

Pois uma vez que há muito te amo,
Sempre razoável, procurando
Do Mal a essência que proclamo
E a um único monstro adorando,
Então, de fato, ó monstro te amo!

Épigraphes

XIII
Vers pour le portrait de M. Honoré Daumier

Celui dont nous t'offrons l'image,
Et dont l' art, subtil entre tous,
Nous enseigue à rire de nous,
Celui-là, lecteur, est un sage.

C'est un satirique, un moqueur;
Mais l'énergie avec laquelle
Il peint le Mal e sa séquelle
Prouve la beauté de son cœur.

Son rire n'est pas la grimace
De Melmoth ou de Méphisto
Sous la torche de l'Alecto
Qui les brûle, mais qui nous glace,

Leur rire, hélas! de la gaité
N'est que la douloureuse charge;
Le sien rayonne, franc et large,
Comme un signe de sa bonté!

Epígrafes

XIII
Versos para o retrato de Honoré Daumier

Este de quem te esboço o vulto
E que, com sua arte ferina,
Rir de nós mesmos nos ensina,
É um sábio ao qual se deve o culto.

Ele é um satírico, um bufão,
Mas a energia com a qual
Nos pinta as seqüelas do Mal
Prova-lhe o imenso coração.

O seu sorriso não revela
De Melmoth[157] o trejeito abjecto
Sob a feroz tocha de Alecto[158]
Que os queima, mas também nos gela.

No riso destes, da alegria
Não há senão um travo amargo;
O seu, que se abre franco e largo,
De uma alma nobre se irradia.

XIV
Lola de Valence

Entre tant de beautés que partout on peut voir,
Je comprends bien, amis, que le désir balance;
Mais on voit scintiller en Lola de Valence
Le charme inattendu d'un bijou rose et noir.

XIV
Lola de Valência

Entre as belezas que se vêem em todo canto,
Compreendo bem que hesite em vós a preferência;
Mas vê-se fulgurar na Lola de Valência[159]
Da jóia negra e rósea o inesperado encanto.

XV
Sur Le Tasse en prison

D'Eugène Delacroix

Le poëte au cachot, débraillé, maladif,
Roulant un manuscrit sous son pied convulsif,
Mesure d' un regard que la terreur ebflamme
L'escalier de vertige oú s'ambîme son âme

Le rires enivrants dont s'emplit la prison
Vers l'étrange et l' absurde invitent sa raison;
Le Doute l' environne, et la Peur ridicule,
Hideuse et multiforme, autour delui circule.

Ce génie enfermé dans un taudis malsain,
Ces grimaces, ces cris, ces spectres dont l'essaim
Tourbillonne, ameuté derrière son oreille,

Ce rêveur que l'horreur de son logis réveille,
Voilà bien ton emblème, Ame aux songes obscurs,
Que le Réel étouffe entre ses quatre murs!

XV
Sobre *O Tasso na prisão*

De Eugène Delacroix[160]

O poeta na masmorra, em desalinho, aflito,
Calcando sob o pé convulso um manuscrito,
Com olhar de terror mede a extensão da escada
Cuja vertigem lhe atordoa a alma abismada.

Risos frenéticos que ecoam na prisão
Ao estranho e ao absurdo arrastam-lhe a razão;
A Dúvida que o cerca e o ridículo Medo
O envolvem num horrendo e multiforme enredo.

Esse gênio encerrado em calabouço infame,
Os esgares, os ais e os duendes cujo enxame
Turbilhona por trás de seu ouvido alerta,

Esse que do êxtase o terror ora desperta,
Eis teu emblema, alma de frêmitos obscuros,
Que a Realidade abafa entre seus quatro muros!

Pièces diverses

XVI
La voix

Mon berceau s'adossait à la bibliothèque,
Babel sombre, où roman, science, fabliau,
Tout, la cendre latine et la poussière grecque,
Se mêlaient. J'étais haut comme un in-folio.

Deux voix me parlaient. L'une, insidieuse et ferme,
Disait: "La Terre est un gâteau plein de douceur;
Je puis (*et ton plaisir serait alors san terme!)*
Te faire un appétit d'une égale grosseur."
Et l'autre: "Viens! oh! viens voyager dans les rêves,
Au delá du possible, au delà du connu!"
Et celle-là chantait comme le vent des grèves.
Fantôme vagissant, on ne sait d'où venu,
Qui caresse l'oreille et cependant l'effraie.
Je te répondis: "Oui! douce voix!" C'est d'alors
Que date ce qu'on peut, hélas! nommer ma plaie
Et ma fatalité. Drrière les décors
De l'existence immense, au plus noir de l'abîme,
Je vois distinctement des mondes singuliers,
Et, de ma clairvoyance extatique victime,
Je traîne des serpents qui mordent mes souliers.
Et c'est depuis ce temps que pareil aux prophètes,
J'aime si tedrement le désert et la mer;
Que je ris dans les deuils et pleure dans les fêtes,
Et je trouve un goût suave au vin le plus amer;
Que je prends très-souvent les faits pour des mensonges,
Et que, les yeux au ciel, je tombe dans des trous.
Mais la Voix me console et dit: "Garde tes songes:
Les sages n'en ont pas d'aussi beaux que les fous!"

Peças várias

XVI
A voz

Meu berço ao pé da biblioteca se estendia,
Babel onde ficção e ciência, tudo, o espólio
Da cinza grega ao pó do Lácio se fundia.
Eu tinha ali a mesma altura de um in-fólio.
Duas vozes ouvi. Uma, insidiosa, a mim
Dizia: “A terra é um bolo apetitoso à goela;
Eu posso (e teu prazer seria então sem fim!)
Dar-te uma gula tão imensa quanto a dela.”
A outra: “Vem! vem viajar nos sonhos que semeais,
Além da realidade e do que além é infindo!”
E essa cantava como vento nas areias,
Fantasma não se sabe ao certo de onde vindo,
Que o ouvido ao mesmo tempo atemoriza e afaga.
Eu te respondi: “Sim, doce voz!” É de então
Que data o que afinal se diz ser minha chaga
Minha fatalidade. E por trás do telão
Dessa existência imensa, e no mais negro abismo,
Distintamente eu vejo os mundos singulares,
E, vítima do lúcido êxtase em que cismo,
Arrasto répteis a morder-me os calcanhares.
E assim como um profeta é que, desde esse dia,
Amo o deserto e a solidão do mar ao largo;
Que sorrio no luto e choro na alegria,
E apraz-me como suave o vinho mais amargo;
Que os fatos mais sombrios tomo por risonhos,
E que, de olhos no céu, tropeço e avanço aos poucos.
Mas a Voz me consola e diz: “Guarda teus sonhos:
Os sábios não os têm tão belos quanto os loucos!”

XVII

L’imprévu

Harpagon qui veillait son père agonisant,
Se dit, rêveur, devant ces lèvres déjàs blanches:
“Nous avons au grenier un nombre suffisant,
Ce me semble, de vieilles planches?”

Célimène roucoule et dit: “Mon couer est bon,
Et naturellement, Dieu m’a faite très-belle.”
— Son cœur! cœur racorni, fumé comme un jambon,
Recuit à la flamme éternelle!

Un gazetier fumeux, qui se croit un flambeau,
Dit au pauvre, qu’il a noyé dans les ténèbres:
“Ou donc l’aperçois-tu, ce créateur du Beau,
Ce redresseur que tu célèbres?”

Mieux que tous, je connais certai voluptueux
Qui bâille nuit et jour, et se lamente et pleure,
Répétant, l’impuissant et le fat: “Oui je veux
Être vertueux, dans une heure!”

L’Horloge, à son tour, dit à voix basse: “Il est mûr,
Le damné! J’avertis en vain la chair infecte.
L’homme est aveugle, sourd, fragile comme un mur
Qu’habite et que ronge un insecte!”

Et puis, quelqu’un paraît que tous avaient nié,
Et qui leur dit, railleur et fier: “Dans mon ciboire,
Vous avez, que je crois, assez communnié
A la joyeuse Messe noire?

Chacun de vous m’a fait un temple dans son cœur;
Vous avez, en secret, baisé ma fesse immonde!
Reconnaissez Satan à son rire vainqueur,

Énorme et laid comme le monde!

Avez-vous donc pu croire, hypocrites surpris,
Qu'on se moque du maître, et qu'avec lui l'on triche,
Et qu'il soit naturel de recevoir deux prix,
D'aller au Ciel et d'être riche?

Il faut que le gibier paye le vieux chasseur
Qui se morfond longtemps à l'affût de la proie.
Je vais vous emporter à travers l'épaisseur,
Compagnons de ma triste joie,

A travers l'épaisseur de la terre et du roc,
A travers les amas confus de votre cendre,
Dans un palais aussi grand que moi, d'un seul bloc
Et qui n'est pas de pierre tendre;

Car il est fait avec l'universel Péché,
Et contient mon orgueil, ma douleur et ma gloire!
— Cependant, tout en haut de l'univers juché,
Un ange sonne la victorie

De ceux dont le cœur dit: "Que béni soit son fouet,
Seigneur! que la Douleur, ô Père, soit bénie!
Mon âme dans tes mains n'est un vain jouet,
Et ta prudence est infinie."

Le son de la trompette est si délicieux,
Dans ces soirs solennels de célestes vendages,
Qu'il s'infltre comme une extase dans tous ceux
Dont elle chante les louanges.

XVII
O imprevisto[161]

Harpagão[162], que velava o pai agonizante,
Se disse, sonhador, ao ver-lhe os lábios brancos:
“Pois no celeiro já não temos o bastante
    De tábuas para a mesa e os bancos?”

Arrulha Célimène:[163] “É bom meu coração
E assim tão bela Deus me fez ao ter nascido.”
— Seu coração! presunto insosso, unto malsão,
    No fogo eterno recozido!

O escriba que, medíocre, assume ar de grandeza
Diz ao pobre infeliz, que ele afoga nas trevas:
“Onde é que vês esse demiurgo da beleza
    O tal farsante que celebras?”

Mais que ninguém, conheço um certo voluptuoso
Que baila noite e dia, e se lamenta e chora,
Repetindo, impotente e fátuo: “Sim, virtuoso
    Eu quero ser por uma hora!”

Diz o Relógio, a voz baixando: “Ele é maduro,
O desgraçado! Em vão fiz ver que o corpo é abjeto.
O homem é cego, surdo e frágil como um muro
    Que habita e rói voraz inseto!”

E depois surge alguém, por todos renegado,
E que lhes diz, mordaz e altivo: “Haveis à regra
Obedecido e em meu cibório comungado
    Na jubilosa missa negra?

Cada um de vós no coração fez-me um altar;

Beijaste em segredo o meu traseiro imundo![164]
Escutai de Satã a gargalhada no ar,
    Imensa e feia como o mundo!

Supusestes então, hipócritas surpresos,
Que se zomba do mestre e a ele se é infiel,
Ou que vos cabe a recompensa de dois pesos,
    Torna-se rico e ir para o Céu?

Força é que a caça pague àquele que a procura
E enregelado há longo tempo a presa espia.
Desejo vos levar através da espessura,
    Junto à minha triste alegria,

Através da espessura em que a sós me desloco,
Do monte onde confusa a vossa cinza medra,
Ao palácio que eu sou, construído de um só bloco
    E que não é de tenra pedra;

Pois de alto a baixo o entranha o universal pecado,
E hospeda-me a arrogância, o sofrimento e a glória!”
— No entanto, do alto do universo, entronizado,
    Um anjo anuncia a vitória

Dos que dizem: “Bendito seja o teu castigo,
Senhor! Que a dor nos seja, ó pai, sempre bendita!
Minha alma encontra em tuas mãos o último abrigo,
    E a tua prudência é infinita!”

Da trombeta se entorna um som tão melodioso,
Por essas noites de vindimas celestiais,
Que em nós vai infiltrando etéreo como um gozo
    E ecoa em cânticos triunfais.

XVIII
La rançon

L’homme a, pour payer sa rançon,
Deux champs au tuf profund et riche,
Qu’il faut qu’il remue et défriche
Avec le fer de la raison;

Pour obtenir la moindre rose,
Pour extorque quelques épis,
Des pleurs salés de son front gris
Sans cesse il faut qu’il les arrose.

L’un est l’Art, et l’autre l’Amour.
— Pour rendre le juge propice,
Lorsque de la stricte justice
Paraîtra le terrible jour,

Il faudra lui montrer des granges
Pleines de moissons, et des fleurs
Dont les formes et les couleurs
Gagnent le suffrage des Anges.

XVIII
O resgate

Para pagar o seu resgate,
Dois campos de tufo tem o homem,
E às duras pragas que os consomem
Deve a razão lhes dar combate.

Para colher míseras rosas
E alguns espinhos arrancar,
Força é que os banhe sem cessar
O suor das têmporas terrosas.

Um é a Arte, o outro é o Amor.
— Para alcançar do juiz a graça,
Quando da impiedosa devassa
Nos vier o dia do terror,

Há que mostrarmos porão
Cheio de messes e de flores,
Cujas sutis formas e cores
Ganham dos Anjos o perdão.

XIX
A une malabaraise

Tes pied sont aussi fins que tes mains, et ta hanche
Est large à faire envie à la plus belle blanche;
A l'artiste pensif ton corps est doux et cher;
Tes grands yeux de velours sont plus noirs que ta chair.
Aux pays chauds et bleus où ton Dieu t'a fait naître,
De pourvoir les flacons d'eaux fraînches et d'odeurs
De chasser loin du lit les moustiques rôdeurs,

Et, dès que le matin fait chanter les platanes,
D'acheter au bazar ananas et bananes.
Tout le jour, où tu veux, tu mènes tes pieds nus,
Et fredonnes tout bas de vieux airs inconnus;
Et quand descend le soir au manteau d'écarlate,
Tu poses doucement ton corps sur une natte,
Où tes rêves flottants sont pleins de colibris,
Et toujours, comme toi, gracieux et fleuris.

Pourquoi, l'heureuse enfant, veux-tu voir notre France,
Ce pays trop peuplé que fauche la souffrance,
Et, confiant ta vie aux bras forts des marins,
Faire de grands adieux à tes chers tamarins?
Toi, vêtue à moitié de mousselines frêles,

Frissonnante lá bas sous la neige et les grêles,
Comme tu pleurerais tes loisirs doux et francs,
Si, le corset brutal emprisonnant tes flancs,
Il te fallait glaner ton souper dans nos fanges
Et vendre le parfum de tes charmes étranges,
L'œil pensif, et suivant, dans nos sales brouillards,
Des cocotiers absents les fantômes épars!

XIX
A uma malabarense

Teus pés são finos como as tuas mãos, e a anca
Roliça causa inveja à mais graciosa branca;
Teu corpo suave e terno o artista ao sonho impele;
Teus olhos negros são mais negros do que a pele.
No país quente e azul que te serviu de limbo,
Teu ofício é acender de teu amo o cachimbo,
Os cântaros prover de águas frescas e odores,
Do leito pôr em fuga insetos zumbidores,
E, mal a aurora põe o plátano a cantar,
Comprar bananas e ananases, no bazar.
Todos os dias, pés descalços, vais andando
E antigas árias nunca ouvidas murmurando;
E quando a tarde faz do céu uma fogueira,
Repousas docemente o corpo numa esteira
Com sonhos a flutuar, cheios de colibris,
E sempre, como tu, floridos e gentis.

Por que, menina, queres ver a nossa França,
País rico de gente e pobre de esperança,
E, confiando a existência aos rudes marinheiros,
Dizer adeus aos sensuais tamarineiros?
Tu, seminua, envolta em musselina leve,

Toda trêmula além, sob o granizo e a neve,
Como lamentarias os teus ócios francos,
Se, o corpete brutal a constranger-te os flancos,
Fosses buscar o teu sustento em nossas lamas
E vender o perfume estranho que derramas,
O olhar absorto, perscrutando em meio aos miasmas,
Dos coqueirais ao longe os pálidos fantasmas!

XX
Sur les débuts d’Amina Boschetti

Au Théatre de La Monnaie, a Bruxelles

Amina bondit, — fuit, — puis voltige et sourit;
Le Welche dit: “Tout ça, pour moi, c’est du prâcrit;
Je ne connais, en fait de nymphes bocagéres,
Que celles de Montagne-aux-Herves-potagères.*”*

Du bout de son pied fin et de son œil qui rit,
Amina verse à flots de delire et l’esprit;
Lê Welche dit: “Fuyes, délices mensogères!
Mon épouse n’a pas ces aluures légeres.”

Vous ignorez, sylphide ou jarret triophant,
Qui vioulez enseigner la walse à l’éléphant,
Au hibou la gaieté, le rire à la cigogne,

Que sur la grâce feu le Welche dit: “Haro!”
Et que, le doux Bacchus lui versant du bougogne,
Le monstre répondrait: “J’aime mieux le faro!”

PILHÉRIAS

XX
As estréias de Amina Boschetti[165]

No Théatre de la Monnaie, em Bruxelas

Amina salta — foge — esvoaça e depois ri;
O *Welche*[166] diz: “Desse balé nada entendi; [167]
Como ninfas do bosque, estimo as verdadeiras,
As que andam na Montanha-de-Ervas-Forrageiras!”[168]

Da ponta de seus pés ao olho que sorri,
Amina em ondas verte a graça e o frenesi;
O *Welche* diz: “Fugi, ó delícias traiçoeiras!
Minha esposa não faz piruetas tão ligeiras.”

Não ignore, ó Sílfide do pé triunfante,
Que queres ensinar a valsa ao elefante,
À coruja a alegria, o sorriso à cegonha,

Que o *Welche*, aos gritos, não resiste a quem graceja,
E que, ao servir-lhe o suave Baco o bom borgonha,
Responderia o monstro: “Eu gosto é da cerveja!”

XXI
A M. Eugène Fromentin

À propos d’un importun qui se disait son ami

Il me dit qu’il était très-riche,
Mais qu’il craignait le choléra;
— Que de son or il était chiche,
Mais qu’il goûtait fort l’Opéra;

— Qu’il raffolait de la nature,
Ayant connu monsieur Corot;
— Qu’il n’avait pas encor voiture,
Mais que cela viendrait bientôt;

— Qu’il aimait le marbre et la brique,
Les bois noirs et les bois dorés;
— Qu’il possédait dans sa fabrique
Trois contre-maîtres décorés;

— Qu’il avait, sans compter le reste,
Vingt mille actions sur le Nord*;*
— Qu’il avait trouvé, pour un zeste,
Des encadrements d’Oppenord;

Qu’il donnerait (*fût-ce à Luzarches!*)
Dans le bric-à-brac jusqu’au cou,
Et qu’au Marché des Patriarches
Il avait fait plus d’un bon coup;

Qu’il n’aimait pas beaucoup sa femme,
Ni sa mère; — mais qu’il croyait
A l’immortalité de l’âme,
Et qu’il avait lu Niboyet!

— Qu’il penchait pour l’amour physique,
Et qu’à Rome, séjour d’ennui,
Une femme, d’ailleurs phtisique,
Était morte d’amour pour lui.

Pendant trois heures et demie,
Ce bavard, venu de Tournai,
M’a dégoisé toute sa vie;
J’en ai le cerveau consterné.

S’il fallait décrire ma peine,
Ce serait à n’en plus finir;
Je me disais, domptant ma haine:
“Au moins, si je pouvais dormir!”

Comme un qui n’est pas à son aise,
Et qui n’ose pas s’en aller,
Je frottais de mon cul ma chaise,
Rêvant de le faire empaler.

Ce monstre se nomme Bastogne;
Il fuyait devant le fléau.
Moi, je fuirai jusqu’en Gascogne,
Ou j’irai me jeter à l’eau,

Si dans ce Paris, qu’il redoute,
Quand chacun sera retourné,
Je trouve encore sur ma route
Ce fléau, natif de Tournai.

Bruxelles, *1865*

XXI
A Eugène Fromentin[169]

A PROPÓSITO DE UM IMPORTUNO QUE SE DIZIA SEU AMIGO

Disse-me ele que era opulento,
Mas que ante a cólera tremia;
— Que de seu ouro era avarento,
Mas que o bel-canto o seduzia;

— Que era devoto da paisagem
E que Corot[170] o punha louco;
— Que ainda não tinha carruagem,
Mas que a teria dentro em pouco;

— Que mármore e tijolos tinha,
Caixilhos negros e dourados;
— Que em sua fábrica mantinha
Três contramestres premiados;

— Que possuía, entre seus bens,
Umas dez mil ações no *Nord*;[171]
— Que só gastara alguns vinténs
Com as molduras de Oppenord;[172]

— Que em Luzarrches[173] e outras comarcas,
O ferro-velho era o seu ócio;
E no Mercado dos Patriarcas
Fizera mais de um bom negócio;

— Que não prezava muito a esposa,
Tampouco a mãe, mas tinha fé
Que a alma imortal em Deus repousa,
E até já lera Niboyet![174]

— Que seduzia a paixão física,
E que em Roma, onde se hospedara,
Uma mulher, embora tísica,
De amor por ele se matara.

Durante hora e meia corrida,
O tagarela tournaisiano[175]
Contou-me toda a sua vida,
E fez-me à mente imenso dano.

Se o meu pesar fosse descrito,
Talvez que fim nunca tivesse;
Eu me dizia, irado e aflito:
“Se ao menos dormir eu pudesse!”

Como quem não se acha a seu gosto,
Mas que não ousa levantar,
Eu esfregava o cu no encosto,
Buscando alguém para o empalar.

Atende o monstro por Bastogne;[176]
Fugia ao relho, esse danado!
Eu fugirei rumo à Gascogne,[177]
Ou n’água então morro afogado,

Se lá em Paris, que o desagrada,
Couber-me enfim, por puro engano,
Encontrar outra vez na estrada
Esse flagelo tournaisiano.

Bruxelas, 1865

XXII
Un cabaret folatre

Sur la route de Bruxelles a Uccle

Vous qui raffolez des squelettes
Et des emblèmes détestés,
Pour épicer les voluptés,
(*Fût-ce de simples omelettes!*)

Vieux Pharaon, ô Monselet!
Devant cette enseigne imprévue,
J'ai rêvé de vous: À la vue
Du Cimetière, Estaminet!

XXII
Uma tasca divertida

NA ESTRADA DE BRUXELAS A UCCLE[178]

Tu que amas tanto os esqueletos
E odiosos emblemas preferes,
Para apurar os teus prazeres
(Mesmo o mais simples dos galetos!),

Velho Faraó, ó Monselet![179]
Ante esta legenda imprevista,
Pensei demais em ti: *Com vista*
Para o Cemitério, Café.

NOTAS[180]

Dedicatória

Em 1864, *Le Parnasse satyrique du XIX*e *siècle* publicou o primeiro texto desta dedicatória, que era o seguinte:

A meu caríssimo e veneradíssimo mestre e amigo
THÉOPHILE GAUTIER

Embora eu te peça para servir de padrinho às *Flores do mal*, não julgues que eu esteja muito longe de merecer o nome de poeta, ou que dele seja muito indigno, para imaginar que estas flores doentias façam jus a teu nobre patrocínio. Sei que, nas regiões etéreas da verdadeira Poesia, não há o Mal, como tampouco o Bem, e que este miserável dicionário da melancolia e do crime pode legitimar as reações da moral, como o blasfemo confirma a religião. Mas quis, tanto quanto me foi possível, disso esperando talvez o melhor, render uma profunda homenagem ao autor de *Albertus*, de *La comédie de la mort* e de *España*, ao poeta impecável, ao mágico da língua francesa, de quem me declaro, com orgulho e humildade, o mais devotado, o mais respeitoso e o mais ciumento dos discípulos.

Charles Baudelaire.

Epígrafe

A Baudelaire a Théodore Agrippa d'Aubigné (*Les tragiques*, livro II), cujo texto é o seguinte:

On dit qu'il faut couler les execrables choses
Dans les puits de l'oubli et au sepulcre encloses,
Et que par les écrits de mal ressuscité
Infectara les moeurs de la postérité;
Mais le vice n'a point pour mère la science
Et la vertu n'est pas fille de l'ignorance.

Ao leitor

Este poema foi publicado pela primeira vez a 1º de junho de 1855 na *Revue des deux mondes*, acompanhado de 17 outros e sob o título coletivo de *Les fleurs du mal*. Encimava-o a epígrafe acima transcrita.

9-12. Toda esta estrofe encontra-se infiltrada de referências alquímicas, ainda em voga na época, sobretudo em razão da herança que o romantismo francês recebeu da literatura gótica. O tema reaparecerá em outros poemas, como ‘Alquimia da dor’, o terceiro ‘Spleen’ e ‘O relógio’.

13 *et seq. É o diabo que nos move e até nos manuseia*. O satanismo baudelairiano, já manifesto neste primeiro poema, tem suas raízes não apenas no maniqueísmo cristão (redução esta, aliás, utilizada aqui em estrito sentido didático, pois o problema reveste intensa e intricada complexidade em toda a poética baudelairiana), mas também — e sobretudo — no legado gótico a que já nos referimos. A propósito do assunto, Baudelaire disse em carta a Flaubert: “Sempre me obcecou a impossibilidade de compreender certas ações ou pensamentos súbitos do homem sem cogitar da hipótese da intervenção de uma força perversa e que lhe é alheia.”

38. *Com patíbulos sonha, ao cachimbo agarrado*. O autor grafa no original a palavra *houka*, espécie de narguilé persa. Embora não dicionarizada, a palavra tem trânsito na língua portuguesa, registrando-se seu uso por parte de outros tradutores (*huka, huká, houká*), entre eles Jamil Almansur Haddad e Ignácio de Souza Moitta. Como ainda informa aquele primeiro, usou-a também Luís Murat nas *Poesias escolhidas* (Jacinto Ribeiro dos Santos, Rio de Janeiro, 1917, p. 102): “O huka real que eu fumava em teus lábios

ardentes.”

Spleen e ideal

BÊNÇÃO

O poema foi publicado na primeira edição de *As flores do mal* (1857). São óbvias e intensas as alusões ao universo familiar, particularmente à mãe e ao padrasto. Em 1868, inclusive, escreve Mme. Aupick: “Que estupefação para nós, quando Charles se recusou a tudo o que se queria fazer por ele e decidiu voar com suas próprias asas para ser autor! Que desencanto em nossa vida íntima, tão feliz até então. Que desgosto!...” Mas o poema aborda também uma problemática muito comum entre os românticos, ou seja, a de opor a vocação divina do poeta à maldição de que é vítima por parte dos homens. Cabe a propósito a observação de Guilherme de Almeida nas notas que escreveu às suas *Flores das ‘Flores do mal’* (v. apêndice *Traduções de Baudelaire no Brasil*): “O julgamento do Poeta. Um júri completo: o libelo materno, a acusação burguesa, a defesa angélica e a absolvição divina.” É pertinente ainda o comentário do mesmo autor quando nos diz que o poema “resume, tecnicamente, a poesia baudelairiana, com todas as suas *defeituosas perfeições”* (o grifo é nosso).

21-36. Todo este trecho está crivado de alusões à Paixão de Cristo, aqui evocada não só pela expressão ‘via-sacra’, mas também pelo uso de palavras como ‘pão’, ‘vinho’, ‘ferocidade’, ‘bagaços’, ‘cinzas’.

53-64. A passagem nos remete ao ‘Moïse’ (*Poèmes antiques et modernes*, 1826), de Vigny, um dos poucos românticos a quem Baudelaire prezava e de quem foi amigo pessoal.

75-76. *De que os olhos mortais, radiantes de ventura. / Nada mais são que espelhos turvos e invertidos.* As imagens nos sugerem uma reminiscência platônica, a de que os homens não percebem senão

muito dificilmente o reflexo da beleza divina.

O ALBATROZ

Este poema foi publicado a 10 de abril de 1859 na *Revue française.* É provável que Baudelaire o tenha escrito, ou pelo menos concebido, durante a viagem que fez à ilha Bourbon (hoje ilhas Maurício) em 1841-42. Entretanto, outros testemunhos o dão como do período de 1843-46. A essas impressões pessoais se podem acrescentar ainda algumas fontes literárias, como certa passagem de *L'oiseau,* de Michelet, publicado em 1856. Só não há dúvida quanto à terceira estrofe: ela é de 1859 e foi acrescentada ao poema por sugestão de Charles Asselineau (carta a Baudelaire datada de 20 de fevereiro de 1859). Prova-o ainda o fato de que a estrofe, manuscrita por Baudelaire, figura à margem do texto do exemplar que o poeta enviou a Flaubert, no qual 'O albatroz' se segue imediatamente à composição que leva o título de 'A viagem'. (V. nota a este poema.)

6-10. *O monarca do azul, canhestro e envergonhado, / Deixa pender, qual par de remos junto aos pés, / As asas em que fulge um branco imaculado. // Antes tão belo, como feio na desgraça / Esse viajante agora flácido e acanhado!* Cf. 'O cisne', I, 17-21: "Um cisne que escapara enfim ao cativeiro / E, nas ásperas lajes os seus pés ferindo, / As alvas plumas arrastava ao sol grosseiro. /Junto a um regato seco, a ave, o bico abrindo, // No pó banhava as asas cheias de aflição; e II, 34-35: "Penso em meu cisne, quando em fúria o vi, / Qual exilado, tão ridículo e sublime." A imagem do pássaro ''exilado no chão'' é recorrente na obra de Baudelaire, que o compara ao poeta, ou seja, o "príncipe da altura", como se lê em 'O albatroz', 13-16: "O Poeta se compara ao príncipe da altura / Que habita os vendavais e ri da seta no ar; / Exilado no chão, em meio à turba obscura, / As asas de gigante impedem-no de andar."

ELEVAÇÃO

O poema foi publicado na primeira edição de *As flores do mal*. Os críticos e exegetas se dividem quanto às intenções do autor: aspiração mística ou expressão de um júbilo estritamente intelectual? Fala-se também de uma vaga reminiscência à balada ‘A grandeza do mundo’, de Schiller, traduzida por Gérard de Nerval em 1830.

1-4. Possível alusão a uma passagem do *Fédon*, de Platão: “Os que afinal teriam reconhecido que a vida foi sempre de uma iminente santidade, eis os que, egressos dessas regiões interiores da Terra, se tornaram de fato, assim como os que deixam os cárceres, a um tempo libertos e desenraizados, os que, chegados às alturas da etérea morada, se estabeleceram acima da Terra.”

6. *E, como um nadador que nas águas afunda.* Cf. Victor Hugo, ‘La pente de la rêverie’, *Feuilles d’automne* (1830): ‘‘Mon esprit plonge dans ce flot inconnu.”

19-20. *Que paira sobre a vida e sem esforço entende / A linguagem da flor e das coisas sem voz!* Cf. Victor Hugo, ‘Que la musique date du XVIe siècle’, *Les rayons et les ombres* (1837): ‘‘Entends sous chaque objet sourdre la parabole / Sous l’être universel vois l’eternel symbole.”

CORRESPONDÊNCIAS

Este soneto foi também publicado na primeira edição de *As flores do mal*. O tema é caro a Baudelaire, que a ele se refere já no *Salon de 1846*, onde está transcrita a seguinte passagem da *Kreisleriana*, de Hoffmann: “Não é apenas quando sonho, mas também quando estou acordado, que descubro uma analogia e uma íntima comunhão entre as cores, os sons e os perfumes.’’ Os dois quartetos, por sua vez, estão transcritos no longo ensaio ‘Richard Wagner e *Tannhäuser* em Paris’, em *A arte romântica*, onde nos diz Baudelaire: “... é que o som *não pode* sugerir a cor, as cores *não podem* dar a idéia de uma melodia, e o som e a cor são impróprios para traduzir as idéias; e as coisas são sempre expressas por uma analogia recíproca, desde o dia em que Deus proclamou o mundo como uma complexa e indivisível totalidade.” Alguns comentaristas

consideram este soneto como uma espécie de definição da estética baudelairiana, que, por sua vez, irá servir de matriz à estética do simbolismo. A teoria das correspondências é, todavia, muito anterior a Baudelaire, já estando latente em textos de autores como Pascal, Malebranche, Spinoza, Hegel, Schelling, Novalis, São Boaventura e São João da Cruz. Baudelaire a recebe diretamente de Edgar Poe, mas não se podem esquecer, entre os precursores imediatos, Lavater, Joseph de Maistre e, acima de qualquer outro, Swedenborg, que nos fala de uma "tenebrosa e profunda unidade".

8. Os sons, as cores e os perfumes se harmonizam. Cf. Baudelaire, 'O bobo e a Vênus', *Pequenos poemas em prosa*, VII: ''Dir-se-ia que uma luz cada vez mais intensa faz brotar dos objetos cintilações cada vez mais vívidas, que as flores excitadas ardem no desejo de rivalizar com o azul do céu pela energia das suas cores, e que o calor, tornando visíveis os perfumes, os faz subir para o Sol como foguetes." (Trad. de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.)

AMO A RECORDAÇÃO DAQUELES TEMPOS NUS...

Também publicado na primeira edição de *As flores do mal*. Baudelaire denuncia sua visceral desconfiança relativamente às idéias de progresso, muito em voga em sua época. A propósito, bastaria, entre muitas outras, transcrever aqui esta passagem do fragmento XII dos *Lampejos:* "A mecânica nos haverá americanizado a tal ponto, o progresso terá atrofiado tanto em nós toda a parte espiritual, que nada, entre as fantasias sanguinárias, sacrílegas ou antinaturais dos utopistas, poderá ser comparado aos seus resultados positivos." (Trad. de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.)

3-6. *Ligeiros, macho e fêmea, fiéis ao som da lira, / Ali brincavam sem angústia e sem mentira, / E, sob o meigo sol que lhes dourava a espinha, / Exibiam a origem de uma nobre linha.* Cf. Baudelaire, 'Eugène Delacroix', em *Curiosidades estéticas:* "Uma viagem ao Marrocos deixou-lhe no espírito, ao que me parece, uma impressão profunda; lá, ele pôde estudar em paz o homem e a mulher na

independência e na originalidade nativa de seus movimentos, e compreender a beleza antiga graças ao aspecto de uma raça isenta de qualquer mescla e coroada por sua saúde e pelo livre desenvolvimento de seus músculos.”

Os faróis

Também publicado na primeira edição. O título é um símbolo: os grandes mestres iluminam a humanidade. O tema é comum entre os românticos, que consideravam o artista, entre os quais o poeta, como um mago, um guia espiritual. A novidade é que Baudelaire deixa muito claro que o papel do poeta consiste em exprimir por palavras o que o pintor expressa por linhas e cores, descartando assim qualquer ingerência abusiva de elementos especificamente plásticos (e musicais, já que ele nos fala também de Weber) na linguagem literária.

29-32. Esta estrofe está transcrita e comentada no artigo sobre a ‘Exposição universal de 1855’, em *Curiosidades estéticas.*

A musa doente

Soneto publicado na primeira edição de *As flores do mal*! A invocação à Musa lembra certos poemas dos integrantes da Pléiade, imitados por sua vez da Antigüidade, mas Baudelaire introduz aqui o conceito de uma musa cristã (ou da *decadência* cristã e, por isso mesmo, *doente*) que, atormentada pela melancolia e o horror, gostaria o poeta que se exprimisse com o mesmo vigor da musa antiga.

A musa venal

Como o anterior, publicado na primeira edição. Baudelaire lamenta aqui a condição de pobreza do poeta, obrigado a vender o seu talento ao público vulgar que não o entende. O tema já pode ser encontrado em Du Bellay, mas

corresponde a uma das preocupações constantes de Baudelaire, como se pode ver nos ‘Conselhos aos jovens literatos’, em *A arte romântica.*

O MAU MONGE

O soneto foi publicado a 9 de abril de 1851 em *Le messager de l’assemblée*, acompanhado de 11 outros sob o título coletivo de *Les limbes*, um dos quais anteriormente previra o autor para a sua coletânea. Os dois tercetos exprimiriam a desilusão do poeta diante de seu sonho impotente, que, ao contrário dos artistas da Idade Média, é incapaz de qualquer criação. Como se lê numa carta endereçada a Ancelle, Baudelaire pensara dar a este poema um outro título: ‘O túmulo vivo’.

4. *Aquecia a algidez de sua austeridade.* Cf. Théophile Gautier, *La comédie de la mort* (1838): “C’étaient des gens pieux et pleins d’austérité’’.
12. *O monge ocioso! quando enfim hei de fazer.* Na versão original, este verso começava por “Impotente Orcagna!”, alusão ao monge florentino Andrea Orcagna (séc. XIV), que pintou os afrescos do cemitério de Pisa, como nos sugerem os dois quartetos.

O INIMIGO

Soneto publicado a 1º de julho de 1855 na *Revue des deux mondes*, juntamente com outros 17, sob o título coletivo de *As flores do mal.* A simbologia é evidente: o inimigo é o tempo, que se alimenta de nossa vida e cresce sem cessar, fortalecendo-se com as gerações assim devoradas.

O AZAR

Este soneto foi escrito em 1852 e publicado a 1º de junho na *Revue des deux mondes*, acompanhado de outros 17, sob o título coletivo de *As flores do mal.*

Ocorre aqui uma dupla imitação: os quartetos nos evocam ‘A psalm of life’, de Longfellow, enquanto os tercetos nos remetem à ‘Elegy written in a country church-yard’ (1751), do poeta inglês Thomas Gray.

4-8. *A Arte é longa e o Tempo é breve. // Longe dos túmulos famosos, / Num cemitério já sepulto, / Meu coração, tambor oculto, / Percute acordes dolorosos.* Cf. Longfellow: ‘‘Art is long, and time is fleeting, / And our hearts, though stout and brave, / Still, liked muffled drums, are beating / Funeral marches to the grave.” (Segundo nota do próprio autor, o quarto verso alude também a Hipócrates.)

9-14. — *Muito ouro ali jaz sonolento / Em meio à treva e ao esquecimento, / Esquivo à sonda e ao enxadão; // E muita flor exala a medo / Seu perfume como um segredo / Na mais profunda solidão.* Cf. Thomas Gray: “For many a gem of purest ray serene / The dark unfathomed caves of Ocean bear; / Full many a flower is born to blush unseen, / And waste its sweetness in the desert air.”

A VIDA ANTERIOR

Como o precedente, este soneto foi publicado a 1º de junho de 1855 na *Revue des deux mondes,* juntamente com 17 outros, sob o título coletivo de *As flores do mal.* Suas alusões à metempsicose nos lembram certos poemas de Gérard de Nerval. É um dos mais conhecidos e estimados sonetos de Baudelaire.

1. *Muito tempo habitei sob átrios colossais.* O cenário clássico faz pensar nas telas de Claude de Lorrain (séc. XVII), particularmente no *Port au soleil couchant.*

CIGANOS EM VIAGEM

Este soneto foi publicado na primeira edição de *As flores do mal.* O título primitivo, como se lê no manuscrito de 1852, era ‘A caravana dos ciganos’, inspirado em uma ou mais gravuras de Jacques Callot (1592-1635), cuja arte

realista o tornou famoso em sua época. Já se encontra aqui presente o tema da viagem, explorado pelo autor em outros poemas, entre os quais ‘O convite à viagem’ e ‘A viagem’, assim como em dois dos *Pequenos poemas em prosa*: ‘O convite à viagem’ e ‘As vocações’.

9. *O grilo, ao fundo de uma frincha solitária.* Possível alusão bíblica à oitava praga do Egito, a dos gafanhotos: “E subiram os gafanhotos por toda a terra do Egito, e pousaram sobre todo o seu território; eram mui numerosos; antes destes nunca houve tais gafanhotos, nem depois deles virão outros assim.” (Êxodo, 10, 19.)
12. *Rebenta as fontes e de flor enche o deserto.* Cf. Êxodo, 17, 6: ‘‘...ferirás a rocha, e dela sairá água, e o povo beberá. Moisés assim o fez na presença dos anciãos de Israel.’’

O homem e o mar

O poema foi publicado em outubro de 1852 na *Revue de Paris* e seu primeiro título era ‘O homem livre e o mar’. Pode-se associá-lo ao poema em prosa ‘Já!’ (*Pequenos poemas em prosa,* XXXIV). O tema é típico do romantismo.

Dom Juan nos infernos

O poema foi publicado a 6 de setembro de 1846 em *L’artiste* (v. notas de pé de página ao texto do mesmo).

Castigo do orgulho

Poema publicado em junho de 1850 em *Le magasin des familles.* Sua fonte poderia ser um episódio descrito por Michelet em sua *Histoire de France* (12 vols., 1855-1867): em 1210, o teólogo Simão de Tournai julgou ter encontrado argumentos tão decisivos sobre o mistério da Santíssima Trindade que o levou a atribuir apenas a ele o triunfo da religião. Logo em seguida emudeceu e ficou

louco. O episódio tem, contudo, outra fonte, a que foi descoberta por Albert-Marie Schmidt numa relação de Mathieu Pâris e Thomas de Catimpré, religiosos do século XIII.

11-14. *"Jesus, ó meu Jesus! Te ergui à etérea altura! /Mas, se ao contrário, eu te golpeasse na armadura, / Ao teu pudor se igualaria a tua glória, / E não serias mais que um feto sem história!"*. Cf. Simão de Tournai, *apud* Mathieu Pâris: "Jesule, Jesule, quantum in hac questione confirmavi legem tuam et exaltavi; profecto, si malignando et malversando vellem, fortioribus rationibus et argumentis scirem illam infirmare, et deprimendo improbare!"

A BELEZA

Soneto publicado em abril de 1857 na *Revue française.* Segundo a concepção sempre dilemática e tensional da estética baudelairiana, a beleza aparece aqui sob um duplo aspecto: escultural (a pedra) e ideal (o sonho).

2. *Em meu seio, onde todos vêm buscar a dor.* Cf. 'O *confiteor* do artista', *Pequenos poemas em prosa,* III: ''Ah! terei de sofrer eternamente, ou eternamente fugir ao belo?"

O IDEAL

O poema foi publicado a 9 de abril em *Le messager de l'assemblée,* juntamente com 11 outros, sob o título coletivo de *Les limbes,* um dos que Baudelaire inicialmente cogitara para sua coletânea.

12. *Ou tu, Noite, por Miguel Ângelo engendrada.* Referência à estátua do túmulo de Juliano de Médicis, em Florença.

A GIGANTA

Este soneto foi publicado a 20 de abril de 1857 na *Revue française*, mas sua composição é de data muito anterior, como nos informa Ernest Prarond, que dá o ano de 1843.

A máscara

O poema foi publicado a 30 de novembro na *Revue contemporaine.* A estátua de Ernest Christophe em que se inspirou este poema está descrita por Baudelaire em seu *Salon 1859.*

Hino à beleza

Este poema foi publicado a 15 de outubro de 1860 em *L'artiste.* Mais uma vez, a beleza aparece sob um duplo aspecto: anjo e demônio. O poema é como que uma conclusão ao anterior, estabelecendo na estética baudelairiana as relações entre a arte e a moral.

Perfume exótico

Este soneto, publicado com os demais poemas que integram a primeira edição de *As flores do mal*, é um dos cinco estritamente regulares que Baudelaire escreveu segundo os cânones da Pléiade. Os outros quatro são: 'Sed non satiata', 'A moldura' ('Um fantasma', III), 'O possesso' e 'A lua ofendida'. É também o primeiro poema, de acordo com os exegetas, do ciclo de Jeanne Duval (na edição de 1861), ao qual pertencem ainda: 'As jóias', 'A cabeleira', 'Eu te amo como se ama a abóbada noturna...', 'Sed non satiata', 'Envolta em ondulante traje nacarado...', 'A serpente que dança', 'O vampiro', 'O letes', 'Remorso póstumo', 'O gato' (XXXIV), 'A varanda', 'O possesso', 'Um fantasma' e 'Estes versos te dou para que, se algum dia...'. Alguns autores acrescentam ainda: 'A alma do outro mundo', 'A Beatriz', 'Madrigal triste', 'O repuxo' e 'O monstro'. De nossa parte julgamos que essa relação é ainda mais ampla, pois, entre outros,

um poema como ‘As promessas de um rosto’ só poderia ter sido inspirado por Jeanne Duval.

A CABELEIRA

O poema foi publicado a 20 de maio de 1859 na *Revue française.* O mesmo tema é tratado em ‘Um hemisfério numa cabeleira’ (*Pequenos poemas em prosa,* XVII), onde o autor praticamente *reescreve* em prosa poética o que já consumara em versos.

EU TE AMO COMO SE AMA A ABÓBADA NOTURNA...

Publicado na primeira edição de *As flores do mal.* Alguns autores discutem se este poema teria mesmo sido inspirado por Jeanne Duval. (V. nota a ‘Perfume exótico’.)

PORIAS O UNIVERSO INTEIRO EM TEU BORDEL...

Como o anterior, foi publicado na primeira edição. Não há dúvida de que este poema foi inspirado pela judia Sara, a *Louchette,* com quem Baudelaire manteve assídua relação amorosa em sua juventude. (V. nota de pé de página ao poema XXXII.)

SED NON SATIATA

Este soneto foi publicado na primeira edição de *As flores do mal.* O último terceto alude obviamente à anomalia sexual de Jeanne, que exigia do poeta que este se comportasse no leito como mulher. (V. nota de pé de página ao poema ‘Lesbos’.)

Envolta em ondulante traje nacarado...

Soneto publicado na primeira edição. (V. nota a ‘Perfume exótico’.)

A serpente que dança

Como o anterior, foi publicado na primeira edição. (V. nota a ‘Perfume exótico’.)

Uma carniça

Também publicado na primeira edição, embora Ernest Prarond, o primeiro dos biógrafos de Baudelaire, nos assegure que o poema é anterior a 1844. É uma das peças que mais contribuíram para o êxito da coletânea, talvez devido à tensão antitética entre a descrição realista e a conclusão espiritual. A propósito, escreve Barrès em seus *Cahiers:* “Espiritualismo. A mais bela peça de Baudelaire será sempre ‘Uma carniça’.”

De profundis clamavi

Este soneto foi publicado, juntamente com 11 outros, a 9 de abril de 1851 em *Le messager de l’assemblée.* Seu título primitivo era ‘A Beatriz’ (1851), depois modificado para ‘O spleen’ (1855). A primeira edição (1857) de *As flores do mal* já o inclui, todavia, com o título de ‘De profundis clamavi’. Sobre o poema diz Yves-Gérard Le Dantec em suas ‘Notas e variantes’ à edição da Bibliothèque de la Pléiade: “Continuo a supor, a despeito do título inicial e do lugar que ele ocupa entre os poemas de inspiração amorosa, que se trata aqui de uma oração: não apenas a maiúscula da palavra *Ti,* mas também a cacofonia *único-que* — que teria sido evitada se o epíteto correspondesse a Jeanne — parecem-me legitimar essa hipótese.”

O vampiro

Publicado na primeira edição. O título primitivo deste poema era ‘A Beatriz’ (1855), daí a conclusão de que de fato pertence ao ciclo de Jeanne Duval. (V. nota a ‘Perfume exótico’.)

Certa noite bem junto a uma horrenda judia...

Publicado na primeira edição. Baudelaire alude aqui à judia de nome Sara, a *Louchette*. (V. nota de pé de página a este poema e nota ao poema XXV, ‘Porias o universo inteiro em teu bordel...’.)

Remorso póstumo

Este soneto foi publicado, juntamente com outros 17 poemas, a 1º de junho de 1855 na *Revue des deux mondes*. É um dos que integram o ciclo de Jeanne Duval. (V. nota a ‘Perfume exótico’.)

O gato

Publicado na primeira edição, pertence também ao ciclo de Jeanne Duval. Baudelaire voltará ao tema dos gatos em mais dois poemas: ‘O gato’ (LI) e ‘Os gatos’ (LXVI).

Duellum

Este soneto, publicado a 19 de setembro de 1858 em *L’artiste*, inclui-se entre os 35 que se acrescentaram na segunda edição (1861).

A varanda

Publicado na primeira edição, pertence também ao ciclo de Jeanne Duval. (V. nota a ‘Perfume exótico’.)

O POSSESSO

Este soneto, um dos cinco estritamente regulares segundo os cânones da Pléiade (v. nota a ‘Perfume exótico’) e que também integra o ciclo de Jeanne Duval, foi publicado a 20 de janeiro de 1859 na *Revue française* e não consta da primeira edição (1857).

UM FANTASMA

Este quarteto de sonetos, publicado na primeira edição de *As flores do mal* e também pertencente ao ciclo de Jeanne Duval (v. nota a ‘Perfume exótico’), envolve diversas e significativas variantes, das quais a principal ocorre no primeiro terceto do último soneto, ‘O retrato’ (v. nota de pé de página a este poema). No manuscrito se lê:

Comme un manant ivre, ou comme un soudard
Qui bat les murs, et salit et condoie
Une beauté frêle, en robe de soie.

Na edição de 1857 encontramos:

Qui, comme moi, meurt dans la solitude,
Et que le Temps, injurieux vieillard,
Chaque jour frotte avec son aile rude...

Em suas ‘Notas e variantes’ à edição da Bibliothèque de la Pléiade, Yves-Gérard Le Dantec faz o seguinte e pertinente comentário: “Compreende-se que o poeta tenha longamente hesitado em sacrificar este admirável terceto (um Guys! [*o do manuscrito*]) para substituí-lo por outro, mais lógico, porém tão banal! O indício desta luta se evidencia nas reticências que encerram e prolongam o verso precedente, sublinhando uma lacuna inevitável e o escrúpulo de não consumar

um soneto de 17 versos, ou seja, com um estrambote.”

Estes versos te dou para que, se algum dia...

Este soneto, um dos mais belos de Baudelaire e que consta também do ciclo de Jeanne Duval, foi publicado a 20 de abril de 1857 na *Revue française* sob o título de ‘Soneto’.

1-3. *Estes versos te dou para que, se algum dia, / Feliz chegar meu nome às épocas futuras / E lá fizer sonhar as humanas criaturas.* Estes versos aludem a um tema que Ronsard tomara por empréstimo a Petrarca: o do poeta que imortaliza aquela a quem ama.

12-13. *Pisas de leve, sem que aqui jamais te afronte / Nenhum mortal que te suponha amarga* (...). Como se sabe, Jeanne Duval era severamente julgada pelos amigos de Baudelaire.

13-14. (...) *estátua / de olhos de jade, grande anjo de brônzea fronte.* A imagem não deixa dúvida quanto à fonte da inspiração.

Semper eadem

Este soneto foi publicado a 15 de maio de 1860 na *Revue contemporaine* e não consta da primeira edição (1857). Possivelmente foi inspirado por Apollonie Sabatier (Mme. Sabatier).

Toda ela

Publicado na primeira edição de *As flores do mal.* Este poema e os outros sete que se lhe seguem (‘Que dirás esta noite, ó alma abandonada...’, ‘O archote vivo’, ‘Reversibilidade’, ‘Confissão’, ‘A aurora espiritual’, ‘Harmonia da tarde’ e ‘O frasco’) foram inspirados por Mme. Sabatier, a grande paixão espiritual de Baudelaire, verdadeira antítese do amor carnal e voluptuoso que o poeta viveu com Jeanne Duval. A eles se devem acrescentar ‘À que está sempre alegre’ (v. *Marginália,* ‘Poemas condenados’, V), que é o primeiro dos dez poemas escritos por Baudelaire para a Presidenta, e ‘Hino’ (v. *Marginália,* ‘Galanteios’, X).

Introduzido apenas na segunda edição (1861), tudo indica que o soneto ‘Semper eadem’ também pertença ao ciclo de Mme. Sabatier.

QUE DIRÁS ESTA NOITE, Ó ALMA ABANDONADA...

Publicado com os demais poemas que integram a primeira edição. Baudelaire enviou este soneto a Mme. Sabatier a 16 de fevereiro de 1854.

14. *Sou teu Anjo guardião, sou Musa e sou Madona.* Cf. *Correspondência*, ‘A madame Maria’ (Paris, 15, cidade de Orléans [Estréia 1852]):“Por ti, Maria, serei grande e poderoso. Como Petrarca, imortalizarei minha Laura. Sê meu Anjo guardião, minha Musa, minha Madona, e conduz-me no caminho do Belo.” O texto desta carta parece desmentir a fonte da inspiração, pois a destinatária é obviamente Marie Daubrun, atriz a quem Baudelaire conheceu por volta de 1847 e com quem manteve uma ligação amorosa, e não Apollonie Sabatier, que todavia recebeu o poema enviado por um ‘anônimo’. Já estaria este soneto concluído em 1852 ou, nesta data, teria apenas Baudelaire cogitado de aproveitar futuramente em versos o que dissera em carta a Marie Daubrun? Ou teria esta inspirado somente em parte a composição?

O ARCHOTE VIVO

Soneto publicado na primeira edição. O poeta enviou-o a Mme. Sabatier a 7 de fevereiro de 1854, ainda anônimo.

7. *Meus escravos são e deles sou também escravo.* Cf. Edgar Poe, ‘To Helen’, *The raven and other poems* (1845): ‘They are my ministers — yet I their slave…”.
14. *Astros cuja luz nunca há de apagar o sol!* Cf. *id., ibid.:* “Venuses, unextinguished by the sun!”

Reversibilidade

Publicado a 1º de junho de 1855 na *Revue des deux mondes*, este poema foi enviado a Mme. Sabatier quase dois anos antes (3 de maio de 1853). O título se explica pelos últimos versos e deve ser interpretado no sentido que a teologia católica dá à reversibilidade dos méritos, isto é, as preces do anjo (Mme. Sabatier) 'reverterão' ao poeta e lhe darão a paz de espírito a que ele tanto aspira.

22-33. *David da morte se teria levantado / Sob os eflúvios de teu corpo enfeitiçado.* Cf. Reis, I, 1-4: "E sendo o rei Davi já velho e entrado em dias, envolviam-no em roupas, porém não aquecia. Então lhe disseram os seus servos: Procure-se para o rei nosso senhor uma jovem donzela, que esteja perante o rei, e tenha cuidado dele, e durma nos seus braços, para que o rei nosso senhor se aqueça. Procuraram, pois, por todos os termos de Israel uma jovem formosa; acharam Abisague, sunamita, e a trouxeram ao rei. A jovem era sobremaneira formosa; cuidava do rei e o servia, porém o rei não a possuiu."

Confissão

Como o anterior, foi publicado a 1º de junho de 1855 na *Revue des deux mondes* e, também como aquele, enviado a Mme. Sabatier cerca de dois anos antes (9 de maio de 1853), mas ainda sem título.

A aurora espiritual

Também publicado naquela mesma data e na mesma revista. Baudelaire enviou-o a Mme. Sabatier em fevereiro de 1854, ainda anônimo e acompanhado por esta única frase: ''After a night of pleasure and desolation all my soul belongs to you.'' O pormenor é estranho e premonitório: Baudelaire só romperá seu

anonimato a 18 de agosto de 1857; no dia 30 desse mesmo mês, Apollonie Sabatier entrega-se ao poeta, que lhe escreve no dia seguinte para dizer-lhe que faltou ‘‘a convicção’’, seguindo-se ao episódio uma profunda amizade entre ambos.

HARMONIA DA TARDE

Este poema foi publicado a 20 de abril de 1857 na *Revue française.* Baudelaire adapta aqui à prosódia francesa o pantum, poema de origem malaia e forma fixa, em quadras, no qual o segundo e o quarto versos da primeira quadra são o primeiro e o terceiro da segunda, o segundo e o quarto desta são o primeiro e o terceiro da terceira etc. (Entre nós é muito conhecido o ‘Pantum’, de Olavo Bilac.) Victor Hugo indica as regras de composição do pantum numa das notas às *Orientales* (1829). A construção do poema, apoiada apenas em duas rimas, é um exercício de virtuosismo. Quanto ao tema, está vinculado à tradição romântica e as próprias rimas utilizadas evocam uma estrofe de *Le maison du berger,* publicada por Vigny em 1844:

La Nature t’attend dans un silence austère;
L’herbe élève à tes pieds son nuage des soirs*,*
Et le soupir d’adieu du soleil à la terre
Balance les beaux lys comme des encensoirs*;*
La forêt a voilé ses columns profondes,
La montagne se cache, et sur les pâles ondes,
La saule a suspendu ses chastes reposoirs*!*

(Os grifos são nossos.)

O FRASCO

Publicado com os demais poemas da primeira edição. Sua inspiradora é ainda Apollonie Sabatier.

O VENENO

Este poema, publicado na primeira edição de *As flores do mal,* abre um terceiro ciclo amoroso, o de Marie Daubrun, que inclui ainda: ‘Céu nublado’, ‘A bela nau’, ‘O convite à viagem’, ‘O irreparável’, ‘Conversa’, ‘Canto de outono’, ‘A uma madona’ e, provavelmente, ‘Soneto de outono’, ‘O amor à mentira’ e ‘O vinho dos amantes’. É possível ainda, como observa Yves-Gérard Le Dantec apoiado em Albert Feuillerat (*Baudelaire et sa mère,* 1847), que uma transposição comparável à que o poeta realizou para Jeanne Duval no primeiro ‘Gato’ se haja operado relativamente a Marie Daubrun no caso do segundo ‘Gato’.

CÉU NUBLADO

O poema foi publicado na primeira edição de *As flores do mal.*

O GATO

O poema foi publicado na primeira edição. Em sua longa introdução à edição de *As flores do mal* (Alphonse Lemerre, Paris, 1868), diz Théophile Gautier que Baudelaire “adorava os gatos, como ele amorosos dos perfumes e que o odor da valeriana mergulha numa espécie de epilepsia extática. Ele amava esses graciosos animais tranqüilos, misteriosos e doces, de frêmitos elétricos, cuja atitude predileta é a pose alongada das esfinges que parecem transmitir seus segredos; eles andam com passos de veludo inteiramente à vontade pela casa, como o gênio do lugar, *genius loci,* e vêm se sentar sobre a mesa perto do escritor, fazendo companhia ao seu pensamento e olhando-o do fundo de suas pupilas polvilhadas de ouro por uma inteligente ternura e uma penetração mágica.

1-3. *Dentro em meu cérebro vai e vem / Como se a sua casa fosse / Um belo gato, forte e doce.* O gato é tão familiar a Baudelaire que o poeta imagina o próprio cérebro habitado por um deles.

29. *É a alma familiar da morada.* Cf. ‘Os gatos’, LXVI, 1-3: “Os amantes febris e os sábios solitários / Amam de modo igual, na idade da razão, / Os doces e orgulhosos gatos da mansão.”

30-32. *Ele julga, inspira, demarca / Tudo o que seu império abarca; / Será um deus, será uma fada?* Certos povos, em particular os egípcios, divinizaram os gatos.

A BELA NAU

Publicado com os demais poemas na primeira edição, pertence ao ciclo amoroso de Marie Daubrun.

O CONVITE À VIAGEM

Este poema foi publicado a 1º de junho de 1855 na *Revue des deux mondes.* Segundo cremos, não há dúvida de que ele foi inspirado pela atriz Marie Daubrun, *née* Marie Brunaud, “a mulher dos olhos verdes” que Baudelaire conheceu em 1847 durante uma récita na Porte-Saint-Martin. O tema é recorrente, e o poeta o retoma em dois dos *Pequenos poemas em prosa:* ‘O convite à viagem’ (XVIII) e ‘O porto’ (XLI). Em suas ‘Notas e variantes’ à edição da Bibliothèque de la Pléiade, informa Yves-Gérard Le Dantec: “Esta admirável canção (que prolonga Goethe e Marceline) prefigura as de Verlaine. A Holanda e suas colônias são aqui descritas (v. o poema em prosa homônimo). — No que toca a Marceline Valmore, a filiação musical é evidente; esta estrofe de metros de cinco e sete sílabas, incluindo-se aí suas rimas quase idênticas, pode-se ler, sob o título de *Pleurs et fleurs* e com a assinatura da grande poetisa, no número de maio de 1850 do *Musée des familles:*

On m’appelle enfant
Et l’on me défend
De pleurer quand bon me semble;
On dit que les fleurs
Séchent bien des pleurs;
Moi, je mêle tout ensemble!

Este belo romance se intitulará mais tarde *La petite pleureuse.* — Quanto a Goethe, será necessário lembrar a ‘Mignon’, no *Wilhelm Meister?*”

13-14. *Lá, tudo é paz e rigor, / Luxo, beleza e langor.* Cf. Shakespeare, *The Phoenix and the turtle*, 53-55: “Beauty, truth, and rarity, / Grace in all simplicity. / Here enclos’d in cinders lie.” E ‘A vida anterior’, 9: “Ali foi que vivi entre volúpias calmas.”

29-31. *Vê sobre os canais / Dormir junto aos cais / Barcos de humor vagabundo.* Cf. *Lampejos*, XI: “Esses belos e grandes navios, imperceptivelmente balouçados sobre as águas tranqüilas, esses robustos navios, de ar ocioso e nostálgico, não nos estão a dizer numa língua muda: ‘Quando partimos para a felicidade?’” (Trad. de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.)

O IRREPARÁVEL

Este poema, sob o título de ‘À la belle aux cheveux d’or’, foi publicado a 1º de junho de 1855 na *Revue des deux mondes*. *La belle aux cheveux d’or* é o título de um drama dos irmãos Cogniard, extraído do conto homônimo de Mme. d’Aulnoy, em cuja encenação na Porte-Saint-Martin, em 1847, Marie Daubrun defendeu o papel principal. Na segunda parte do poema, Baudelaire alude ao argumento dessa medíocre *féerie*.

46-47. *Um Ser feito somente de ouro, gaze e luz / Vencer a Satã, que imenso era.* Cf. ‘Pinturas murais de Eugène Delacroix em Saint-Sulpice’, em *Curiosidades estéticas*: “O teto é ocupado por uma pintura de forma circular representando Lúcifer derrubado sob os pés do arcanjo Miguel. Este é um dos temas lendários que encontram eco em muitas religiões, ocupando mesmo um lugar na memória das crianças, embora seja difícil acompanhar seus traços nas santas Escrituras.”

CONVERSA

Publicado na primeira edição de *As flores do mal*.

Canto de outono

Este poema, que não consta da primeira edição, foi publicado a 30 de novembro de 1859 na *Revue contemporaine* com uma dedicatória para Marie Daubrun.

17. *Amo em teu longo olhar a luz esverdeada*. O verso confirma que se trata de Marie Daubrun, “a mulher dos olhos verdes”.

A uma madona

Este poema, que também não consta da primeira edição, foi publicado a 22 de janeiro de 1860 em *La causerie*. Há visível influência de *España*, de Gautier, mas, como sempre, o modelo é superado. O texto sugere ainda um episódio do *Ambrosio, or the monk* (1795), do escritor inglês Matthew Gregory Lewis (1775-1818). O poema foi recusado em 1858 pela *Revue contemporaine*, que o julgou escandaloso. A segunda estrofe do poema nos evoca uma insólita e caricata Virgem Maria, uma espécie de Mãe das Sete Dores, que assassina, espedaçando-se ela própria, a consciência na qual Baudelaire, “algoz cheio de horror”, faz profissão de fé no mal.

Canção da sesta

Publicado entre os demais poemas da primeira edição. A inspiradora é incerta: pode-se pensar em Jeanne Duval em virtude das alusões ao “deserto e o arvoredo”, às “tranças rudes”, à “morena” ou à “ninfa tenebrosa”, mas também em Marie Daubrun, pois o poema está seqüencialmente entre os que lhe foram dedicados, e também pelo emprego da palavra “feiticeira”, já presente em ‘O irreparável’.

Sisina

Este poema foi publicado a 10 de abril de 1859 na *Revue française* e não figura na primeira edição. Amiga de Mme. Sabatier, Sisina Niéri, ou Guerri, ou ainda Guierri, é uma estranha personagem de aventureira que se chamaria Elisa Guerri, a quem Baudelaire fez chegar a edição da *Revue française* na qual se publicou o soneto em questão. Mas de onde viria este nome de guerra, citado por alguns dos contemporâneos do poeta, entre os quais Gautier e Cladel? Em suas 'Notas e variantes' à edição da Bibliothèque de la Pléiade, Yves-Gérard Le Dantec acrescenta que, segundo Jacques Crépet, Nadar definia assim essa bela jovem: "É uma dama que bebe a água de Van Swiéten à saúde de Orsini." Esta frase, com uma palavra trocada ("É *a* dama..."), lê-se a lápis, grafada pelo próprio poeta, sob o último verso do soneto, que não está assinado.

Louvores à minha Francisca

O poema foi publicado com os demais na primeira edição de *As flores do mal*. Como observa Yves-Gérard Le Dantec (*op. cit.*), é possível que esta Francisca se chamasse Lucette, caso se dê crédito à cena descrita por Banville em *L'âme de Paris*, na qual se vê Baudelaire embevecido com os hinos latinos interpretados pela bela voz da pequena vizinha de Pierre Dupont. Mas a fonte deverá ser aqui de origem compósita, suscitando uma série de outras observações. Parece não haver dúvida de que o poeta se inspirou na forma litúrgica medieval denominada *prosa* ou *sequentia*, que, em certas missas, se cantava antes do Evangelho. Mais especificamente, inspirou-se na seqüência regular, que, como o próprio nome sugere, se caracteriza pela regularidade do número de sílabas de seus versos, dispostos em estrofes homogêneas. São exemplos de seqüências regulares a *Veni, Sancte Spiritus*, do domingo de Pentecostes; a *Lauda, Sion, salvatorem*, da festa de Corpus Christi; a *Stabat mater dolorosa*, da festa das dores de Nossa Senhora; ou a *Dies irae, dies illa*, das missas de réquiem, entre outras.

Quanto à língua, os versos de Baudelaire pertencem à baixa latinidade cristã, o que ele próprio confirma em nota ao poema (v. nota de pé de página ao 'Francisca meae laudes'): têm os mesmos giros, as mesmas imagens, o mesmo

sabor daquele “latin mystique” que Remy de Gourmont estudou em livro admirável. E mais: isolados de seu contexto, antes sugerem obsecrações dirigidas a Deus ou à Virgem Maria do que apóstrofes místico-eróticas a uma mulher de carne e osso. Proceda-se ao confronto:

10-14. *Quando a tormenta da orgia / Meus caminhos confundia, / Eis que vieste, Deusa, um dia, // Bendita estrela dos mares, / Nos naufrágios, nos altares.* Cf. Antigo hino dedicado a Nossa Senhora: “Ave, maris stella, /Dei mater alma / Atque semper virgo, / Felix coeli porta.”

Quanto ao número de sílabas de cada verso (sete ou oito, segundo se pronuncie o latim à latina ou à francesa), o poema se assemelha à seqüência da festa das dores de Nossa Senhora: “Stabat mater dolorosa / Juxta crucem lacrimosa / Dum pendebat Filius. / Cuiu animam gementem, / Constristatam et dolentem / Pertransivit gladius.” Observe-se que Baudelaire pronunciava o latim à francesa, acentuando todos os vocábulos na última sílaba, o que jamais ocorre no latim, que não dispõe de agudos. Daí se segue que ele rima muitas vozes que, pronunciadas à latina, não rimariam: “chor*dis*” com “lu*dis*”, “de *te*” com “magne*te*”, “corus*ca*” com “e*sca*” e com “Franci*sca*”, e assim por diante.

Quanto ao número de versos de cada estrofe, o poema imita a *Veni, Sancte Spiritus* ou a *Dies irae, dies illa,* ambos em tercetos:

Dies irae, dies illa,
Solvet saeclum in favilla,
Teste David cum Sibylla.
Quantus tremor est futurus,
Quando index est venturus,
Cuncta stricte discursurus!

Em certas passagens, o ‘Francisca meae laudes’ revela ainda, e afinal, um gritante paralelismo com a *Veni, Sancte Spiritus:*

19-21. *O que era impuro queimaste; / O que era áspero alisaste; / O que era frágil firmaste.* Cf. “Lava quod est sordidum, / Riga quod est aridum, / Sana quod est saucium.”

A uma dama crioula

Publicado a 25 de maio de 1845 em *L'artiste*, este poema foi inspirado pela jovem esposa do sr. Autard de Bragard (e não por Jeanne Duval, como ingenuamente muitos pensam), na casa de quem Baudelaire se hospedou por ocasião de sua visita às ilhas Maurício, em outubro de 1841.

Moesta et errabunda

Este poema foi publicado a 1º de junho de 1855 na *Revue des deux mondes*, juntamente com outros 17, sob o título coletivo de *As flores do mal*. Sua inspiradora, Ágata, jamais pode ser identificada. Os temas da inocência e do paraíso perdido são aqui magistralmente explorados.

A alma do outro mundo

Publicado na primeira edição de *As flores do mal*. Alguns autores o incluem no ciclo de Jeanne Duval.

Soneto de outono

Este poema foi publicado a 30 de novembro de 1859 na *Revue contemporaine* e não consta da primeira edição. Foi provavelmente inspirado por Marie Daubrun, que desempenhou o papel de Margue em *Le sanglier des Ardennes*, de E. Van den Burch, levado à cena no Gaîté em 1854.

Tristezas da lua

Publicado com os demais poemas na primeira edição de *As flores do mal*. O tema reciclado pelo autor em 'Os benefícios da lua' (*Pequenos poemas em*

prosa, XXXVII).

Os gatos

Este soneto foi publicado pela primeira vez a 4 de novembro de 1847 em *Le corsaire-satan* e, em abril de 1851, em *Le messager de l'assemblée,* sendo pois anterior ao primeiro e ao segundo 'O gato' (XXXIV e LI).

3. *Os doces e orgulhosos gatos da mansão.* Cf. 'O gato', LI, 29: "É a alma familiar da morada."
12. *Os rins em mágicas fagulhas se distendem.* Cf. 'O gato', XXXIV, 7-8: "E minha mão se embriaga nas delícias / De afagar-te o elétrico dorso."
13-14. *E partículas de ouro, como areia fina, / Suas graves papilas vagamente acendem.* Cf. 'O gato', LI, 38-39: "Vejo aturdido a luz que lhe arde / Nas pálidas pupilas ralas."

Os mochos

Este soneto foi publicado a 9 de abril de 1851 em *Le messager de l'assemblée* sob o título coletivo de *Les limbes.* A imagem dos mochos poderia lembrar um dos versos da 'Elegy written in a country church-yard', de Thomas Gray, a quem Baudelaire já intertextualizara em 'O azar' (v. nota a este poema). Quanto à moral desta 'fábula', não há dúvida de que o poeta nos remete a Montaigne e Pascal, segundo os quais o movimento é apenas uma diversão ilusória. Se quisermos retroceder ainda mais, há que admitir aqui um recuo ao pensamento de Parmênides ou, mais estritamente, aos paradoxos de Zenão de Eléia (séc. V a.C.) sobre a ilusão do movimento, como se pode ver no de Aquiles e a tartaruga.

O cachimbo

O poema foi publicado na primeira edição de *As flores do mal.*

A MÚSICA

Também publicado na primeira edição. Alguns comentaristas supõem que o primitivo título deste poema fosse ‘Beethoven’.

3. *Sob um teto de bruma ou dissolvido no ar.* Cf. ‘Elevação’, 2-4: “As montanhas, os bosques, as nuvens, os mares, / Para além do ígneo sol e do éter que há nos ares, / Para além dos confins dos tetos estrelados.”

7. *Escalo o dorso aos vagalhões entrelaçados.* Cf. ‘A viagem’, 7: “Seguíamos assim, sempre ao sabor das vagas.”

10. *De um navio aflito.* Cf. *Lampejos,* XXII (a propósito do navio): “A idéia poética, que se desprende dessa operação do movimento nas linhas, é a hipótese de um ser vasto, imenso, complicado, de um animal cheio de gênio, que sofre e suspira todos os suspiros e todas as ambições humanas.” (Trad. de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.)

SEPULTURA

Na primeira edição de *As flores do mal* (1857), este poema aparece sob o título de ‘Sepulcro’, alterado depois para ‘Sepultura de um poeta maldito’. A edição definitiva, a de 1868, registra apenas ‘Sepultura’. Resta saber se a primeira modificação seria mesmo do punho de Baudelaire. Em *Le tombeau de Charles Baudelaire* (1896), o príncipe Alexandre Ourosof opina que este soneto é dirigido a uma mulher com base no que se lê no quarto verso: *Teu corpo inflado de vaidade.* Jacques Crépet, após ter recusado essa tese, sustenta que o poeta alude aqui a uma pequena composição em versos de Voltaire a propósito dos funerais de Adrienne Le Couvreur:

1-4. *Se em lúgubre noite de assombro / Um bom cristão, por caridade, /*

Sepulta ao pé de um velho escombro / Teu corpo inflado de vaidade. Cf. Voltaire "(...) M. de Laubinière / Porta la nuit *par charité* / Ce *corps*, autrefois *vanté*, / Dans un vieux fiacre empaqueté / Vers le bord de notre rivière." (Os grifos são nossos.)

Uma gravura fantástica

Este poema foi publicado a 15 de novembro de 1857 em *Le présent.* Embora inspirado numa gravura de Mortimer (v. nota de pé de página ao poema), o texto nos evoca também algumas passagens do poema 'Mors', do quarto livro das *Contemplations* (1856), de Victor Hugo. E convém não esquecer que este cavaleiro "apocalíptico e esquelético" alude ainda (e talvez com maior evidência) às célebres gravuras com que Albrecht Dürer ilustrou o Apocalipse (*Apocalipse*, 1498) e a morte (*O cavaleiro, a morte e o diabo*, 1513).

O morto alegre

Este soneto foi publicado a 9 de abril de 1851 em *Le messager de l'assemblée.* Sua inspiração macabra lembra os textos de Pétrus Borel ou *La comédie de la mort*, de Théophile Gautier.

O tonel do ódio

Este poema foi publicado a 1º de junho de 1855 na *Revue des deux mondes.* Percebe-se que toda a operação da Queda se resume, para Baudelaire, numa queda na eternidade. O Sísifo de 'O azar' está substituído aqui pelas Danaides, mas o mesmo tempo se multiplica e se anula sem fim. A vingança se identifica à feiticeira Erichtho, que constrangia os mortos e depois os ressuscitava para lhes revelar o futuro.

O sino rachado

Este soneto foi publicado a 9 de abril de 1851 em *Le messager de l'assemblée*, juntamente com outros 11, sob o título coletivo de *Les limbes.* O tema parece ter sido tomado por empréstimo à *La comédie de la mort*, de Gautier, em cuja segunda parte se lê: "Et me suivant partout, mille cloches fêlées / Comme des voix de mort, me jetaient par volées / Les râlements du glas."

1-3. *É doce e amargo, quando a neve cai lá fora, / Ouvir, ao pé do fogo que crepita e esfuma, / Aflorar lentamente as lembranças de outrora.* Cf. Alfred de Vigny, 'La neige', *Poèmes antiques et modernes* (1826): "Qu'il est doux, qu'il est doux d'écouter des histoires, / Des histoires du temps passé, / Quand les branches d'arbres sont noires, / Quand la neige est épaisse et charge un sol glacé!"

SPLEEN

Publicado na primeira edição de *As flores do mal.* É o primeiro de uma série de quatro poemas sob o mesmo título de 'Spleen' (vocábulo de origem inglesa que a língua francesa incorporou no século XVIII para designar uma sensação de tédio sem causa). O *spleen* é a expressão suprema do famoso tédio baudelairiano, oposto à aspiração do poeta pelo absoluto e o infinito, cujo símbolo é o ideal. É sob essa tensão antitética que se desenvolve toda a primeira parte da coletânea, não sem razão intitulada 'Spleen e ideal'. A ambientação urbana deste soneto já preludia a atmosfera dos 'Quadros parisienses'.

SPLEEN

Também publicado na primeira edição.

22-24. *Uma esfinge que o mundo ignora, descuidoso, / Esquecida no mapa, e cujo áspero humor / Canta apenas aos raios do sol a se pôr.* Esta esfinge é a estátua colossal de Mêmnon, que, segundo o próprio poeta, "emitia sons harmoniosos aos raios do sol nascente".

Spleen

Também publicado na primeira edição. Figura entre os mais estimados poemas de Baudelaire.

15-16. *E nem nos tais banhos de sangue dos romanos, / De que se lembram na velhice os soberanos.* Trata-se de um hábito comum entre os imperadores romanos, que supunham, ao chegar à velhice, poder revigorar as forças perdidas graças aos banhos de sangue.

Spleen

Como o anterior, publicado também na primeira edição.

Obsessão

Este soneto foi publicado a 15 de maio de 1860 na *Revue contemporaine* e não consta da primeira edição de *As flores do mal.*

1-2. G*randes bosques, de vós, como das catedrais / Sinto pavor; uivais como órgãos* (...). Cf. Chateaubriand, *Le génie du christianisme*, III, 1, 8 (trecho em que o autor compara as catedrais às florestas).

8. *Também os ouço quando o mar gargalha ao largo*. Cf. Ésquilo, *Prometeu acorrentado*, 89-90: "O sorriso inumerável das ondas do mar."

O gosto do nada

Este poema foi publicado a 20 de janeiro de 1859 na *Revue française* e não consta da primeira edição.

Alquimia da dor

Este poema foi publicado a 15 de outubro de 1860 em *L'artiste* e também não consta da primeira edição. Observa Yves-Gérard Le Dantec, em suas 'Notas e variantes' à edição da Bibliothèque de la Pléiade, que, "numa relação dos 'novos poemas' da segunda edição, 'anexa a um exemplar das *Flores do mal* que pertenceu a Heredia e que me foi comunicada por Gérard d'Houville, o título *Similia, similia* parece designar ao mesmo tempo este soneto e o seguinte; os dois poemas se completam".

Horror simpático

Também publicado em *L'artiste* naquela mesma data, este poema não consta da primeira edição. (V. nota ao poema anterior.)

O heautontimoroumenos

Este poema foi publicado a 10 de maio de 1857 em *L'artiste*. Tanto o título quanto as misteriosas iniciais da dedicatória (a J. G. F.) suscitam algumas achegas. Não há dúvida de que o título foi tomado a uma comédia de Terêncio, *O carrasco de si mesmo,* mas o assunto pertence a *Les Soirées de Saint-Pétersbourg* (1821), de Joseph de Maistre. As iniciais da dedicatória, que só aparecem a partir da segunda edição (1861) e que figuram também no frontispício dos *Paraísos artificiais,* ficaram indecifradas por logo tempo. Jean Pommier, autor de *La mystique de Baudelaire* (1932) e de *Dans les chemins de Baudelaire* (1945), sugere que essas iniciais corresponderiam a "Jeanne, Gentile Femme", o que pareceu algo estranho a Yves-Gérard Le Dantec. Em suas 'Notas e variantes' à edição da Bibliothèque de la Pléiade, nos diz este comentarista: "Mas sempre pensei que não poderia se tratar da Vênus negra. Há fortes suspeitas de que essa dama fosse Juliette Gex-Fagon; de acordo com uma carta de um tal sr. Robert Jacquet, recebida por François Porché (ver seu *Baudelaire,*

histoire d'une âme, 1948), Baudelaire a teria reencontrado, na época em que residia no Hotel Pimodan — ela morava, aliás, no Quai d'Anjou — no Louvre, por ocasião de uma visita em companhia de Pradier. Entretanto, não foi possível descobrir o paradeiro desse sr. Jacquet, que se dizia neto de um pintor de quem Juliette era amiga.

A publicação, por Victor Méric (*Bulletin du bibliophile*, 1º de janeiro de 1925), de uma carta de Baudelaire a Victor de Mars, secretário da *Revue des deux mondes* (7 de abril de 1855), faz supor que estamos aqui diante da segunda parte de um 'Epílogo' que o poeta destinava a seu livro e cuja primeira exprimira uma idéia análoga à do 'Soneto de outono', o que confirma esta hipótese, ou seja, a de que existiu um autógrafo do poema dado como um fragmento e precedido da palavra 'senão' (artigo de G. Noël, 'Les poètes nouveaux, Charles Baudelaire', na *Revue contemporaine*, 15 de agosto de 1869).

Na edição crítica das *Flores do mal* (Jacques Crépet e Claude Pichois, 18 vols., Louis Conard, Paris, 1926), a propósito deste poema, há uma nota que nos remete a esta passagem do *Manfredo*, de Byron: "A alma imortal recompensa ou pune ela mesma seus pensamentos virtuosos ou culpáveis; ela é sempre e simultaneamente a origem e o fim do mal que nela reside." Percebe-se assim que o outro aspecto da consciência, o da *self-purification*, é o único análogo possível da salvação no seio da danação inelutável. Enquanto espírito, o homem se reconhece incorruptível, "immovably centred", dirá Baudelaire fazendo suas as palavras de Emerson.

3. *Como Moisés à rocha fez!* Cf. Êxodo, 17, 6 (v. nota ao poema 'Ciganos em viagem', 12).

23. *Eu sou a roda e a mão crispada*. No suplício da roda, muito comum na Idade Média, o supliciado, a quem se quebravam os membros, era estendido sobre uma roda horizontal e sua agonia se prolongava em sofrimentos pavorosos.

24. *Eu sou a vítima e o algoz*. Cf. *Lampejos*, III: "Creio já haver escrito em minhas notas que o amor se assemelha muito a uma tortura ou a uma operação cirúrgica. Mas esta idéia pode ser desenvolvida de maneira mais amarga. Mesmo que os dois amantes estejam muito apaixonados e muito cheios de desejos recíprocos, sempre um dos dois será mais calmo, ou menos possesso, do que o outro. Aquele ou

aquela é o operador ou o carrasco; o outro é o paciente, a vítima.” (Trad. de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.)

28. *E que não podem mais sorrir*! Cf. Edgar Poe, *The haunted palace*: “...And laugh — but smile no more.’’

O IRREMEDIÁVEL

Este poema foi publicado a 10 de maio de 1857 em *L’artiste*. O tema, como o da peça anterior, é o da má consciência. A divisão em duas partes só aparece na segunda edição de *As flores do mal* (1861).

1. *Uma Idéia, uma Forma, um Ser*. Trata-se de uma elipse neoplatônica da Queda, como sugere Pierre Emmanuel em seu *Baudelaire* (Desclée de Brouwer, 1967).

O RELÓG1O

Este poema foi publicado a 15 de outubro de 1860 em *L’artiste* e não consta da primeira edição. O tema do tempo, de crucial importância na obra de Baudelaire, se associa amiúde a todas as representações possíveis de uma ruína física e moral. É o que se vê em poemas como ‘Uma carniça’, ‘Remorso póstumo’, ‘O morto alegre’ ou ‘A viagem a Citera’. Ou o que nos evocam a alma gravemente lacerada de ‘O sino rachado’, os monstros marginais de ‘O jogo’ ou de ‘As velhinhas’, a descrição macabra de ‘Mártir’, cuja precisão é digna de um Rops que tivesse escolhido para ateliê o Instituto Médico-Legal.

24. *Te dirão: “Vais morrer, velho medroso, é tarde*!” Para fixar seu espírito neste pensamento, conta-se que Baudelaire teria arrancado os ponteiros de seu relógio e inscrito no mostrador: “E mais tarde não pensas...”

Quadros parisienses

PAISAGEM

Este poema foi publicado a 15 de abril de 1857 em *Le présent*. Com ele se inicia o ciclo urbano da poética baudelairiana, o que Roger Caillois chama “o mito da grande cidade”, dessa cidade que é uma criação perpétua: a Paris de Baudelaire, a Londres de Eliot, a Dublin de Joyce. A cidade com suas luzes, seus ruídos, seus edifícios, paradigma da imaginação que voluntariamente se priva de todo e qualquer espetáculo natural. Nesse sentido, o fascínio que hipnotizou os jovens por volta de 1920 diante dos anúncios luminosos e da então incipiente automação cibernética é profundamente baudelairiano. Como diz Sartre em seu *Baudelaire* (1949), a “grande cidade é o reflexo desse abismo: a liberdade humana”. Na verdade, Baudelaire é o grande profeta da cidade moderna, dessa “cité pleine de rêves” ou daquela “unreal City” de que nos fala Eliot, intertextualizando os versos iniciais de ‘Os sete velhos’ em *The waste land* (1922).

O SOL

Publicado na primeira edição de *As flores do mal* (1857).

5-8. *Exercerei a sós a minha estranha esgrima, / Buscando em cada canto os acasos da rima, / Tropeçando em palavras como nas calçadas, / Topando imagens desde há muito já sonhadas*. Segundo Walter Benjamin (‘Sur quelques thèmes baudelairiens’, em *Poésie et révolution*, 1971), essa arte da esgrima corresponde à vivência do

> choque, elemento fundamental para a compreensão da arte e da sociedade pós-romântica. Diz Benjamin: “Este elemento foi fixado por Baudelaire numa imagem crua. Ele nos fala de um duelo no qual o artista, antes de sucumbir, grita de espanto. Este duelo é o processo mesmo da criação.” E adiante: “A experiência do choque figura entre as que foram determinantes para a arte de Baudelaire. Segundo Gide, é nas intermitências da imagem e da idéia, da palavra e do objeto, que o estímulo da criação nele encontrava seu verdadeiro lugar. Rivière indicou esses impactos subterrâneos que sacodem os versos de Baudelaire. Parece às vezes que a palavra desmorona sobre si mesma.”

A UMA MENDIGA RUIVA

Publicado na primeira edição. Ignora-se o nome da inspiradora desta pequena ode, mas se conhece seu rosto encantador pelo esplêndido retrato que dela nos deixou Emile Deroy. Banville, que a celebrou também em ‘A une petite chanteuse des rues’ (*Les stalactites*, 1846), fala longamente dessa tela num capítulo de *Mes souvenirs* (1883). O quadro, oferecido por Deroy a Banville, passou depois à propriedade de Jacques Crépet.

O CISNE

Este poema foi publicado a 22 de janeiro de 1860 em *La causerie* e não consta da primeira edição de *As flores do mal*. Quando de sua primeira publicação, o poema trazia uma epígrafe de Virgílio (*Eneida*, III, 302: “Falsi Simoentis ad undam”), a quem Baudelaire intertextualiza na primeira e décima estrofes. Este poema é o resultado de uma óbvia associação de idéias: o cisne encontrado por acaso é a imagem de todos os exilados e, em particular, a da mais dolorosa vítima do exílio, Andrômaca, feita prisioneira às margens de um “mendaz Simeonte”. Recorde-se, a propósito, que Victor Hugo, a quem Baudelaire dedica o poema, encontrava-se então exilado em Guernesey. Como já se viu, a imagem do pássaro exilado no chão é recorrente na poética baudelairiana (v. notas sobre

‘O albatroz’).

6-12. Toda esta passagem alude ao trecho compreendido entre o Louvre e o Palácio das Tulherias, outrora coberto de velhos casebres e pardieiros. Era aí que ficava a Rue du Doyanné, onde Nerval, Gautier e alguns outros amigos de Baudelaire haviam formado um cenáculo entre 1835 e 1836, e onde Balzac situa a ação de *La cuisine Bette*. Aí se espalhavam também as barracas de vendedores ambulantes e mercadores de pássaros. Todo este miserável quarteirão foi demolido durante o Segundo Império para formar a atual esplanada, cujos trabalhos se concluíram em 1852.

17-19. *Um cisne que escapara enfim ao cativeiro / E, nas ásperas lajes os seus pés ferindo, / As alvas plumas arrastava ao sol grosseiro*. Cf. ‘O albatroz’, 6-8: “O monarca do azul, canhestro e envergonhado, / Deixa pender, qual par de remos junto aos pés, / As asas em que fulge um branco imaculado.”

25. *Tal qual o homem de Ovídio, às vezes num impulso*. Cf. Ovídio, *Metamorfoses*, 1, 17: “Os homini sublime dedit coelumque videre jussit.”

34-35. *Penso em meu grande cisne, quando em fúria o vi, / Qual exilado, tão ridículo e sublime*. Cf. ‘O albatroz’, 15-16: “Exilado no chão, em meio à turba obscura, / As asas de gigante impedem-no de andar.”

37-40. *Andrômaca, às carícias do esposo arrancada, / De Pirro a escrava, gado vil, trapo terreno, / Ao pé de ermo sepulcro em êxtase curvada, / Triste viúva de Heitor e, após, mulher de Heleno!* Cf. Virgílio, *Eneida*, III, 317-329: “Heu, quis te casus dejectam conjuge tanto / Excipit? aut quae digna satis fortuna revisit / Hectoris Andromachen, Pyrrhin, connubia servas? / (...) Me famulam famuloque Heleno transmisit habendam.”

41-44. *E penso nessa negra, enferma e emagrecida, / Pés sob a lama, procurando, o olhar febril, / Os velhos coqueirais de uma África esquecida / Por detrás das muralhas do nevoeiro hostil*. Caberia pensar numa alusão às origens de Jeanne Duval? Cf. ‘A uma malabarense’, 27-28: “O olhar absorto, perscrutando em meio aos

miasmas, / Dos coqueirais ao longe os pálidos fantasmas!’’

46-47. (...) *nos que mamam da Dor / E das lágrimas bebem qual loba voraz*. Alusão elíptica à lenda de Remo e Rômulo, fundadores de Roma e que foram aleitados por uma loba.

OS SETE VELHOS

Este poema foi publicado pela primeira vez a 15 de setembro de 1859 na *Revue contemporaine*, juntamente com ‘As velhinhas’, sob o título comum de ‘Fantasmas parisienses’, I. Republicado a 15 de janeiro de 1861 em *L’artiste*, não consta da primeira edição de *As flores do mal* (1857). Como informa Yves-Gérard Le Dantec (*op. cit.*), há dois manuscritos do poema, o segundo dos quais não comporta senão a última estrofe, em dois estádios, estando a primeira riscada. O primeiro deles está acompanhado de um fragmento de bilhete a Jean Morel, que dirigia então a *Revue française*, tendo sido originariamente publicado por Victor Méric no *Bulletin du bibliophile* (1º de janeiro de 1925), depois, em plaquete, por iniciativa da Societé Nimoise des Amis des Livres (1928). O outro foi reproduzido em fac-símile num álbum autográfico intitulado *L’art a Paris en 1867*; vê-se um desenho representando um navio oculto pela tempestade, sob o qual o poeta escreveu: “Guarde as diferentes versões. Eu farei a melhor chegar às suas mãos.” Não se sabe, porém, se o destinatário seria Morel ou Poulet-Malassis.

Baudelaire detém-se aqui, mais do que nos poemas anteriores desses ‘Quadros parisienses’, na contemplação e na análise da multidão da grande cidade, dessa escória anônima e decrépita, desse formigueiro que “franqueia mil entradas”, onde se ouvem “aqui e ali as cozinhas a chiar”, os “teatros a ganir, as orquestras a ecoar” e onde o meretrício se move como “um verme que ao Homem furta o que o sustenta”. Sublinha Benjamin (*op. cit.*) que “se trata simplesmente da multidão amorfa de transeuntes, do público da rua. Esta multidão, cuja presença Baudelaire jamais esquece, não lhe serviu de modelo a nenhuma das obras. Mas imprimiu a sua marca secreta sobre toda a criação do autor, e é ela que se percebe também em filigranas no fragmento acima citado. Ela aclara igualmente a imagem do esgrimista; os golpes que ele assesta estão destinados a abrir-lhe o caminho em meio à multidão. Sem dúvida é através dos

subúrbios desertos que avança o poeta de ‘O sol’. Mas a secreta constelação (na qual a beleza da forma se depura até seu fundo translúcido) deve assim ser entendida: lutando contra a multidão espiritual das palavras, dos fragmentos, dos indícios de versos, o poeta, através das ruas vazias, conquista com a ponta da espada o seu espólio poético”.

1-2. *Cidade a fervilhar, cheia de sonhos, onde / O espectro, em pleno dia, agarra-se ao passante!* Cf. T. S. Eliot, *The waste land*, I, “The burial of the dead’, 60-63: “Unreal City, / Under the brown fog of the winter dawn, / A crowd flowed over London Bridge(...).”

41-42. *Teria eu visto o oitavo à luz do último instante*. Cf. Shakespeare, *Macbeth*, ato IV, cena 1 (na qual o rei homicida vê surgirem, por intervenção das bruxas, os espectros de outros oito reis em companhia do fantasma de Banquo): “Another yet! A seventh! I’ll see no more: / And yet the eighth appears(...)”

AS VELHINHAS

Como o anterior, este poema, sob o título comum de ‘Fantasmas parisienses’, II, foi publicado a 15 de setembro de 1859 na *Revue contemporaine* e não consta da primeira edição de *As flores do mal* (1857). Também como os dois que lhe antecedem, está dedicado a Victor Hugo. A propósito dessa dedicatória, Baudelaire, em carta que enviou a Poulet-Malassis a 1º de outubro de 1859, escreveu: “Dedico-lhe os dois ‘Fantasmas parisienses’, e a verdade é que, no segundo deles (‘As velhinhas’), tento imitar-lhe o estilo.” Hugo respondeu com uma carta em que se encontram essas palavras depois célebres: “Você deu ao céu de arte não se sabe que clarão macabro. Você criou um frêmito novo.” O tema deste poema é também explorado em ‘As viúvas’ (*Pequenos poemas em prosa*, XIII).

48. *Todas teriam feito um rio com seu pranto!* Cf. T. Gautier, *La comédie de la mort*: “Que fleuve d’Amérique est plus grand que tes pleurs?”

53-56. *Para ouvir uma banda, rica de metais, / Que os jardins muita vez inunda com seus hinos / E que, na noite de ouro que sonhar nos faz, /*

Algo de heróico põe na alma dos citadinos. Cf. Pétrus Borel, prólogo de *Madame Putiphar* (1838): “Mes plaintes ont l’effet des trompes, des timbales. / Qui soûlent de leurs sons le plus morne soldat / Et le jettent joyeux, sous la grêle de balles,/ Lui versant dans le coeur la rage du combat.”

81. *Ruínas! meus ancestrais! ó mentes familiares.* Cf. ‘Obsessão’, 13-14: “Onde, jorrando de meus olhos aos milhares, / Vejo a me olharem mortas faces familiares.”

OS CEGOS

Este soneto foi publicado a 15 de outubro de 1860 em *L’ artiste* e não consta da primeira edição de *As flores do mal*. Alguns comentaristas suspeitam que a fonte de inspiração deste poema seja o célebre quadro de Pieter Brueghel, *A parábola dos cegos*. Mas não é que Baudelaire o tenha visto, pois a tela está no Museu de Nápoles, sendo ainda pouco provável que dispusesse de uma reprodução.

5-8. *Suas pupilas, onde ardeu a luz divina, /Como se olhassem à distância, estão fincadas / No céu; e não se vê jamais sobre as calçadas / Se um deles a sonhar sua cabeça inclina.* Cf. Champfleury, ‘La fenêtre d’angle du coin’, *Contes posthumes d’Hoffmann* (1856): “Rien n’émeut autant que de voir aussi un aveugle, qui, la tête en l’air, parait regarder dans le lontain. (...) Son oeil intérieur tâche d’apercevoir déjà l’eternelle lumière qui lui pour lui dans l’autre monde.”

A UMA PASSANTE

Este soneto foi publicado a 15 de outubro de 1860 em *L’artiste* e também não consta da primeira edição. O poema caracteriza muito bem aquele interesse de Baudelaire pela multidão anônima. Essa passante é todo mundo e ninguém, mas o *flâneur* lhe resgata a eternidade para a glória da poesia. “Dar uma alma a essa multidão, eis o verdadeiro papel do *flâneur*”, escreve Walter Benjamin (*op. cit*.).

1-8. Estes dois quartetos inspiraram sem dúvida Marcel Proust (e este o reconhece) na composição da imagem de uma parisiense de luto que lhe aparece sob os traços de Albertina, em *A prisioneira*: “Quando Albertina voltou ao meu quarto, ela trajava um vestido de seda negra que contribuía para torná-la mais pálida, dela fazendo a parisiense macilenta, ardente, estiolada pela falta de ar, pela atmosfera das multidões e talvez pelo hábito do vício, e cujos olhos pareciam mais inquietos porque não os alegrava o rubor das faces.”

O ESQUELETO LAVRADOR

Este poema, que também não consta da primeira edição de *As flores do mal*, foi publicado a 22 de janeiro de 1860 em *La causerie*. A divisão em duas partes só aparece a partir da segunda edição (1861).

O CREPÚSCULO VESPERTINO

Este poema foi publicado a 1º de fevereiro de 1852 em *La semaine théâtrale* e republicado em 1855 em *L’hommage à C.-F. Denecourt, Fontainebleau*, obra para a qual se pediu a Baudelaire que escrevesse ‘versos campestres’. O autor anexou ao poema enviado uma carta em que expressa nitidamente sua aversão à natureza. O tema voltará a ser tratado no poema em prosa homônimo (*Pequenos poemas em prosa*, XXII).

1-2. *Eis a noite sutil, amiga do assassino; / Ela vem como um cúmplice, a passo lupino*. Cf. Joseph de Maistre, *Les soirées de Saint-Pétersbourg*: “La nuit est une complice naturelle constamment à l’ordre de tous les vices.”

21. *Ouvem-se aqui e ali as cozinhas a chiar*. Cf. T. S. Eliot, *Prufrock and other observations* (1917), ‘Preludes’, I, 1-2: “The winter evening settle down / With smell of steaks in passageways.”

25-26. *E os ladrões, que perdão ou trégua alguma têm, / Começam cedo a*

trabalhar, eles também. Tema tradicional das descrições da Paris noturna. Cf. Boileau, *Satire VI*, 'Les embarras de Paris'.

29. *Recolhe-te, minha alma, neste grave instante*. Cf. 'Recolhimento', 1: "Sê sábia, minha Dor, e queda-te mais quieta."

37-38. *E entre eles muitos há que nunca conheceram / A doçura do lar e que jamais viveram*. Cf. Victor Hugo, 'Ceux qui vivent', *Châtiments* (1853): "Car les plus lourd fardeau c'est d'exister sans vivre."

O JOGO

Poema publicado na primeira edição. Sobre a significação do tema do jogo diz Benjamin (*op. cit.*): "O tema que ele apresenta na peça noturna *O jogo* deveria prestar-se, em seu pensamento, à definição do mundo moderno. A descrição do jogo não passa de um aspecto do tema geral. Na figura do jogador, Baudelaire via a forma tipicamente moderna daquele que foi outrora o esgrimista, um personagem heróico entre os outros."

DANÇA MACABRA

Este poema foi publicado pela primeira vez, sob o título de 'O esqueleto', a 15 de março de 1859 na *Revue contemporaine* e republicado a 1º de fevereiro de 1861, sob o título de 'Dança fúnebre', em *L'artiste*, ainda sem a dedicatória ao escultor Ernest Christophe, que só aparece a partir da segunda edição (1861). A dedicatória foi suprimida pelo diretor desta última publicação, do que se queixou o poeta nos seguintes termos: "Você me causou um imenso aborrecimento ao suprimir mais uma vez a dedicatória. O mesmo motivo que me trouxe a sua carta me remete a uma outra, do sr. Christophe, que me anuncia não apenas seu *Esqueleto*, mas também uma outra estatueta, muito mais acabada. Na verdade, é pouco o que lhe pago ao grafar seu nome no início deste pequeno poema. Não se preocupe, o sr. Christophe é um homem da maior distinção e seu nome decerto não comprometerá sua revista." (Yves-Gérard Le Dantec, *op. cit.*) Recorde-se que ao mesmo Ernest Christophe está dedicado o poema 'A máscara' (v. notas a este).

O amor à mentira

Publicado na primeira edição, este poema pertenceria, segundo alguns exegetas, ao ciclo amoroso de Marie Daubrun, o que parece estar confirmado pelo último verso, no qual Baudelaire confere à palavra *décor* um significado ambígüo, que tanto pode ser o de ‘camarim’ quanto o de algum ‘pormenor da maquilagem’, um ornato qualquer.

Nunca mais esqueci, da cidade vizinha...

Supõe-se que este poema, publicado entre os demais da primeira edição, seja anterior a 1844. Em carta de 11 de janeiro de 1858, Baudelaire escreve à sua mãe: “Então você não percebeu que há nas *Flores do mal* dois poemas que lhe dizem respeito, ou pelo menos duas pequenas alusões a detalhes íntimos de nossa antiga vida, daquela época de viuvez que me deixou singulares e tão tristes lembranças: uma, *Nunca mais esqueci, da cidade vizinha* (Neuilly); e outra, *À ama bondosa de quem tinhas tanto ciúme* (Mariette)?” A casa em questão fica na rua du Débarcadère. Baudelaire, ainda menino, aí morou com sua mãe até 1828, durante a breve viuvez desta.

À ama bondosa de quem tinhas tanto ciúme...

Com toda certeza, o poema é também anterior a 1844 e já consta da primeira edição. Como já se disse em nota de pé de página, a inspiradora é Mariette, criada de Mme. Aupick. Em *Meu coração desnudado* (XCV) escreve o poeta: “Rezar todas as manhãs minha oração a Deus, *reservatório de toda a força e de toda a justiça, a meu pai, a Mariette e a Poe* (...).” (Trad. de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.)

17-18. *Se, numa noite azul e fria de dezembro, / Eu a pilhasse no meu quarto* (*bem me lembro*). Cf. T. Gautier, *La comédie de la mort*: “...

Et ne pouvoir venir quelque nuit de décembre / Pendant qu'elle est au bal, se tapit dans sa chambre."

Brumas e chuvas

Este soneto foi publicado entre os demais poemas da primeira edição.

6. *E à noite a rouca voz do cata-vento chama*. Cf. 'As metamorfoses do vampiro', 26: "Cujo grito lembrava a voz dos cata-ventos."

Sonho parisiense

Este poema foi publicado a 15 de maio de 1860 na *Revue contemporaine* e não consta da primeira edição de *As flores do mal* (1857). A dedicatória a Constantin Guys só aparece a partir da segunda edição (1861). O poema caracteriza como nenhum outro o conhecido horror de Baudelaire à natureza, traço amiúde sublinhado por críticos e biógrafos. A raiz dessa aversão pode ser encontrada no que o próprio poeta escreve em *A arte romântica* ('A pintura da vida moderna', XI, 'Elogio à maquilagem'): "A maioria dos erros relativos ao belo nasce de uma falsa concepção do século XVIII com respeito à moral. A natureza foi tomada naquele tempo como base, fonte e tipo de todo o bem e de toda a beleza possível. A negação do pecado original teve não pouca importância na cegueira geral dessa época. Não obstante, se admitirmos nos ater simplesmente ao fato palpável, à experiência de todas as idades e à *Gazeta dos tribunais*, veremos que a natureza não ensina nada ou quase nada, isto é, que *obriga* o homem a dormir, a beber, a comer e a precaver-se, do jeito que lhe for possível, das hostilidades da atmosfera. É ela também que leva o homem a matar seu semelhante, a comê-lo, a raptá-lo, a torturá-lo... O crime, cujo gosto o animal humano prova no ventre materno, é originariamente natural." Sobre o assunto escreve ainda Théophile Gautier (*op. cit.*): "Convém lembrar como traço característico do poeta o sentimento do *artificial*. Por essa palavra é preciso entender uma criação inteiramente devida à Arte e da qual a Natureza está de todo ausente. Num artigo escrito pelo próprio Baudelaire assinalamos essa tendência bizarra, da qual o

poema que leva o título de ‘Sonho parisiense’ é um gritante exemplo.”

7-8. *Banira eu já desses cenários / O vegetal irregular*. Na carta que acompanha ‘O crepúsculo vespertino’ (v. notas a este poema) escreve Baudelaire: “Você sabe muito bem que sou incapaz de me ligar aos vegetais (...) Eu jamais acreditaria que a alma dos deuses pudesse habitar as plantas.” Cf. ‘Anywhere out of the world’ (*Pequenos poemas em prosa*, XLVIII): “É uma cidade à beira da água; dizem ser construída de mármore, e que seu povo odeia tanto o vegetal que arranca todas as árvores.”

O CREPÚSCULO MATINAL

Este poema figura entre os demais da primeira edição de *As flores do mal*.

O vinho

Esta seção da coletânea foi deslocada por Baudelaire na segunda edição (1861) e inserida no final do livro, na frente do ciclo ‘A morte’. É difícil saber que razões o levaram a essa modificação. Todavia, pode-se assinalar que os cinco poemas dedicados ao vinho (‘A alma do vinho’, ‘O vinho dos trapeiros’, ‘O vinho do assassino’, ‘O vinho do solitário’ e ‘O vinho dos amantes’) foram escritos numa época muito anterior, quando o poeta não definira ainda a temática fundamental de *As flores do mal*. O tom adotado por Baudelaire para celebrar sua antiga inspiração báquica não se harmonizava então com o restante da coletânea; e é um pouco por artifício que ele inclui, não sem hesitar, o ciclo do vinho no arcabouço geral de seu livro.

A alma do vinho

Este poema, sob o título de ‘O vinho das pessoas honestas’, foi publicado em junho de 1850 no *Magasin des familles*, mas sua composição é anterior a 1844, pois Banville cita alguns versos numa epígrafe à sua ‘Chanson du vin’, datada de setembro de 1844 e publicada em *Les stalactites*. O poema foi republicado a 27 de setembro de 1851 em *La république du peuple, almanach démocratique*. Há também no ensaio ‘Do vinho e do haxixe’ (*Os paraísos artificiais*) um desdobramento em prosa que revela a mesma inspiração, mas não se sabe qual dos dois textos é anterior ao outro.

O vinho dos trapeiros

O poema foi publicado a 15 de novembro de 1854 na *Jean Raisin, revue joyeuse*

et vinicole. A primeira versão conhecida desta peça, cujo manuscrito pertence a Armand Godoy, difere bastante das que figuram no ‘Doze poemas’, e nas edições originais de *As flores do mal*. Na primeira edição, o poema leva o número LCIV, ao invés de XCIV. Bastante anterior aos ‘Quadros parisienses’, ele já lhe antecipa a atmosfera urbana e o interesse do poeta pela multidão. A segunda estrofe, embora o contexto seja muitíssimo outro, recorda estranhamente a sétima de ‘Bênção’, daí se concluindo, pelo menos em parte, que também este poema seja bastante anterior à definição estrutural e temática de *As flores do mal*.

O VINHO DO ASSASSINO

O poema foi publicado em novembro de 1848 em *L’écho des marchands de vin*. Em seus *Projets de théâtre*, Baudelaire nos fala do esboço de um drama intitulado ‘O bêbedo’, cuja atmosfera se aproxima da que encontramos neste poema (carta ao ator J.-H. Tisserant).

O VINHO DO SOLITÁRIO

Publicado na primeira edição.

O VINHO DOS AMANTES

Como o anterior, só aparece na primeira edição de *As flores do mal*.

Flores do mal

A destruição

Este soneto foi publicado a 1º de junho de 1855 na *Revue des deux mondes*.

Mártir

Publicado na primeira edição de *As flores do mal*, este poema teria sido inspirado, se dermos crédito ao que escreve Banville no conto *Note romantique*, pela famosa cantora Rosine Stolz, "amiga com ancas", como a chamou o próprio Baudelaire em seu ensaio *Antologia de máximas consoladoras sobre o amor*, onde se lê: "... sua anca um tanto pontuda..." O verso 39 do poema repete a observação: *A anca um tanto pontuda e o dorso petulante*. 'Mártir' revela flagrantes pontos de contacto com 'Uma carniça' e 'Dança macabra'.

Mulheres malditas

Também publicado na primeira edição. Juntamente com o poema de mesmo título ('Marginália', III) e 'Lesbos', ambos condenados pelo Tribunal Correcional de Paris em 1857, ele justifica o primeiro título que Baudelaire cogitara (em 1846) para a coletânea: *As lésbicas*.

As duas boas irmãs

Também publicado na primeira edição.

A FONTE DE SANGUE

Mesmo caso do anterior.

ALEGORIA

Mesmo caso do anterior.

A BEATRIZ

Também publicado na primeira edição. Segundo alguns autores, este poema integra o ciclo amoroso de Jeanne Duval (v. notas a ‘Perfume exótico’).

UMA VIAGEM A CITERA

Este poema foi publicado a 1º de junho de 1855 na *Revue des deux mondes* e está inspirado numa passagem da ‘Voyage à l’Orient’, de Gérard de Nerval, publicada em 1844 em *L’artiste:* “Mas ao nos aproximarmos [de Citera], percebemos claramente o primeiro objeto que nesta costa despertava a atenção dos navegantes. Era uma forca, uma forca de três braços dos quais apenas um estava guarnecido. A primeira forca real que eu jamais vira...” É possível ainda que o poema aluda a uma das telas de Watteau, *O embarque para Citera*.

29-30. *Ferozes pássaros que o odor da morte atiça / Destroçavam com raiva um pútrido enforcado*. Há aqui uma dupla alusão: a *La ballade des pendus*, ou seja, *L’épitaphe* de François Villon, 21-24: “La pluie nous a débués et lavés, / Et le soleil dessechés et noircis; / Pies, corbeaux, nous ont les yeux cavés, / Et arraché la barbe et les sourcils.” E a *The narrative of Arthur Gordon Pym* (1838), de Poe, que aí descreve,

numa passagem macabra, um cadáver sendo devorado por uma gaivota.

51. *Dos abutres em fúria e tigres assassinos*. Cf. ‘Ao leitor’, 29-30: “Em meio às hienas, às serpentes, aos chacais, / Aos símios, aos abutres e às bestiais panteras.”

57-58. *Vênus, em tua ilha eu vi um só despojo /Simbólico: uma forca, e nela a minha imagem*. Em *L’esthétique des ‘Fleurs du mal’* (1952), J.-D. Hubert observa que esta forca de três braços nada mais é que o símbolo da Cruz. Pierre Emmanuel (*op. cit.*) vai mais longe ao lembrar que, como ensina São Paulo, o Cristo “se fez *pecado* para nós” e que “o habitante de Citera que pende da forca é o próprio pecado”. Para Baudelaire, assim como para Pascal, Jesus “permanecerá em agonia até o fim dos tempos”. Diante dessa visão ‘jansenista’ do martírio de Jesus, pergunta Emmanuel: “O verdadeiro ‘Cristo’ baudelairiano será esse despojo vivo, esse *bode expiatório* exposto à execração e à expiação sempiternas, suspenso na ‘forca simbólica’ da redenção pela Cruz?”

59-60. *— Ah, Senhor, dai-me a força e insuflai-me a coragem /De olhar meu coração e meu corpo sem nojo*! Cf. ‘O mau monge’, 12-14: “Ó monge ocioso! quando enfim hei de fazer / Do espetáculo vivo de meu triste ser / A obra de minhas mãos e o amor dos olhos meus?”

O AMOR E O CRÂNIO

Este poema foi publicado a 1º de junho de 1855 na *Revue des deux mondes*. O subtítulo ‘Velha vinheta’ alude à (ou às?) gravura(s) de Henri Goltzius que atualmente se encontra(m) no Cabinet des Estampes, em Paris.

Revolta

Esta seção, na edição de 1857, vinha precedida da seguinte nota do editor francês, depois suprimida: “Entre os trechos que se seguem, o mais característico já apareceu num dos principais periódicos parisienses (a *Revue de Paris*, que publicou ‘A negação de São Pedro’), onde não o julgaram, ao menos no que toca às pessoas de espírito, senão por aquilo que na verdade ele é: o pasticho das reflexões da ignorância e da ira. Fiel ao seu doloroso programa, o autor das *Flores do mal* impôs-se, como perfeito comediante, conformar seu espírito a todos os sofismas e a todas as corrupções. Esta cândida declaração não evitará, todavia, que as críticas honestas o incluam entre os teólogos da ralé e o acusem de haver deplorado, com relação a nosso Salvador Jesus Cristo, a Vítima eterna e voluntária, o papel de um conquistador, de um átila igualitário e devastador. Mais de um, sem dúvida, dirigirá ao céu as ações de graças habituais do Fariseu: ‘Graças, meu Deus, por não haverdes permitido que eu me assemelhasse a este poeta infame!’”

A negação de São Pedro

Este poema foi publicado em outubro de 1852 na *Revue de Paris*. O tema é ainda de inspiração acentuadamente romântica: a revolta byroniana contra um Deus insensível às misérias da criatura humana. Neste caso específico caberia lembrar ainda Lamartine (‘Ode au malheur’, também conhecida como ‘Le désespoir’, em *Méditations poétiques*, 1820) e Vigny (‘Moïse’, em *Poemes antiques et modernes*, 1826; e ‘Le mont des oliviers’, em Les destinées, 1844).

9-28. Estas cinco estrofes evocam diferentes episódios dos relatos evangélicos: a agonia no Horto das Oliveiras (9-12), a subida ao

Gólgota (13-14), a coroa de espinhos (15-16), a entrada triunfal em Jerusalém, no Domingo de Ramos (21-24), e a execração dos vendilhões do templo (25-28).

31. *Possa eu usar a espada e a espada ser-me o algoz!* Cf. Mateus, 26, 52: “Então Jesus lhe disse: embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada, à espada perecerão.” Também em Marcos, 14, 47; Lucas, 22, 36; e João, 18, 10-11.
32. *São Pedro renegou Jesus* (...). Cf., nos quatro evangelistas, a famosa passagem em que Pedro nega Jesus por três vezes, repetindo: “Não conheço tal homem.” Mateus, 26, 75: “Então Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que o galo cante, tu me negarás três vezes.” Também em Marcos, Lucas e João.

Abel e Caim

Publicado na primeira edição de *As flores do mal*.

As litanias de Satã

Também publicado na primeira edição, que não registra ainda o entretítulo ‘Oração’, e sim um duplo espaço entre a seqüência dos dísticos e o bloco dos últimos seis versos. Esse entretítulo só foi acrescentado na segunda edição de *As flores do mal* (1861).

A morte

A morte dos amantes

Este soneto, um dos raros em que Baudelaire se utiliza do metro decassilábico, figura entre os demais poemas da primeira edição.

A morte dos pobres

Também publicado na primeira edição. As duas primeiras estrofes evocam a seguinte passagem de *La comédie de la mort*, de T. Gautier: “C’est la seule qui donne aux grands inconsolables / Leur consolation. / Elle prête des lits a ceux qui, sur le monde, / Comme le juif errant font jour et nuit leur ronde / Et n’ont jamais dormi. / A tous les parias elle ouvre son auberge...”.

A morte dos artistas

Também publicado na primeira edição de *As flores do mal*.

O fim da jornada

Este soneto foi publicado a 19 de janeiro de 1867 na *Revue du XIX*e *siècle* e não consta nem da primeira nem da segunda edição de *As flores do mal*, figurando somente na edição definitiva (1868). Nesse mesmo ano de 1867, Baudelaire expira nos braços de sua mãe.

O SONHO DE UM CURIOSO

Este soneto foi publicado a 15 de maio de 1860 na *Revue contemporaine* e não consta da primeira edição.

A VIAGEM

Este poema, escrito em Honfleur — onde Baudelaire repousava na casa de sua mãe — , foi publicado a 10 de abril de 1859 na *Revue française* e também não consta da primeira edição. Muito amigo de Baudelaire e de Flaubert, Maxime Du Camp, a quem o poema está dedicado, realizou inúmeras viagens e gostava de proclamar os progressos tecnológicos de sua época. É possível assim que haja uma ponta de malícia nesta dedicatória, pois o poema nos fala da inutilidade de qualquer tentativa para escapar de si mesmo e nega todo valor aos progressos da tecnologia. A 20 de fevereiro de 1859, Baudelaire escreveu a Asselineau a propósito desta composição: "Concluí um poema dedicado a Du Camp que fará tremer a natureza e, sobretudo, os amantes do progresso."

11. *Astrólogos fitando o olhar de uma mulher*. Cf. Edgar Poe, 'Ligéia', *Histórias extraordinárias*: "Aqueles olhos, aquelas largas, brilhantes, divinas pupilas, tornaram-se para mim as estrelas gêmeas de Leda e eu para elas o mais fervoroso dos astrólogos."

29-30. *Fortuna singular cujo alvo não se alcança / E que, além não estando, onde está não importa*. Cf. 'Anywhere out of the world' (*Pequenos poemas em prosa*, XLVIII): "— Seja onde for! contanto que seja fora deste mundo!''

61. *A glória ébria do sol por sobre um mar violeta*. A expressão "mar violeta" ocorre muitas vezes nos textos homéricos.

112. *Um oásis de horror num deserto de tédio!* Cf. Edgar Poe, 'William Wilson', *Histórias extraordinárias*: "Algum pequeno oásis de fatalidade num Saara de tédio.''

115. *Para enganar o Tempo, o inimigo tenaz*. Cf. 'O inimigo', 12-14: "Ó

dor! O Tempo faz da vida uma carniça, / E o sombrio Inimigo que nos rói as rosas / No sangue que perdemos se enraíza e viça!"; e 'O relógio', 17-18: "*Recorda*: o Tempo é sempre um jogador atento / Que ganha, sem furtar, cada jogada! É a lei."

128-129. (...) *vós que quereis comer // O Lótus perfumado!* (...). No canto IX da Odisséia, os companheiros de Ulisses comem o lótus e se recusam a abandonar o país onde cresce essa flor. É possível ainda que haja aqui uma velada alusão às linhas finais das *Confessions of an English opium-eater* (1821), de Thomas De Quincey, e a uma passagem dos 'Lotus-eaters', *Poems* (1832), de Alfred Tennyson.

131-132. *Não viestes pois vos embriagar ao doce clima / Dessa tarde que flui infinda e sonolenta?* Cf. 'Embriagai-vos!'. (*Pequenos poemas em prosa*, XXXIII): "— É a hora da embriaguez! Para não serdes os martirizados escravos do Tempo, embriagai-vos; embriagai-vos sem tréguas!"

144. *Para encontrar no Ignoto o que ele tem de* novo! Cf. 'A voz', 10: "Além da realidade e do que além é infindo!''

Suplemento às *Flores do mal*

Nenhum dos poemas aqui agrupados consta da primeira edição de *As flores do mal* (1857), muito embora alguns deles sejam anteriores à sua data de publicação.

Novas flores do mal

Epígrafe para um livro condenado

Este soneto, publicado a 15 de setembro de 1861 na *Revue européenne*, foi republicado a 12 de janeiro do ano seguinte em *Le boulevard* e a 1º de janeiro de 1865 em *L'autographe*. Uma nota da redação indicava-o como "o prefácio da segunda edição das *Flores do mal*".

O exame da meia-noite

Publicado a 1º de fevereiro de 1863 em *Le boulevard*, este poema se encontrava então dividido em oito quadras e trazia a dedicatória: 'A todos os meus amigos.'

Madrigal triste

Este poema foi publicado a 15 de maio de 1861 na *Revue fantaisiste*. Alguns autores o incluem no ciclo amoroso de Jeanne Duval.

O admoestador

Este poema foi publicado a 12 de janeiro de 1862 em *Le boulevard*.

O REBELDE

Publicado a 15 de setembro de 1861 na *Revue européenne,* este soneto foi republicado a 12 de janeiro do ano seguinte em *Le boulevard*.

BEM LONGE DAQUI

Este habilidoso soneto invertido foi publicado a 8 de março de 1864 na *Revue nouvelle*. Trata-se, provavelmente, da mesma inspiradora (Dorotéia) de 'A uma malabarense' (v. nota de pé de página a 'Bem longe daqui').

RECOLHIMENTO

Publicado a 1º de novembro de 1861 na *Revue européenne*, este soneto, um dos mais estimados de Baudelaire, foi republicado a 12 de janeiro do ano seguinte em *Le boulevard* e em 1866 no *Le parnasse contemporain*. O poema desenvolve temas já explorados em 'O crepúsculo vespertino' e no poema em prosa homônimo (*Pequenos poemas em prosa*, XXII). 'Recolhimento' foi musicado por Henri Duparc e Claude Debussy.

1. *Sê sábia, ó minha Dor, e queda-te mais quieta*. Cf. T. S. Eliot, *Four quartets, East Coker*, III, 115: ''I said to my soul, be still, and let the dark come upon you.''

O ABISMO

Publicado a 1º de março de 1862 em *L'artiste* com dedicatória a Théophile Gautier, este soneto foi republicado a 8 de março de 1864 na *Revue nouvelle*. Encontra-se aqui um dos temas mais familiares ao poeta, o da angústia diante

das trevas do Nada. Esse infinito baudelairiano, como observa Pierre Emmanuel (*op. cit.*), teria profundos vínculos com a concepção de caos como a vemos no pensamento grego. E acrescenta este intérprete: “Na linguagem heráldica, abismo é sinônimo de *coração*. Muitas vezes também em Baudelaire, que se revela tão afeiçoado a esta última palavra a ponto de empregá-la 142 vezes em As *flores do mal*, sempre para designar o ser em seu centro, o princípio de unidade, de identidade, o lugar da memória indestrutível; e, bem entendido, o órgão do amor, este outro nome da gravidade para Baudelaire. Este centro surge *tal como* um abismo: um turbilhão orientado para baixo.” E adiante: “Assim, o abismo do coração, a espiral vertiginosa do coração, poderia, misterioso alambique, estabelecer a comunicação entre o que está em cima e o que está embaixo num duplo movimento de ascensão e queda.” A conclusão de Emmanuel é instigante: “Platônico, Baudelaire parece não ter concebido a idéia da onipresente eternidade cristã. Sua eternidade é um abismo de existência, um carma. Seu infinito não é o *abyssus infinitudinis* dos místicos, mas o *desconhecido* no qual ele se precipita, ‘insaciavelmente ávido do obscuro e do incerto’, como se lê em ‘Horror simpático’.” O tema é de tal magnitude na poética baudelairiana que sobre ele Benjamin Fondane dedicou todo um extenso volume: *Baudelaire et l’expérience du gouffre* (1947). Essa mesma visão do abismo pode ser encontrada em poemas como ‘Duellum’, ‘De profundis clamavi’, ‘O gosto do nada’, ‘As queixas de um Ícaro’ ou ‘Sobre o *Tasso na prisão*’, entre outros.

1. *Pascal em si tinha um abismo se movendo*. Segundo uma carta do abade Boileau, Pascal “supunha sempre ver um abismo de seu lado esquerdo, recorrendo a uma cadeira para apoiar-se”. Esta observação levou à crença de que Pascal tinha a impressão de viver à beira de um abismo. Mas isso talvez não passe de uma lenda. Alguns pesquisadores contemporâneos, entretanto, julgam que Pascal pudesse sofrer de certos distúrbios visuais relacionados à *migraine*, da qual tinha violentas crises. Do ponto de vista do próprio pensamento pascaliano, todavia, esse abismo parece identificar-se antes à concepção do filósofo relativamente ao absoluto ou a Deus: “É uma esfera cujo centro está em toda parte e cuja circunferência não está em parte alguma.”

14. — *Ah, não sair jamais dos Números e Seres!* Este verso tem levado a interpretações antagônicas: Baudelaire expressaria aqui o desejo de viver entre as idéias puras (os Seres) e a razão (os Números), isolado das contingências reais? Ou, ao contrário, os Números e os Seres simbolizariam os limites de um mundo do qual o poeta desejaria sair?

As queixas de um Ícaro

Este poema foi publicado a 28 de dezembro de 1862 em *Le boulevard*, onde aparecem em epígrafe os versos de Thomas Gray que Baudelaire intertextualizou em ‘O azar’ (v. notas a este poema). A propósito das duas últimas estrofes, observa Pierre Emmanuel (*op. cit.*): “Novo Ícaro, ele não conhecerá sequer a glória póstuma de seu modelo, que deu nome ao mar Icariano, pois o abismo que se abre à sua frente está nele, é seu ser para além de toda identidade, através da série de existências.”

A tampa

Publicado a 12 de janeiro de 1862 em *Le boulevard*, este soneto não pertence, na verdade, às *Novas flores do mal*, figurando apenas, ao lado de outros sonetos de diversos autores, ao fim da décima oitava edição de *Le parnasse contemporain*, que se deu a lume a 30 de junho de 1866. A edição definitiva (1868), entretanto, o incorpora entre essas “novas flores”.

Poemas acrescentados em 1868

Os poemas que se seguem, se não foram escritos, pelo menos foram publicados por Baudelaire após a segunda edição de *As flores do mal* (1861). Eles aparecem isoladamente em revistas, compondo depois uma série de 16 poemas que se deu à estampa em 1866 em *Le parnasse contemporain* sob o título de ‘Novas flores do mal’. Finalmente, estes poemas passaram a figurar entre os que se

acrescentaram à edição póstuma (a terceira e definitiva, de 1868) de *As flores do mal*, quando foram então inseridos na primeira parte da coletânea, ‘Spleen e ideal’. Estes 16 poemas estão aqui reduzidos a quatro, como o fazem a edição de Cluny e a da Bibliothièque de la Pléiade, tendo sido os demais distribuídos em outras seções.

O CACHIMBO DA PAZ

Este poema foi publicado a 20 de fevereiro de 1861 na *Revue contemporaine*. É uma peça anômala na produção de Baudelaire, que decerto não teria permitido sua inclusão na edição definitiva. Trata-se, como já se disse em nota de pé de página ao poema, de uma adaptação livre do ‘Peacepipe’, de Longfellow, feita a pedido do músico norte-americano Robert Stoepel. O poema deveria ser declamado por uma atriz de nome Judith no Teatro Italiano durante um dos intervalos de uma sinfonia sobre os temas de Longfellow. Pela medíocre tarefa coube a Baudelaire o ridículo cachê de 1.500 francos.

A PRECE DE UM PAGÃO

Publicado a 15 de setembro de 1861 na *Revue européenne*, este soneto foi republicado a 12 de janeiro do ano seguinte em *Le boulevard*.

A LUA OFENDIDA

Publicado a 1º de março de 1862 em *L’artiste*, este soneto é um dos cinco que obedecem rigorosamente aos cânones da Pléiade. Alguns autores supõem que a inspiradora tenha sido a mãe do poeta, o que parece estar confirmado pelo último terceto.

A THÉODORE DE BANVILLE

É a única peça estritamente inédita da edição definitiva (1868) de *As flores do mal*. A idéia contida nos dois tercetos aproxima este soneto da última frase de 'O *Confiteor* do artista' (*Pequenos poemas em prosa*, III: "O estudo do belo é um duelo em que o artista grita de pavor antes de ser vencido.") e de uma passagem da 'Exposição universal de 1855' (*Curiosidades estéticas*) em que Baudelaire, ao abordar o tema do progresso, pergunta: "... não seria o progresso uma forma de suicídio continuamente renovada, ou algo que, trancado no círculo de fogo da lógica divina, se assemelharia ao escorpião que pica a si próprio com sua terrível cauda, esse eterno *desideratum* que determina seu eterno desespero?"

Marginália

A *Marginália* de Charles Baudelaire foi publicada em Amsterdam em 1866 (v. seção *Obras de Charles Baudelaire*) e reúne 23 poemas, 16 dos quais então inéditos, distribuídos em cinco seções, além de um soneto (‘O crepúsculo romântico’) à guisa de prefácio. A edição de Cluny transcreve ainda esta curiosa nota do editor holandês:

“Esta coletânea reúne fragmentos poéticos em sua maioria condenados ou inéditos que o sr. Charles Baudelaire achou por bem incluir na edição definitiva das *Flores do mal*.

Isto explica seu título.

O sr. Charles Baudelaire fez presente destes poemas, sem reserva, a um amigo que julgou oportuno publicá-los, pois se gaba de apreciá-los e porque está numa idade em que ainda lhe apraz partilhar seus sentimentos com amigos dignos de sua estima.

O autor será comunicado desta edição ao mesmo tempo em que os duzentos e sessenta prováveis leitores que constituem mais ou menos — para o seu benévolo editor — o público letrado em França, desde que as bestas decididamente usurparam a palavra aos homens.”

O crepúsculo romântico

Este soneto foi publicado a 12 de janeiro de 1862 em *Le boulevard*. Nele, Baudelaire caracteriza o irreversível ocaso do romantismo francês. (V. nota de pé de página ao poema.)

Poemas condenados

Os seis poemas que aqui se incluem — ‘Lesbos’, ‘Mulheres malditas’, ‘O

Letes’, ‘A que está sempre alegre’, ‘As jóias’ e ‘As metamorfoses do vampiro’ — foram expurgados a 20 de agosto de 1857 da primeira edição de *As flores do mal* por decisão judiciária da 6ª Vara Correcional de Paris, que multou Baudelaire em 300 francos. Os chamados ‘Poemas condenados’ só reaparecerão em 1866 na *Marginália*.

Lesbos

Este poema, juntamente com os dois outros que levam o título de ‘Mulheres malditas’ (CXI, ‘Flores do mal’, II, ‘Poemas condenados’), justifica o primeiro título cogitado por Baudelaire para a sua coletânea: *As lésbicas*. (V. nota a ‘Mulheres malditas’.)

Mulheres malditas

V. nota ao poema anterior e nota de pé de página ao poema homônimo (CXI, ‘Flores do mal’).

O Letes

Este poema pertence ao ciclo amoroso de Jeanne Duval (v. nota a ‘Perfume exótico’).

3-4. *Quero os meus dedos mergulhar frementes / Na áspera lã de tua espessa crina*. Cf. ‘A cabeleira’, 1: “Ó tosão que até a nuca se encrespa em cachoeira”; 26: “Coma azul, pavilhão de trevas distendidas”; 28-29: “Na trama espessa dessas mechas retorcidas / Embriago-me febril de essências confundidas”; e 31-32: “Por muito tempo! Sempre! Nessa crina ondeante / Cultivarei a pérola, a safira e o jade.”

8. *O suave odor de meu amor defunto*. Cf. ‘Spleen’, LXXV, 14: “Vão lembrando entre si seus defuntos amores.”

16. *E a água do Letes nos teus lábios corre*. Cf. ‘Spleen’, LXXVII, 18: “Em vez de sangue flui a verde água do Letes.”

A que está sempre alegre

Este poema, que pertence ao ciclo amoroso de Apollonie Sabatier, foi a ela enviado por Baudelaire em carta datada de 8 de dezembro de 1852. (V. nota de pé de página a este poema.)

As jóias

O poema pertence ao ciclo amoroso de Jeanne Duval.

11. *O olhar cravado em mim, como um tigre abatido*. Cf. ‘O Letes’, 2: “Tigre adorado, de ares indolentes.”

As metamorfoses do vampiro

Também pertencente ao ciclo amoroso de Jeanne Duval. Em suas *Promenades littéraires* (1904), Remy de Gourmont aconselha que se confronte o poema com o *Songe d’Athalie*, sustentando serem óbvias as afinidades com Racine. ‘As metamorfoses do vampiro’ guarda ainda visíveis pontos de contacto com ‘Mártir’, ‘Dança macabra’ e, particularmente, ‘Uma carniça’.

20. *Em cujo ventre o pus se unia à podridão*. Cf. ‘Uma carniça’, 8: “O ventre prenhe de livores.”

Galanteios

O repuxo

Este poema foi publicado a 8 de julho de 1865 em *La petite revue*.

32. *Lua, água clara, noite escura*. Cf. Mallarmé, ‘Salut’, 12: “Solitude, récife, étoile.”

Os olhos de Berta

Este poema foi publicado a 8 de março de 1864 na *Revue nouvelle*. São flagrantes as aproximações com a temática já desenvolvida em ‘O archote vivo’ (v. nota de pé de página ao poema).

Hino

Publicado a 16 de dezembro de 1865 em *La petite revue*, este poema pertence ao ciclo amoroso de Apollonie Sabatier, tendo sido a ela enviado em carta que Baudelaire lhe endereçou a 8 de maio de 1854.

1-3. *À bem-amada, à sem-igual, /À que me banha em claridade, / Ao anjo, ao ídolo imortal*. Cf. XLII (também pertencente ao ciclo amoroso de Mme. Sabatier), 3-4: “À muito bela, à muito boa, à muito amada, / Cujos olhos me fazem reflorir agora”; e 7-8: “À carne etérea deu-lhe um Anjo seu frescor, / E seu olhar nos banha em branda claridade.’

As promessas de um rosto

Este poema trazia como título primitivo ‘À senhorita A... Z: promessas’. Segundo Yves-Gérard Le Dantec (*op. cit.*), as palavras ‘As’ e ‘de um rosto’ parecem ter sido acrescentadas após a supressão de ‘À senhorita A... Z’ (no manuscrito em poder de Catulle Mendès, elas de fato aparecem escritas com uma tinta mais desbotada). Vê-se que o título adotado na *Marginália* não era

senão um subtítulo. Este poema (que a nosso ver deveria integrar o ciclo amoroso de Jeanne Duval, pois são flagrantes, além do tratamento voluptuoso e sensual, as alusões a pormenores físicos que só se poderiam atribuir à Vênus negra) foi sucessivamente excluído, sob alegação de muito livre, das *Novas flores do mal* por Catulle Mendès, a quem Baudelaire enviara de Bruxelas, por essa mesma época, outros poemas destinados a *Le parnasse contemporain*. É esta a razão pela qual diversas edições póstumas não o incorporam.

O MONSTRO

As notas de pé de página que acompanham este poema (v.), quando de sua publicação em 1866, comportam pequenas variações. Somente a primeira não consta do manuscrito, no qual a segunda está riscada. Alguns autores o incluem no ciclo amoroso de Jeanne Duval.

16-17. *Tua carcaça tem encantos /E singulares harmonias*. Cf. 'Uma carniça', 13-14: "O céu olhava do alto a esplêndida carcaça / Como uma flor a se entreabrir."

63-64. *E ver, quando ele solta o enxofr*e, / *O imundo beijo que lhe dás*. Cf. 'O imprevisto', 26: "Beijastes em segredo o meu traseiro imundo!"

Epígrafes

VERSOS PARA O RETRATO DE HONORÉ DAUMIER

O editor francês acrescenta a seguinte nota ao poema: "Estas estrofes foram escritas (26 de março de 1865) para um retrato do sr. Daumier, gravado a partir do notável medalhão do sr. Pascal e reproduzido no segundo volume da *História da caricatura*, do sr. Champfleury, onde este escritor faz justiça ao caricaturista com aquela razão apaixonada que lhe é habitual."

10. *De Melmoth o trejeito abjeto*. Cf. 'Da essência do riso e geralmente

do cômico nas artes plásticas’ (*Curiosidades estéticas*, VI): “Melmoth é uma contradição viva. Ele saiu das condições fundamentais da vida; seus órgãos não suportam seu pensamento. É porque este riso glacial e disforme os entranha. É um riso que jamais dorme, como uma doença que segue sempre seu caminho e cumpre uma ordem providencial. E assim o riso de Melmoth, que é a suprema expressão do orgulho, realiza perpetuamente sua função, rasgando e queimando os lábios de quem irremissivelmente ri.” (V. nota de pé de página a este verso.)

Lola de Valência

Na terceira edição de *As flores do mal* (1868), este poema traz o seguinte subtítulo: ‘Inscrição para a tela de Edouard Manet, no Louvre.’ Também aqui há uma nota do editor francês ao poema: “Estes versos foram compostos para servir de inscrição a um esplêndido retrato da Srta. Lola, bailarina espanhola, pelo sr. Edouard Manet, e que, como todos os quadros do mesmo pintor, fez escândalo. A musa do sr. Charles Baudelaire é geralmente tão suspeita que aparecem logo os críticos de café para insinuarem um sentido obsceno na expressão ‘jóia negra e rósea’. Acreditamos que o poeta pretendeu apenas dizer que uma beleza, de característica a um tempo tenebrosa e jovial, pode ser capaz de levar à associação do ‘róseo’ e do ‘negro’.”

Sobre *O Tasso na prisão*

O primeiro título deste poema, publicado a 8 de março de 1864 na *Revue nouvelle*, era ‘Sobre o *Tasso* no asilo de loucos do sr. Delacroix exposto nas Galerias das Belas-Artes’, sob o qual se liam a assinatura ‘Baudelaire-Dufaÿs’ e a data ‘fevereiro de 1844’.

Peças várias

A VOZ

Publicado a 28 de fevereiro de 1861 na *Revue contemporaine*, este poema foi republicado a 1º de março do ano seguinte em *L'artiste* e em 1866 em *Le parnasse contemporain*.

O IMPREVISTO

Este poema foi publicado a 25 de janeiro de 1863 em *Le boulevard* com a dedicatória 'A meu amigo J. Barbey d'Aurévilly'.

O RESGATE

Este poema foi publicado a 16 de dezembro de 1865 em *La petite revue*.

A UMA MALABARENSE

Este poema, sob o título de 'A uma indígena', foi publicado a 13 de dezembro de 1846 em *L'artiste*. A composição do texto remonta à época (1842) em que Baudelaire viajou às ilhas Maurício e sua inspiradora é uma nativa que trabalhava na casa de Mme. Autard de Bragard, a quem o poeta dedicou 'A uma dama crioula' (v. notas a este poema). Essa mesma malabarense provavelmente inspirou também 'Bem longe daqui' (v. notas ao poema) e 'A bela Dorotéia' (*Pequenos poemas em prosa*, XXV). Observa Yves-Gérard Le Dantec (*op. cit.*) que ocorre aqui certa influência de um poema de Gautier, 'Ce monde-ci et l'autre', pertencente às *Poésies diverses* que acompanham *La comédie de la mort*. E Pia Pascal, em seu *Baudelaire par lui-même* (1956), escreve: "Se este retrato de Dorotéia é fiel, pode-se supor que a lembrança da bela malabarense não terá sido estranha à obsessão que tinha Baudelaire por um certo tipo feminino. Os traços com que ele descreve Dorotéia não são muito diferentes dos que, pouco após seu retorno a Paris, em 1842, o iriam seduzir em Jeanne

Duval.”

17. *Por que, menina, queres ver a nossa França*. Cf. ‘A uma dama crioula’, 9: “Caso viesses, Senhora, à eterna e heróica França.”

19-20. *E, confiando a existência aos rudes marinheiros, / Dizer adeus aos teus sensuais tamarineiros*? Cf. ‘Perfume exótico’, 12-14: “Enquanto o verde aroma dos tamarineiros, / Que à beira-mar circula e inunda-me os pulmões, / Confunde-se em minha alma à voz dos marinheiros.”

25-28. *Fosses buscar o teu sustento em nossas lamas / E vender o perfume estranho que derramas, / O olhar absorto, perscrutando em meio aos miasmas, / Dos coqueirais ao longe os pálidos fantasmas!* Cf. ‘O cisne’, 41-44: “E penso nessa negra, enferma e emagrecida, / Pés sob a lama, procurando, o olhar febril, / Os velhos coqueirais de uma África esquecida / Por detrás das muralhas do nevoeiro hostil.”

Pilhérias

As estréias de Amina Boschetti

Este soneto foi publicado anonimamente a 1º de outubro de 1864 em *La vie parisienne*. Baudelaire escreveu-o em Bruxelas.

A Eugène Fromentin

O manuscrito reproduzido por Jacques Madeleine em sua edição de *As flores do mal* (Fasquelle, 1917) trazia o seguinte título: ‘Ao sr. Eugène Fromentin’ (riscado e seguido dessas linhas, também riscadas: ‘a propósito de um importuno que se dizia amigo dele, Fromentin, de Daubigny, de Flaubert, de Harpignies, de Corot e de todo mundo, e que, embora eu jamais o houvesse visto, reteve-me na taverna Globo durante três horas e meia para que eu ouvisse a sua história’).

Como informa Yves-Gérard Le Dantec, o esquema deste poema, inspirado por um encontro real, encontra-se no *Argumento do livro sobre a Bélgica* (manuscrito do Fundo Lovenjoul, em Chantilly).

Uma tasca divertida

O editor francês dá a seguinte nota a este poema: “A malícia é filha da astúcia; todo mundo sabe que o sr. Monselet prefere à raiva a rosa e a alegria. — No dia em que o sr. Monselet censurou o sr. Baudelaire por este haver escrito, a propósito de um enforcado cujo ventre os pássaros haviam espedaçado, *O ventre escoava os intestinos sobre as coxas*, só restou ao poeta retrucar: ‘Mas como poderia eu fazê-lo de outra forma? O assunto pedia isso. Que outra imagem teria você preferido?’ — ‘Uma rosa!’, respondeu o sr. Monselet.

Entretanto, não seria preciso acreditar que a indispensável melancolia não aflore vez por outra sob o verniz anacreôntico. Vimos recentemente uma composição de sua autoria em que, reprovando-se por haver repelido uma mendiga, o poeta se põe à sua procura, e termina indo deitar-se cheio de tristeza por não ter conseguido encontrá-la. Este poema é de fato de um homem sensível, mesmo em jejum.

Lamentamos que o sr. Monselet não ceda com maior freqüência a seu temperamento lírico, que uma alegria, mesmo um pouco artificial, tem não raro contrariado.”

8. *Para o Cemitério, Café*. Cf. ‘O tiro e o cemitério’ (*Pequenos poemas em prosa*, XLV): “A vista do cemitério, café” Sabe-se que Baudelaire ficara muito impressionado com a inscrição dessa tabuleta, suspensa à porta de uma das tascas na estrada de Bruxelas a Uccle.

Bibliografia sobre Baudelaire

ABOUT, Edmond. *Salon de 1864*, Hachette, Paris, 1864.

ALLARD, Roger. *Baudelaire et l'esprit nouveau*, Carnet Critique, Paris, 1918.

APOLLINAIRE, Guillaume. Introdução à *Oeuvre poètique de Charles Baudelaire.* Bibliothèque des Curieux, Paris, 1917.

____. 'Baudelaire dans le domaine public', *Nord-Sud*, Paris, maio 1917.

ARNOLD, Paul. *Le dieu de Baudelaire*, Savel, Paris, 1947.

ASSELINEAU, Charles. *Charles Baudelaire, sa vie et son œuvre*, Alphonse Lemerre, Paris, 1869.

_____. *Mélanges tirés d'une petite billiothèque romantique*, René Pincebourde, Paris, 1866.

_____. *Souvenirs, correspondance, bibliographie*, René Pincebourde, Paris, 1872.

ASTRUC, Zacharie. *Les quatorze stations du Salon — 1859 — suivies d'un récit douloureux*, Poulet Malassis e De Broise, Paris, 1859.

AUBRY, G.-Jean. *Une paysage littéraire, Baudelaire et Honfleur*, La Maison du Livre, Paris, 1917.

_____. 'Baudelaire et Swinburne', *Mercure de France*, Paris, nov. 1917.

AURÉVILLY, Jules Barbey d'. *Les œuvres et les hommes: les poètes*, Alphonse Lemerre, Paris, 1889.

_____. *Le XIX*e *siècle*, t. I, Mercure de France, Paris, 1964.

AUSTIN, Lloyd James. *L'univers poétique de Baudelaire*, Mercure de France, Paris, 1956.

AUZAS, Auguste. 'Lettres de Mme Vve Aupick'. *Mercure de France*, Paris, set

1912.

BANDY, W. T. *Baudelaire judged by his contemporaries*, 1845-1867, Columbia University, Nova York, 1933.

_____. 'The *Revue anecdotique* and Baudelaire', *Romanic review*. Nova York, fev. 1938.

_____. 'La vérité sur le *Jeune enchanteur'*, Mercure de France, Paris, fev. 1950.

BANVILLE, Théodore de. *Charles Baudelaire*, Galerie Contemporainne Littéraire, Artistique, nº 105, s/d.

____. *Mes souvenirs*, G. Charpentier, Paris, 1883.

____. *La lanterne magique*, G. Charpentier, Paris, 1883.

BARBARA, Charles, 'L'assassinat du Pont-Rouge', *Hachette*, Paris, 1855.

BARRE, André. *Le symbolisme*, Jouve, Paris, 1912.

BARRÈS, Maurice. 'La folie de Charles Baudelaire', *Les Taches d'encre*, Paris, 1885.

____. 'Méditations spirituelles sur Charles Baudelaire', *L'aube*, Paris, jun. 1896.

____. *Un homme libre*, G. Crès, Paris, 1912.

____. 'Le testament de Delacroix', in *Le mystère en pleine lumière*, Plon Nourrit, Paris, 1926.

BARTHOU, Louis. *Autour de Baudelaire: le procès des 'Fleurs du mal'. Victor Hugo et Baudelaire*, La Maison du Livre, Paris, 1917.

BASTOS, Cassiano Tavares. *Baudelaire no idioma vernáculo*, São José, Rio de Janeiro, 1963.

BATAILLE, Georges. 'Baudelaire', in *La littérature et le mal*, Gallimard, Paris, 1957.

BATAILLE, Henry. 'Baudelaire', *Comoedia*, Paris, jan. 1921.

BATAULT, Georges. 'A propos de Baudelaire et de Balzac', *Mercure de France*, Paris, abr. 1931.

BÉGUIN, Albert. 'Baudelaire et l'autobiographie', *Poésie 45*, nº 28, Paris, s/d.

BÉNÉDETTO. 'L'architecture des *Fleurs du mal*, *Zeitschrift französische Sprache und Literatur*, t. XXXIX, Leipzig, 1912.

BENIGNE, Ange. Artigo no *Gaulois*, Paris, set. 1866.

BENJAMIN, Walter. 'Sur quelques thèmes baudelairiens', in *Oeuvres*, II, *Poésie et révolution*, essais traduits de l'allemand par Maurice de Gandillac, Dossier des Lettres Nouvelles, Denoël, Paris, 1971.

BENOIT, François. *L'art sous la Révolution et l'Empire*, Paris, 1897.

BÉNOUVILLE, Guillain de. *Baudelaire le trop chrétien*, Bernard Grasset, Paris, 1936.

BERTEVAL, W. 'Le cinquantenaire de la mort de Baudelaire et l'illustration des *Fleurs du mal*', t. CXX, *Mercure de France*, Paris, 1917.

BERTHELOT, Philippe. 'Louis Ménard. Son intimité avec Baudelaire. Anecdotes', *Revue de Paris*, Paris, 1901.

BLANCHOT, Maurice. 'L'échec de Baudelaire', *L'ordre*, nos 24 e 25, Paris, 1945.

BLIN, Georges. *Baudelaire*, Gallimard, Paris, 1939.

____. *Le sadisme de Baudelaire*, José Corti, Paris, 1947.

BOISSON, Marius. 'Un centenaire: la maison natal de Baudelaire', *Comoedia*, Paris, mar. 1921.

____.'Le centenaire de Charles Baudelaire', *ibid*., ab. 1921.

____.'Baudelaire auteur dramatique', *ibid*., ag. 1921.

BONNEFOY, Yves. *L'improbable*, Mercure de France, Paris, 1859.

BONNIÈRES, L. de. *Mémoires d'aujourd'hui*, Ollendorf, Paris, 1885.

BOSCHOT, Adolphe. 'Baudelaire'. *Écho de Paris*, Paris, ab. 1921.

BOULANGER, Jacques. *Les dandys*, Ollendorf, Paris, 1907.

____. 'Le dandysme de Baudelaire', *L'opinion*, Paris, ab. 1921.

BOURGET, Paul. *Essais de psychologie contemporaine*, Alphonse Lemerre, Paris, 1883.

BOUYER, R. 'Baudelaire critique d'art', *Revue bleu*, XVIII, Paris, 1902.

BOYER D'AGEN. 'Baudelaire à la *Revue des deux mondes*', *Figaro*, Paris, set. 1892.

BRIEU, Jacques. 'Portrait graphologique de Charles Baudelaire', *Mercure de France*, CXXV, Paris, 1918.

BRUNET, Gabriel. ‘Les grands caractères de l’art baudelairien’, *Rythme et synthèse*, Paris, maio 1922.

BRUNETIÈRE, Ferdinand. ‘Charles Baudelaire’, *Revue des deux mondes*, Paris, maio 1887.

____. ‘La statue de Charles Baudelaire’, *ibid*., set. 1892.

CABANÈS, Dr. ‘La maison natal de Baudelaire’, *Chronique médicale*, Paris, 1901.

____.‘Le sadisme chez Baudelaire’, *ibid*., nov. 1902.

____.‘La maladie et la mort de Baudelaire, *ibid*., dez. 1907.

CALVOCORESSI, M. D. ‘Edgar Poe, ses biographes, ses éditeurs, ses critiques’, *Mercure de France*, LXXVII, Paris, 1909.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*, vol. V, O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1963.

CARRÈRE, Jean. *Les mauvais maîtres*, Plon-Nourrit, Paris, 1922.

CASSAGNE, Albert. *Versification et métrique de Charles Baudelaire* (tese apresentada na Faculdade de Letras da Universidade de Paris), Hachette, Paris, 1906.

CAUBET, Louis. *La névrose de Baudelaire, essai de critique médico-psychologique* (tese), Y. Cadoret, Bordéus, 1930.

CAUME, P. ‘Causeries sur Baudelaire’, *Nouvelle révue*, CXIX, Paris, 1899.

CHAMPFLEURY, Jules. *Les excentriques*, Michel Lévy, Paris, 1856.

____. *Le réalisme*, Michel Lévy, Paris, 1857.

____. *Souvenirs des funambules*, Michel Levy, Paris, 1859.

____. *Histoire de la caricature moderne*, E. Dentu, Paris, 1865.

____. *Vignettes romantiques*, E. Dentu, Paris, 1883.

CHAPELAN, M. ‘Baudelaire et Pascal’, *Revue de France*, nov. 1933.

CHARAVAY, Etienne. *Charles Baudelaire et Alfred de Vigny, candidats à l’Académie*, Charavay, Paris, 1879.

CHARBONNEL, Victor. ‘Les mystiques du temps présent’, *Mercure de France*, XVII, Paris, 1896.

CHARPENTIER, John. *Baudelaire*, J. Tallandier, Paris, 1937.

CHASLES, Philarète. *Mémoires,* 2 vols., G. Charpentier, Paris, 1876-77.

CHAUDESAIGUES, Jacques. *Les écrivains modernes de la France*, Gosselin, Paris, 1841.

CHAUVIN, M. *Salon de mil huit cent vingt-quatre*, VI, Pillet, Paris, 1825.

CIM, Albert. *Le diner des gents de lettres*, Flammarion, Paris, 1903.

CLADEL, Léon. *La tombe de Baudelaire*, La Plume, Paris, 1890.

____. *Images versicolores*, *ibid*., 1890.

____. *Ma première rencontre avec Baudelaire*; *ibid*., 1892.

CLAPTON G.T. 'Balzac, Baudelaire and Maturin', *French quarterly*, Londres, jun. 1930.

____. 'Baudelaire and Catherine Crowe', *Modern language review*, Cambridge, jul. 1930.

____. 'Baudelaire, Sénèque et Saint Jean Chrysostome', *Revue de l'histoire littéraire de la France*, Paris, abril-jun. 1931.

____. *Baudelaire et De Quincey*, Belles-Lettres, Paris, 1931.

____. 'Lavator, Gall et Baudelaire', *Revue de littérature comparée*. Paris, jul-set. 1933.

CLARETIE, Jules. 'Baudelaire et les œuvres hors la loi', *Le journal*, Paris, set. 1901.

____. *La vie à Paris*, 1895.

CLAUSSEN, Sophus. 'Baudelaire et la poésie danoise', *Revue scandinave*, Paris, ag.-set. 1911.

CLAVEAU, A. 'Baudelaire', *Le soleil*, Paris, out. 1892.

CONCHINAT, Victor. 'Privat d'Anglemont', *La causerie*, Paris, jul. 1859.

CORDIER, Henri. *Notules sur Baudelaire*, Henri Leclerc Éditeur, Paris, 1900.

____. 'Baudelaire et Henri Heine', *Bulletin du bibliophile*, Paris, 1901.

COUSIN, Charles. *Charles Baudelaire. Souvenirs et correspondance*, Paris, 1872.

COUTURIER, Claude. 'Lettres de Mme Aupick à Théodore de Banville', *Mercure de France*, Paris, set. 1917.

CRÉPET, Eugène. *Les poètes français*, 4 vols., Gide (depois Hachette), Paris,

1861-62.

____. *Charles Baudelaire*, estudo biográfico revisto e atualizado por Jacques Crépet, seguido das *Baudelairiana*, de Charles Asselineau, Albert Messein, Paris, 1906.

CRÉPET, Jacques. 'A propos d'une toile admirée par Baudelaire, *La fontaine de Jouvence*, de W. Haussoulier', *Figaro*, Paris, nov. 1924.

____. *Dernières lettres inédites à sa mère*, Excelsior, Paris, 1926.

____. *Une colère de Baudelaire*, Les Amis d'Édouard Champion, Paris, 1926.

____. *Notes sur le complément aux 'Fleurs du mal'*, L. Giraud-Badin, Paris, 1934.

____. 'Les œuvres posthumes de Baudelaire, annotées par Pierre Louis', *Mercure de France*, Paris, fev. 1936.

____. 'Documents sur Baudelaire', *Mercure de France*, Paris, abril 1938.

____. Introdução aos *Mystères galans des théâtres de Paris*, Gallimard, Paris, 1938.

CRÉPET, Jacques & PICHOIS, Claude. *Baudelaire et Asselineau*, Nizet, Paris, 1953.

CUSTINE, A. de. 'Lettre' (apêndice às *Fleurs du mal*), Calmann-Lévy, Paris, s/d.

DARUTY DE GRANDPRÉ. *Baudelaire et Jeanne Duval*, La Plume, Paris, 1893.

DAUDET, Léon. 'A propos de Baudelaire', *L'action française*, Paris, ab. 1921.

____. *Écrivains et artistes*, t. II, Éditions du Capitole, Paris, 1928.

____. *Les pèlerins d'Emmaüs*, Grasset, Paris, 1928.

DEAUVILLE, Max. 'Le Vte Spoelberch de Lovenjoul (Mme Sabatier)', *Mercure de France*, LXX, Paris, 1907.

DELACOUR, André. 'Charles Baudelaire', *Belles-lettres*, Paris, ab. 1921.

DELATTRE, Floris. *Charles Baudelaire et le jeune A.C. Swinburne (1861-1867)*, t.1, Champion, Paris, 1930.

DÉRIEUX, Henri. *Baudelaire. Trois essais précedés d'un poème-dédicace*, Nouvelle Librairie Littéraire, Basiléia, 1917.

DESBOIS, Lucile. ‘La France jugée à l’étranger. Faguet contre Baudelaire’ *Mercure de France*, LXXXIX, Paris, 1911.

DESCHAMPS, Émile. ‘Lettre’ (apêndice às *Fleurs du mal*).

DESJARDINS, P. ‘Charles Baudelaire’, *Revue bleu*, XL, Paris 1887.

DESPREZ, Louis. *L’évolution naturaliste*, Tresse, Paris, 1884.

DREYFOUS, Maurice. *Ce que je tiens à dire*, Ollendorf, Paris, s/d.

DU BOS, Charles. ‘Méditation sur la vie de Baudelaire’, in *Approximations*, vol. I, Plon-Nourrit, Paris, 1922.

DU CAMP, Maxime. *Souvenirs littéraires*, 2 vols., Hachette, Paris, 1892.

DUFAY, Pierre. ‘Baudelaire et Champfleury’, *Jardin de la France*. Paris, dez. 1908.

____. ‘Baudelaire à Chateauroux’, *Intermédiaire des chercheurs et curieux*, t. XLIII, Paris, 1901.

____. ‘A propos de quelques lettres inédites de Baudelaire’, *Mercure de France*, CXXIII, Paris, 1917.

____. ‘Encore une lettre inédite de Baudelaire qui n’est pas inédite’, *ibid*., CXXIV, 1917.

____. ‘Baudelaire mystificateur’, *La connaissance*, Paris, set. 1920.

____. ‘Rochefort et la tête de Baudelaire’, *Mercure de France*, Paris, 1920.

____. ‘Le procès des *Fleurs du mal*’, *ibid*., CXLVII, ab. 1921.

____. ‘Hommages oubliés à Baudelaire’, *ibid*.

____. *Les fleurs du mal*, introdução bibliográfica à edição do centenário, Librairie des Bibliophiles Parisiens, Paris, 1921.

____. *Autour de Baudelaire*, Le Cabinet du Livre, Paris, 1931.

DULAMON. ‘Les *Fleurs du mal*’, *Le presént*, Paris, jul. 1857.

DUSOLIER, Alcide. *M. Charles Baudelaire ou Boileau hystérique*, Nos Gens de Lettres, Achille Faure, Paris, 1864.

DUVAL, Georges. Artigo no *Événement*, Paris, mar. 1882.

EIGELDINGER, Marc. *Le platonisme de Baudelaire*, La Baconnière Neuchâtel, 1951.

ELIOT, T.S. ‘Baudelaire’, in *Selected essays*, Faber & Faber, Londres, 1950.

EMÉRY, René. ‘Quelques lettres inédites de Baudelaire’, *Mercure de France*, CXXI, Paris, 1917.

ÉRISTAL, Louis d’. *La decadence littéraire*, La Plume. Paris, 1892.

FAGUET, Émile. ‘Baudelaire’, *La revue*, Paris, set. 1910.

FERRAN, André. ‘Baudelaire critique de Baudelaire’, *Revue d’histoire littéraire de la France*, Paris, jul-set. 1929.

____. ‘A propos des vers retrouvés de Charles Baudelaire’, *L’archer*, Toulouse, jan. 1930.

____. ‘Autor de Baudelaire’, *Bulletin de l’Université de Toulouse*, mar. 1930.

____. ‘L’alchimie amoureuse de Baudelaire’, *L’archer*, Toulouse, mar. 1930.

____. ‘Charles Baudelaire: autour du voyage en Belgique’(avec notes et commentaires), *L’archer*, Toulouse, dez. 1931.

____. ‘Sept lettres inédites de Baudelaire’ (avec notes et commentaires), *L’archer*, Toulouse, dez. 1931.

____. ‘Note baudelairienne’, *Revue d’histoire littéraire de la France*, Paris, jan.-mar., 1933.

____. ‘Autour de Baudelaire mourant’ (documents inédits), *L’archer*, Toulouse, set.-out. 1933.

____. *Le Salon de 1845 de Charles Baudelaire*, edição crítica com introdução, notas e esclarecimentos, Éditions de l’Archer, Toulouse, 1933.

____. *L’esthétique de Baudelaire*, Hachette, Paris, 1933.

FEUILLERAT Albert. *Baudelaire et sa mére*, Variétés, Montreal, 1947.

FEYDEAU, Ernest. *Théophile Gautier*. *Souvenirs intimes*, Plon-Nourrit, Paris, 1874.

FEYRNET, X. Artigo no *Temps*, Paris, fev. 1869.

FIERE, L. *Charles Baudelaire*, Céas, Valence, 1904.

FIZELIÈRE, Albert de la & DECAUX, George. *Essais de biographie contemporaine*, Librairie de l’Académie des Bibliophiles, Paris, 1868.

FLOTTES, Pierre. *Baudelaire, l’homme et le poète*, Perrin, Paris, 1922.

FONDANE B. *Baudelaire et l’expérience du gouffre*, Pierre Seghers, Paris, 1947.

FONTAINAS, André. ‘Baudelaire’, *Mercure de France*, Paris, ab. 1921.

FOUCQUE, Hippolyte. ‘Baudelaire aux îles’, *Grand revue*, Paris, maio 1930.

FUMET, Stanislas. *Notre Baudelaire*, Plon-Nourrit, Paris, 1926.

GAUBERT, Ernest. ‘Une anedocte controuvée sur Baudelaire’, *Mercure de France*, Paris, maio 1921.

GAUTIER, Féli (Félix-François). ‘La vie amoureuse de Baudelaire’, *Mercure de France*, XLV, Paris, 1903.

____. ‘Document sur Baudelaire, *ibid*., LIII, 1905.

____. ‘Nouveaux documents sur Baudelaire’, *ibid*., LX, 1906.

____. *Charles Baudelaire*, Edmond Deman, Bruxelas, 1904.

____. ‘Charles Baudelaire. Pages de carnet’, *Mercure de France*, LXXVIII, Paris, 1910.

GAUTIER, Théophile. ‘Le Club des Haschichins’, *Revue des deux mondes*, Paris, fev. 1846.

____. *Les beaux-arts en Europe en 1855*, 2 vols., Michel Lévy, Paris, 1855.

____. Prefácio às *Fleurs du mal*, Calmann-Lévy, Paris, 1868.

____. *Histoire du romantisme*. G. Charpentier, Paris, 1874.

____. *Fusains et eaux-fortes*, G. Charpentier, Paris, 1880.

GEOFFROY, Gustave. *La vie artistique*, 6ª série, Floury, Paris, 1900.

GIDE, André. ‘Baudelaire et M. Émile Faguet’, *Nouvelle revue française*, Paris, nov. 1910.

____. Prefácio às *Fleurs du mal*, R. Helleu, Paris, 1917.

____. ‘Théophile Gautier et Charles Baudelaire’, *Les écrits nouveaux*, Paris, out. 1917.

GILMAN, Margaret. ‘Baudelaire and Thomas Hood’, *Romanic review*, XXVI, Nova York, 1935.

GLATIGNY, Albert. ‘La maladie de Baudelaire’, *Intermédiaire des chercheurs et curieux*, LXVII, Paris, 1913.

GONCOURT, Edmond e Jules. *Gavarni, l’homme et l’œuvre*, Plon-Nourrit, Paris, 1873.

____. *Journal — mémoires de la vie littéraire*, 9 vols., G. Charpentier & E.

Fasquelle, Paris, 1887-1896.

GOURMONT, Rémy de. *Promenades littéraires*, Mercure de France, Paris, 1904.

HAMMELIN, J. *Baudelaire, le procès des 'Fleurs du mal'* (discurso pronunciado por ocasião da abertura da Conferência dos Advogados, a 1º de dezembro de 1928), Paris, 1929.

HENRIOT, Émile. 'Baudelaire et la présidente', *Le temps*, Paris, jan. 1921.

____. 'Les épreuves des *Fleurs du mal*', *ibid*., nov. 1921.

HIGNARD, Henri. 'Charles Baudelaire, sa vie, ses œuvres, souvenirs personnels', *Midi hivernal*, Paris, 17 e 24 de março de 1892, e *Revue lyonnais*, Lyon, jun. 1892.

HOLITSCHER. *Charles Baudelaire*, Berlim, 1904.

HOOG, Armand. *Littérature en Silésie*, Grasset, Paris, 1944.

HOUSSAYE, Arsène. *Les confessions. Souvenirs d'un démi-siècle (1830-1880)*, 6 vols., E. Dentu, Paris, 1885-1891.

____. *Souvenirs de jeunesse*, 2 vols. (I, 1830-1850, e II, 1850-1870), Flammarion, Paris, 1896.

HUBERT, J.D. *L'esthétique des 'Fleurs du mal'*, Pierre Cailler, Paris, 1952.

HUGHES, Randolph. 'Une étape de l'esthétique de Baudelaire, Catherine Crowe', *Revue de littérature comparée*, Paris, out.-dez. 1937.

JALOUX, Edmond. 'Le centenaire de Baudelaire', *Revue hebdomadaire*, Paris, jul. 1921.

JANIN, Jules. *Critiques, portraits et caractères contemporains*, Hetzel, Paris, 1859.

JOHANNET, René. 'Baudelaire est-il allé à Châteauroux', *Les lettres*, Paris, jan. 1927.

JOUVE, Pierre-Jean. *Le tombeau de Baudelaire*, La Baconnière, Neuchâtel, 1942.

____. *Apologie du poète*, GLM, Paris, 1947.

KAHN, Gustave. *Silhouettes littéraires*, Montaigne, Paris, 1925.

____. *Charles Baudelaire, son œuvre*, Éditions de la *Nouvelle Revue Critique*,

Paris, 1928.

KELLER, Luzius. *Piranèse et les poètes français*, José Corti, Paris, 1966.

KEMP, F. *Baudelaire und das Christentum*, H. Michaelis Braun, Marburgo, 1939.

KUNEL, Maurice. *Baudelaire en Belgique*, Schleicher, Bruxelas, 1912.

____. 'Quatre jours avec Baudelaire', in *Les œuvres libres*, A. Fayard, Paris, 1932.

LAFFONT, M. 'Causerie du bibliophile', in *Oeuvre et images*, La Maison du Livre, Paris, 1901.

LAFORGUE, Jules. 'Notes sur Baudelaire', *Entretiens politiques et littéraires*, Paris, 1892.

LAFORGUE, René. *Charles Baudelaire ou le génie devant la barrière névrotique*, 1931.

____. *L'échec de Baudelaire (étude psychanalytique sur la névrose de Baudelaire)*, Denoël & Steele, Paris, 1931.

LAMM, Martin. *Swedenborg*, Stock, Paris, 1936.

LANG, Emmanuel. 'Charles Baudelaire et sa mère', *Le figaro*, Paris, mar. 1922.

LANGE, Antoni. *Charles Baudelaire*, Varsóvia, 1890.

LAPORTE, Antoine. *Baudelaire et Roger de Beauvoir*, Laporte, Paris, 1884.

LARCHEY, Lorédan. *Fragments de souvenirs: le boa de Baudelaire, impeccable Banville*, Henri Leclerc, Paris, 1901.

LARDANCHET, Henri. *Les enfants perdues du romantisme*, Perrin, Paris, 1905.

LÁZARO, Ángel. *Las flores del mal*, tradução e prólogo, Biblioteca Edaf, nº 9, Madri, 1973.

LE DANTEC, Yves-Gérard. 'Baudelaire traducteur', *Le correspondant*, Paris, out. 1931 e jun. 1932.

____. Introdução, estabelecimento do texto e notas, *Oeuvres complètes de Charles Baudelaire*, Bibliothèque de la Pléiade, vol. 1, Nouvelle Revue Française. Gallimard, Paris, 1953.

LEGAY, Tristan. *Hugo et son siècle*, La Plume, Paris, 1902.

LE GOFFIC, Charles. ‘Le tombeau de Baudelaire’, *Revue universelle*, t. II, Paris, 1902.

LEMAITRE, Jules. *Les contemporains*, t. IV, Lecène et Oudin, Paris, 1893.

LEMER, Julien. ‘Quelques autographes de Baudelaire’, *Le livre*, Paris, maio 1888.

LEMERCIER DE NEUVILLE. *Souvenir d’un montreur de marionnettes*, Bauche, Paris, 1911.

LEMMONIER, Léon. ‘Baudelaire, Edgar Poe et le romantisme français’, *Mercure de France*, Paris, ag. 1923.

____. *Edgar Poe et la critique française de 1845 à 1875*, Presses Universitaires de France, Paris, 1928.

____. *Les traducteurs d’Edgar Poe en France de 1845 à 1875: Charles Baudelaire*, Presses Universitaires de France, Paris, 1928.

____. *Enquêtes sur Baudelaire*, G. Crès, Paris, 1929.

LE PETIT, Jules. ‘Notes sur Baudelaire’, *La plume*, Paris, jul. 1893.

LEVAILLANT, Maurice. ‘Charles Baudelaire’, *Le figaro*, Paris, ab. 1921.

LEVALLOIS, Jules. *Millieu du siécle, mémoires d’un critique*, Librairie Illustrée Paris, 1895.

LOUIS, Pierre. *Baudelaire*, Desclée Brouwer, ‘Les écrivains devant Dieu’, Paris, 1967.

MACCHIA, Giovanni. *La critica d’arte di Baudelaire*, 2 vols., Nápoles, 1951.

MAIGRON, Louis. *Le romantisme et les moeurs*, Champion, Paris, 1910.

MAILLARD, Firmin. ‘Les derniers bohèmes’, *Sartorius*, Paris, 1874.

MAIRE, Gilbert. ‘Un essai de classification des *Fleurs du mal*’, *Mercure de France*, LXV, Paris, 1907.

____. ‘La personnalité de Baudelaire et la critique biologique’, ibid, LXXXLII.

MARSAN, Eugène. ‘Dandysme littéraire’, *Revue hebdomadaire*, Paris, jul. 1923.

MARSAN, Jules. *Bohème romantique*, Éditions des *Cahiers libres*, Paris, 1929.

MARX, Adrien. *Indiscrétions parisiennes. Une figure étrange*, Faure, Paris, 1866.

MARY, André. ‘Meditation sur Baudelaire’, *L’ermitage*, Paris, out. 1903.

MASSIN,Jean. *Baudelaire entre Dieu et Satan*, R. Julliard, Paris, 1945.

MAUCLAIR, Camille. *Charles Baudelaire, sa vie, son art, sa légende*, La Maison du Livre, Paris, 1927.

____. *Le génie de Baudelaire, poète, penseur, esthéticien*, Éditions de la *Nouvelle revue critique*, Paris, 1933.

MAURIAC, François. *De quelques cœurs inquiets*, Société Littéraire de France, Paris, 1919.

MÉNARD, Louis. *Le tombeau de Charles Baudelaire*, La Plume, Paris, 1896.

MENDÈS, Catulle. *La légende du Parnasse contemporain*, A. Brancart, Braxelas, 1884.

____. *Le mouvement poétique français de 1867 à 1900*, E. Fasquelle, Paris, 1903.

MICHAUD, Guy. *La doctrine symboliste. Documents*, Nizet, Paris, 1947.

MICHELET, Victor-Émile. *Figures d’évocateurs*, E. Figuière, Paris, 1913.

MILNER, Max. *Le diable dans la littérature française*, 2 vols., José Corti, Paris, 1960.

MONTEL, François. ‘En marge de Baudelaire’, *Le figaro*, Paris, maio 1922.

MORICE, Charles. *La littérature de tout à l’heure*, Perrin, Paris, 1889.

MOUQUET, Jules. Introdução aos *Vers retrouvés* de Charles Baudelaire, Émile Paul, Paris, 1929.

____. Introdução às *Oeuvres en collaboration* de Charles Baudelaire, Mercure de France, Paris, 1932.

____. Introdução aos *Vers latins* de Charles Baudelaire, Mercure de France, Paris, 1933.

NADAR (Félix Tournachon, dito). *Charles Baudelaire intime. Le poète vierge*, A. Blaizot, Paris, 1911.

NERVAL, Gérard de. *Correspondance*, publicada por Jules Marsan, Mercure de France, Paris, 1911.

NICOLSON, Harold. *Swinburne and Baudelaire, the Zaharoff lecture*, Oxford at Clarendon Press, Oxford, 1930.

NOULET, E. *Études littéraires*, Cidade do México, 1944.

NOUVION, Georges de. ‘La famille de Charles Baudelaire’, *Bulletin de la Société du VI‘ Arrondissement*, Paris, 1902.

OSMON, Anne. *Le mouvement symboliste*, La Maison du Livre, Paris, 1917.

OUROUSOF, Príncipe Alexandre (ed.). *Le tombeau de Charles Baudelaire*, La Plume, Paris, 1896.

PACHECO, Félix. *O mar através de Baudelaire e Valéry*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1933.

____. *Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Charles Baudelaire*. Rio de Janeiro, 1933.

____. *Baudelaire e os milagres do poder da imaginação*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1933.

____. ‘Baudelaire nas traduções brasileiras’, in *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 12.2. 1933.

____. ‘Os tradutores brasileiros de Baudelaire’, *ibid*, 7.5.1933.

____. ‘Baudelaire e Luís Delfino’, *ibid*., 24.12.1934.

____. *Baudelaire e os gatos*, Rio de Janeiro, 1934.

PARMÉNIE, A. ‘Charles Baudelaire et l’éditeur Hetzel’, *Les nouvelles littéraires*, Paris, jul. 1945.

PASCAL, Pia. *Baudelaire par lui même*, ‘Écrivains de toujours’, Éditions du Seuil, Paris, 1956.

PATTERSON, Arthur S. *L’influence d’Edgar Poe sur Charles Baudelaire* (tese apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Grenoble), Allier, Grenoble, 1903.

PELLEAU, Paul. ‘Le carnet de la semaine’, *Le progrès du Nord*, Paris, ab. 1921.

PERONNET, G. A. ‘La leçon de Baudelaire’, *La grande revue*, Paris, ab. 1921.

PERRETTE, L. ‘Le théâtre de Baudelaire’, *Revue d’art dramatique*, t. XII, Paris, 1902.

PETROZ, Pierre. *L’art et la critique en France depuis 1822*, t. VI, Germer Baillière, Paris, 1875.

PEYRE, Henry. ‘L’image du navire chez Baudelaire’, *Modern language notes*, nº 7, 1929.

PICARD, Gaston. ‘Le salut de Paris à Charles Baudelaire’, *La démocratie nouvelle*, Paris, ab. 1921.

PICHOIS, Claude. ‘Du noveau sur Jeanne Duval’, *Revue d’histoire littéraire de la France*, Paris, ab.-jun. 1955.

____. *Le vrai visage du général Aupick*, Mercure de France, Paris, 1955.

____. *Correspondance* de Charles Baudelaire, estabelecimento do texto, apresentação e notas, com a colaboração de Jean Ziegler, 2 vols., Bibliothèque de la Pléiade, Nouvelle Revue Française/Gallimard, Paris, 1973.

PILON, Edmond. ‘Baudelaire’, *La vogue*, Paris, jul. 1900.

POIZAT, Alfred. ‘Charles Baudelaire’, *La correspondance*, Paris, ag. 1917.

POMMIER, Jean. ‘Banville et Baudelaire’, *Revue d’histoire littéraire de la France*, Paris, out.-dez. 1930.

____. *La mystique de Baudelaire*, Belles-Lettres, Paris, 1932.

____. *Dans les chemins de Baudelaire*, José Corti, Paris, 1945.

PORCHÉ, François. *La vie douloureuse de Charles Baudelaire*, Plon-Nourrit, Paris, 1926.

____. *Baudelaire, histoire d’une âme*, Flammarion, Paris, 1945.

POULAIN, E. *Charles Baudelaire et l’école normande*, Paris, 1933.

PRAROND, Ernest. *De quelques écrivains nouveaux*, Michel Lévy, Paris, 1852.

PRAROND, Ernest & BUISSON, Jules. ‘Lettres à Eugène Crépet sur la jeunesse de Baudelaire’, *Mercure de France*, Paris, set. 1954.

PRÉVOST, Jean. *Baudelaire*, Mercure de France, Paris, 1953.

PROUST, Marcel. Prefácio a *Tendres stocks*, de Paul Morand, Nouvelle Revue Française, Paris, 1921.

____. ‘A propos de Baudelaire’, *Nouvelle revue française*, Paris, jun. 1921.

QUENNELL, Peter. *Baudelaire and the symbolistes*, Chatto & Windus, Londres, 1929.

RAMNOUX, Clémence. *La nuit et les enfants de la nuit*, Flammarion, Paris, 1959.

RANC, Arthur. ‘Baudelaire, critique d’art’, *Revue international de l’art*, Paris, jan.-jun. 1869.

RAYMOND, Marcel. *De Baudelaire au surréalisme*, édition revue et augmentée, José Corti, Paris, 1963.

RAYNAUD, Ernest. *Baudelaire et la religion du dandysme*, Mercure de France, Paris, 1918.

____. *Charles Baudelaire* (estudo crítico-biográfico), Garnier, Paris, 1922.

RÉGAMEY, R.P. *Portrait spirituel du chrétien*, Cerf, Paris, 1963.

RÉGNIER, Henri de. *Baudelaire et les ‘Fleurs du mal’*, Les Presses Françaises, Paris, 1923.

RENCY, Georges. *Physionomies littéraires*, Bruxelas, 1907.

RICAULT D’HÉRICAULT, Charles de. *Souvenirs et portraits*, Téqui, Paris, 1902.

RICHARD, J.-P. *Poésie et profondeur*, Paris, 1952.

RICHART, Gaston. ‘Charles Baudelaire, l’homme, le prosateur, le critique, son tombeau’, in *L’oeuvre et l’image*, La Maison du Livre, Paris, s/d.

RIMESTAD, Christian. *Baudelaire*, Kobenhavn, 1927.

RIOUX DE MAILLOU. *Souvenirs des autres*, G. Crès, Paris, 1917.

RIVIÈRE, Jacques. *Études*, Nouvelle Revue Française, Paris, 1911.

RODENBACH, Georges. ‘Le tombeau de Baudelaire’, *Figaro*, Paris, set. 1892.

ROSENMARK, Solange. ‘Le voyage de Baudelaire à l’île Maurice’, *Revue de France*, Paris, dez. 1921.

ROSNY, J.-H. ‘L’intelligence de Baudelaire’, *Comoedia*, Paris, nov. 1921.

ROUGEMONT, Edouard de. *Commentaires graphologiques sur Charles Baudelaire*, Société de Graphologie, Paris, 1922.

ROUSSELLE, Jacques. ‘Le procès des *Fleurs du mal*’, *Grande revue*, Paris, set. 1907.

ROYÈRE, Jean. *Baudelaire, mystique de l’amour*, Champion, Paris, 1927.

____. *Poèmes d’amour de Baudelaire*, Albin Michel, Paris, 1927.

RUFF, Marcel A. *Baudelaire, l’homme et l’œuvre*, A. Hatier, Paris, s/d.

____. *L’esprit du mal et l’esthétique baudelairienne*, Armand Colin, Paris,

1955.

SAILET, M. *Billets doux de Justin Saget*, Mercure de France, Paris, 1952.

SAINTE-BEUVE, Charles-Augustin. *Portraits contemporains*, 2 vols., Michel Lévy, Paris, 1870.

____. *Causeries du lundi*, t. IX, XIII, XIV e XV, Garnier, Paris, 1872.

____. *Correspondance*, 2 vols., Calmann-Lévy, Paris, 1877.

____. *Nouvelle correspondance*, Calmann- Lévy, Paris, 1880.

SAND, George. *Correspondance*, Calmann-Lévy, Paris, 1883.

SARTRE, Jean-Paul. Introdução aos *Écrits intimes* de Charles Baudelaire, Pont du Jour, Paris, 1946.

____. *Baudelaire*. Gallimard, Paris, 1947.

SCHANNE, Alexandre. *Souvenir de Schaunard*, G. Charpentier, Paris, 1887.

SCHERER, Edmond. *Études de littérature contemporaine*, Calmann-Lévy, Paris, 1863-1886.

SCOURAS, Photis. *Essai médico-psychologique sur Charles Baudelaire*, Bosc & Riou, Lyon, 1929.

____. *Baudelaire toxicomane*, G. Doin, Paris, 1930.

SÉCHE, Alphonse & BERTHAUT, Jules. *Charles Baudelaire*, Louis Michaud, Paris, 1910.

SÉCHÉ, Léon. 'La présidente', *Mercure de France*, LXXXVIII, Paris, 1921.

SÉGUIN, Marc. *Génie des 'Fleurs du mal'*, Albert Messein, Paris, 1939.

SEILLIÈRE, barão Ernest. *Baudelaire*, Armand Colin, Paris, 1931.

SEYLAZ, Louis. *Edgar Poe et les premiers symbolistes français*, La Concorde, Lausanne, 1923.

SEYTRES, Olivier. 'Nadar. Une anecdote baudelairienne', *Le feu*, Paris, maio 1910.

SOUDAY, Paul. 'Le cinquentenaire de Baudelaire', *Le temps*, Paris, jun. 1917.

____. 'Le domaine public', *ibid*., jun. 1917.

____. 'Des lettres de Baudelaire', *ibid*., ag. 1917.

____. 'Vues sur Baudelaire', *ibid*., ag. 1917.

____. ‘Chroniques de livres, *ibid*., out. 1917 e ab. 1921.

____. ‘Les idées religieuses de Baudelaire’, *Paris-Midi*, Paris, ag. 1917.

____. ‘La terreur baudelairienne’, *ibid*., out. 1917.

SOUPAULT, Philippe. *Baudelaire*, Rieder, Paris, 1931.

SPOELBERCH DE LOVENJOUL, Charles (visconde de). *Les lundis du chercheur*, Calmann-Lévy, Paris, 1889.

SPRONCK, Maurice. *Les artistes littéraires*, Calmann-Lévy, Paris, 1889.

STARKIE, Enid. *Baudelaire*, Faber & Faber, Londres, 1957.

STIRNBERG, H. *Baudelaire im Urteil der Mitwelt und Nachwelt*, Münster, 1935.

STUART, Esme. ‘Charles Baudelaire and Edgar Poe, a literary affinity’, *Nineteenth century*, XXXIV, jul. 1893.

SUARÈS, André. ‘Baudelaire’, *La grande revue*, Paris, dez. 1911.

SWINBURNE, Algernon Charles. Artigo anônimo sobre *Fleurs du mal*, *The spectator*, Londres, nov. 1862.

____. *The ‘Fleurs du mal’ and other studies*, Londres, 1913.

SYFFERT, Gaston. *Baudelaire*, Henri Fabre, Paris, 1909.

SYMONS, Arthur. *Charles Baudelaire*, Londres, 1920.

THIBAUDET, Albert. *Intérieurs: Baudelaire, Fromentin, Amiel*, Plon-Nourrit, Paris, 1926.

THIERRY, Édouard. ‘Charles Baudelaire’, *Le moniteur universel*, Paris, jul. 1857. (Do ponto de vista histórico, o primeiro artigo da crítica francesa favorável às *Fleurs du mal*.)

THOMAS, Louis. *Curiosités sur Baudelaire*, Albert Messein, Paris, 1912.

TOURNEUX, Maurice. ‘Sept lettres inédites’, *Le livre moderne*, Paris, nov. 1891.

TRIAL, Raymond. *La maladie de Baudelaire* (*étude médico-psychologique)*, Jouve, Paris, 1926.

TROUBAT, Jules. *Charles Baudelaire* (discurso pronunciado a 26 de outubro de 1902 no cemitério de Montparnasse quando da inauguração do monumento funerário de Baudelaire), Lie de la Provence, Paris, 1903.

TURNELL, M. *Baudelaire. A study of his poetry*, Hamish Hamilton, Londres, 1953.

TURQUET, Milnes. *The influence of Baudelaire in France and England*, Constable, Londres, 1913.

VALÉRY, Paul. Situation de Baudelaire, Société des Conferences, Mônaco, 1924.

____. 'Baudelaire dessinateur', *Le manuscrit autographe* (número especial dedicado a Baudelaire), A. Blaizot, Paris, 1927.

____. 'Situation de Baudelaire', in *Variété*, II, Gallimard, Paris, 1930.

VAN BEVER, Adrien. *Concordance des 'Petits poèmes en prose' avec les 'Fleurs du mal'*, G. Crès, Paris, s/d.

VANDEREM, Fernand. *Baudelaire et Sainte-Beuve*, Henri Leclerc, Paris, 1917.

VERGNIOL, Camille. 'Cinquante ans après Baudelaire', *Revue de Paris*, Paris, ag. 1917.

VERLAINE, Paul. 'Baudelaire', in *Oeuvres posthumes*, Albert Messein, Paris, 1903.

VILLEMAIN, François. *Tableau du XVIII siècle*, 4 vols., Didier, Paris, 1847.

VILLIERS DE L'ISLE-ADAM, Auguste (conde de). 'Lettres à Baudelaire', *Nouvelle revue*, Paris, ag. 1903.

VIVIER, Robert. *L'originalité de Baudelaire*, La Renaissance du Livre, Paris, 1927.

VOUGA, Daniel. *Baudelaire et Joseph de Maistre*, José Corti, Paris, 1957.

WALEFFE, Maurice de. 'La gloire de Baudelaire', *Paris-Midi*, Paris, ab. 1921.

WEISS, J.-J. 'De la littérature brutale', *Revue contemporaine*, t. XXXVII, Paris, 1858.

WRIGTH, Malcolm Gilmore. *The role of the auditive sense in Baudelaire's works*, Filadélfia, 1929.

YRIARTE, Charles, *Les portraits cosmopolites*, Lachaud, Paris, 1870.

ZIESING, Theodor. *Charles Baudelaire, ein Essay*, C.M. Ebell, Zurique, 1879.

Traduções de Baudelaire no Brasil1

Embora Baudelaire tenha sido muito traduzido entre nós, a única versão integral de *As flores do mal* realizada anteriormente em língua portuguesa é a do juiz paraense Ignacio de Souza Moitta. A de Jamil Almansur Haddad omite cinco poemas (‘O cachimbo da paz’, ‘Promessas de um rosto’ e os três que compõem a seção ‘Pilhérias’). Há ainda uma versão parcial (81 poemas) do poeta português Delfim Guimarães (*Flores do mal*, interpretação em versos de poesias de Carlos Baudelaire, 2ª ed., livraria Editora Guimarães & Cia., Lisboa, 1924), bem como traduções esparsas de dois outros, Fernando Leal e A. Herculano de Carvalho. As melhores versões de Baudelaire para a língua portuguesa pertencem, todavia, a dois poetas brasileiros: Dante Milano e Guilherme de Almeida, as deste último muito conhecidas (e com razão muitíssimo estimadas) sob o título de *Flores das ‘Flores do mal’*. Não se podem esquecer também as traduções integrais dos *Pequenos poemas em prosa*, levadas a cabo por Paulo M. Oliveira, em 1937, e depois por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, em 1950. Mas há diversas outras, todas esparsas, que também merecem registro, o que mais ainda justifica a pequena (e necessariamente lacunosa) bibliografia que se segue.

1. Traduções integrais ou ditas integrais

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Pequenos poemas em prosa*, 1ª ed., José Olympio, Rio de Janeiro, 1950. 2ª ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1966. 3ª ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1977.

HADDAD, Jamil Almansur. *As flores do mal*, tradução, prefácio e notas, 1ª ed., Clássicos Garnier, Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1958.

MOITTA, Ignacio de Souza. *As flores do mal*, Coleção Cultural Paraense, Conselho Estadual de Cultura, Belém, 1971.

OLIVEIRA, Paulo M. *Pequenos poemas em prosa*, Athena, Rio de Janeiro, 1937.

2. Traduções isoladas

ABRANTES, Mário (pseud.). ‘Recolhimento’ (inédito), *apud* Félix Pacheco, ‘Os tradutores brasileiros de Baudelaire, in *Jornal do comércio*, Rio de Janeiro, 7.5.1933.

ALBUQUERQUE, Mateus de. ‘Perfume exótico’, in *Visionário*, 3ª ed., Rio de Janeiro, 1918.

ALMEIDA, Guilherme de. *Flores das ‘Flores do mal’ de Charles Baudelaire*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1944. (Estão traduzidos 21 poemas: ‘Bendição’, ‘O albatroz’, ‘A vida anterior, ‘A beleza’, ‘Hino à beleza’, ‘Perfume exótico’, ‘A cabeleira’, ‘Uma carniça’, ‘Remorso póstumo’, ‘Hoje, que dirás tu...’, ‘A bela nau’, ‘O convite à viagem’, ‘Spleen’ [LXXV], ‘Spleen’ [LXXVI], ‘Spleen’ [LXXVII], ‘Spleen’ [LXXVIII], ‘O gosto do nada’, ‘Recolhimento’, ‘A uma passante’, ‘A alma do vinho’ e ‘As litanias de Satã’.)

AUGUSTO, Otávio. ‘A vida anterior’, in Félix Pacheco, *O mar através de Baudelaire e Valéry*, Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1933.

BANDEIRA, Manuel. ‘Epílogo’ (*Pequenos poemas em prosa*), in *Poesia e prosa*, vol. I, José Aguillar, Rio de Janeiro, 1958.

BASTOS, Cassiano Tavares. ‘A giganta’, in *Baudelaire no idioma vernáculo*, São José, Rio de Janeiro, 1963. ‘Hino à beleza’ (simples imitação), in *Ermida*, Instituto Profissional, Rio de Janeiro, 1900; e *op. cit*. ‘Sed non satiata’, in *op. cit*. ‘Francisca meae laudes’, in *Diário de notícias*, Rio de Janeiro, 2.2.1959; e *op. cit*. ‘Exame da meia-noite’, in *Jornal do comércio* 1.12.1932; e *op. cit*. ‘O fim da jornada’, in *op. cit*.

BILAC, Olavo. ‘A cabeleira’ (paráfrase), in *Poesias*, Teixeira, São Paulo, 1888.

C. ou C. C. (pseud.). *Álbum* (inédito, de formato grande, em que o texto datilografado se enquadra à feição de missal. O exemplar foi oferecido pelo autor a Félix Pacheco em 1933 e pertence hoje à Biblioteca Municipal de São Paulo, onde se encontra catalogado na seção de Belas-Artes, Raridades e Mapoteca, sob a indicação LR-32R3. Constam deste *Álbum* 38 poemas

traduzidos, dispostos em ordem arbitrária: ‘À uma dama dos trópicos’, ‘A varanda’, ‘De profundis clamavi’, ‘As lamentações de um Ícaro’, ‘J’aime le souvenir...’, ‘Sepultura de um poeta maldito’, ‘O albatroz’, ‘Elevação’, ‘O ideal’, ‘A cabeleira’, ‘Dom Juan nos infernos’, ‘O azar’, ‘Musa venal’, ‘A giganta’, ‘O sino rachado’, ‘Perfume exótico’, ‘Correspondências’, ‘Confissão’, ‘Musa enferma’, ‘O mau monge’, ‘Recolhimento’, ‘Os gatos’ (LII e LXVIII), ‘O homem e o mar’, ‘Vida anterior’, ‘Bênção’, ‘A música’, ‘O inimigo’, ‘A morte dos pobres’, ‘Hino à beleza’, ‘Alva espiritual’, ‘Uma carcaça’, ‘O pôr-do-sol’, ‘Avec ses vêtements...’, ‘O tonel do ódio’, ‘A tampa’ e ‘Madrigal triste’.

CABRAL, Mário da Veiga. ‘Tristezas da lua’, in *Gazeta de notícias*, Rio de Janeiro, 26.1.1947.

CARDIM, Elmano (Jean de Saint-Malo). ‘Sepultura de um poeta maldito’, in Félix Pacheco, *Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Charles Baudelaire*, Rio de Janeiro, 1933.

CARLOS, Manuel. ‘A máscara’ (inédito), *apud* Félix Pacheco, art. cit.

CELSO, Afonso. ‘A giganta’ (trad. datada de 1877), in *Jornal do comércio*, 8.1.1933.

CEPELOS, Manuel Batista. ‘O homem e o mar’, in *Vaidades*, livro segundo, São Paulo, 1908; e Félix Pacheco, *op. cit*. ‘Perfume exótico’, ‘A cabeleira’ (sob o título de ‘Cabelos’), ‘Uma carniça’, ‘Harmonia da tarde’, ‘A uma malabarense’ e ‘O vinho dos operários’, *op. cit.*

COSTA, Regueira. ‘O repuxo’, in *Flores transplantadas*, Comercial, Recife, 1874.

DEFINE, Antônio. ‘O albatroz’, in Félix Pacheco, *op. cit*.; ‘A giganta’ (inédito), *idem*, art. cit.

DELFINO, Luís. ‘O veneno’, in *Jornal do comércio* (em transcrição fac-similar do autógrafo), 24/25.12.1934; e *O Cristo e a adúltera*, ed. póstuma, Pongetti, Rio de Janeiro, 1941.

DIAS, Teófilo. ‘O albatroz’, in *Cantos tropicais*, Agostinho Gonçalves Guimarães, Rio de Janeiro, 1878; e Félix Pacheco, *op. cit*. ‘Dom Juan nos infernos’, in *Fanfarras*, Dolivaes Nunes, São Paulo, 1882. ‘Confidências’, *apud* Félix Pacheco, ‘Baudelaire e Luís Delfino’, in *Jornal do comércio*, 24.12.1934. ‘O veneno’, in *Fanfarras*. ‘O espectro’, ‘A música’, ‘O sino rachado’ (sob o título de ‘O sino’), ‘Brumas e chuvas’ (sob o título de ‘Manhã de inverno’, apenas as quadras do soneto) e ‘A fonte de sangue’, *op. cit*.

DUTRA, Osório. ‘Elevação’, ‘Correspondências’ e ‘O inimigo’, in *Cores, perfumes e sons*, O Livro Inconsútil, Barcelona, 1948. ‘Sísifo’ (trad. livre), in *Mundo sem alma*, Sauer, Rio de Janeiro, 1943; e *op. cit*. ‘A vida anterior’, in *Mundo sem alma*. ‘Boêmios em viagem’, ‘A beleza’, ‘O ideal’ e ‘A giganta’ (transcrita também in *Autores e livros*, Rio de Janeiro, 12.9.1948), *op. cit*. ‘Perfume exótico’, in *O jornal*, Rio de Janeiro, 10.8.1947; *Diário de notícias*, 15.12.1957; Raimundo Magalhães Jr., *Antologia dos poetas franceses*, Gráfica Tupi Editora, Rio de Janeiro, 1933; e *op. cit*. ‘Adoro-te à feição...’, ‘A mulher estéril’, ‘De profundis clamavi’, ‘A judia’ (XXXII), ‘O balcão’ (transcrita também in *Diário de notícias*, 6.12.1959), ‘O anjo da guarda’ (XLII), ‘Harmonia da tarde’, ‘Convite à viagem’, ‘Conversação’ e ‘Soneto de outono’, in *op. cit*. ‘Tristezas da lua’, in *Diário de notícias*, 20.10.1957. ‘Os gatos’ (LXVIII), in *Serenidade*, 1937; *Jornal do comércio*, 29.8.1948; e *op. cit*. ‘O sino rachado’, ‘Spleen’ (LXXVII), ‘Obsessão’, ‘A tampa’ (sob o título de ‘A marmita’), ‘Hino’, ‘Pôr-do-sol romântico’, ‘O abismo’, ‘Recolhimento’, ‘Os cegos’ e ‘A uma passante’ (sob o título de ‘A mulher que passa’, também in *Diário de notícias*, 15.12.1957), in *op. cit*. ‘Brumas e chuvas’, in *Diário de notícias*, 27.10.1957. ‘Epígrafe para um livro condenado’, ‘A destruição’, ‘A fonte de sangue’, ‘A morte dos pobres’ e ‘A viagem’, *op. cit*. (São 38 poemas traduzidos, mas, no artigo ‘Meu álbum de família’, publicado no *Diário de notícias* de 27.4.1958, assegurou o autor que já traduzira mais de 80, *apud* Tavares Bastos, *op. cit*.)

ERASTRO (pseud.). ‘Bênção’, in *Jornal do comércio*, 28.5.1933. ‘A musa venal’, *apud* Félix Pacheco, art. cit. ‘A vida anterior’, *apud* Félix Pacheco, *op. cit*. ‘Une charogne’, in *Jornal do Comércio*, 7.5.1933. ‘O gato’ (XXXIV) e ‘Os gatos’ (LII e LXVIII), in Félix Pacheco, *Baudelaire e os gatos*, Rio de Janeiro, 1934; e *Jornal do comércio*, 29.1.1933. ‘O sino rachado’, *apud* Félix Pacheco, bibliog. cit.

FACCINI, Mário. ‘Dança macabra’, Clássicos Jackson, vol. XXXIX, Rio de Janeiro.

FERREIRA, Carlos. ‘Modulações’ (título sob o qual o autor traduziu ‘A varanda’), in *Poesias*, Rio de Janeiro, 1872; e *Alcyones*, Rio de Janeiro, 1878. ‘Moesta et errabunda’, in *Redivivas*, Campinas, 1881. (Esta última tradução data de 1871.)

FIGUEIREDO, Eugênio. ‘A beleza’, in *Scherzos e sinfonias*, Rio de Janeiro, 1932.

FONTES, José Martins. ‘A giganta’, in *Nos rosais das estrelas*, Santos, 1934; e *Poesias completas*, 6º vol., Santos, 1936. ‘Tristezas da lua’, in *Verão*, Instituto D. Escolástica, Santos, 1917; Raimundo Magalhães Jr., *op. cit*.; e Olegário Mariano, *Antologia de tradutores*, Guanabara, Rio de Janeiro, 1933. ‘Sonho parisiense’, in *Verão*.

FRÓES, Heitor. ‘O inimigo’, in *Meus poemas... dos outros*, Salvador, 1952.

GOMES, Lindolfo. ‘Os gatos’, in Félix Pacheco, *Baudelaire e os gatos*.

GONSALVES, José. ‘O albatroz’, ‘A vida anterior’, ‘O homem e o mar’ e ‘Perfume exótico’, in Félix Pacheco, *op. cit.*

GUIMARÃES, Eduardo. ‘Bênção’, in Félix Pacheco, ‘Baudelaire nas traduções brasileiras’, *Jornal do comércio*, 12.2.1933. ‘O albatroz’, in Félix Pacheco, art. cit. e *op. cit*. ‘Elevação’, in Félix Pacheco, art. cit.; Olegário Mariano, *op. cit*.; e Raimundo Magalhães Jr., *op. cit*. ‘O azar’, in *Jornal do comércio*, 14.5.1933; e Félix Pacheco, *Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Charles Baudelaire*, Rio de Janeiro, 1933. ‘A vida anterior’, ‘O homem e o mar’, ‘Perfume exótico’ e ‘A uma dama crioula’, in Félix Pacheco, *op. cit*. ‘As queixas de um Ícaro’, *idem*, *Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Charles Baudelaire*. (Assíduo tradutor de Baudelaire, Eduardo Guimarães deixou ainda 74 traduções inéditas, todas datadas do período entre 1917 e 1921. Eis a relação: ‘J’aime le souvenir...’ ‘Os faróis’, ‘A musa enferma’, ‘Boêmios em viagem’, ‘Dom Juan nos infernos’, ‘Castigo do orgulho’, ‘A beleza’, ‘O ideal’, ‘A máscara’, ‘Hino à beleza’, ‘A cabeleira’, ‘Je t’adore...’, ‘Avec ses vêtements...’, ‘A serpente que dança’, ‘Uma carcaça’, ‘De profundis clamavi’, ‘Une nuit que j’étais...’, ‘Remorso póstumo’, ‘O balcão’, ‘Um fantasma’, ‘Semper eadem’, ‘Toda inteira’, ‘Que diras-tu ce soir...’, ‘O facho vivo’, ‘Reversibilidade’, ‘Confissão’, ‘A alva espiritual’, ‘Harmonia da tarde’, ‘O veneno’, ‘O convite para a viagem’ [duas versões], ‘Palestra’, ‘Canto do outono’, ‘A uma madona’, ‘Canção da sesta’, ‘Francisca meae laudes’, ‘O espectro’, ‘Soneto de outono’, ‘Tristezas da lua’, ‘A música’, ‘O sino rachado’, Spleen’ [LXXV], ‘Spleen’ [LXXVI], ‘Spleen’ [LXXVII], ‘Spleen’ [LXXVIII], ‘Obsessão’, ‘O gosto do nada’, ‘Alquimia da dor’, ‘Horror simpático’, ‘O exame da meia noite’, ‘Madrigal triste’, ‘A voz’, ‘Hino’, ‘O rebelado’, ‘O repuxo’, ‘O resgate’, ‘Sobre o *Tasso em prisão*’, ‘O abismo’, ‘Recolhimento’, ‘O heautontimoroumenos’, ‘O irremediável’, ‘O relógio’, ‘Paisagem’, ‘O sol’, ‘Os cegos’, ‘O amor pela mentira’, ‘J’ai n’est pas oublié...’, ‘Sonho parisiense’, ‘A morte dos pobres’, ‘A viagem’, ‘As

jóias’, ‘O Letes’ e ‘À que é demais alegre’.)
LIMA, Augusto de. ‘O homem e o mar’, in *Contemporâneas*, Rio de Janeiro, 1887; *Poesias*, Garnier, Rio de Janeiro, 1909; e Félix Pacheco, *op. cit*.
LOPES FILHO (João Lopes de Abreu Filho). ‘A giganta’, in *Brasiléia*, nº 13, Fortaleza, ag. 1932; e Raimundo Magalhães Jr., *op. cit*.
LUSO, João. ‘A uma hora da manhã’ (*Pequenos poemas em prosa*), in *Jornal do comércio*, 4.6.1933.
MACEDO, Henrique. ‘Elevação’, in *Nova primavera*, Santos e Macedo, São Paulo, s/d.; ‘Perfume exótico’, *idem*.
MAIA, Arnaldo (pseud. de Manuel J. Silva Pinto). ‘Spleen’ (adap. livre do poema LXXX, sob o título de ‘Tédio’), in *Letras fluminenses*, Niterói, nov. 1951.
MARQUES, Oswaldino, ‘Hino’, in *Diário de notícias*, 25.5.1952. ‘Bem longe daqui’, *idem*, 10.8.1952.
MESQUITA, Ari de. ‘A carniça’, in *Clássicos Jackson*, vol. XXXIX, Rio de Janeiro.
MILANO, Dante. ‘Algumas poesias de Baudelaire’, in *Poesia e prosa*, Núcleo Editorial da UERJ/Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1979. (Estão traduzidos 14 poemas: ‘Estes versos te dou...’, ‘Semper eadem’, ‘A música’, ‘O gato’ [XXXIV], ‘Horror simpático’, ‘Um fantasma’ [I- As trevas], ‘Canção da sesta’, ‘O heautontimoroumenos’, ‘O irremediável’, ‘Spleen’ [LXXVII], ‘O repuxo’, ‘O Letes’, ‘Brumas e chuvas’ e ‘O relógio’. Tradutor exemplar de Baudelaire, Dante Milano conserva inéditas outras 34 versões: ‘Ao leitor’, ‘Hino à beleza’, ‘Adorar-te é adorar...’, ‘Uma carniça’, ‘Harmonia da tarde’, ‘A varanda’, ‘Um fantasma’ [IV - O retrato], ‘Toda ela’, ‘Canto de outono’, ‘Soneto de outono’, ‘Obsessão’, ‘Amor à ilusão’, ‘O vinho do solitário’, ‘Mártir’, ‘A Beatriz’, ‘Viagem a Citera’, ‘A morte dos amantes’, ‘A morte dos pobres’, ‘À que está sempre alegre’, ‘Hino’, ‘Sobre o *Tasso na prisão* de Delacroix’, ‘O exame da meia-noite’, ‘O abismo’ e ‘Recolhimento’.)
OLIVEIRA, Álvaro Goulart de. ‘Harmonia da tarde’, in *Rosácea sem luz*, Elvino Pacai, São Paulo, 1942; ‘Recolhimento’, *idem*.
OLIVEIRA, Felipe Daudt d’. ‘O convite para a viagem’, in Raimundo Magalhães Jr., *op. cit*.
PACHECO, Félix. ‘Bênção’, in *Jornal do comércio*, 11.12.1932. ‘O albatroz’ *op. cit.*, ‘Sublimação’ (título dado pelo tradutor ao poema ‘Elevação’), in *Jornal do comércio*, 27.11.1932; e *Baudelaire e os milagres do poder da imaginação*,

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 1933. ‘Correspondências’, in *Jornal do comércio*, 27.11.1932; e *Baudelaire e os milagres do poder da imaginação*. ‘Musa enferma’, in *Jornal do comércio*, 22.1.1933. ‘Musa venal’, *idem*, 15.1.1933. ‘O mau monge’, *idem, idem*. ‘O inimigo’, *idem*, 22.1.1933. ‘O azar’, *idem*, 14.5.1933; e *Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Charles Baudelaire*. ‘A vida anterior’, in *Jornal do comércio*, 8.1.1933; e *op. cit*. ‘Boêmios em viagem’ (sob o título ‘Zíngaros em marcha’), *idem*, 16.4.1933. ‘O homem e o mar’, *idem*, 30.4.1933; e *op. cit.* ‘Dom Juan dos infernos, *idem*, 19.3.1933. ‘A beleza’, *idem*, 8.1.1933. ‘O ideal’ *idem*, 22.1.1933. ‘A giganta’, *idem*, 6.11.1932. ‘Hino à beleza’, *idem*, 12.3.1933. ‘Perfume exótico’, *idem*, 2.4.1933; e *op. cit*. ‘Uma carniça’, *idem*, 1.1.1933. ‘Remorso póstumo’, *idem*, 8.1.1933. ‘O gato’ (XXXIV), *idem*, 29.1.1933; e *Baudelaire e os gatos*. ‘Alba espiritual’, *idem*, 22.1.1933. ‘O gato’ (LII), *idem*, 29.1.1933; e *Baudelaire e os gatos*. ‘Sisina’, *idem*, 5.2.1933. ‘A uma dama crioula’ (sob o título de ‘A uma branca dos trópicos’), *idem*, 9.4.1933; e *op. cit*. ‘Tristezas da lua’, *idem*, 20.11.1933; e *Gazeta de notícias*, 26.1.1947. ‘Os gatos’ (LXVIII), in *Jornal do comércio*, 29.1.1933; e *Baudelaire e os gatos*. Os mochos’, *idem*, 26.3.1933. ‘O cachimbo’, *idem*, 20.3.1933., ‘Sepultura de um poeta maldito’, *idem*, 14.5.1933; e *Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Charles Baudelaire*. ‘O sino rachado’, in *Jornal do comércio*, 18.12.1932; e Olegário Mariano, *op. cit*.; ‘A tampa’ (sob o título original de ‘Le couvercle’), *idem*, 25.12.1932. ‘Lamentações de um Ícaro’, *idem*, 14.5.1933; e *Do sentido do azar e do conceito da fatalidade em Charles Baudelaire*. ‘A uma passante’, in *Jornal do comércio*, 13.12.1932.

PENAFORTE, Onestaldo. ‘O albatroz’, ‘Ciganos em viagem’ e ‘Convite à viagem’, in *Espelhos d’água — jogos da noite*, Terra do Sol, Rio de Janeiro, 1931; e *Poesias*, Simões, Rio de Janeiro, 1954. (Este último poema foi também traduzido no artigo ‘Variações sobre um mito’, in *A manhã*, Rio de Janeiro, 7.9.1941, e *Jornal do comércio*, 21.5.1933.)

PIMENTEL, Paulo César. ‘Os faróis’ (sob o título de ‘Luminares’), *apud* Antônio Noronha Santos, ‘Arvers e Baudelaire’, in *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 8.7.1945; e Raimundo Magalhães Jr., *op. cit*. ‘Semper eadem’, in *O Estado*, Niterói, 12.5.1946. ‘Conversa’ (sob o título de ‘Intimidades’) e ‘Um morto alegre’, in Raimundo Magalhães Jr., *op. cit*. ‘O sino rachado’, *idem*; e *A cigarra*, Rio de Janeiro, nov. 1950. ‘A uma passante’ (sob o título de ‘O encontro de rua’), *apud* Antônio Noronha Santos, art. cit.; *Correio da manhã*,

8.7.1945; e Raimundo Magalhães Jr., *op. cit.* ‘Litanias de Satã’, in Raimundo Magalhães Jr., *op. cit.*

QUEIRÓS, Venceslau de. ‘De profundis clamavi’ (paráfrase) e ‘A tampa’ (sob o título de ‘O céu’), in *Rezas do diabo*, Revista dos Tribunais, São Paulo, 1939; e Raimundo Magalhães Jr., *op. cit.*

RAMOS, Péricles Eugênio da Silva. ‘Recolhimento’ e ‘Perfume exótico’, in *Revista de poesia e crítica*, ano VI, nº 8, Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, set. 1982.

REIS, Álvaro Borges dos. ‘O albatroz’, in *Musa francesa*, Reis, Salvador, 1917; Félix Pacheco, *op. cit.*; *apud* Eugênio Gomes, ‘Um tradutor baiano de Baudelaire’, in *Jornal do comércio*, 2.7.1933; ‘Uma carniça’ e ‘O tonel do ódio’, in *op. cit.*; Félix Pacheco, *op. cit.;* e Raimundo Magalhães Jr., *op. cit.*

TEIXEIRA, Hélio C. ‘Elevação’ (adap.), in *Ritmos*, Cicerone Brasileiro, Rio de Janeiro, 1953; e *Horizonte* (poemas e trovas), Tupi, Rio de Janeiro, 1955. ‘O homem e o mar’ (adap.), in *Careta*, Rio de Janeiro, 17.10.1953; e *Horizonte*. ‘Semper eadem’ (adap.), in *Ritmos*. ‘A música’ (paráfrase sob o título de ‘Noturno’), in *Horizonte*.

TOURINHO, Eduardo. ‘O homem e o mar’, in Félix Pacheco, *op. cit.* (A tradução está datada de 26.10.1931.)

XAVIER, Antônio Fontoura. ‘Elevação’, ‘Os faróis’, ‘D. João no inferno’, ‘Castigo do orgulho’, ‘O frasco’, ‘Madona’, ‘Spleen’ (LXXIX) e ‘O sol’, in *Opalas*, Sauer, Rio de Janeiro, 1884 (a tradução de ‘Spleen’ é a única que figura na edição de Lisboa de 1905, considerada, aliás, a definitiva); e Raimundo Magalhães Jr., *op. cit.*

EDIÇÃO
Izabel Aleixo
Anna Carla Ferreira

REVISÃO
Liciane Corrêa
Maria Beatriz Branquinho
Patrícia Reis
Rachel Agavino

CAPA E PROJETO GRÁFICO
Victor Burton

DIAGRAMAÇÃO
Fernanda Barreto

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ligia Barreto Gonçalves

PRODUÇÃO DE EBOOK
S2 Books

Visite nosso *site*: www.novafronteira.com.br

[1] Para a elaboração deste calendário recorreu-se, quase exclusivamente, às informações biobibliográficas contidas nas seguintes edições das obras de Baudelaire: *Les fleurs du mal*, Bibliothèque de Cluny, vol. 3, Éditions de Cluny, Paris, 1936, 224 pp. *Oeuvres*, texte établi et annoté par Yves-Gérard Le Dantec, Bibliothèque de La Pléiade, vol. 1 Nouvelle Revue Française, Gallimard, Paris, 1954, 1.576 pp. *Correspondance*, I (janeiro 1832 — fevereiro 1860), texte établi, presenté et annoté par Claude Pichois avec la collaboration de Jean Ziegler, Bibliothèque de La Pléiade, Nouvelle Revue Française, Gallimard, Paris, 1973, 1.114 pp.; e II (março 1860 — março 1866), *idem*, *idem*, 1.150 pp.
[2] Figuram aqui apenas os títulos das edições originais e coletivas, além das que se fizeram das obras completas ou das que incluem alterações substanciais relativamente a edições anteriores.
[3] Emmanuel, Pierre. *Baudelaire*, Les écrivains devant Dieu, Desclée de Brouwer, Paris, 1967.
[4] Porché, François. *La vie douloureuse de Charles Baudelaire.* Plon Nourrit, Paris, 1926.
[5]*Correspondance*, I, texte établi, présenté et annoté par Claude Pichois avec la collaboration de Jean Ziegler, Gallimard, Paris, 1973.
[6] Emmanuel, Pierre. *Op. cit.*
[7] Massin, Jean. *Baudelaire entre Dieu et Satan*, René Julliard, Paris, 1946.
[8] Blin, Georges. *Baudelaire*, Gallimard, Paris, 1939.
[9] Valéry, Paul. 'Situation de Baudelaire', *Variété II*, Gallimard, Paris, 1930.
[10] Fumet, Stanislas. *Notre Baudelaire*, Plon-Nourrit, Paris, 1926.
[11] Ferran, André. *L'esthétique de Baudelaire*, Hachette, Paris, 1933.
[12] Valéry, Paul. *Op. cit.*
[13] Ferran, André. *Op. cit.*
[14]*Idem, ibidem.*
[15] Ferran, André. *Op. cit.*
[16] Ferran, André. *Op. cit.*
[17] Raynaud, Ernest. *Charles Baudelaire*, Garnier, Paris, 1922.
[18] Blin, Georges. *Op. cit.*
[19]*Idem, ibidem.*
[20] Carpeaux, Otto Maria. *História da literatura universal*, vol. V, O Cruzeiro, Rio de Janeiro, 1963
[21] Massin, Jean. *Op. cit.*
[22]*Idem, ibidem.*
[23] Eliot, T. S. 'Baudelaire', *Selected essays*, Faber and Faber, Londres, 1933.
[24] Emmanuel, Pierre. *Op. cit.*
[25]*Idem, ibidem.*
[26]*Correspondance*, I
[27]*Idem, ibidem*, II
[28]*Idem, ibidem*, II.
[29] Valéry, Paul. *Op. cit.*
[30]*Idem, ibidem.*
[31]*Idem, ibidem.*
[32]*Idem, ibidem.*
[33] Sartre, Jean-Paul. *Baudelaire*, Gallimard, Paris, 1947.
[34] Valéry, Paul. *Op. cit.*
[35] Raynaud, Ernest. *Op. cit.*
[36] Valéry, Paul. *Op. cit.*
[37]*Correspondance*, I
[38] Massin, Jean. *Op. cit.*
[39] Blin, Georges. *Op. cit.*

[40]*Idem, ibidem.*
[41] Gide, André. Préface aux *Fleurs du mal*, R. Helleu, Paris, 1917.
[42] Dérieux, Henri. *Baudelaire. Trois essais précedés d'un poème-dédicace*. Nouvelle Librairie Littéraire, Basiléia, 1917.
[43] Blin, Georges. *Op. cit.*
[44]*Idem, ibidem.*
[45] Emmanuel, Pierre. *Op. cit.*
[46]*Correspondance*, II.
[47] Emmanuel, Pierre. *Op. cit.*
[48] Emmanuel, Pierre. *Op. cit.*
[49] Emmanuel, Pierre. *Op. cit.*
[50] Massim, Jean. *Op. cit.*
[51]*Idem, ibidem.*
[52] Benjamim, Walter. "Sur quelques thèmes baudelairiens", *Oeuvres*, II, *Poésie et révolution*, Dossier des Letters Nouvelles, Denoël, Paris, 1971.
[53]*Idem, ibidem.*
[54]*Idem, ibidem.*
[55] Eliot, T. S. *Op. cit.*
[56] Valéry, Paul, *Op. cit.*
[57]*Apud* Ernest Raynaud, *op. cit.*
[58]*Idem, ibidem.*
[59] Esta tradução utiliza como texto-base a edição de Cluny (Paris, 1936), que reproduz o texto integral da segunda edição de *As flores do mal* (1861) e da *Marginália de Charles Baudelaire* (1866), último estádio do pensamento do autor, assim como o *Suplemento às* Flores do mal, que abrange as *Novas flores do mal* (1866) e os *Poemas acrescentados em 1868.* Excluem-se, portanto, os *Primeiros poemas* (1837-1845), os *Poemas diversos* (1860-1865), as *Amoenitates Belgicae* (1925) e os *Poemas atribuídos a Baudelaire* que constam da edição de Bibliothèque de la Pléiade. Além de óbvias implicações circunstanciais e mesmo apócrifas, tais segmentos jamais foram incluídos pelo autor no que hoje se reconhece como o cânon baudelairiano, cujo *corpus* definitivo é o da 3ª edição, vol. I, das *Obras completas* publicadas por Michel Lévy em 1868-1870 (v. seção *Obras de Charles Baudelaire*).
[60] Nome dado pelos gregos a Thot, deus lunar dos egípcios. Cognome de Hermes, entre os gregos, que lhe atribuíam certas características do deus egípcio Thot. Como reza a lenda, Hermes Trismegisto (isto é, "três vezes grande") teria sido autor de livros de magia, astrologia e alquimia, inspirados pelo platonismo e pelas doutrinas místicas do Oriente Próximo. (N.T.)
[61] Em hebr., *gue himmon*, expressão que designava "o vale do Himmon", perto de Jerusalém, onde era comum o sacrifício de crianças pelo fogo em honra do deus Moloch. Em linguagem bíblica, é o inferno: *O fogo da Geena*. Em sentido figurado, o termo equivale à tortura, ao martírio, à dor intensa. (N.T.)
[62] Nome da antiga Tadmor, já mencionada no III milênio a.C., oásis e etapa das rotas comerciais de caravanas entre a Síria e a Mesopotâmia. Aliado depois a Roma, o pequeno reino de Palmira prosperou graças ao tráfico de produtos das Índias e do Extremo Oriente. Colônia romana no séc. III, desligou-se do Império para tornar-se Estado vassalo, célebre por suas conquistas, em particular sob as administrações de Odenato e Zenóbia. Dominada por Aureliano em 272-73, foi destruída pelos árabes em 634. (N.T.)
[63] Em gr., *Phoíbos* ("o brilhante"); em lat., *Phoebus*. Apelido dado pelos romanos a Apolo. (N.T.)
[64] Em gr., *Kybèlé* (do nome de uma montanha na Frígia), a grande deusa da Ásia Menor, freqüentemente chamada "mãe dos deuses" ou "grande mãe". Divindade da natureza, personificava a força da vegetação. Seu culto estendeu-se aos mundos grego, onde foi assimilada a Réia, e romano, que a acolheu oficialmente em 204 a.C., quando trouxeram de Pessinonte a pedra negra que a simbolizava. (N.T.)

[65] Do ant. lat. *Minturnae*, atual Minturno, comuna da Itália (Lácio, prov. de Latina). Foi nos pântanos da antiga Minturnas que Mário (Caius Marius), general e político romano (sécs. II-I a.C.), se escondeu após ser proscrito por Sula em 88 a.C. (N.T.)
[66] Em gr., *Pán*, deus dos pastores da Arcádia. Dotado de chifres, rabo e pés de bode, perseguia as ninfas pelos bosques e colinas. Na mitologia alegórica dos estóicos, tornou-se a encarnação do Universo, do Grande Todo (por provável influência do sentido do prefixo *pan*, 'todo'). (N.T.)
[67] Baudelaire usa *Borées* (em gr., *Boréas*, em port., Bóreas), ou seja, a personificação do vento Norte, que sopra furioso nos primeiros meses do inverno europeu. Evitou-se aqui a transcrição nominal da personagem mitológica, optando-se pelo termo 'ventos' a fim de recuperar o esquema rímico de que se vale o autor no soneto. (N.T.)
[68] Em gr., *Sísyphos*, rei lendário de Corinto, filho de Éolo. Teria sido o fundador da cidade. Foi condenado nos Infernos a empurrar eternamente encosta acima de uma montanha uma enorme pedra, que rolava sempre antes de atingir o cume. A lenda de Sísifo tem sido utilizada simbolicamente na literatura e na filosofia ocidentais (como, p. ex, em *Le mythe de Sisyphe*, de Albert Camus) para caracterizar a gratuidade e o absurdo da condição humana. (N.T.)
[69] Um dos heróis mais caros à literatura romântica. Baudelaire empresta-lhe aqui a atitude byroniana do revoltado contra Deus, mas não separa sua imagem da que lhe deu Molière em seu *Don Juan*. (N.T.)
[70] Em gr., *Khárõn*, barqueiro dos Infernos, encarregado de transportar pelo Estige as almas dos mortos. (N.T.)
[71] ilósofo grego (444-365 a.C.), fundador da escola cínica e cuja moral se apoiava no desprezo pelo dinheiro e os bens materiais. (N.T.)
[72] Personagem cômico criado por Molière, que dele fez marido ciumento (*Sganarelle ou le cocu imaginaire*), tutor (*L'école des maris*), criado (*Le festin de pierre*), pai (*L'amour médecin*) e lenhador (*Le médecin malgré lui*). (N.T.)
[73] Na peça de Moliére, o pai de dom Juan. (N.T.)
[74] Na mesma peça, a esposa abandonada por dom Juan. (N.T.)
[75] Sulpice Guillaume Chevalier, dito Paul Gavarni (1804-1866), desenhista francês cuja arte reflete a sociedade de seu tempo: moças emancipadas, estudantes, boêmios. Dele nos fala Sainte-Beuve e, sobretudo, o próprio Baudelaire, para quem as obras de Gavarni e Daumier eram complementos da *Comédie humaine*, de Balzac. (N.T.)
[76] Segundo Ernest Raynaud (*Charles Baudelaire*, Garnier, Paris, 1922), trata-se da estátua que leva o nome de *La comédie humaine*, hoje no jardim das Tulherias. (N.T.)
[77] "Satisfeita, mas não saciada". Alusão a Juvenal, *Satirae*, V, a propósito de Messalina: "Et lassata viris, sed non satiata recessit". (N.T.)
[78] Feiticeiro africano. (N.T.)
[79] Em gr., *Stýx*, rio dos Infernos. Segundo a lenda, dava nove voltas pelo globo terrestre e às suas margens vagavam os que não tinham sepultura. (N.T.)
[80] Em lat., *Proserpina*, deusa romana da Agricultura e rainha dos Infernos, mulher de Plutão, idêntica à Perséfone grega. (N.T.)
[81]*De profundis clambo ad te, Domine* ("Das profundezas clamei por ti, Senhor"), primeiras palavras de um salmo da penitência (salmo 124), recitado com freqüência como oração para os mortos. (N.T.)
[82] Baudelaire alude aqui à judia de nome Sara, dita *Louchette*, com quem manteve ligações amorosas e que lhe inspirou um truculento poema, em certas passagens bastante original, incluído nas *Obras póstumas*: "Je n'ai pás pour maîtresse une lionne illustre..." (N.T.)
[83] Este terceto é inédito e figura em lugar do último; conseqüentemente, sua supressão explica as reticências colocadas ao fim do primeiro na versão definitiva. (Nota do editor francês.)
[84] "Sempre a mesma." (N.T.)

[85] Sisina Niéri, amiga de Mme Sabatier, a quem Baudelaire devotou uma adoração quase mística. (N.T.)
[86] Anne Josèphe Terwagne, dita Théroigne de Méricourt (1762-1817), revolucionária francesa nascida na Bélgica. Ligada à Gironda, foi chicoteada em público pelas integrantes femininas do partido jacobino a 31 de maio de 1793. (N.T.)
[87] Este poema, na edição original (1857), vinha acompanhado da seguinte nota, que foi suprimida em 1861 e restabelecida na *Marginália*: “Não parece ao leitor, como a mim, que a língua da última decadência latina — extremo suspiro de uma pessoa robusta já transformada e preparada para a vida espiritual — se mostra singularmente adequada a expressar a paixão tal como a compreende e sente o mundo poético moderno? O misticismo é outro pólo deste ímã de que Catulo e seu bando, poetas grosseiros e puramente epidérmicos, conheceram apenas o pólo da sensualidade. Nesta maravilhosa língua, o solecismo e o barbarismo me parecem evocar as negligências impostas por uma paixão
que se esquece e zomba das regras. As palavras, tomadas numa nova acepção, revelam a encantadora inépcia do bárbaro setentrional ajoelhado diante da beleza romana. O próprio trocadilho, quando se infiltra nesses balbucios pedantes, não revelaria a graça selvagem e barroca da infância?” (C.B.)
[88] “Triste e erradia”. (N.T.)
[89] Ágata, inspiradora desconhecida. (N.T.)
[90] Em gr., *Érebos*, entidade preexistente à criação do universo, filho de Caos e irmão de Nyx (a Noite), símbolo literário da morte. (N.T.)
[91] Baudelaire inspirou-se aqui numa gravura do artista inglês J. Mortimer (1741-1799). (N.T.)
[92] Nome dado às cinqüenta filhas de Dânaos, rei lendário de Argos, e que, por ordem deste, estrangularam os esposos na própria noite de núpcias, à exceção de Hipermnestra, que poupou Linceu. Assassinadas mais tarde por este, foram condenadas aos Infernos, onde deviam encher eternamente um tonel sem fundo, donde a expressão “tonel das Danaides” para designar qualquer esforço inútil. (N.T.)
[93] Quinto mês do calendário adotado durante a Revolução Francesa (de 20 ou 21 de janeiro a 19 ou 20 de setembro). É o mês das chuvas. (N.T.)
[94] François Boucher (1703-1770), pintor e gravador francês. Autor de cenas pastoris, religiosas, mitológicas e alegóricas, cujas cores desmaiadas lembram pastéis. Parte de sua obra está no Louvre. (N.T.)
[95] Em gr., *Léthe*, um dos rios do Inferno. Sua água fazia esquecer o passado àqueles que dela bebessem. (N.T.)
[96] Rei da Frígia (c. 715-676 a.C.), filho de Górdio. Rei poderoso, sua fortuna provinha das minas de ouro da Frígia e de Urartu, bem como das pepitas do rio Pactolo. Conta a lenda que Dioniso lhe deu o poder de transformar em ouro tudo aquilo em que tocasse. (N.T.)
[97] Título tomado a uma comédia de Terêncio, *O carrasco de si mesmo*. (N.T.)
[98] Iniciais misteriosas que figuram também na dedicatória dos *Paraísos artificias*. (N.T.)
[99] Rémy ou Remi Belleau (1528-1577), poeta francês que Ronsard reconheceu, a partir de 1554, como um dos poetas da Plêiade. Sua principal obra é *Petites inventions* (1556), na qual se descrevem as flores, os frutos e os insetos. (N.T.)
[100] Pierre de Ronsard (1524-1585), poeta francês que, ao lado de Antoine de Baïf e de Joachim du Bellay, dispôs-se a restaurar a poesia francesa em toda a sua amplitude, tornando-se chefe da nova escola *La brigade*, que, em 1556, passou a chamar-se *La pléiade.* Suas principais obras são os *Amours* (1552) e os *Hymnes* (1555-56). (N.T.)
[101] Dinastia que reinou na França de 1328 a 1589. (N.T.)
[102] Em gr., *Andromákh¯e*, esposa de Heitor e mãe de Astíanax. Após a tomada de Tróia, tornou-se escrava de Pirro, filho de Aquiles, com quem teve três filhos e que depois a repudiou, dando-a a seu irmão Heleno. (N.T.)
[103] Em gr., *Simóeis*, rio da Tróade no qual outrora desembocava o rio Escamandro. (N.T.)
[104] Em gr., *Pýrrhos*, em lat., *Pyrrhus* (c. 318-272 a.C.), rei de Epiro (295-272), célebre pela dura vitória

(por isso conhecida como “vitória de Pirro”) que obteve sobre os romanos em Heracléia (280). Morreu em Argos, após invadir o Peloponeso, durante uma batalha. (N.T.)
[105] Em gr., *Hékt¯or*, herói troiano, filho de Príamo e Hécuba, esposo de Andrômaca e pai de Astíanax. Após realizar várias proezas militares, foi morto por Aquiles, que o arrastou ao redor das muralhas de Tróia amarrado a seu carro. (N.T.)
[106] Em gr., *Hélenos*, em lat. *Helenus*, guerreiro e adivinho troiano, filho de Príamo e Hécuba, irmão de Heitor e esposo de Andrômaca, que lhe foi dada em casamento por Pirro. (N.T.)
[107] Em gr., *Phoínix*, pássaro fabuloso que vivia vários séculos, ardia numa fogueira e renascia das próprias cinzas, segundo reza uma tradição mítica egípcia. (N.T.)
[108] Heroína gaulesa (Roma 79), mulher de Sabino. Após traído, foi este condenado à morte por Vespasiano. Eponima insultou o imperador e foi também executada. (N.T.)
[109] Nome de diversas cortesãs gregas sobre as quais os autores antigos divulgaram inúmeras histórias. (N.T.)
[110] Cid. da Itália (prov. de Roma) que se desenvolveu depois da destruição da antiga Tusculum, em 1191. A partir do séc. XVI, passou a ser uma das estâncias de veraneio preferidas pela aristocracia romana, que ali ergueu majestosas mansões. (N.T.)
[111] Em gr., *Tháleia*, uma das nove Musas. Dela se fez, posteriormente, a musa da comédia. (N.T.)
[112] Cid. da Itália (Lácio, prov. de Roma). Conserva da antiga Tibur os templos de Vesta e Sibila, além de importantes ruínas de uma vila de Adriano. (N.T.)
[113] Em gr., *Antínoos*, jovem grego de Bitínia, favorito do imperador Adriano, a quem acompanhou na viagem ao Egito. Ter-se-ia afogado no Nilo. Tornou-se o tipo da beleza plástica. (N.T.)
[114] Divindade romana dos frutos e dos jardins. (N.T.)
[115] Mariette, criada de Mme. Aupick, que cuidou de Baudelaire quando criança. Seu nome aparece muitas vezes na correspondência e nos diários íntimos do poeta. (Nota do editor francês.)
[116] Em gr., *Pakt¯olós*, pequeno rio da Lídia, afluente do Hermo, célebre pelas pepitas de ouro que abundavam em suas águas, origem da riqueza de Midas e Creso. (N.T.)
[117] Ou Cérigo. Em gr. Cláss., *Kýth¯era*, ou mod., *Kíthira*, ilha grega situada entre o Peloponeso e Creta. Feitoria fenícia no séc. X a.C., em meados do séc. VII a.C. tornou-se possessão de Argos e, logo após, de Esparta. Era célebre por sua produção de púrpura e pelo santuário de Afrodite Anadiomena ou Vênus, que, nascida da espuma das ondas, teria se apossado da ilha. (N.T.)
[118] País imaginário da América que os conquistadores espanhóis supunham existir entre os rios Amazonas e Orenoco e que, segundo eles, abundava em ouro. Por extensão, país maravilhoso por suas riquezas e prazeres. (Nota do editor francês.)
[119] Possível alusão à Piazza Del Campidoglio, cujos planos se devem a Miguel Ângelo e onde se ergue a antiga estátua de bronze do imperador Marco Aurélio. (N.T.)
[120] Leia-se Félix Nadar, o célebre fotógrafo e aeronauta, velho amigo de Baudelaire. (Nota do editor francês.)
[121] Em gr., *Kírk¯e*, feiticeira que transformou em porcos os companheiros de Ulisses quando este aportou à sua ilha, a fim de que o herói permanecesse por mais tempo ao seu lado. Assim nos relata Homero na *Odisséia*, canto X. (N.T.)
[122] Em gr., *Ikaría*, ilha grega do mar Egeu. Baudelaire alude aqui à *Voyage em Icarie* (1842), romance fantasioso em que Étienne Cabet, teórico do comunismo, expõe um sistema de felicidade imaginária. (N.T.)
[123] Cidade da Itália, ant. *Casilinum*. Sua fundação remonta aos etruscos. Uniu-se a Roma no séc. IV a.C. e foi tomada por Aníbal em 215 a.C., tendo seus soldados passado ali o inverno. A expressão ‘as delícias de Cápua’, faz alusão a esse inverno, durante o qual o exército se debilitou, em lugar de consolidar a vitória. (N.T.)
[124] Em gr., *Pylád¯es*, herói mitológico da Fócida, primo e amigo inseparável de Orestes. (N.T.)

[125] Em gr., ¯Eléktra, filha de Agamêmnon, e de Clitemnestra, irmã de Orestes e de Ifigênia. Ajudou Orestes a vingar o assassínio do pai e casou-se com Pílades, filho do rei da Fócida. A lenda de Electra exerceu imenso fascínio sobre diversos dramaturgos antigos e modernos, tendo nela se inspirado, além de numerosos autores da Renascença e do Barroco, Ésquilo (*Coéforas*), Sófocles (*Electra*, c.425 a.C.), Eurípedes (*Electra* 413 a.C.), Hugo von Hofsmannsthal (*Elektra*, 1904-1906, que serviu de base a uma ópera de Richard Strauss), Eugene O'Neill (*Mourning becomes Electra*, 1931) e Jean Giraudoux (*Électre*, 1937). É nessa lenda que se apóia também a doutrina psicanalítica segundo a qual a trama neurótica de determinados conflitos femininos remonta à fixação libidinosa da menina em relação ao pai. (N.T.)
[126] Ou Cresso, último rei da Lídia (c. 560 — c. 546 a.C.), filho e sucessor de Aliate, célebre pelas riquezas de seu reino, oriundas das minas de ouro e da confluência das rotas comerciais para os portos do mar Egeu. Foi derrotado em Timbra (546 a.C.) por Ciro, seu opulento vizinho, que o aprisionou em Sardes, residência real dos soberanos lídios. (N.T.)
[127] Em gr., *Nyx*, deusa da Noite, filha do Caos, mãe do Sono e da Morte, irmã de Érebo. Era representada sob a forma de uma mulher com um véu disposto em arco sobre a cabeça. (N.T.)
[128] Provavelmente, a mesma inspiradora de 'A uma malabarense', ou seja, a nativa que Baudelaire conheceu em setembro de 1841 na casa do sr. e sra. Adolphe Autard de Bragard, na ilhas Maurício, durante a viagem que fez a bordo do *Paquebot-des-Mers-du-Sud.* (N.T.)
[129] Blaise Pascal (1623-1662), matemático, físico, filósofo e escritor francês. Jansenista e patrono dos movimentos de renovação religiosa em seu país, tornou-se famoso graças às 18 *Lettres provinciales* (1656-1657) e, sobretudo, às *Pensées* (public. póstuma, 1670). Distinguia entre o *esprit de géométrie*, que dele fez importante matemático e físico e o *esprit de finesse*, graças ao qual foi profundo *homo religiosus*. É sensível a influência desta última vertente sobre a poesia de Baudelaire. (N.T.)
[130] Em gr., *Íkaros*, filho de Dédalo, com o qual foi aprisionado por Minos no labirinto de Creta. Libertado por Pasífae, voaram com asas que fixaram ao corpo com cera. Ícaro elevou-se tão alto que o calor do sol fundiu a cera e ele caiu ao mar. (N.T.)
[131] O poema imitado é o 'Peace-pipe', pertencente à coletânea *The song of Hiawatha* (1885). Baudelaire fez aqui uma adaptação bastante livre do texto de Longfellow. (N.T.)
[132] Em nota ao poema, diz o autor que se deve pronunciar *Gitchi Manitou*, daí a grafia por nós adotada e que, na tradução, permitiu conservar a cesura masculina, tal como no original. Entre algumas tribos norte-americanas e canadenses, *Manitou* designa um espírito ou gênio do bem ou do mal, sendo sua tendência predominantemente monoteística. A ele estão relacionadas noções de guarda, de orientação ética e de autoridade cósmica. É também o nome de um rio da província de Quebec, no Canadá, afluente do São Lourenço. (N.T.)
[133] Vale da província de Quebec, no Canadá. (N.T.)
[134] Cidade do Alabama, nos EUA, às margens do rio Black Warrior. (N.T.)
[135] Em gr., *Endymíõn*, pastor de grande beleza que foi amado por Selene (a Lua). A pedido desta, Zeus concedeu a Endimião nunca envelhecer e perdurar em sonho eterno, além de lhe satisfazer qualquer desejo. Segundo uma das versões da lenda, foi durante este sono que a Lua o viu e dele se enamorou. (N.T.)
[136] Poeta francês (1823-1891). Adepto da 'arte pela arte', deixou a obra-prima dessa escola, as *Odes funambulesques* (1857). Parnasiano, o único a ser estimado pelos simbolistas, defendia o uso de regras estritas e das rimas ricas. Amigo fiel de Baudelaire, que chegou a lhe 'parodiar' o estilo em 'A uma mendiga ruiva'. (N.T.)
[137] "A expressão *Genus irritabile vatum* é bastante anterior aos séculos das querelas dos Clássicos, dos Românticos, dos Realistas, dos Eufuístas etc... É óbvio que com 'a irresistível Noite' o sr. Charles Baudelaire pretendeu caracterizar a atual situação da literatura, e que as 'inesperadas rãs' e os 'frios caracóis' são os escritores que não pertencem à sua escola.
Este soneto foi composto em 1862 para servir de epígrafe a um livro do sr. Charles Asselineau que não

chegou a ser publicado, *Mélanges tirés d'une petite bibliothèque*, que deveria ter como prólogo um soneto do sr. Théodore de Banville, 'A aurora do sol romântico'." (Nota do editor francês.)
[138] "Este poema e os cinco seguintes foram condenados, em 1857, pelo tribunal correcional, e não mais puderam ser reproduzidos na coletânea das *Flores do mal*. Sabe-se que outro título escolhido por Baudelaire para o seu livro era *As lésbicas*. Este título não se explicaria senão pela presença deste poema e dos outros dois que levam o título de 'Mulheres malditas', ou talvez, também pelo segundo terceto de 'Sed non satiata' onde o autor alude à anomalia sexual de Jeanne Duval." (Nota do editor francês.)
[139] Em gr., *Lésbos* ou *Mytil¯en¯e*. Ilha grega do mar Egeu, perto do litoral turco. Na antigüidade, a ilha era partilhada por várias cidades rivais, entre elas Mitilene, que viria a dominá-la. Nos tempos arcaicos foi um celeiro de poetas líricos, como Alceu, Terpandro, Arião e Safo. (N.T.)
[140] Em gr., *Phrýn¯e*. Cortesã ateniense (Tépias séc. IV a.C.). Acusada de impiedade, ter-se-ia beneficiado da indulgência de alguns juízes quando seu defensor, Hipérides, a despiu diante deles. (N.T.)
[141] Em gr., *Páphos*. Na antigüidade, nome de duas cidades do setor oeste da ilha de Chipre. Uma delas (hoje Koúklia), fundada pelos fenícios, tornou-se célebre entre os gregos por seu templo consagrado a Afrodite. Pafos era o centro do culto de Afrodite e ali celebravam as afrodísias, cujo ritual incluía um banho no mar e danças mímicas. (N.T.)
[142] Em gr., *Sappho*. Poetisa grega (Lesbos c. 625 – *id.* 580 a.C.) cujos nove livros de poemas de amor forma celébres na antigüidade. De todos eles restam apenas 650 versos, alguns dos quais surpreendem pelo intenso acento lírico. Criou ritmos e metros novos, como, por exemplo, a estrofe sáfica. (N.T.)
[143] Em gr., *Pláton*. Filósofo grego (Atenas 428 ou 427 – *id*. 348 ou 3547 a.C.) cujo pensamento radica numa teoria das idéias em que estas se organizam hierarquicamente sob a égide do Bem. Toda a construção do platonismo está vinculada ao pensamento matemático da época, buscando explicar o conhecimento e a existência das coisas através da participação do sensível no inteligível e da reminiscência, ou seja, a memória supra-empírica da alma. Deixou inúmeros *Diálogos*. (N.T.)
[144] Ou, mais corrente, Leucádia (em gr. *Leukadía* ou *Leuká*). Ant. Santa Maura, antiga ilha do mar Jônio, hoje ligada ao continente asiático por um istmo alagadiço. O geônimo Leucádia inclui também as ilhas de Kálamos e Ítaca. (N.T.)
[145] Em gr., *Hippolýt¯e*. Rainha das amazonas, filhas de Ares. Héracles venceu as amazonas e capturou ou matou a rainha para roubar-lhe o cinto miraculoso. (N.T.)
[146] Na antigüidade grega, uma das pítias, sacerdotisas encarregadas de pronunciar oráculos em nome de Apolo, em Delfos. Sentadas numa trípode, entre emanações sulfurosas no interior da caverna sagrada, as pítias eram tomadas de 'delírio divino', articulando palavras incoerentes que os sacerdotes interpretavam como a resposta do deus. (N.T.)
[147] Na mitologia grega, cada uma das três Fúrias. (O mesmo nome é dado por antífrase, sobretudo na Ática, às Erínias.) Em sentido figurado, equivale ao remorso, ao rebate de consciência. (N.T.)
[148] "A que está sempre alegre" é Mme Sabatier. (Nota do editor francês.)
[149] "Os juízes julgaram descobrir um sentido a um tempo sanguinário e obsceno nas duas últimas estrofes. A gravidade da coletânea excluía semelhantes *gracejos*. Mas *veneno* equivalendo a *spleen* ou a melancolia era uma idéia muito simples para criminalistas.
Que sua interpretação sifilítica lhes fique na consciência!" (C.B.)
[150] Segundo Ernest Raynaud (*Charles Baudelaire*, Garnier, Paris, 1992), foi este o primeiro dos poemas condenados pelo Tribunal Correcional de Paris. (N.T.)
[151] Em gr., *Antióp¯e*. Filha de Nicteu, rei de Tebas. Seduzida por Zeus, que lhe apareceu sob a forma de sátiro, dele teve dois filhos: Anfíon e Zeto. (N.T.)
[152] Jovem que o poeta reviu em Bruxelas. Baudelaire dela nos deixou dois perfis: o outro se encontra em 'A sopa e as nuvens' (*Pequenos poemas em prosa*, XLIV), que lhe está dedicado. (N.T.)
[153] Louis Veuillot (1813-1883), jornalista e escritor francês. Católico militante, defendeu em seu jornal

L’univers a causa do clericalismo. Foi sobretudo um panfletário de espírito polêmico. (N.T.)
[154] “Eis um infame jogo de palavras! Não nos cabe qualquer defesa.” (C.B.)
[155] “O sr. Prévost-Paradol advertiu-a de que ela dançava o cancã sobre um vulcão.” (C.B.)
[156] “À missa negra. Como são supersticiosos esses poetas!” (C.B.)
[157] Personagem criada pelo escritor inglês Charles Robert Maturin em seu romance *Melmoth, the wanderer* (1820). Mistura de Fausto, judeu errante e holândes fantasma, Melmoth é a própria personificação do terror ‘gótico’ que tanto impressionou os românticos franceses. (N.T.)
[158] Em gr., Al¯ect¯o. Na mitologia grega, uma das três Fúrias, ou Erínias. (N.T.)
[159] Uma das mais conhecidas telas de Édouard Manet, pertencente à coleção Camondo e que se encontra hoje no Louvre. (N.T.)
[160] Ferdinand Victor Eugène Delacroix (1798-1863), pintor francês que se ôpos aos clássicos, especialmente a Ingres, assumindo a liderança da escola romântica francesa a partir de 1824, quando o *Salon* de Paris lhe expôs o *Massacre de Chios*. Influenciado pelos mestres venezianos, foi notável colorista. Sua fama deve muito aos estudos e ensaios que lhe dedicou Baudelaire. (N.T.)
[161] “Aqui, o autor das *Flores do mal* se volta para a Vida eterna. Tudo deveria terminar desse modo. Observemos que, como todos os recém-convertidos, ele se mostra muito rigoroso e muito fanático.” (Nota do editor francês.)
[162] Personagem central da comédia *L’avare*, de Molière. Personificação de avareza.
[163] Personagem do *Misanthrope*, também de Molière. É uma viúva coquete, de muito espírito e língua ferina. (N.T.)
[164] “A propósito da *missa* e das *nádegas*, ver *La sorcière*, de Michelet, a *Monographie du diable*, de Charles Louandre, o *Rituel de la haute magie*, de Eliphas Lévi, e, de um modo geral, todos os autores que tratam da feitiçaria, da demonologia e do rito diabólico.” (C.B.)
[165] Bailarina que estreou em La Monnaie em 1864. (N.T.)
[166] Do al. *Welsh*, ‘estrangeiro’. Trata-se de um termo de desprezo cunhado pelos alemães no séc. XVIII para designar indivíduos de outras nacionalidades, em particular franceses e italianos. (N.T.)
[167] Baudelaire utiliza aqui a palavra *prâcrit* (v. original), cujo equivalente em português é ‘prácrito’, ou seja, nome dado às línguas comuns faladas na Índia, todas derivadas de uma forma algo distinta da que deu origem ao sânscrito. Neste contexto, o uso do vocábulo indica a impossibilidade de alguém entender o que lhe foi dito, algo assim como o que sugere a expressão “para mim isso é grego”, à qual em parte se recorreu para recuperar a rima *sourit/prâcrit*. (N.T.)
[168]*Montagne-aux-Herbes-Potagères*, nome de uma rua no centro de Bruxelas, situada nos fundos do Théatre de La Monnaie. (N.T.)
[169] Eugène Fromentin (1820/1876), pintor e escritor francês, mestre de crítica de arte e da estética, como nos comprova seu *Les maîtres d’autrefois*, sobre pintores flamengos e holandeses. Deixou sobretudo paisagens e cenas tomadas da vida real. (N.T.)
[170] Jean-Baptiste Camille Corot (1796-1875), pintor francês. Cultivou especialmente o gênero da paisagem, cuja atmosfera recriou a partir de uma reduzida e sutil gama de cores. Suas últimas telas revelam uma sensibilidade pré-impressionista. (N.T.)
[171] Termo sueco sign. norte. Baudelaire se refere aqui ao norte europeu. (N.T.)
[172] Alexandre Jean Oppenord ou Oppenordt (1639-1715), marceneiro francês de origem holandesa. Trabalhou na oficina dos Gobelins e executou, entre outras obras, as 12 vitrinas de marchetaria para as medalhas do rei em Versalhes. (N.T.)
[173] Sede de cantão do departamento de Val-d’Oise, distrito de Montmorency, 10 quilômetros ao sul de Chantilly, na França. (N.T.)
[174] “Não sabemos o que vem fazer aqui o sr. Niboyet; mas o sr. Baudelaire, que não era escravo da rima, nos faz supor que o *importuno* se gabava de ter as obras do sr. Niboyet, disso muito se orgulhando.” (nota

de editor francês.)
[175] Nome que se dá ao habitante de Tournai (em flam., *Doornik*), cidade da Bélgica, sede de distrito da província de Hainaut. (N.T.)
[176] Em flam., *Bastenaken*, cidade da Bélgica, sede de distrito da província de Luxemburgo. (N.T.)
[177] Porção do sudoeste na França, cujo nome deriva da antiga Vascônia. (N.T.)
[178] Em flam., *Ukkel*, comuna da Bélgica (Brabante, distrito de Bruxelas), na zona suburbana da capital. (N.T.)
[179] Charles Monselet (1825-1888), escritor e jornalista francês. Grande apreciador dos requintes culinários, escreveu uma *Cuisine poétique* (1859) e em *Almanach des gourmands* (1865). (N.T.)
[180] Foram muitas as fontes consultadas para a elaboração destas notas, mas convém deixar claro que a duas delas se recorreu assiduamente, o que nos possibilitou estruturar uma como que espinha dorsal dos textos que se seguem: *Baudelaire. Les fleurs du mal (choix de poèmes), avec une notice biographique, une notice historique et littéraire, des notes explicatives etc. par Adrien Cart et Mlle. S. Hamel, reed.*, Larousse, Paris, 1959; e *Oeuvres complètes* de Baudelaire, Bibliothèque de la Pléiade (v. seção *Obras de Charles Baudelaire).*